

ALMANAQUE

dezembro 1959







Natal

Nasceu.

Foi numa cama de folhelho,
entre lençóis de estopa suja,
num pardieiro velho.

Trinta horas depois a mãe pegou na enxada
e foi roçar nas bordas dos caminhos
manadas de ervas

para a ovelha triste.

E a criança ficou no pardieiro
só com o fumo negro das paredes
e o crepitar do fogo,
enroscada num cesto vindimeiro,

que não havia berço
naquela casa.

E ninguém conta a história do menino
que não teve
nem magos a adorá-lo,
nem vacas a aquecê-lo,
mas que há-de ter
muitos Reis de Judeia a persegui-lo,
que não terá coroas de espinhos
mas coroa de baionetas,
postas até ao fundo
do seu corpo.

Ninguém há-de contar a história do menino.

Ninguém lhe vai chamar o Salvador do Mundo.

Alvaro Feijó

1916-1941



dezembro / 59



O Inverno começa no dia 22 às 14 h e 35 m, hora a que o Sol entra no signo do Capricórnio. Até esse instante o Sol encontra-se no signo zodiacal do Sagitário.

De 1 até ao dia 22 os dias decaem 10 m. De 22 até 31 crescem 4 m. O dia 1 tem 9 h e 34 m e a sua noite, 14 h e 26 m. O dia 22 tem 9 h e 24 m e a sua noite, 14 h e 36 m. É o menor dia do ano (Solstício do Inverno).

1

1 — 3.ª-feira. — Santo Elói. — Dia da Restauração. — Feriado. — Feiras de Pinhel, Azinhoso, Cadaval, Loulé, Palmela.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.38	HORA 15.58
ALT. 4.38	ALT. 4.25

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.28	HORA 21.38
ALT. 0.65	ALT. 0.70

2

2 — 4.ª-feira. — Santo Aurélio.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.25	HORA 16.44
ALT. 4.39	ALT. 4.16

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.12	HORA 22.21
ALT. 0.65	ALT. 0.81

3

3 — 5.ª-feira. — S. Francisco Xavier.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.09	HORA 17.30
ALT. 4.30	ALT. 4.02

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.52	HORA 23.04
ALT. 0.77	ALT. 0.97

4

4 — 6.ª-feira. — Santa Bárbara.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.53	HORA 18.20
ALT. 4.16	ALT. 3.84

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.40	HORA 23.58
ALT. 0.93	ALT. 1.19

5

5 — Sábado. — S. Geraldo.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.43	HORA 19.16
ALT. 3.99	ALT. 3.66

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.30
ALT. —	ALT. 1.56

6

6 — Domingo. — S. Nicolau.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.40	HORA 20.20
ALT. 3.81	ALT. 3.50

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.56	HORA 13.41
ALT. 1.41	ALT. 1.36

7

7 — 2.ª-feira. — Santo Ambrósio. — Quarto crescente às 2 h e 11 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.41	HORA 21.30
ALT. 3.65	ALT. 3.41

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.02	HORA 14.55
ALT. 1.59	ALT. 1.51

8

8 — 3.ª-feira. — Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal. — Feriado. — Feira anual de Pernes.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.54	HORA 22.38
ALT. 3.55	ALT. 3.39

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.20	HORA 16.12
ALT. 1.69	ALT. 1.55

9

9 — 4.ª-feira. — Santa Leocádia.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.01	HORA 23.41
ALT. 3.51	ALT. 3.45

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.40	HORA 17.19
ALT. 1.67	ALT. 1.51

10

10 — 5.ª-feira. — Santa Eulália.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.07
ALT. —	ALT. 3.54

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.40	HORA 18.08
ALT. 1.58	ALT. 1.45

11

11 — 6.ª-feira. — S. Daniel. — Feira de Paços de Ferreira. Prolonga-se por oito dias.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.40	HORA 13.04
ALT. 3.56	ALT. 3.59

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.34	HORA 18.53
ALT. 1.47	ALT. 1.37

12

12 — Sábado. — S. Constantino.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.34	HORA 14.00
ALT. 3.68	ALT. 3.66

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.22	HORA 19.38
ALT. 1.37	ALT. 1.30

13

13 — Domingo. — Santa Luzia. — Feiras de Amarante, Arco de Baulhe, Chancelaria, Freumunde, Pereiros, Pinhanços, Porto de Mós, Trancoso, Vila Verde.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.18	HORA 14.44
ALT. 3.78	ALT. 3.69

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.02	HORA 20.12
ALT. 1.27	ALT. 1.23

14

14 — 2.ª-feira — S. Nicácio.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.58	HORA 15.08
ALT. 3.86	ALT. 3.72

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.34	HORA 20.40
ALT. 1.09	ALT. 1.17

15

15 — 3.ª-feira. — Santo Eusébio. Lua cheia às 4 h e 40 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.29	HORA 15.38
ALT. 3.90	ALT. 3.71

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.38	HORA 21.02
ALT. 1.11	ALT. 1.11

16

16 — 4.ª-feira. — Santa Adelaide.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.52	HORA 16.10
ALT. 3.91	ALT. 3.70

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.27	HORA 21.36
ALT. 1.05	ALT. 1.07

17

17 — 5.ª-feira — S. Lázaro.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.23	HORA 16.43
ALT. 3.90	ALT. 3.67

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.01	HORA 22.12
ALT. 1.03	ALT. 1.07

18

18 — 6.ª-feira. — S. Graciano. Feira de Castelo Branco.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.56	HORA 17.20
ALT. 3.88	ALT. 3.64

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.41	HORA 22.48
ALT. 1.03	ALT. 1.07

19

19 — Sábado. — Santa Faustina. — Feira de S. Bartolomeu de Messines.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.32	HORA 17.59
ALT. 3.85	ALT. 3.59

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.22	HORA 23.28
ALT. 1.07	ALT. 1.16

20

20 — Domingo. — S. Filígênio. — Feiras de Figueira de Castelo Rodrigo, Vale da Barca (Ribeira da Pena), Proença-a-Nova.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.11	HORA 18.39
ALT. 3.79	ALT. 3.54

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.03
ALT. —	ALT. 1.13

21

21 — 2.ª-feira. — S. Tomé. — Feiras de Barreira (Silves), Idanha-a-Nova, Odemira.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.50	HORA 14.23
ALT. 3.72	ALT. 3.49

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.11	HORA 12.43
ALT. 1.26	ALT. 1.21

22

22 — 3.ª-feira. — S. Flaviano. — Feiras da Lomba (Cerva-Ribeira de Pena), Ponte da Barca. — O Inverno começa às 14 h e 35 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.40	HORA 20.20
ALT. 3.64	ALT. 3.44

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.02	HORA 13.46
ALT. 1.37	ALT. 1.31

23

23 — 4.ª-feira. — Santa Vitória. — Quarto minguante às 3 h e 28 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.40	HORA 21.21
ALT. 3.57	ALT. 3.43

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.08	HORA 14.50
ALT. 1.46	ALT. 1.35

24

24 — 5.ª-feira. — S. Delfim.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.54	HORA 22.40
ALT. 3.55	ALT. 3.49

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.32	HORA 16.10
ALT. 1.49	ALT. 1.33

25

25 — 6.ª-feira. — Dia de Natal.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.09	HORA 23.53
ALT. 3.59	ALT. 3.64

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.48	HORA 17.20
ALT. 1.39	ALT. 1.23

26

26 — Sábado. — Santo Estêvão. — Feiras de Lamego, Louzada.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.18
ALT. —	ALT. 3.73

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.50	HORA 18.18
ALT. 1.23	ALT. 1.07

27

27 — Domingo. — S. João Evangelista.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.47	HORA 13.16
ALT. 3.85	ALT. 3.89

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.39	HORA 19.02
ALT. 1.01	ALT. 0.91

28

28 — 2.ª-feira. — Dias dos santos inocentes.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.40	HORA 14.09
ALT. 4.06	ALT. 4.03

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.26	HORA 19.46
ALT. 0.81	ALT. 0.77

29

29 — 3.ª-feira. — S. Tomás de Cantuária. — Lua nova às 19 h e 9 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.29	HORA 15.00
ALT. 4.23	ALT. 4.13

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.13	HORA 20.30
ALT. 0.66	ALT. 0.69

30

30 — 4.ª-feira. — S. Sabino. — Feira de Colmeias (Leiria).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.18	HORA 15.48
ALT. 4.35	ALT. 4.19

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.00	HORA 21.14
ALT. 0.59	ALT. 0.67

31

31 — 6.ª-feira. — S. Silvestre. — Feiras de Alvaiázere, Gradil (Maíra), Lamego, Santa Comba Dão (Seia).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.03	HORA 16.31
ALT. 4.40	ALT. 4.17

BAIXA - MAR

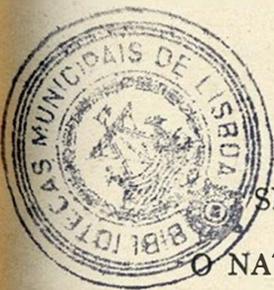
MANHÃ	TARDE
HORA 9.49	HORA 22.08
ALT. 0.59	ALT. 0.73



ALMANAQUE

dezembro / 59

ABERTURA	2	Natal, poema de Álvaro Feijó
CALENDARIO	4	
FLOS-SANCTORUM	11	o nascimento de Cristo
EFEMÉRIDES	15	
ACTUALIDADES	20	um documentário ilustrado do mês
OS CINCO CÂNTICOS DO NATAL	37	conto de Dickens
FLORICULTURA	62	
CAÇA	64	
PESCA	66	
ANTIQUARIUM	67	«Nem só aos pobres se dão as coisas velhas...»
SERENATA INTERROMPIDA	76	um conto por Genevieve de Manceaux
O NATAL DO SÉCULO PASSADO	80	«Existia mas era diferente...»
A POMBA	83	Mensageira dos deuses, a pomba é para muitos um animal desconhecido
AS LATITUDES DA FELICIDADE	86	onde se fala (sem humor) das raparigas norte-americanas
BYRON	94	Vida e morte do maior génio do Romantismo
O PORTO DAS ÁGUAS TRANQUILAS	99	conto de ficção científica por Robert Sheckleyn
ARMAZÉM DAS LETRAS	103	& Diversos
PÃO DE LÓ NACIONAL E SIMBÓLICO	107	um conto de Aquilino Ribeiro, ilustrado por João Abel Manta



FEV. 1960

«ESCADA ABAIXO, ESCADA ACIMA»	119	Ante-estreia de um filme
SARA, TERRA DO FUTURO	126	«...E as fontes jorrarão riquezas e frondosas árvores despertarão sob o manto árido do deserto.» — Alcorão
O FORASTEIRO	136	conto policial de W. S. Wooldrige
A INDÚSTRIA AMERICANA DESCOBRE A JUVENTUDE	140	nos E.U.A. surgiu um novo mercado: a juventude
COMO SE DIVERTE PARIS	144	ou: «como Paris diverte os outros...»
O AUTOMÓVEL	149	a história secreta de um desporto, por Luís de Sttan Monteiro
HOROSCOPO	155	exclusivo para os que nasceram no dia de Natal, pelo prof. Radini
SURPRISE PARTY	159	Aperitivo, Uma ceia de Natal recomendada pelo chefe do «Ritz» As mais belas mulheres do mundo Que é o «jazz»? Passatempos A Greta Garbo da Rússia O crime ao alcance de todos (test) Brigit Bardot, a eterna adolescente e a continuação do romance em folhetins: Os Irmãos Whiteoak, por Mazo de La Roche

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães
• Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •
Propriedade: Grupo de Publicações Periódicas •
Redacção e Administração: Rua da Misericórdia, 125-1.º •
Expediente e contabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º •
Telefones: 31892/3 • Composto e impresso na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109
• Cada vol.: 15\$00 • Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00

FLOS
SANCTORUM



o nascimento de CRISTO

Ano da criação do mundo 5199, segundo Eusébio Cesariense; ano do dilúvio universal 2957; ano do livramento do povo de Israel do cativeiro do Egito 1510; ano em que David foi ungido rei 1032; na olimpíada 194; ano da edificação de Roma 752; na Hebdómada, segundo a profecia de Daniel, 65; ano do império de Octaviano Augusto César 42. Jesus Cristo filho de Deus vivo, feito homem, nasceu da Virgem Maria, em Belém de Judá.

É este o dia de muito boas novas; e se por elas quisermos passar com silêncio, não careceremos de culpa. Pois anunciamos a todo o mundo tão boas novas: Jesus Cristo filho de Deus nasceu em Belém, de Judá. Oh coisa de muito grande maravilha! Oh novas nunca dantes ouvidas! Quem há tão de pedra cuja alma se não alegre, cujo coração se não derreta e se torne como cera muito branda, ouvindo que é nascido o Salvador? Alegravam-se os antigos somente em cuidar nesta maravilha que Deus havia de fazer; e assim falando Cristo de Abraão, diz: que se alegrou e desejou muito ver o dia da sua encarnação; e que o viu em espírito, e ficou muito alegre e consolado. O profeta Isaías, não cabendo em si com prazer, dizia: um pequenino nos é nascido, um filho nos é dado, e será chamado o seu nome maravilhoso, Conselheiro Deus forte, Pai do mundo, que há-de vir, e Príncipe da paz. E em outra parte diz: Ale-

grai-vos desertos de Jerusalém, porque consolou o Senhor o seu povo, remiu a Jerusalém. Pôs o Senhor o seu santo braço diante dos olhos de todas as gentes, e verão todos os fins da terra a salvação do nosso Deus. Alegre-se todo o mundo, não somente os justos, mas também os pecadores, e não somente os cristãos, mas juntamente os gentios; e pois que a causa e razão da alegria a todos toca e a todos pertence, todos se alegrem.

(...) Era a meia-noite muito mais clara que o meio-dia, quando as coisas estavam em silêncio, e todas as criaturas esquecidas de seus trabalhos gozavam do repouso da noite quieta. A lua alumiaava aquela noite com duplicados resplendores; o Sol deteve-se, porque teve inveja da Lua, pois ela com sua luz serviu àquele sagrado mistério. As estrelas que no meio do céu giravam, parece que quiseram suspender a carreira para ver tão grande maravilha, e que as que iam adiante, quiseram tornar a trás e se apressavam para chegar a esta hora tão ditosa. Toda a natureza criada estava como atônita e admirada do parto e nascimento que até então não conheceu.

Pois nesta hora tão ditosa põe a Virgem seus sagrados joelhos em terra, e levantadas as mãos e os olhos ao céu, começa a dizer: Já é, Padre Eterno, chegada a hora em que saia vosso sagrado Filho, e seja entregue ao mundo o seu tesouro e remédio. Aqui vos ofereço esta flor, nascida da vara de Jessé, cheia de todos os cheiros e graça do Espírito Santo. Aqui vos ofereço este tão precioso depósito que me encomendastes, fielmente guardado. No meio destas e outras dulcíssimas palavras e considerações, que a Virgem entre si diria, nasce aquele Sol de Justiça, como esposo que sai do tálamo virginal de sua puríssima mãe. Nasce o gigante de duas naturezas, alegre para seguir o seu caminho. Nasce o desejado de todas as gentes, a esperança de todo o mundo, o Senhor dos Anjos, a salvação dos homens, o remédio da terra, e o reparo do Céu sai daquele tálamo virginal, não tirando, mas consagrando a virgindade da mãe. Assim como o sol entra e sai por uma vidraça, não a quebrando antes fazendo-a mais clara e formosa, assim este Sol de Justiça entrou e saiu por esta vidraça do paraíso sem diminuir sua inteireza, antes acrescentando sua formosura; e assim como a estrela de si produz e gera o raio de luz, sem perder coisa alguma de sua perfeição,

assim esta estrela de alva nos gerou este divino raio, ficando sempre inteira a sua virgindade e pureza. Ali vereis chorar o Menino Jesus, e alegrar-se a Mãe: adorá-lo o Santo José e festejarem-no os anjos, trocaram o céu por aquele presépio, e encherem o ar da sua nova música e melodia nunca antes ouvida no mundo.

(...) Mas agora, já que o Menino está pensado, e lhe tem dado de mamar, tornemos à sagrada Virgem, e perguntemos-lhe, que tal é o berço e a cama que lhe tem aparelhado? Quão branda é razão que seja a cama em que há-de repousar o Filho único de tão grande Rei? Quão adornada de tapeçaria muito rica convém que esteja a casa onde se há-de celebrar o nascimento de tão grande Senhor? Dizei-nos agora, Virgem Sacratíssima, onde encostastes este Menino Filho de Deus, depois que o pensastes? Não em cama branda e delicada, não em cama preciosa, mas em um duro, frio e humilde presépio. Coisa é esta da maior admiração e espanto, que jamais se viu. Porque é isto, Santíssima Virgem? Este é o depósito em que pondeis tão grande tesouro? Que causa pôde haver para tanta baixeza? O Santo Evangelista responde

pela Virgem, e a desculpa, dizendo: que o encostou em um presépio, porque não teve outro lugar. De maneira que a necessidade e pobreza era tanta que não se achou outro aposento mais honrado que uma estrebaria, nem outra mais preciosa cama, que uma manjedoura, e ainda esta tomou a Virgem emprestada aos brutos. Oh maravilhosa pobreza, oh profunda humildade, oh inefável dispensação do divino conselho!

(...) Mas vejamos com diligência a quem levam (os anjos) esta embaixada, a quem pedem as alvíssaras, e dão a boa nova do nascimento. Diz S. Lucas: Que a uns pastores que estavam naquela região vigiando sobre a guarda do seu rebanho. Quem se não admira de coisa tão estranha e tão nova? Abramos bem os olhos, e pesemos este negócio e ficaremos verdadeiramente espantados deste conselho de Deus. Discorramos por todos os estados, e por toda a multidão dos homens que há no mundo, desde o mais alto, até o mais abatido, e acharemos, que nenhum género de homens há mais rudes nem mais fora de toda a razão, que pastores; e a causa é, porque todas as outras sortes de homens comumente tratam nas cidades, vilas e luga-



res com outros homens, e dali se lhes pega sempre alguma coisa de humanidade e razão; mas estes, como vivem tão longe da conversação dos homens, e todo o seu trato é com animais, vêm a fazer-se tão simples, que se fazem incapazes de toda a razão. Pois que coisa pode ser de maior maravilha, que darem os anjos estas novas só a este género de homens, e fazer isto não por acaso mas por conselho e determinação da Santíssima Trindade?

Já que estas novas se não davam a reis, nem a imperadores, nem aos sábios do mundo, porque nem sempre é coisa grande diante dos olhos de Deus a que o é diante dos homens, não havia naquele tempo outras sortes de homens mais discretos e mais capazes de tão grandes mistérios? Pois porque escolheis, Senhor, as fezes do mundo, e aqueles que não têm mais que a semelhança de homens? Se os ricos do mundo soubessem que a coisa é desfavor e desonra, não haveria coisa que mais sentissem do que esta. Se o profeta Nathan teve por grande desfavor, que Adonias, filho do rei David, convidasse para as festas do reino, que queria usurpar, a outros e não a ele, quanto maior desfavor é, que o rei do Céu convide para a festa deste novo rei a uns vis pastores, e não aos reis e poderosos? Que é isto, que fazeis, Senhor? Se as novas dos nascimentos se dão a quem mais toca o proveito e honra do nascido, são estes porventura somente os a quem toca o benefício deste nascimento? Oh coisa para assombrar, a quem quer que com atenção a considerar! Maravilhosas são, Senhor as vossas obras, muito profundos e secretos os vossos pensamentos. Verdadeiramente assim como estão distantes da terra os Céus, assim estão afastados os vossos pensamentos dos nossos. Cada um peça aqui a Deus luz para atender este mistério. Duas coisas entende aqui a nossa pouquidade: uma é que, pelo estado dos pastores se entendem aqui os humildes de coração, aos quais especialmente pertencem as boas novas do Evangelho.

(...) A segunda coisa que entendemos, é que, pois a boa nova do nascimento se dá à mais pobre gente do mundo, que esta deve ser à que mais principalmente toca o fruto do Evangelho. E não dizemos isto sem muito expressa e muito grande autoridade. Diz S. Paulo: considerai, irmãos meus e vêde a vossa vocação, que não chamou Deus os sá-

bios, nem os poderosos, nem os grandes do mundo, mas chamou a fraqueza para confundir a fortaleza, chamou os idiotas e indoutos para confundir os sábios; e chamou os desprezados e enfeitados do mundo, e as coisas que pareciam não terem ser, para destruir as que parecia que o tinham, e para que se não glorie a carne. Não se glorie alguém, cuidando que por seu saber, nobreza ou forças há-de valer mais que o eterno Deus.

(...) Diz pois o Anjo aos pastores: Eu vos evangelizo, e anuncio novas de muito grande alegria e prazer, as quais serão para todo o mundo, que vos é nascido hoje o Salvador, na cidade de David. Que novas de maior alegria se apregoaram em algum tempo neste mundo? Que novas de maior alegria, que oferecer perdão aos culpados, resgate aos cativos, e liberdade aos encarcerados? Que nova de maior alegria, que havendo nascido um Salvador que nos dê verdadeira e perfeita salvação, que nos livre de nossos inimigos e nos dê forças para vencer as nossas paixões, que nos dê vitória contra o pecado, que nos dê graça, com que pareçamos formosos aos olhos divinos, e que nos faça companheiros dos anjos e filhos de Deus?

Diz mais o Santo embaixador do Céu: Que esta alegria não será particular para um só, mas universal para todo o povo, como se dissera: Não resplandecerá este novo Sol de Justiça em umas partes e em outras não, nem cairá esta chuva do Céu em umas terras e em outras não, mas em todas as partes choverá, e em todos resplandecerá esta luz de maneira que até o inferno alcançará parte dela.

(...) Vejamos agora que sinais deu o Anjo aos pastores para acharem o Menino Jesus.

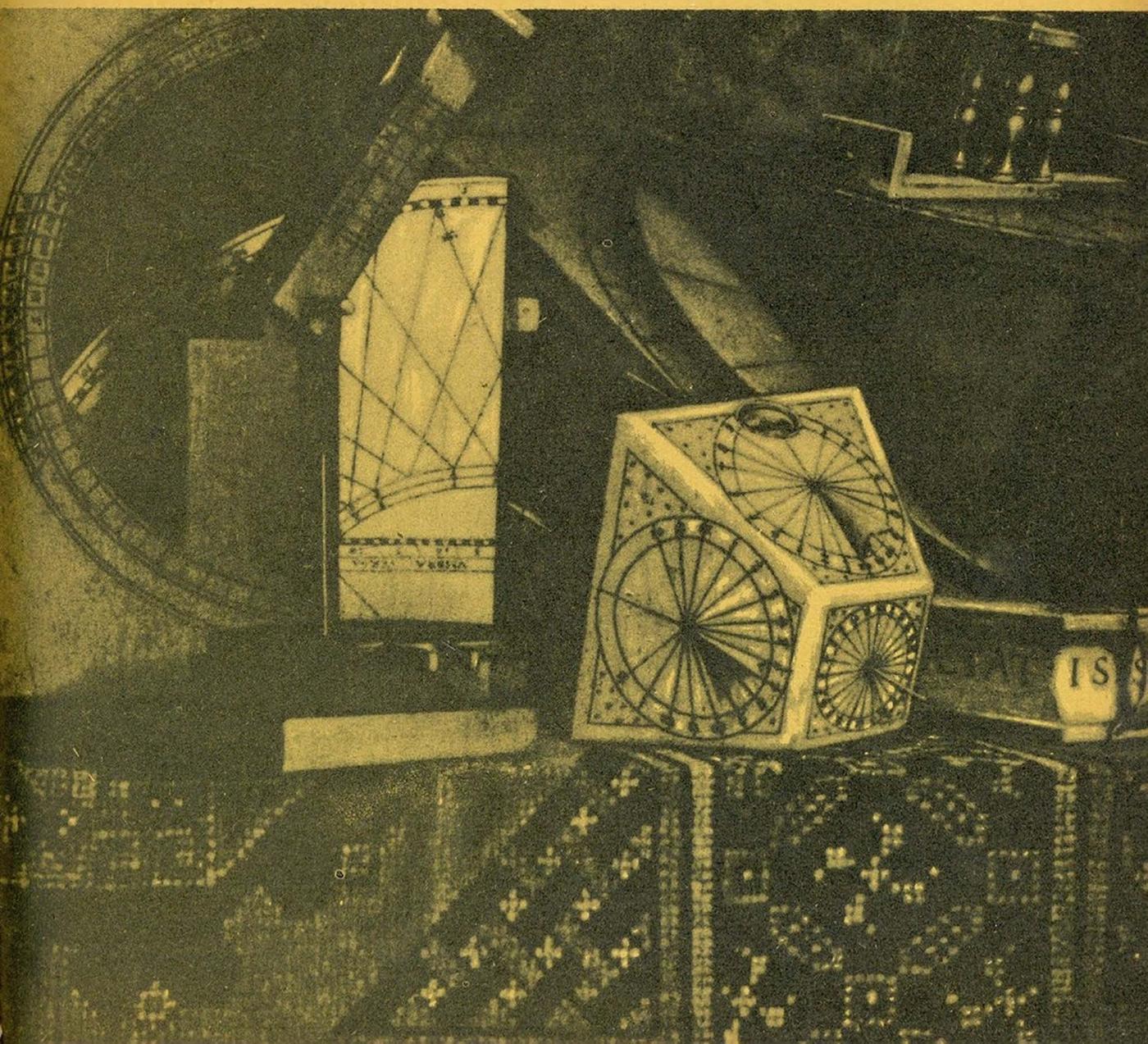
O primeiro sinal que dá o Anjo é este: Achareis um infante, que quer dizer menino que ainda não fala.

O terceiro sinal que o Anjo deu aos pastores foi: Que o achariam posto em um presépio.

Dadas estas novas e sinais, diz o Evangelista: Que se juntou com aquele Anjo embaixador um grande exército de outros Anjos, e que todos a uma voz cantaram louvores a Deus, dizendo: «Glória in excelsis Deo»: Glória seja nos Céus a Deus, e na terra paz aos homens de boa vontade.

(Flos Sanctorum, pelo padre Diogo do Rosário)

efemérides / dezembro através dos tempos



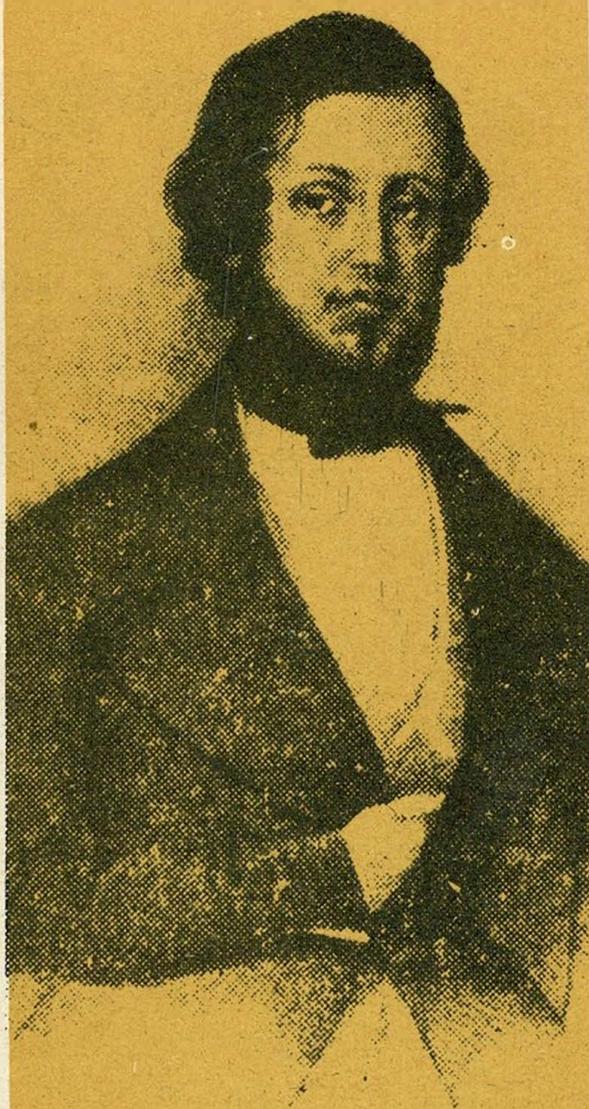
9 de Dezembro de 1854. — Morre em Lisboa João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, que nascera no Porto em 1799. Poucos terão como ele levado vida a um tempo tão agitada e prazenteira: apaixonado incorrigível, revolucionário e conspirador, poeta e prosador notabilíssimo conseguiu ser isto tudo através de uma elegância de atitudes rara entre nós.

Experimentou as desventuras do amor mas estas não lhe secaram o coração; conheceu o frio das masmorras mas não guardou o rancor das masmorras; poeta romântico, sofreu muito mas não deixou que esse sofrimento o alijasse do convívio social.

Levou do mundo, nas boas e más horas, o melhor que o mundo dá: diplomata, escritor, político, homem de corte, pertenceu ele a uma geração literária em que a pena e a espada (ou a espingarda) eram usadas com igual desenvoltura.

Foi, todavia, a sua obra literária que lhe garantiu a sobrevivência histórica. Nela operou uma tal clarificação de linguagem que o seu estilo se assemelha muito mais ao de António Nobre — que escreveu cinquenta anos depois — ou ao dos escritores modernos que ao dos seus contemporâneos — José Agostinho de Macedo, por exemplo.

A sua prosa é como a sua vida — elegante, fácil, limpa.



17 de Dezembro de 1770. — Baptismo em Bona, provavelmente no dia seguinte ao do seu nascimento, de Ludwig van Beethoven, por muitos considerado o mais genial compositor de todos os tempos. Autor de numerosas obras, são particularmente conhecidos os seus concertos, sinfonias e sonatas — mas devem destacar-se, pela profundidade da textura, os seus quartetos de cordas.

O romantismo da música começou com ele, pois modificou estruturalmente os cânones tradicionais da primeira arte. Não só nos aspectos meramente técnicos ou artísticos foi Beethoven um inovador.

A seu respeito escreveu Luís de Freitas Branco:

«Beethoven foi o primeiro artista a tratar, mais do que de igual para igual, como superior, príncipes e fidalgos, que, de acordo com o ambiente da época, tendiam a preferir os valores naturais da inteligência e do talento aos valores fiduciários da posição social e da autoridade estabelecida. Democrata convicto e partidário dos princípios da Revolução francesa, dedicou a Napoleão a terceira sinfonia (*heróica*) e suprimiu a dedicatória quando do general da revolução saiu o imperador e o tirano.»

Morreu em Viena a 26 de Março de 1827.

17 de Dezembro de 1903. — Em Kitty Hawk, América, Wilbur Wright levou a cabo as experiências com o seu primeiro avião

conduzido a motor, atingindo a velocidade de 48 quilómetros por hora num voo que durou 59 segundos. Dois anos depois, o aeroplano tornou-se uma realidade prática, quando Wilbur Wright voou durante trinta e oito minutos, cobrindo uma distância de 38 quilómetros e meio.

26 de Dezembro de 1642. — Nasce Isaac, mais tarde Sir Isaac, Newton.

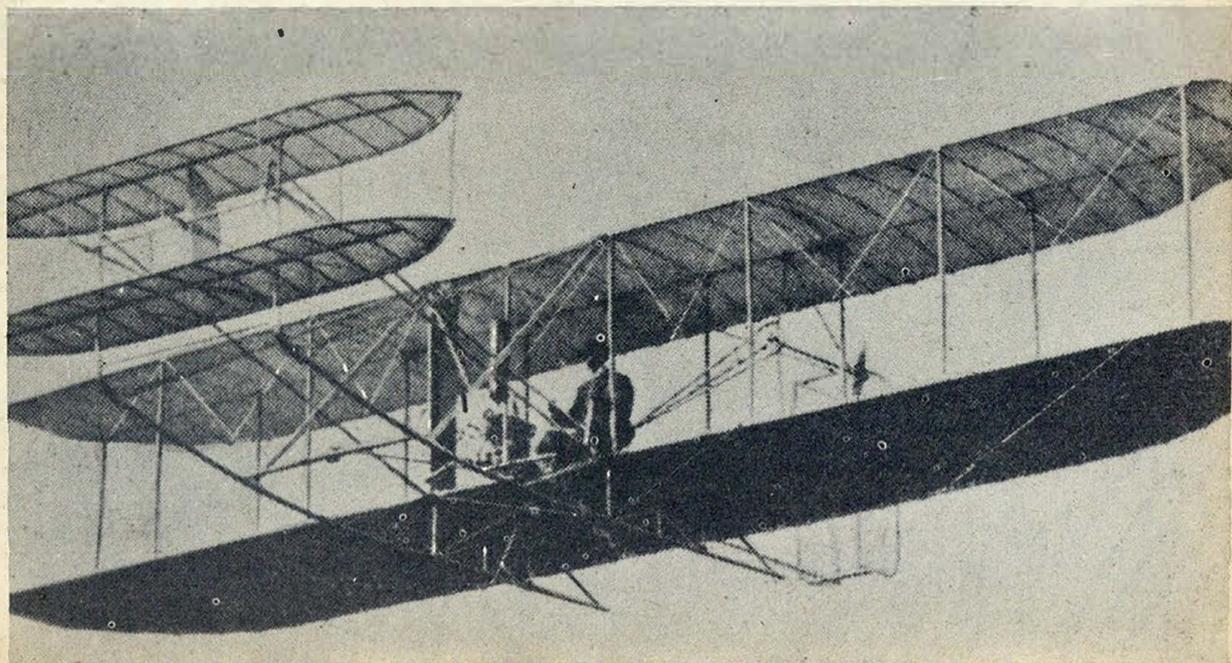
A sua vida correu sem episódios exteriores notáveis, na tranquilidade do seu gabinete de estudos, inteiramente dedicado ao labor intelectual e sem que nenhuma outra paixão, nenhum acontecimento, viessem perturbar esta constante ordenação.

É precisamente nesta vida intelectual que se amontoa a grande contribuição de Newton para o progresso das ciências: entre outras descobertas menores, que teriam bastado para imortalizar o seu autor, destacam-se o Cálculo Infinitesimal, a Gravitação Universal e a teoria da Luz e das Cores.

Escritos em latim e inglês, estes trabalhos revolucionaram o conhecimento técnico do mundo, tanto quanto as descobertas marítimas revolucionaram o seu conhecimento prático.

Newton morreu em 1727, mas já em vida se tornara tão querido e popular pela repercussão mundial dos seus trabalhos, que uma canção inglesa da época reza assim:

«A Natureza e as suas leis escondiam-se no [escuro







Então Deus disse: Que nasça Newton!... E
[fez-se luz.]»

27 de Dezembro de 1822. — Nasce em Dôle, França, Luís Pasteur. Químico de excepcional competência estudou em Arbois e Paris e pertenceu depois ao corpo docente de várias faculdades francesas. Os seus estudos sobre a fermentação alcoólica estabeleceram as bases científicas deste fenómeno e levaram-no à refutação da «geração espontânea». Antes de Pasteur, acreditava-se geralmente, no mundo científico, que os pequenos organismos micro e macroscópicos podiam gerar-se espontaneamente a partir de matéria viva em decomposição. Esta interpretação, que hoje pertence às credices populares, estava tão alicerçada nos espíritos, que Pasteur teve que sustentar polémicas acesas para fazer triunfar o que os dados das suas rigorosas experiências o levavam a supor ser verdadeiro.

Os seus trabalhos na investigação do bacilo do carbúnculo, do vírus da raiva e da doença dos bichos-da-seda de Lião, de que

isolou dois bacilos distintos, foram de fundamental importância para a bacteriologia e imunologia.

Cumulado de honrarias, este homem recto e bondoso, cuja profunda sagacidade e extrema aptidão científica o levaram a tornar conhecido o mundo do infinitamente pequeno (como ele lhe chamava) morreu tranquilamente, perto de St. Cloud, a 28 de Setembro de 1895.

A sua obra foi, sem dúvida, das que mais contribuíram para o bem-estar e a felicidade dos homens.

31 de Dezembro de 1946. — Truman declara terminadas as hostilidades da segunda guerra mundial que se prolongara por mais de sete anos e causara ao mundo irreparáveis prejuízos.

A vitória dos aliados, conseguida por fim, deve-se em grande parte à obra dos três homens aqui presentes, fotografados na conferência de Yalta: o primeiro-ministro Churchill, o presidente Roosevelt e o marechal Stalin.



WORLD 1959

EDDOM

D
A

Corine Rottschäfer, Miss Holanda, com as insígnias do seu alto grau de Miss Mundo, ladeada por Maris Ronel, Miss Peru e Zire Shomrat, Miss Israel respectivamente segunda e terceira classificadas. Numa época em que as distinções honoríficas recompensam muitas vezes cavilosas manhas disfarçadas de mérito, é consolador ver uma delas ser atribuída assim a qualidades reais, objectivas, palpáveis...

ACTUALIDADES

Esta é a face da lua que o homem não pudera ainda observar. Podemos notar nela: Em cima (à direita) o mar de Moscovo (1); a cratera Tsiolkovsky (4); a cratera Lomonorov (5); a cratera Joliot-Curie (6); a cadeia de Montanhas Sovietsky (7); o Mar dos Sonhos (8).

As partes numeradas à esquerda, em números romanos, são as que correspondem à face da Lua.

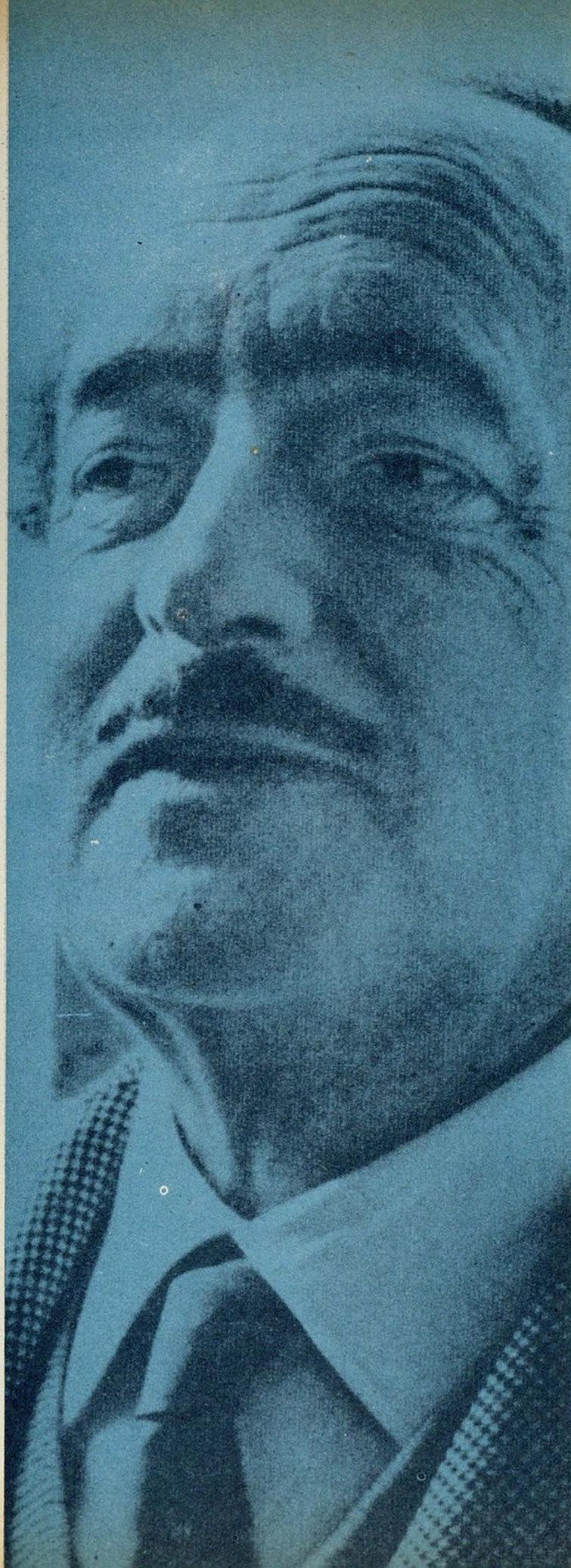




Os Primeiros Ministros da Inglaterra (à direita) e da Ghana (à esquerda), com as respectivas esposas. O falecido Conde de Gobineau ou o cabo Adolf Hitler, se vissem esta fotografia teriam certamente um desmaio.



A família Cooper e a princesa Margarida, Príncipes do cinema e príncipes da vida que há alguns tempos vêm entretendo a imaginação das burguesinhas através das educadas páginas dos magazines de todo o mundo.



Salvatore Quasimodo,
prémio Nobel da Literatura
de 1959.

Obras publicadas:

- Acque e terre (1930).
- Oboe sommerso (1932).
- Odore di eucalyptus (1933).
- Erato e Apollion (1936).
- Poesie (1938).
- Ed è subito sera (1942).
- Con il piede straniero sopra
il cuore (1946).
- Giorno dopo Giorno (1946).
- La vita non è sogno (1949).
- Il falso e vero verde (1953).
- e La terra impareggiabile (1958).



A nova noiva do Xá da Pérsia é Farah Diba. Coisa complicada é ainda o casamento monógamo para mentalidades mais orientais. O Persa comum, se soubesse que a sua rainha andava com a face descoberta aos olhos dos infiéis pedia para a corte a maldição do céu.

Cinco manequins russos, aplaudem o público, à maneira do seu país, depois de uma passagem de modelos em Helsínquia. Ao nível das epidemias atenuaram-se as divergências... É o degelo...





São estes sinos pertença do Almirantado Britânico e foram retirados de navios já fora de uso. Estão agora à venda a preços que vão de 3 a 10 libras cada. Muitos deles foram usados em batizados e funerais a bordo, outros certamente testemunharam consideráveis guerras navais. Na venda é dada preferência a marinheiros, particularmente àqueles que de uma maneira ou de outra estiveram ligados aos navios.



Austerlitz, co-produção franco-jugoslava, está a ser rodada nos estúdios Dubrane, em Zogreb. Se não fosse a estrutura metálica que se vê no topo da fotografia poderíamos supor que assistíamos a um descanso no autêntico bivaque francês. Foram estas guerras, as primeiras na Europa moderna que não foram galantes. Napoleão descobriu que um tiro de canhão mata um homem.



Sir Winston Churchil, que fez em 30 de Novembro 85 anos, deixando o colégio de Harrow, onde anualmente, segundo uma tradição que une antigos e novos alunos, vai uma noite cantar. Entre os jovens que com ele cantam haverá algum futuro Churchill? Ou estarão todos irremediavelmente condenados a presumidos jogadores de Golf?

Esta senhora, cuja semelhança com a falecida Mata-Hari é flagrante, tem aparecido assim vestida nos hipódromos elegantes de França. Atribuem os íntimos este vestuário insólito a certa perturbação mental resultante de uma paixão frustrada pelo coronel Townsend



os destinos do Mês

Astrologia

AQUÁRIO, de 20 de Janeiro a 18 de Fevereiro.

1.º Decanato de 20 a 30 de Janeiro:

Os sonhos poderão ser avisos de determinados acontecimentos. Tendência para aventura ou assuntos que se relacionem com o estrangeiro ou o ultramar. Notícias inesperadas.

2.º Decanato de 31 de Janeiro a 9 de Fevereiro:

A situação social está dependente de decisões concordantes entre os pensamentos expressos e os desejos íntimos.

Preocupações no sentido de realizar uma ambição poderão causar sérias dificuldades.

3.º Decanato de 10 a 18 de Fevereiro:

O mês é de princípio favorável às amizades, aos apoios e aos planos bem formados. Os projectos podem encontrar um bom campo para futuras realizações.

PEIXES, de 19 de Fevereiro a 20 de Março.

1.º Decanato de 19 a 29 de Fevereiro:

A posição do planeta que comanda este Decanato não é muito favorável no princípio do mês.

É necessário desconfiar das amizades ligeiras e não deve deixar-se submeter aos desejos dos outros sem boa ponderação. Evite excessos de imaginação para não sofrer decepções, especialmente no sector sentimental.

2.º Decanato de 1 a 10 de Março:

A influência é total sob o seu meio social, vocação ou profissão escolhida. Possibilidade de elevações, consideração ou honrarias de acordo com o meio em que vive.

Possíveis despesas relativas ao renome ou à posição

3.º Decanato de 11 a 20 de Março:

Actividade intelectual. Evitar imprudências ou actos irreflectidos; assim conseguirá manter opiniões sem desacordos. Nas viagens grandes ou pequenas procure desviar-se de lugares perigosos.

CARNEIRO, de 21 de Março a 20 de Abril.

1.º Decanato de 21 a 30 de Março:

Evitar especulações e actos sem muita ponderação.

A conjunção de Mercúrio e Marte na casa VIII do Horoscopo afecta a parte mental, daí os cuidados necessários.

2.º Decanato de 31 de Março a 9 de Abril:

Acontecimento que pode influir na sua evolução intelectual. Favorável às grandes viagens. As dificuldades podem surgir devido a ambições exageradas.

3.º Decanato de 10 a 20 de Abril:

Os amores são irregulares ou algo platónicos. Todos os assuntos de ordem sentimental deverão ser tratados cautelosamente. Tendências para desperdício de energias. Por outro lado observam-se satisfações de amor-próprio e alguns ganhos, provavelmente por jogos. Algumas rivalidades e desacordo. Tendência à perda de objecto ou dinheiro, por falta de cuidado.

TOURO, de 20 de Abril a 20 de Maio.

1.º Decanato de 20 a 29 de Abril:

Obstáculos. Possível rotura de amizade ou

de promessas. Tendência para os prazeres ou gastos exagerados.

2.º Decanato de 30 de Abril a 9 de Maio:

A influência planetária encontra-se fortemente indicada na casa VIII do seu Horóscopo, o que implica assuntos de bens ou heranças, relações de ordem financeira com a família ou associados. A conjunção da Lua com Júpiter inclina ao romantismo.

3.º Decanato de 10 a 20 de Maio:

Algumas dificuldades ou humilhações nos empreendimentos, nos negócios ou no trabalho. Todavia, as amizades resolverão os problemas que se apresentem.

GÊMEOS, de 21 de Maio a 20 de Junho.

1.º Decanato de 21 a 31 de Maio:

Júpiter, embora oposto ao seu signo solar, apresenta três felizes conjunções: uma com o Sol, outra com Mercúrio e outra com Marte. Esta última dá satisfações e ganhos, mas prejudica o sector sentimental.

Utilize o senso prático característico de Mercúrio e não se dará mal.

2.º Decanato de 1 a 10 de Junho:

Marte e Mercúrio indicam que deve cuidar da saúde e examinar cuidadosamente os seus negócios e os assuntos a cargo dos seus empregados.

Cuidado com os animais ou os carros ligeiros, bicicletas, etc.

3.º Decanato de 11 a 20 de Junho:

No decorrer do mês são prováveis quaisquer inimizades declaradas. Os assuntos conjugais ou do lar deverão ser bem cuidados. Os contratos, acordos ou combinações devem ser ponderados.

Desta forma terá sucesso nos seus assuntos.

CARANGUEJO, de 21 de Junho a 22 de Julho:

1.º Decanato de 21 de Junho a 1 de Julho:

Os assuntos que se referem ao lar terão este mês uma grande importância, mesmo

tratando-se de coisas antigas. Possível realização de um desejo. Assuntos que se relacionam com o atavismo. Satisfações sentimentais e provavelmente financeiras. Mas cuidado com as despesas.

2.º Decanato de 2 a 11 de Julho:

As reuniões intelectuais ou mundanas têm este mês o seu ponto principal. Tendência para frequentar lugares perigosos, teatros, prazeres, etc.

Prováveis assuntos relacionados com crianças ou filhos, de certo modo satisfatórios.

3.º Decanato de 12 a 22 de Julho:

Evite excessos de mesa e de bebidas. A saúde deve ser vigiada, muito embora os aspectos de Júpiter indiquem boa saúde. A tendência aos excessos marcada por Marte pode prejudicá-lo. Se o seu trabalho for de ordem intelectual os sucessos são possíveis. Tendências para o romantismo; inconstância de ideias. As transacções mostram-se complicadas.

LEÃO, de 23 de Julho a 22 de Agosto.

1.º Decanato de 23 de Julho a 2 de Agosto:

A conjunção que o Sol encontra em Saturno não ajuda a resolver os seus problemas rapidamente.

Não desanime se os assuntos se tornarem demorados e prepare-se prudentemente em todas as circunstâncias. Os subalternos poderão causar-lhe um pequeno aborrecimento.

2.º Decanato de 3 a 12 de Agosto:

Júpiter influi fortemente na sua sorte, especialmente entre os dias 25 e 29. Cuidado com gastos exagerados ou projectos impossíveis. Os diferentes aspectos planetários ajudam as diversões e as especulações.

3.º Decanato de 13 a 22 de Agosto:

Urano, o planeta dos imprevistos, formará uma quadratura no decorrer do mês, com Marte. Este mau aspecto astrológico não ajuda os resultados, incitando a imprudências ou actos irreflectidos.

VIRGEM, de 23 de Agosto a 22 de Setembro.

1.º Decanato de 23 de Agosto a 2 de Setembro:

Os assuntos respeitantes ao lar serão aqueles que maior influência representam no decurso do mês. Possíveis ofertas, aumento de património, ou quaisquer honras, elevação ou sucesso.

2.º Decanato de 3 a 12 de Setembro:

Os resultados financeiros estão de acordo com o seu mérito pessoal. Momentos aprazíveis são prováveis assim como tendências a isolamentos ou trabalhos sossegados. A influência de Saturno refere-se também aos prazeres, que só no fim do mês poderão deixar de ser desfavoráveis.

3.º Decanato de 13 a 22 de Setembro:

Aqueles que o rodeiam indicar-lhe-ão o caminho a seguir. Prováveis viagens curtas e correspondência. Tendência a compras ou vendas de imóveis ou coisas destinadas ao lar.

BALANÇA, de 23 de Setembro a 22 de Outubro.

1.º Decanato de 23 de Setembro a 2 de Outubro:

Possíveis viagens ou pequenas deslocações alegres ou felizes. Boa saúde, de acordo com as condições físicas individuais. Tendência para o romantismo e a actividade mental. Esta apresentará algumas complicações devido a caprichos ou inconstâncias.

Novas relações ou mudança.

2.º Decanato de 3 a 12 de Outubro.

A influência maléfica de Saturno, no sector reservado à família, indica algumas preocupações provavelmente afectivas. Diversas dificuldades motivadas por aqueles que o rodeiam.

Obstáculos para poder pôr à prova as suas capacidades.

3.º Decanato de 13 a 22 de Outubro:

A feliz influência de Júpiter dará os resul-

tados que deseja podendo mesmo proporcionar avanços.

Evite despesas irreflectidas e discussões de interesses; estas poderão motivar perdas financeiras.

ESCORPIÃO, de 23 de Outubro a 21 de Novembro.

1.º Decanato de 23 de Outubro a 1 de Novembro:

As diferentes configurações planetárias, principalmente as de Marte, favorecem os ganhos.

É natural que os assuntos se encaminhem para desacordos de opiniões, daí os perigos para actos irreflectidos que poderão motivar disputas.

Com cuidado o mês é muito favorável, excepto para amores ou amizades.

2.º Decanato de 2 a 11 de Novembro:

A configuração Sol/Júpiter permite aumento de bens ou interesses através da própria actividade. Especialmente no fim do mês a conjunção Lua/Júpiter na sua «Casa de Ganhos» é favorável ao dinheiro, a deslocações em matéria de interesses ou a mudanças favoráveis de situação.

3.º Decanato de 12 a 21 de Novembro.

Vénus, que se encontra no seu Decanato, não permite nos princípios do mês os favores de amor. É mesmo possível que os assuntos de ordem sentimental se apresentem confusos, dando origem a alguns aborrecimentos. Cuidar atentamente as amizades, especialmente femininas.

SAGITÁRIO, de 22 de Novembro a 21 de Dezembro.

1.º Decanato de 22 de Novembro a 1 de Dezembro:

Momento favorável a aproveitar para a actividade intelectual. Evite exageros nos negócios e cuide atentamente no que escrever, para evitar aborrecimentos futuros ou desacordos. Os assuntos resolvidos em sossego são mais favoráveis do que em público.

2.º Decanato de 2 a 11 de Dezembro:

Uma certa instabilidade poderá ocasionar ideias tristes e aborrecimentos — no sentido a que os ingleses chamam «spleen». — Parece que a influência lunar implicará fortemente no seu sistema nervoso, motivando viagens aborrecidas, não encontrando no lar os encantos normais.

3.º Decanato de 12 a 21 de Dezembro:

Não é ainda nesta altura que o seu mérito será reconhecido quanto aos ganhos. Actividade mental mas complicações, talvez por inconstância ou romantismo. As opiniões ou crenças são variáveis.

CAPRICÓRNIO, de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro.

1.º Decanato de 22 a 31 de Dezembro:

A influência planetária incide fortemente na sua personalidade. Os seus resultados estão de harmonia com a sua vontade. É o seu livre-arbítrio que domina o mês.

2.º Decanato de 1 a 10 de Janeiro:

As amizades poderão de qualquer forma dar-lhe satisfações. Os projectos podem mostrar-se contraditórios, porém, tem possibilidades de realizar alguns.

Evite despesas ou compras de coisas que não sejam imediatamente necessárias. É provável que uma promessa que lhe tenha sido feita não seja cumprida. Cuidado com imprudências sentimentais.

3.º Decanato de 11 a 19 de Janeiro:

Só depois da primeira quinzena do mês é que os seus assuntos se poderão encaminhar de forma a satisfazer as suas ambições. Uma série de incompreensões são possíveis. Se usar de tacto e calma, as suas naturais faculdades resolverão os problemas que entretanto se apresentarem. Cuide da saúde se verificar qualquer anormalidade.



Quirologia

Na rua:

Balançar livremente os braços, é indicação duma certa independência e pouca preocupação com aquilo que os outros digam.

Se marchar fazendo gestos medidos, de braços e pernas, submeter-se-á facilmente a todos os regulamentos e respeitará sempre as conveniências e convenções.

M Ã O S

À mesa:

Se colocar as mãos e sobretudo os braços sobre a mesa, todas as considerações de etiqueta e conveniência são postas de parte, indicando também uma certa familiaridade. Isto também revela, acima de tudo, um indivíduo de acção e empreendedor, normalmente com uma grande confiança em si próprio que, por vezes, não se preocupará dos meios para atingir os fins.

Se, ao contrário, esconder as mãos no guardanapo ou entre as pernas, indica timidez, falta de confiança pessoal e também espírito fracamente empreendedor.

Aperto de mão:

Uma mão francamente aberta com a palma voltada para cima, na altura do cumprimento, indica franqueza, simpatia e decisão.

A mão tímida e molemente estendida, a palma virada para baixo, indica falta de franqueza e de decisão.

No momento de se separar, se estender a mão molemente com a palma virada para baixo, indica também insuficiência de simpatia, pela outra pessoa ou sobre a questão que lhe foi submetida.

Conversação:

Logo que o interlocutor não saiba onde meter as mãos, juntando-as, fazendo estalar os nós dos dedos, mantendo-as ao longo do corpo, etc., demonstrará que será feliz se vir o fim da conversação.

O dedo indicador revela, numa conversação, quando se apresenta apontando, com os outros fechados para a palma, uma pessoa pretensiosa, e que crê ter razão na exactidão do que diz. Não tolera por isso objecções e muito menos modificações ao que expuser.

Aquele que conversando procura esconder continuamente a palma das mãos — por exemplo friccionando-as uma na outra — indica falta de convicção ou de decisão, ou em particular falta de sinceridade.

Esconder as mãos nas algibeiras revela, por um lado «pretensão» e por outro lado hipocrisia e dissimulação.

Dedos:

Quando se observam as mãos, devemos constatar se os dedos na sua base são mais ou menos fechados. Os interstícios revelam tendências do carácter.

O dedo polegar, desde que se afaste do indicador, formando um ângulo recto, indica independência nas ideias ou nos actos. Prefere criar e dirigir. Apesar disso poderá ser um bom empregado, especialmente se tiver um lugar de chefia.

O dedo polegar ainda mais aberto, formando um ângulo obtuso com o índice, indica independência absoluta.

Se por necessidade ou obrigação o indivíduo tiver de obedecer a ordens, executá-las-á porém, sempre um pouco à sua maneira.

Esta característica raramente dá um bom empregado, mas em compensação é óptima para aquele que tenha um posto de comando ou de responsabilidade.

O dedo polegar pouco aberto, formando um ângulo agudo com o índice, revela uma

personalidade com insuficiência no espírito de empreendimento e pouco gosto do risco.

É indivíduo prudente, portanto, e mais ou menos medroso ou tímido. Na vida conjugal produz um cômputo fácil de «conduzir».

Interstícios dos dedos:

Quando a mão não apresenta interstícios entre os dedos é índice de extrema prudência. Esta prudência pode referir-se a actos, palavras ou despesas.

Se a abertura dos interstícios é grande entre os quatro dedos dá tendências para ser falador ou indiscreto, embora não obrigue a ser maldizente. Tendências para empreendimentos.

De uma maneira geral, o dinheiro não parará na sua mão. Dá ideia de uma peneira por onde o dinheiro se escoar.

Se o auricular está bastante afastado do anelar de forma a quase formar um ângulo recto, indica firmeza e subtilidade, e também, tacto, destreza e eloquência. O auricular é o dedo significativo da palavra e da subtilidade.

Quando, por exemplo, se toma uma chávena de café ou de chá, ao pegar-se nela o dedo auricular fica aberto e separado, sendo a chávena segura pelos outros quatro dedos, é porque se quer passar por pessoa refinada, delicada e da primeira sociedade (subtileza).

Dedos flexíveis:

Os dedos flexíveis e ágeis revelam inteligência, rápida percepção, decisão ou acção imediata.

Os homens de negócios, vivos e activos, têm normalmente os dedos continuamente em movimento.

Aquele que pode curvar os quatro dedos sobre o dorso da mão, é expedito ou imaginoso, maleável e subtil.

Dedos rijos:

Os dedos rijos não podem nunca voltar-se sobre o dorso da mão. A sua indicação é de um tipo rude, ou aquele que dificilmente adopta uma ideia nova.

O homem de dedos rijos leva normalmente muito tempo para tomar uma decisão, todavia as suas ideias são mais estáveis, quer em amor, amizades ou negócios.

A agilidade, a flexibilidade ou a inflexibilidade dos dedos são normalmente acompanhadas dos gestos (exagerados ou moderados) das mãos.

U N H A S

Normal:

Um pouco mais larga do que comprida: Indica carácter invariável, opinião imparcial, juízo claro e verdadeiro.

Larga:

Um pouco maior do que a normal e mais estreita: Temperamento idealista e artístico. Afecto à música, poesia ou arte.

Estreita:

Unha em que a carne do dedo se vê mais lateralmente: Indica retraimento, timidez ou cobardia.

Curta:

Esta unha é praticamente quadrada e indica pessoa crítica e analítica, feita à prova da luz da razão e da lógica. O indivíduo é curioso, intuitivo e algo céptico.

Muito curta:

Ao invés da estreita, mais curta e lisa e mais larga do que comprida. Dá tendência à falta de honestidade, a aborrecer ou atormentar os outros, hipercríticos, irritáveis ou agressivos. O carácter é violento.

Nota:

As pessoas que têm por costume roer as unhas e por isso as trazem naturalmente muito curtas, não estão dentro das características das unhas curtas, que acabamos de citar. Esta deficiência, defeito ou vício, indica um carácter sensitivo, nervoso ou aflitivo.

Regra geral, aqueles que têm as unhas largas não se irritam com facilidade, mas quando se exaltam, a irritação não passa facilmente, nem esquecem com facilidade.

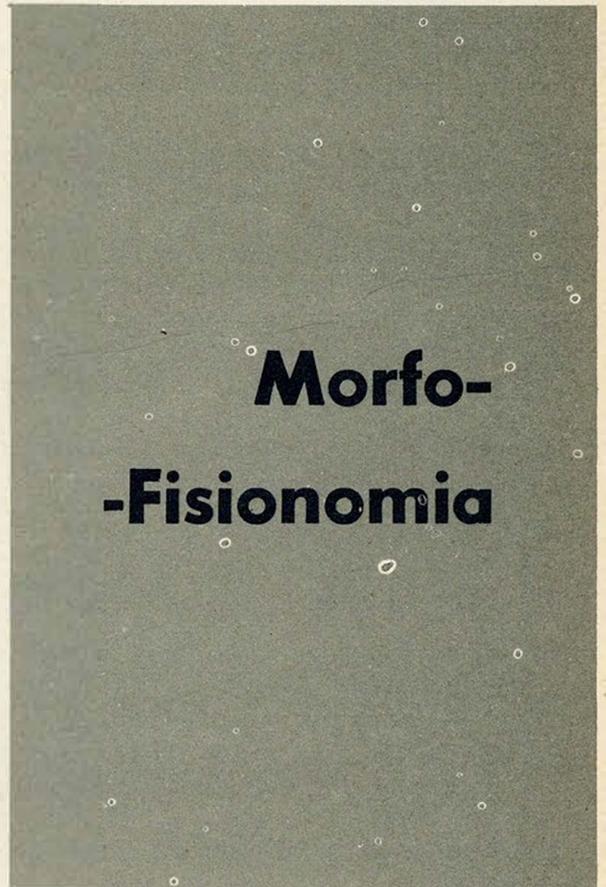
Os que têm as unhas estreitas são tímidos, tanto mais quanto mais estreita seja a unha.

As unhas mais estreitas que largas, indicam agressão e obstinação.

As unhas pálidas indicam falta de paixão, egoísmo e às vezes falsidade.

As unhas rosadas, de cor própria, com o crescente branco na raiz, indicam carácter alegre e cheio de esperanças.

Aqueles que tem as unhas curtas são violentos, mas de pronto lhes passa a irritação.



O N A R I Z

O nariz tem importância considerável na antiguidade. A Bíblia ensinava que aquele que não tivesse um nariz desenvolvido não tinha condições de assumir funções de chefia.

Um apêndice nasal desenvolvido é indício de virilidade e o seu possuidor será enérgico. É também indício de amor-próprio, audácia e orgulho, especialmente se as narinas são abertas e palpitantes.

Um nariz pequeno, num homem, é pois indício de fraca masculinidade, de negligência e também indica egoísmo. Esta última característica é reforçada se não existir a bossa occipital (bossa situada atrás do crânio, acima da nuca) e a parte mediana do

rosto curta: inferior à parte da frente e do queixo.

Se a extremidade do nariz é aguçada ou pontiaguda, quer o nariz seja curto ou longo, indica astúcia ou manha.

O nariz arqueado, baixando na ponta, revela avareza.

O portador de um apêndice nasal esborrachado possui inteligência medíocre, podendo no entanto ser dócil, maleável, crédulo, simples ou ingênuo.

A crista do nariz larga, indica boa saúde, podendo, também, indicar coragem ou perseverança.

O nariz delgado, ao contrário do anterior, diminui a vitalidade, indicando um indivíduo nervoso.

A raiz do nariz profunda, como se a fronte estivesse saliente, dá àquele que o possui, um aspecto especial, dando tendências ao pessimismo, ao ciúme e à desconfiança. Por vezes, esta característica representa tendências hereditárias.

Seguindo-se as características normais, encontram-se três tipos básicos:

- a) Nariz levantado;
- b) Nariz direito;
- c) Nariz cadente.

As figuras elucidam estes tipos básicos e as suas indicações são:

- a) Nariz levantado: Curiosidade e tendências ambiciosas;
- b) Nariz direito: Características normais e mesmo nobres;
- c) Nariz cadente: Melancolia, malícia, avareza, etc.

A B O C A

Os **lábios estreitos** indicam: egoísmo, secura, frieza ou rudeza.

Os **lábios espessos** revelam bondade se os outros traços do rosto corresponderem, especialmente se o queixo for arredondado. Adoçam um rosto de nariz aguçado; dão mais doçura ao rosto quadrado. Em qualquer dos casos sublinham os «apetites».

A **boca estreita** é normalmente típica na pessoa que tem por si próprio determinado conceito. Indica egoísmo, especialmente se o nariz for aguçado e os olhos fundos.

A **boca de ângulos levantados** indica o sentido do ritual, porém, os que abaixam podem dar tendências ao desespero.

A **boca de lábios finos e apertados** é aquela que é susceptível de se formalizar.

Boca mole indica deficiências vitais.

A **boca em forma de coração, pouco longa e bem formada**, significa o gosto de agradar; o desejo de ser amado, etc.

A **boca fechada e discreta**: resignação.

Os **lábios entumescidos na parte mediana**, indicam sensualidade.

Os **lábios entreabertos**, especialmente nas crianças, significam a vegetação, ou falta de respiração nasal.

Lábios secos são indicação segura de nervosidade momentânea ou habitual. Podem, também, indicar dificuldades de circulação sanguínea, ou doenças cardíacas se forem violáceos; se rubros, vigor; se pálidos, anemia.

O L H O S

São três os tipos mais correntes: **Fundos, Grandes e Estreitos**:

Os **fundos** podem indicar falsidade, atribuindo-se-lhe também amabilidade ou modos agradáveis.

Os **grandes** indicam amabilidade no trato, por vezes imaginação ou sonho, e tendências para espírito de observação se as outras condições confirmarem.

Os **estreitos** podem significar sensualidade, falta de princípios, dissimulação ou velhacaria, de harmonia com as outras conclusões.

Q U E I X O

O queixo indica a vontade e a personalidade.

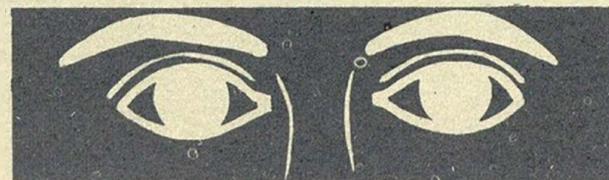
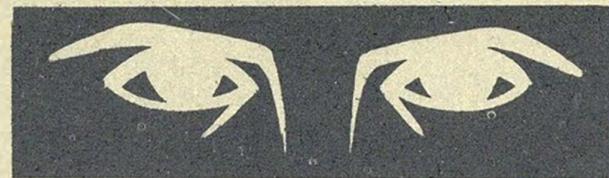
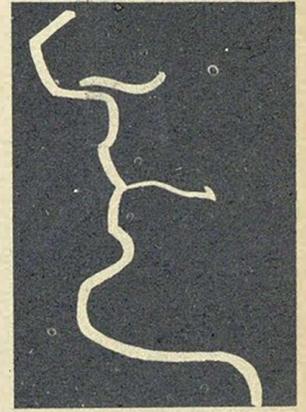
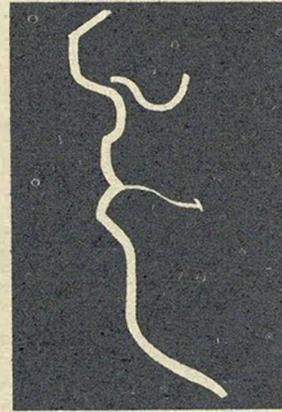
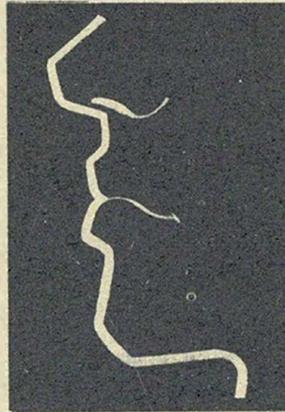
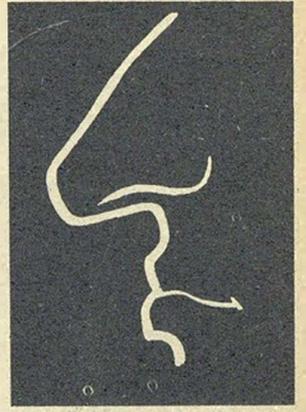
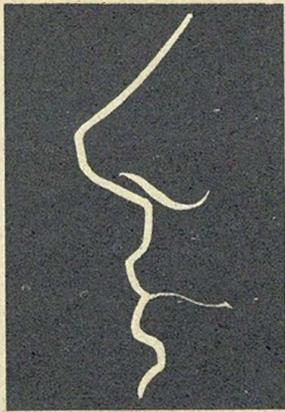
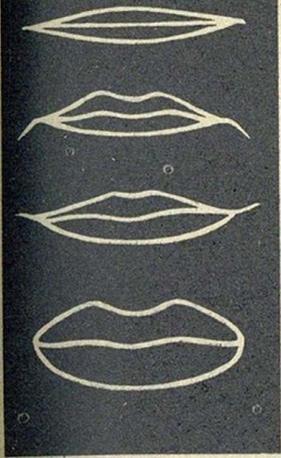
Os três tipos básicos são: **perpendicular, reentrante e saliente**. O primeiro, indica características merecedoras de confiança; o segundo, falta de sequência, especialmente de ideias; o terceiro, amor pela arte, prosperidade (ou avareza), podendo também indicar insuficiência moral, dependente de outros atributos morfo-fisionômicos.

O queixo largo, ossudo e quadrado, indica força física e ambição, a brutalidade e a tenacidade.

Ossudo, mas arredondado nos ângulos, dá vontade fraca.

O queixo gordo é normal nos indivíduos que têm o prazer da mesa. Deprimido indica preguiça.

O queixo magro e estreito revela intensi-



dade de vida espiritual. Redondo indica amabilidade.

A covinha vertical assinala tendência a vários amores ou a sentimentalidade amorosa. O sulco transversal, num queixo redondo, indica sempre bondade ou flexibilidade de carácter.

A O R E L H A

A orelha bem feita e orlada de grandeza média é rara. A orelha deve ter aproximadamente 65 milímetros de altura por 35 de largo.

A **orelha grande** é aquela que passa destas medidas: indica nos homens forte vitalidade e confirma a masculinidade.

A **orelha pequena**, além de indicar egoísmo, significa também masculinidade fraca. No caso de exagero indica mesmo, algumas vezes, deficiência mental, podendo ser hereditária.

A orelha, para estar bem localizada, isto num rosto normal, deve estar situada ao meio de duas linhas paralelas entre o nariz e as sobrancelhas. O lóbulo inferior estará situado ao nível da boca.

Uma orelha bem formada, bem orlada e rosada, é **caracteristicamente feminina**.

Quando a orelha é grande (símbolo de masculinidade) e todos os outros atributos faciais em particular, o nariz e a boca são pequenos, (femininos) a dualidade do indivíduo é evidente.

As orelhas têm três tipos principais que são: **Estreita** ou **Pontiaguda**, **Oval** ou **redonda** e **Larga**.

A **Estreita**, especialmente se for **Pontiaguda**, dá temperamento duvidoso, mas por vezes apaixonado. Significa indivíduos de carácter difícil; pior ainda, se for demasiado estreita, no género dos sátiros mitológicos, é necessário cautela. Estas orelhas não merecem confiança.

A **oval** ou **redonda**, dá capacidades auditivas e temperamento artístico.

A **larga**, dá disposições ambiciosas, cora-

gem e dons oratórios. Especialmente se for grande, isto é, se passar dos 65 milímetros de alto e 36 de largura, dá o sentido musical acentuadamente.

Esta orelha está assente numa cabeça de fronte larga. De uma maneira geral o artista tem um rosto característico.

Quando a orelha tem o **lóbulo flácido**, mole, revela deficiências fisiológicas.

Viu-se que cada um dos tipos de rosto tem a sua particularidade. Recapitulando em síntese:

Os rostos redondos e ovais: **Influenciáveis**.

Quadrados e rectangulares: **Energia**.

Compridos: **Sensibilidade**.

Triangulares (vértice para baixo): **Exaltação psíquica**.

Triangulares (vértice para cima): **Materialismo**.

O rosto está dividido em três zonas: **Zona da testa**, **Mediana do nariz** e do **Queixo**.

A zona da testa representa a intelectualidade; a mediana, a afectividade e a base (queixo), o materialismo. Ao observar-se um rosto tem de se tomar como ponto de partida a zona que predomina.

N U C A

A bossa occipital é um indicativo de sensibilidade.

As nucas graciosas, medianas e esguias, indicam fragilidade ou delicadeza. São, de uma maneira geral, aptas para trabalhos intelectuais. Naturalmente, é necessário que outras condições confirmem.

As nucas fortes ou grossas indicam natureza rude ou colérica, e são normais nos indivíduos de grande resistência física. Se a pele tiver uma coloração avermelhada indica natureza congestiva.

É raro haver um artista que possua nuca forte.

Há também as nucas curtas ou longas, características de certas raças, e o seu significado está de acordo com as outras indicações morfo-fisionómicas.



OS 5
CÂNTICOS
DO
NATAL

Charles
Dickens



PRIMEIRO CÂNTICO

Para começar, devo dizer que Marley tinha morrido. Quanto a esse ponto, nenhuma dúvida. O registo mortuário estava assinado. Scrooge o subscrevera. E a assinatura de Scrooge era válida na Bolsa, qualquer que fosse o papel sobre que estivesse aposta.

Scrooge sabia que Marley morreria? Decerto! Scrooge e Marley haviam sido associados desde longos anos. Scrooge era o executor testamentário, único administrador dos bens do defunto, o amigo único que acompanhara o enterro. Falando francamente, ele não se mostrara muito abalado por esse triste caso quanto se mostrara hábil homem de negócios, solenizando o dia das exéquias do sócio com uma especulação das mais vantajosas.

Nunca Scrooge apagou o nome de Marley das taboletas do escritório; ali se lia ainda, vários anos depois: — **Scrooge & Marley**. A firma comercial era, pois, a mesma. Algumas vezes, as pessoas, pouco ao corrente de negócios, diziam: **Scrooge & Scrooge**; outras vezes, **Marley, simplesmente**. E Scrooge atendia, de igual maneira, a um e a outro nome.

O velho pecador era avarento; sabia apertar fortemente, arrancar, torcer, comprimir, tosar o cliente e, sobretudo, não irritar ninguém.

Duro e cortante como uma pedra de fuzil, da qual o aço não arrancaria uma centelha, Scrooge fechava-se consigo mesmo, solitário e calado como uma pedra. Um frio interior congelava-lhe o semblante, aguçava-lhe o nariz ponteagudo, enrugava-lhe as faces, empertigava-lhe o andar, congestionava-lhe os olhos, azulava-lhe os lábios e dava-lhe um timbre de azedume à voz. Uma geada branca cobria-lhe de granizo a cabeça, os supercílios e o queixo agudo e nervoso. Sua frieza de gelo era inata; — ele espalhava-a por toda a parte, fazendo com que a sentissem, no escritório, no Verão, em Julho, e temperando-a melhor no Inverno, em Dezembro, pelo Natal.

É que o calor e o frio do ambiente tinham pouco efeito sobre ele. Os ardores do Estio não podiam aquecê-lo e o Inverno mais rigoroso não chegava a arrefecê-lo. Nenhuma ventania era mais áspera, nenhuma neve caindo atingia mais directamente o seu alvo, nenhuma chuva torrencial era mais obstina-

da. O mau tempo não exercia influência sobre ele; os mais fortes aguaceiros, a neve, o granizo não podiam pretender senão uma única superioridade sobre ele: — a de caírem às vezes em «profusão», — palavra esta que Scrooge ignorou sempre. Ninguém o detinha nunca na rua para dizer-lhe com ar alegre: «Meu caro Scrooge, como está você?» Nenhum mendigo lhe estendia a mão, nenhuma criança lhe perguntava que horas eram. Os próprios cães dos cegos, quando o viam aproximar-se, puxavam seus amos para os portões, para as ruelas; e, depois, sacudindo a cauda, pareciam dizer: «Meu pobre amo, mais vale não ter olhos que ter maus olhos!»

Um dia, o melhor dos dias, véspera de Natal, o velho Scrooge estava sentado, no seu escritório. Fazia um frio agudo e penetrante e uma forte cacimba. Scrooge ouvia os passos das pessoas que iam e vinham na ruela, ouvia gente a soprar nos dedos, respirando alto, batendo no peito com as mãos e, com os pés na calçada, com o fim de se defender do frio. Se bem que três horas tivessem apenas soado nos relógios da cidade, era quase noite. As luzes, que se viam através dos vidros dos estabelecimentos vizinhos, lembravam nódoas avermelhadas espalhando-se sobre o fundo enegrecido de um ar espesso, quase palpável. A garôa penetrava nas habitações por todas as frestas e pelos buracos das fechaduras. Fora, a opacidade era tal que, se bem que a rua fosse muito estreita, as casas pareciam apenas fantasmas de casas.

A porta do escritório de Scrooge estava aberta a fim de ele poder observar o caixeiro, que se mantinha numa célula triste, uma espécie de cisterna obscura. Scrooge tinha um fogãozinho, mas o do caixeiro era ainda menor; dir-se-ia que não podia conter senão um pedaço de carvão. O homem não podia meter mais carvão, porque Scrooge guardava a caixa ao pé da sua secretária; e, todas as vezes que o desgraçado se aproximava com a pá, o patrão assegurava-lhe que seria forçado a despedi-lo. Por isto, o caixeiro se envolvia no seu branco xale e experimentava aquecer-se com a candeia, mas, como era homem de pouca imaginação, esses esforços tornavam-se vão.

— Feliz Natal, meu tio, e que Deus o guarde! — gritou uma voz alegre, a do sobrinho de Scrooge, que tinha vindo surpreendê-lo.

— Ora essa! — disse Scrooge. — Tolice!

O sobrinho de Scrooge, cansado de andar quase a correr por causa do frio, ficara muito vermelho; sua face estava afogueada, seus olhos brilhavam, o vapor de seu hálito parecia quente.

— Uma tolice, o Natal, meu tio? Não é isto o que o senhor quer dizer?

— É isso mesmo. — respondeu Scrooge — Um feliz Natal! Que direito tem você de sentir-se feliz? Que motivo tem de entregar-se à alegria? Você é bem pobre!

— Ora, vamos lá! — replicou alegremente o sobrinho. — Que direito tem o senhor de estar triste? Que motivo tem para entregar-se à me'ancolia? O senhor é rico!

— Ora! — disse Scrooge que, no momento, não tinha melhor resposta; e a esse «ora» ajuntou a outra palavra: «tolice».

— Não esteja triste, meu tio! — disse o sobrinho.

— Como não estar — replicou Scrooge — quando me acho num mundo de loucos?

«Feliz Natal! Mal haja o Natal de vocês! Que é o Natal senão uma época de pagar letras que se vencem, muitas vezes sem se ter dinheiro? Um dia em que vocês ficam mais velhos um ano, sem ficarem mais ricos de um real? Um dia em que, pelo balanço nos livros do negócio, se verifica, depois de doze meses decorridos, que cada artigo dos muitos ali mencionados não deixou o menor lucro? Se eu pudesse fazer um Natal pela minha cabeça — continuou ele, indignado — todo o imbecil que corresse pelas ruas com um «Feliz Natal» na boca seria condenado a ferver, na mesma caçarola, com o seu pudim, e enterrado com um galho de pinheiro cravado no coração. Sim, devia ser assim!

— Meu tio! — disse o sobrinho.

— Meu sobrinho! — respondeu rudemente Scrooge. — Festeje o Natal à sua maneira, e deixe-me festejá-lo cá à minha.

— Festejar o Natal! — repetiu o sobrinho. — Mas o senhor não o festeja, meu tio.

— Deixe-me então não festejá-lo. Que você tire bom proveito dele! Já ganhou muito com isso!...

— Há muitas coisas, confesso, de que eu poderia ter tirado proveito — respondeu o sobrinho — e, não obstante, não tirei. Entre elas está o Natal. Mas, pelo menos, sempre olhei o dia de Natal (pondo de lado a veneration devida ao seu nome sagrado e a sua

origem divina, se se pode pôr de lado seja o que for que pertença ao Natal) como um belo dia, um dia de bondade, de perdão, de caridade, de prazer — o único, no longo calendário do ano, em que todos, homens e mulheres, parecem, de comum acordo, revelar livremente os segredos do coração e ver nos seus inferiores verdadeiros companheiros de viagem para o túmulo, não uma outra espécie de viventes marchando para outros fins. É por isso, meu tio, que, embora o Natal não tenha enchido o meu bolso de belas moedas de prata ou de ouro, creio que ele me tem feito verdadeiramente bem e me fará ainda. Por isso eu repito: — Deus abençoe o Natal!

O caixeiro, do fundo do seu buraco, aplaudiu involuntariamente. No mesmo instante, percebeu que havia dito uma inconveniência. E quis à pressa atizar o fogo, esforço que extinguiu para sempre qualquer vestígio de centelha.

— Se eu o ouvir fazer o mais leve ruído aí — disse Scrooge ao caixeiro — você vai festejar o Natal perdendo o seu lugar. Quanto a você, senhor meu sobrinho, é um orador notável. Admira que não entre para o Parlamento!

— Não se aborreça, meu tio. Ora, venha jantar connosco amanhã.

Scrooge disse que queria vê-lo no... Sim, na verdade, ele o disse. Pronunciou a frase inteira, tão certo como eu conto.

— Mas, meu tio, o senhor nunca foi visitar-me antes do meu casamento. É por essa razão que não vem agora?

— Passe bem! — disse Scrooge.

— Não desejo nada do senhor, não lhe peço nada. Por que não poderemos ser bons amigos?

— Passe bem! — repetiu Scrooge.

— Sinto, de todo o meu coração, vê-lo assim tão insensível. Nunca tivemos uma desavença, pelo menos vinda da minha parte. Mas faça-lhe este convite em honra do Natal. E conservarei o meu bom humor pelo Natal, até ao fim. Assim, pois, meu tio, deseje-lhe um feliz Natal!

— Passe bem! — rosnou Scrooge.

— E um feliz Ano Novo! — disse o sobrinho.

— Passe bem! — teimou ainda Scrooge em dizer.

O sobrinho deixou o escritório do tio, sem uma única palavra de descontentamento. De-

teve-se na porta para desejar um feliz Ano Novo ao caixeiro que, apesar de gelado de frio, não era insensível como Scrooge, porque retribuiu os votos de todo o coração.

Está aí outro imbecil — murmurou Scrooge, de onde estava, tendo ouvido o que respondera o homem a seu sobrinho. O meu caixeiro — continuou ele — com quinze xelins por semana, mulher e filhos, a falar de feliz Natal! Seria motivo para mandá-lo para uma casa de loucos.

O louco em questão, tendo acompanhado o sobrinho de Scrooge até à porta, voltou, introduzindo no estabelecimento duas outras pessoas. Eram dois senhores de maneiras distintas.

— Scrooge & Marley, creio eu, não é? — perguntou um dos dois, enquanto desdobrava um papel. É ac sr. Scrooge ou ao sr. Marley que tenho o prazer de falar?

— O sr. Marley morreu há sete anos — responde Scrooge. — Faz exactamente, sete anos que ele morreu, nesta mesma noite.

— Estamos certos de que a generosidade do finado há-de estar bem representada na pessoa do associado sobrevivente — disse um dos homens, apresentando os certificados, seu e de seu companheiro, de arrecadadores de esmolas para os pobres.

Devia estar certamente, porque os dois associados eram do mesmo quilate. Ao ouvir falar em generosidade, Scrooge carregou o sobrolho, abanou a cabeça e devolveu os certificados.

— Nesta data alegre do ano, sr. Scrooge — disse o homem, tomando uma pena — é ainda mais desejável que, ordinariamente, possamos recolher um pequeno socorro para aqueles que não têm recursos e sofrem muito com o tempo que faz. A milhares de pessoas falta o estritamente necessário, e centenas delas não podem ter o menor bem-estar.

— Não há então prisões? — perguntou Scrooge.

— Há uma quantidade delas — respondeu o desconhecido, repondo a pena no lugar.

— E as *work-houses* — continuou Scrooge — já não funcionam?

— Sim, senhor — respondeu o outro — mas eu desejaria que fossem fechadas.

— A máquina da disciplina e a da lei, para os pobres, estão ainda em vigor? — perguntou Scrooge.

— Ambas têm muito que fazer.

— Oh! eu estava receoso, pelo que diziam, a princípio, de que alguma coisa tivesse cessado o seu útil funcionamento. Tenho muito prazer em saber que não se trata disso.

— Convencidos de que elas não produzem quase consolações cristãs, para o corpo e para a alma da multidão, alguns dentre nós arrecadamos dinheiro a fim de comprar para os pobres um pouco de carne e vinho e também alguns agasalhos. Escolhemos esta época porque, entre todas, é aquela em que a necessidade é mais cruel, em que se goza de mais abundância. Quanto devo escrever em seu nome, senhor?

— Nada. — Respondeu Scrooge.

— O senhor quer então que se oculte o seu nome?

— Quero apenas que me deixem em paz. Eu próprio não sinto nenhum regozijo pelo Natal; e não posso interessar-me pelo regozijo dos vadios. Concorro para a manutenção dos estabelecimentos de que falei; custam bastante caro. Os que fora se sentem mal que se recolham a eles.

— Muitos não podem; muitos preferiam morrer.

— Se preferem morrer, fariam melhor em tratar logo disso, a fim de diminuir o excedente de população. Entretanto — desculpem-me — eu não conheço bem essas coisas.

— Mas o senhor poderá facilmente conhecê-las — observou um dos senhores.

— Isso não é comigo — replicou Scrooge. — Um homem já tem muito que fazer ocupando-se dos seus próprios negócios sem se meter com os negócios dos outros. Ocupo-me dos meus... Passem bem, senhores...

Entretanto a bruma e a obscuridade tornavam-se tão espessas que pessoas corriam pelas ruas com tochas, a oferecerem os seus serviços aos cocheiros, para irem adiante dos cavalos e conduzi-los. A torre de uma antiga igreja, cujo velho relógio tinha sempre o ar de estar a olhar — com curiosidade, de uma janela gótica do paredão — para Scrooge, tornou-se invisível. O som das horas e dos quartos, que ele batia, elevava-se no ar nevoento, em longas e trémulas vibrações, como se o seu maquinismo tremesse também de frio.

Um rapazinho, de nariz rubro, transido de frio, faminto, parou fora, à porta de Scroo-



NUNO COSTA

ge, para regalá-lo com um canto de Natal. Mas, às primeiras notas de:

— Deus lhe dê muita alegria
Neste grande e belo dia!

Scrooge pôs a mão numa régua com tal energia, que o cantor, aterrorizado, fugiu, perdendo-se na espessa cacimba.

Scrooge deixou-se escorregar do seu tamborete. Era o sinal de que ia partir. Por isso, o caixeiro, que esperava esse instante, no fundo do seu buraco, apressou-se a apagar a sua candeia e a apanhar o chapéu.

— Presumo — resmungou Scrooge — que você quer estar livre amanhã.

— Se o senhor estiver de acordo...

— De acordo não estou; e, depois, isso não é justo. Estou certo de que você se acreditaria lesado se eu ficasse com a meia coroa a que tem direito por esse dia de vadiação.

O caixeiro ponderou que o dia de Natal era só um, no ano.

— O pretexto é mesquinho, para receber pagamento todos os 25 de Dezembro — replicou Scrooge, enquanto abotoava a sobrecasaca até o queixo. Imagino que você precisa do dia inteiro; — continuou o avarento — trate, pelo menos, de reparar o prejuízo que me dá, estando aqui, depois de amanhã, de manhã, bem cedinho...

O caixeiro prometeu não faltar, enquanto Scrooge saía resmungando.

Num instante, o pobre caixeiro fechou o escritório, envolveu-se no seu xale, cujas pontas desciam até abaixo do casaco, e pôs-se a caminho, pelas calçadas escorregadias, atrás de um bando alegre de garotas, apressando-se por chegar à sua morada que era bem longe, em Camden-Town.

Scrooge foi comer o seu insípido jantar numa insípida taberna. Tendo lido todos os jornais e passado o resto da noite a distrair-se com o seu livro de contas, tratou de recolher-se e dormir. Morava num apartamento que o seu falecido sócio ocupara, numa fila de quartos escuros de um velho e sombrio edificio.

Era certo que a maçaneta da porta não oferecia nada de particular, a não ser que era muito grande; era também certo que Scrooge a manejava, quando entrava e quando saía, noite e dia, sem reparar nela. De resto, Scrooge possuía tão pouco do que se chama imaginação, como nenhum homem da

cidade de Londres, sem exceptuar mesmo — afirmação audaciosa! — o corpo de vereadores e notáveis. Digne-se alguém agora explicar-me — se pode fazê-lo — como Scrooge, metendo a chave na fechadura, viu, sem pronunciar nenhuma palavra de transmutação mágica, não a maçaneta, mas a cara de Marley?

A cara de Marley! Não era uma aparência impenetrável, como a de outros objectos do pátio da casa; a maçaneta parecia, ao contrário, estar cercada de um sinistro clarão, como a fosforescência de um peixe ou crustáceo, estragado, no fundo de uma cava sombria. Sua expressão não tinha nada de cólera nem de ferocidade; mas aquela cara olhava para Scrooge, como Marley costumava fazê-lo, com os olhos fantásticos, de além-túmulo, em relevo, numa frente de espectro. A cabeleira estava revolta, como sacudida por um sopro de vento; e, ainda que os olhos estivessem muito abertos, estavam perfeitamente imóveis. Isto junto a uma cor lívida tornavam aquele semblante horrível. Mas quando Scrooge olhou com atenção para aquele fenómeno, não viu mais, como dantes, senão a maçaneta.

Dizer que ele não se sobressaltou ou que o seu sangue não se ressentiu absolutamente de uma impressão terrível, que lhe era estranha desde a infância, seria mentir. Mas ele pegou na chave, que havia abandonado, fê-la girar vivamente, abriu a porta, entrou e acendeu a vela.

É fácil falar em termos vagos das boas e velhas escadas de outros tempos, por onde poderia subir uma carruagem de seis cavalos; mas eu garanto que por aquela de Scrooge poderia subir um carro mortuário, sem dificuldade; havia bastante espaço para isto e mais ainda. Foi talvez por isso que Scrooge acreditou ver, diante de si, na obscuridade, um carro mortuário em movimento. Uma meia dúzia de bicos de gás não teria iluminado bem o vestibulo; pode bem imaginar-se o quanto estava escuro com a velinha de Scrooge. E'le ia subindo, sem se dar por achado. A escuridão não custa dinheiro; e, por isso, Scrooge gostava dela. Mas antes de cerrar a pesada porta de seu apartamento, Scrooge revistou-o, a fim de ver se tudo estava em ordem.

Salão, quarto de dormir e o resto — tudo estava em regra. Ninguém, debaixo da mesa; ninguém, debaixo do sofá; um foguinho na

lareira; a colher e a xícara prontas; no fogo, a caçarolinha de papa de aveia. (Scrooge sofria de um catarro crônico.) Ninguém, debaixo da cama; ninguém, no gabinete; ninguém, dentro do roupão suspenso da parede, numa atitude inquietante.

Ainda que tranquilo, Scrooge fechou a porta, dando duas voltas à chave — o que não estava nos seus hábitos. Tendo-se garantido contra surpresas, tirou a gravata, vestiu o roupão, calçou as chinelas, pôs a carapuça de dormir e sentou-se à beira do fogo para tomar a sua papa.

Era realmente um fogueiro de nada, para passar uma noite tão frígida! Scrooge foi obrigado a sentar-se bem perto dele, como se quisesse alimentá-lo com o seu próprio calor — antes de poder obter a menor sensação de quentura, de um pobre fogo que já não desprendia quase nenhum calor. O antigo fogão tinha sido construído por algum mercador holandês; todo guarnecido de azulejos flamengos, representava a cena da Escritura. Havia imagens de Caim, de Abel, das filhas do Faraó, da Rainha de Sabá, de anjos descendo do espaço, transportados em nuvens, de Abraão, de Baltasar, dos Apóstolos, embarcando em bates que pareciam molheiras. E, entretanto, a cara de Marley, morto desde havia sete anos, vinha, como a vara do antigo profeta, dominar todo o resto.

— Tolice! — disse Scrooge, pondo-se a passear pelo quarto.

Depois de ter dado muitas voltas, tornou a sentar-se. Tendo inclinado a cabeça para trás na poltrona, o seu olhar deteve-se, por acaso, sobre uma campainha sem utilidade, que facilitava a comunicação do apartamento com um aposento situado no andar mais elevado da casa.

Foi com uma grande emoção, com um estranho, um inexplicável terror, que, no momento em que a olhava, Scrooge a viu, com surpresa, começar a agitar-se. Mexeu-se a princípio tão levemente, que mal emitiu um som. Mas, logo depois, pôs-se a tocar com toda a força e as outras campainhas da casa entraram a imitá-la.

Aquilo prolongou-se talvez um meio minuto, se tanto, mas para Scrooge esse tempo pareceu durar uma hora. Depois as campainhas cessaram de tocar, todas ao mesmo tempo, e o ruído delas foi substituído por um forte retinir de ferragens, vindo de regiões subterrâneas, como se alguém arrastasse uma

pesada corrente sobre os tonéis da adega do negociante de vinhos. Scrooge lembrou-se então de ter ouvido contar que, nas casas mal-assombradas, os espectros arrastavam sempre correntes.

Com um estrondo medonho, a porta da adega abriu-se e Scrooge ouviu o ruído aumentar no rés-do-chão e, depois, subir as escadas e, enfim, avançar direitinho para a porta do seu apartamento.

— Tolice — disse Scrooge. Não devo crer nisso.

Contudo, mudou de cor, quando o espectro atravessou a grossa porta e penetrou no quarto. No instante em que o espectro entrava, a mortiça chama do fogão reanimou-se, como para gritar: Eu conheço-o, é o espectro de Marley!» E logo voltou a amortecer-se.

O mesmo semblante, exactamente o mesmo Marley! Com os longos cabelos em falripas, o colete, as calças estreitas e as botas, cujos atilhos, terminados em bolotas, se balançavam ao mesmo tempo que as melenas e as abas da casaca. A corrente, que o espectro de Marley arrastava, estava presa ao meio do corpo; era longa e enrolava-se em torno de'e como uma cauda; era formada (porque Scrooge observou-a com cuidado) de cofres-fortes, de chaves, de cadeados, de livros-caixa, de letras e de pesadas bolsas de aço. O corpo de Marley era transparente, tanto que, observando-o através do colete, Scrooge distinguia os dois botões pregados por trás da casaca.

Scrooge ouvia dizer muitas vezes que Marley não tinha entranhas, mas até então não acreditara nisso.

Não, e agora mesmo não acreditava. Ainda que pudesse varar o fantasma, de lado a lado, com o olhar, mesmo vendo-o de pé diante de si, sentindo a impressão glacial daqueles olhos enregelados pela morte, observando o tecido do lenço de seda que lhe envolvia a cabeça, passando por baixo do queixo, Scrooge não queria ainda acreditar, e lutava contra os próprios sentidos.

— Então! — disse Scrooge, frio e causticante como ele era sempre. — Que quer você de mim?

— Muita coisa!

Era a voz de Marley, não havia nenhuma dúvida.

— Quem é você?

— Pergunte-me: quem era eu?

— Quem ~~era~~, então, você? — perguntou Scrooge, elevando a voz. — Como espectro... você é muito exigente.

— Quando vivo, fui o seu sócio Jacob Marley.

— Você pode... pode sentar-se? — perguntou Scrooge, observando o fantasma com ar de dúvida.

— Posso.

— Então, sente-se.

Scrooge fizera essa pergunta, porque não sabia se um espectro tão transparente poderia estar em condições de sentar-se; sentia que, se a coisa fosse impossível, ele o obrigaria a explicações embaraçosas. Mas o espectro sentou-se do outro lado do fogão, como se estivesse perfeitamente habituado a fazer isso.

— Você não acredita em mim? — perguntou o espectro.

— Não creio nisso — respondeu Scrooge.

— Que prova quer da minha realidade, além do testemunho dos seus sentidos?

— Não sei! — respondeu Scrooge.

— Por que duvida dos seus sentidos?

— Porque pequenas coisas os alteram — disse Scrooge. Um leve desarranjo de estômago torna-os enganadores; você não é talvez senão um pedaço de carne mal digerido ou uma colherada de mostarda, um pedaço de queijo, um fragmento de batata mal cozida... Tolice!

A estas palavras, o espectro soltou um grito terrível e sacudiu a sua corrente com um ruído tão horrendo e tão sinistro, que Scrooge se agarrou à cadeira em que estava sentado, para não desfalecer. Mas o seu espanto redobrou, quando solto o lenço que o prendia à cabeça, o maxilar inferior do fantasma lhe caiu sobre o peito.

Scrooge pôs-se de joelhos e ocultou o rosto nas mãos.

— Misericórdia! — exclamou ele. — Horível visão! Porque me atormentas assim?

— Alma apegada ao mundo! — replicou o espectro. Crês ou não crês em mim?

— Creio — respondeu Scrooge. — É preciso. Mas porque passeiam os espíritos sobre a terra e porque me aparecem?

O espectro lançou de novo um grito, sacudiu a corrente que arrastava e torceu as mãos esqueléticas.

— Você está cheio de correntes! — disse trêmulo, Scrooge. — Diga-me porquê?

— Carrego a corrente que em vida forcei —

respondeu o espectro. Eu mesmo a fiz, elo por elo, vara por vara; fui eu que a suspendi, por minha livre vontade, em torno de meu próprio corpo, e a tenho sempre carregado com liberdade. Parece-lhe estranho o feitio dela?

Scrooge tremia cada vez mais.

— Ou queria antes você saber — prosseguiu o espectro — o peso e o comprimento da enorme corrente que você próprio carrega? Há hoje sete vésperas de Natal que ela era tão comprida e tão pesada como esta que você vê. Desde então, você tem trabalhado em aumentá-la. Agora, vê-se que é uma corrente de um peso admirável.

Scrooge olhou em torno de si o soalho, esperando ver-se cercado de cinquenta ou sessenta braças de cabos de ferro; mas não pôde ver nada.

— Jacob — disse ele, suplicante — meu velho Jacob Marley, fale-me ainda. Conforte-me com suas palavras, Jacob!

— Não posso fazê-lo — replicou o espectro. O conforto vem por outros caminhos, Ebenezer Scrooge; o conforto é trazido à terra por outros enviados e por homens diferentes de você. Não posso também dizer a você tudo o que eu quereria. Não me foi concedido senão muito pouco tempo. Não me é dado repousar, nem deter-me, nem demorar-me em parte alguma.

— Você deve então estar atrasado, Jacob! — observou Scrooge, obediente aos seus sentimentos de homem de negócios, se bem que com humildade e deferência.

— Atrasado? — replicou o espectro.

— Morto há sete anos — murmurou Scrooge — e viajando todo esse tempo?

— Todo esse tempo! — repetiu o espectro. — Nem paz nem repouso, mas o incessante suplício dos remorsos!

— Mas você foi sempre muito pontual e hábil nos negócios! — balbuciou Scrooge, que começava a aplicar a si mesmo o que dizia o espectro.

— Ah!, os negócios! — clamou o fantasma, torcendo de novo as mãos. A humanidade para mim era um objecto de negócio, assim como o bem de todos; a misericórdia, a caridade, a doçura, a bondade, tudo isso para mim era motivo de negócio. E minhas operações e cálculos financeiros não foram senão uma gota de água no imenso oceano dos negócios... Nessa época do ano — continuou a falar o espectro — sofro ainda mais.



Porque passei eu outrora por entre a multidão de meus companheiros de existência com os olhos sempre volvidos para essa terra, sem nunca os elevar para estrela bendita que guiou os Magos até uma pobre manjedora? Não havia então aí pobres moradas para as quais seus raios teriam podido, do mesmo modo, guiar-me?

Scrooge sentiu um grande medo ouvindo o espectro continuar desse modo, e começou a tremer.

— Ouça-me! — exclamou o fantasma. — Não tenho tempo a perder.

— De boa vontade — disse Scrooge. — Mas não seja cruel! Nada de conversa comprida. Jacob, peço-lhe!

— Não-de aparecer-lhe três espíritos, Ebenezer Scrooge! — disse o espectro. — E sem que eles lhe apareçam, você não poderá deixar de seguir o mesmo caminho que eu. Espere o primeiro espírito amanhã, quando o relógio bater uma hora.

— Não poderiam todos vir ao mesmo tempo, a fim de me desembaraçar deles de uma só vez? — insinuou Scrooge.

— Espere o segundo, à mesma hora, na noite seguinte, e o terceiro, uma noite depois, quando se extinguir a vibração da última badalada da meia-noite. Não conte tornar a ver-me, mas, para seu próprio bem, lembre-se do que se acaba de passar entre nós dois.

Depois de ter assim falado, o espectro apanhou o lenço de seda de sobre a mesa e atou-o em volta da cabeça, como dantes. Scrooge percebeu o ruído seco produzido pelos dentes do fantasma, quando os maxilares se aplicaram, um contra o outro, pelo efeito da atadura. Então ele ousou erguer os olhos, e viu o extraordinário visitante de pé diante de si, tendo a corrente enrolada em torno do braço.

A aparição afastou-se, de costas. A cada passo que dava, a janela entreabria-se um pouquinho, tanto que, quando o espectro atingiu, estava inteiramente aberta. Tendo, por um momento, apurado o ouvido, o espectro desapareceu na noite escura e fria.

Scrooge fechou as vidraças e examinou a porta que o fantasma atravessara para entrar. Estava fechada, com duas voltas da chave, como ele próprio a fechara; e os ferrolhos estavam corridos. Experimentou dizer: «Tolice!», mas não passou da primeira sílaba. Depois, sentindo uma grande necessidade de repouso, em consequência da emo-

ção, das fadigas do dia, ou dessa revelação do mundo invisível, ou da fúnebre conversação do espectro, ou, ainda, por causa da hora avançava, foi direito para a cama, atirou-se para ela sem se despir e adormeceu no mesmo instante.

SEGUNDO CÂNTICO

Quando Scrooge acordou, a obscuridade era tal que, da cama, ele podia apenas distinguir a janela transparente das paredes opacas do quarto. Fazia esforços para penetrar as trevas com os olhos, quando o carrilhão de uma igreja vizinha tocou os quatro quartos. Scrooge prestou atenção para ver que horas eram.

Com sua grande surpresa, o relógio passou de seis a sete, depois de sete a oito, e assim, regularmente, até doze, quando parou de bater. Meia-noite! Eram duas horas quando ele se tinha deitado. O relógio estava a andar para trás. Um bloco de gelo introduzira-se talvez entre as roldanas. Meia-noite!

Scrooge tocou na mola de seu relógio de repetição, para corrigir o erro daquele relógio que estava errado. O pendulozinho rápido do seu relógio bateu doze vezes e parou.

— Não pode ser! Pois é possível — disse Scrooge — que eu tenha dormido todo um dia e a metade de uma segunda noite! Mas também não é possível que tenha acontecido alguma coisa ao Sol; é meia-noite, não é meio-dia!

Scrooge ficou num estado de confusão, até que o carrilhão tocou mais três quartos de hora. Então ele lembrou-se, de repente, de que o espectro o avisara de uma visita, quando o relógio batesse uma hora. Resolveu ficar acordado até que a hora se passasse; e, considerando que já não podia adormecer, como não podia elevar-se até ao céu, a decisão mais sábia que poderia tomar era mesmo a de ficar acordado. Esse quarto de hora pareceu-lhe tão longo que, mais de uma vez, supôs ter adormecido e não ter ouvido as horas. A lembrança do relógio feriu finalmente o seu ouvido atento.

— É a hora, é mesmo a hora! — exclamou Scrooge, impressionado.

Ele ainda falava antes do toque do relógio. O relógio bateu uma pancada profunda, lúgubre, cava, melancólica. Um vivo clarão

brilhou nesse instante no quarto; e as cortinas do leito de Scrooge foram puxadas bruscamente. Qualquer mão as puxara para um lado. E Scrooge, erguendo-se a meio, achou-se face a face com o visitante supraterrrestre, anunciado pelo espectro de Marley.

Era uma estranha figura. Dir-se-ia ser uma criança e, não obstante, em vez de uma criança, um velho visto através de algum artifício sobrenatural. Parecia ter-se afastado a certa distância e ter diminuído, até tomar as proporções de uma criança. Os cabelos, que flutuavam ao redor do pescoço, caíam sobre os seus ombros e eram brancos; contudo, o semblante não tinha rugas, e um róseo delicado coloria a sua tez. As pernas e os pés, muito bem feitos e delicados, estavam nus, assim como os braços e as mãos. Vestia uma túnica branca; e, em torno da sua cintura estava atado um cinto luminoso, cujo clarão era esplêndido. Tinha na mão um ramo verde de pinheiro; e, contraste estranho, com esse emblema do Inverno, as suas vestes estavam ornadas com flores do Estio. Mas a coisa mais curiosa era que, do alto da cabeça da personagem, saía um cintilante jacto de luz, graças ao qual se viam todas essas coisas. Debaixo do braço trazia um grande funil que, sem dúvida, nas horas de tristeza, lhe servia como chapéu.

— Senhor — interrogou Scrooge — sois vós o espírito cuja vinda me foi anunciada?

— Eu o sou.

A voz era doce e agradável. Singulãrmente baixa, soava como se o espírito, em vez de estar tão perto de Scrooge, se achasse a uma distância bastante grande.

— Quem sois, então? — perguntou Scrooge.

— Sou o espírito dos Natais passados.

— Passados desde há muito tempo? — perguntou Scrooge, notando a pequena estatura do fantasma.

— Não, dos Natais do teu tempo.

Scrooge não teria podido dizer, talvez, se lhe tivessem perguntado, por que sentia um desejo muito especial de ver o espírito com o tal chapéu na cabeça. E pediu-lhe que o pusesse.

— Quê! — exclamou o fantasma — querias tu logo apagar com mão terrestre a claridade que espalho? Não é bastante que tu sejas um daqueles que me fizeram este chapéu de suas paixões egoístas e me forçaram a trazê-lo enterrado na cabeça há tantos anos?

Scrooge negou respeitosamente que tivesse querido ofendê-lo. Depois ousou perguntar-lhe que motivo fizera com que viesse até ele.

— O bem da tua pessoa — respondeu o espírito.

Scrooge exprimiu o seu agradecimento, mas não pôde deixar de pensar que uma noite de repouso, sem interrupção, poderia melhor contribuir para atingir esse fim. Sem dúvida o espírito penetrou o pensamento de Scrooge, porque lhe disse logo:

— E a tua conversão, então... Toma cuidado!

E, tendo dito isto, estendeu a sua mão posante e tomou Scrooge docemente pelo braço, ajuntando:

— Levanta-te, vem comigo!

Teria sido inútil a Scrooge alegar que o tempo e a hora não eram favoráveis para um passeio pedestre, que a cama estava quente e o termómetro muito abaixo de zero; que ele estava ligeiramente provido de vestuário, em chinelas, de roupão e carapuça de dormir, e que, ao mesmo tempo, estava doente de um defluxo. Aquele amplexo, ainda que leve como o de mão de mulher, não era daqueles a que se resiste. Scrooge levantou-se. Mas, vendo o espírito dirigir-se para a janela, agarrou-o pela veste com um gesto suplicante.

— Sou um mortal — fez-lhe ver Scrooge — e, por consequência, susceptível de cair.

— Deixa somente que eu te toque aqui — disse o Espírito, pondo a mão sobre o coração de Scrooge — e tu poderás manter-te em muitas outras circunstâncias.

E com estas palavras, eles atravessaram a parede e acharam-se numa planície, em uma estrada, com campos à direita e à esquerda. A cidade mal se via. A obscuridade e a garôa tinham-se ao mesmo tempo dissipado. Um dia de Inverno brilhava, claro e frio, a neve cobria o solo.

— Meu Deus! — disse Scrooge juntando as mãos e lançando olhares em torno de si.

— Foi aqui que fui criado; aqui fui menino!

— Teus lábios tremem — disse o fantasma. — E que é isso em tua face?

Scrooge balbuciou, com a voz extraordinariamente emocionada, que não era senão uma covinha; e disse ao espírito que o levasse para onde quisesse.

— Lembras-te do caminho? — perguntou o fantasma.

— Se me lembro! — gritou Scrooge com

vivacidade. — Eu andaria por ele de olhos fechados...

— É bem estranho que tu o tenhas esquecido por tantos anos! — observou o espírito. — Vamos adiante.

Seguiram pela estrada. Scrooge reconhecia cada porta, cada estaca, cada árvore, até que um pequeno burgo apareceu ao longe, com a ponte, a igreja... Alguns **poneys** de longas crinas, trotavam em direcção contrária à deles, montados por crianças que gritavam por outras, encarrapitadas em cima de carroças que os aldeões conduziam.

— Ai estão as sombras das coisas que se foram — disse o espectro. — Elas não têm consciência da nossa presença.

Os alegres viajantes aproximaram-se deles; e à proporção e à medida que os ia vendo, Scrooge ia-os reconhecendo e chamando a cada um pelo seu nome. Porque estava ele tão contente de vê-los? Porquê o seu olhar, de ordinário sem expressão, se iluminava assim? Porque palpitava o seu coração, enquanto eles passavam? Porque se sentia ele feliz ao ouvir todos desejarem-se, uns aos outros, um feliz Natal, quando se separavam nas encruzilhadas e nos atalhos? Que era um feliz Natal para Scrooge? Maldito «feliz Natal»! Que bem lhe houvera feito algum dia o Natal?

— A escola não está ainda inteiramente vazia — disse o fantasma. Resta ainda lá um menino solitário, esquecido dos seus amigos.

Scrooge disse que o reconhecia, e suspirou.

— Eu desejaria... murmurou Scrooge, mettendo a mão no bolso e olhando ao redor de si após ter enxugado os olhos com a manga do roupão. — Mas agora é demasiado tarde...

— Que tens tu? — perguntou o espírito.

— Nada — disse Scrooge — nada. Ontem à noite um rapazinho veio cantar à minha porta uma canção de Natal; eu teria feito bem se lhe tivesse dado alguma coisa: eis tudo.

O fantasma sorriu com um ar pensativo, e com a mão fez sinal a Scrooge que se calasse, dizendo-lhe:

— Vejamos um outro Natal.

A essas pa'avras, Scrooge viu a sua figura já crescida, e a sala da escola tornou-se mais sombria e mais suja. Ele estava ali sempre só, enquanto as outras crianças haviam ido passar as suas alegres férias em casa das famílias. Scrooge olhou para o espectro; de-

pois, com um doloroso meneio de cabeça, lançou para a porta uma olhadela cheia de inquietação. A porta abriu-se e uma meni-nazinha, muito mais nova que o escolar, entrou, a correr, passou os braços em volta do pescoço do pequeno e beijou-o várias vezes, dizendo-lhe:

— Querido, querido irmão! Vim para levar-te até casa!

— Foi sempre uma frágil criatura a que um sopro poderia tirar a vivacidade — disse o espectro. — Mas tinha um grande coração.

Sim, um grande coração — exclamou Scrooge. — Tendes razão, espírito! Não direi o contrário — Deus me defenda!

— Ela morreu casada — disse o fantasma — e deixou filhos, segundo creio.

— Um único — respondeu Scrooges.

— É exacto — disse o espectro. — Teu sobrinho.

Scrooge pareceu sentir-se indisposto e respondeu lacònicamente:

— Sim.

Eles acabavam apenas de deixar a escola e já se encontravam nas ruas populosas de uma cidade. Era fácil ver, pelos mostruários das lojas, que ali também se festejava a volta do Natal; era já noite e as ruas estavam iluminadas. O espectro deteve-se diante de certo estabelecimento e perguntou a Scrooge se ele o reconhecia.

— Se o reconheço! — disse Scrooge. — Não foi ali que fiz a minha aprendizagem?

Ambos entraram e viram um velho senhor com uma cabeleira postiça. Scrooge exclamou, de repente, muito alvoroçado:

— Ora! É o velho Fezziwig! Deus o abençõe! É Fezziwig ressuscitado!

O velho Fezziwig depôs a sua pena e ergueu os olhos para o relógio, que marcava sete horas. Esfregou as mãos, ajustou o seu amplo colete, riu-se copiosamente, com uma satisfação de toda a sua pessoa, e com uma voz bem cheia, sonora, rica e jovial:

— Olá, Ebenezer! Dick!

A imagem de Scrooge — transformado agora num rapaz — entrou lèpidamente, acompanhada de um outro aprendiz.

— Dick Wilkin, decerto! — disse Scrooge ao fantasma. — É ele. Era muito agarrado a mim, esse pobre Dick, meu muito caro Dick!

— Vamos, meninos! — disse Fezziwig — temos trabalhado bastante esta tarde. É véspera de Natal, Dick! É Natal, Ebenezer!

Depressa, fechemos as portas! — gritou o velho Fezziwig, batendo as palmas. Rápido! Que eu não tenha tempo de contar até dez!

— Que tens tu? — perguntou o fantasma a Scrooge.

— Nada de particular... — respondeu este.

— Sim, vejo bem que tens alguma coisa, — insistiu o espectro.

— Não — disse Scrooge — não. Eu quisera dizer neste momento algumas palavras ao meu caixeiro. Eis tudo.

A sua imagem apagou as luzes no momento em que ele exprimia esse desejo. E Scrooge e o fantasma acharam-se do novo, lado a lado, ao ar livre.

— O meu tempo corre depressa — observou o Espírito. Apressemos-nos!

Por efeito das palavras do Espírito, Scrooge viu outra vez a sua própria imagem diante de si. E, tendo reparado bem nela, viu que estava mais crescido agora, era um homem na flor da idade. O seu semblante não tinha absolutamente traços duros e severos; mas distinguiam-se nele os primeiros sinais dos anos ulteriores, de inquietação e de avareza. Havia nos seus olhos uma mobilidade ardente, ávida, atormentada, indicando a paixão, que criava raízes na sua pessoa, e para que lado se ia voltar a sombra da árvore que crescia.

Scrooge não estava só, achava-se, ao contrário, ao pé de uma jovem vestida de luto, cujos olhos cheios de lágrimas brilhavam aos raios que emitiam o espectro do Natal passado.

— Isto pouco importa — dizia-lhe ela docemente — pelo menos a você. Um outro ídolo tomou o meu lugar; e se ele puder fazer a sua felicidade e dar-lhe consolação, mais tarde, como eu procuraria fazê-lo, não terei justos motivos de pesar.

— Que ídolo tomou o seu lugar? — perguntava Scrooge.

— Um ídolo doirado — respondia a jovem.

— Eis aí a equidade do mundo! — dizia ele. — Não há nada que o mundo trate com mais crueldade que a pobreza; e nada que ele condene com tanta severidade como a ânsia da riqueza!

— Você teme demasiado o mundo e os seus julgamentos — retorquia a jovem, com doçura. — Todas as suas esperanças foram destruídas pela esperança de escapar um dia ao desprezo sórdido do mundo... Vi as suas mais nobres aspirações apagarem-se, uma a

uma, até que a paixão dominante, a febre do ganho o absorveu completamente... O nosso compromisso de noivado é antigo. Nós contraímos-lo, juntos, quando éramos ambos pobres e vivíamos contentes da sorte, esperando o dia em que pudéssemos melhorar a nossa fortuna terrestre com pacientes esforços. Você mudou muito! Quando tomámos esse compromisso, você era outro homem.

— Eu era uma criança — disse ele com impaciência.

— A sua própria consciência lhe diz — replicava ela — que você não era absolutamente, então, o que é hoje. Quanto a mim, sou o que era. Pudessemos ser feliz na nova existência que escolheu!

E nesta altura a sombra da jovem desfez-se...

— Espírito! — disse Scrooge — não me mostre's mais nada! Reconduzi-me à minha morada! Por que vos divertis em me torturar?

Ele volveu-se para o fantasma e, vendo que este o olhava com uma expressão, na qual (estranha particularidade!) se achavam traços esparsos de todos os semblantes que o Espírito lhe mostrara, lançou-se contra ele.

— Deixai-me! — gritou ele — Voltemos! Não me assombréis por mais tempo!

Na luta (se se pode chamar luta a um conflito em que o espectro, sem nenhuma resistência visível, não era sacudido por nenhum esforço do seu adversário) Scrooge observou que a luz da sua cabeça brilhava, resplandecente e alta. Tomou então o funil ao espectro e enterrou-lho na cabeça.

Sentiu-se esgotado por esse esforço e foi assaltado de uma irresistível necessidade de dormir; e logo se viu no seu quarto. Fez então um último esforço sobre o funil; mas sentiu as suas forças relaxarem-se...

E teve apenas tempo de rolar e cair na cama, onde foi presa de um sono pesado.

TERCEIRO CÂNTICO

Despertando no meio de um ronco de prodigiosa sonoridade e sentando-se na cama para encadear as ideias. Scrooge não teve necessidade de que alguém lhe dissesse que o relógio ia de novo marcar **uma hora**. Mas se ele estava esperando por tudo, não estava de nenhum modo preparado para o caso em que não houvesse nada. Quando o relógio

bateu uma hora e nenhum espectro se mostrou, ele foi assaltado por um calafrio e pôs-se a tremer, da cabeça aos pés. Cinco minutos depois, um quarto de hora... nada aparecia. Durante todo esse tempo ele esteve na cama, onde se reuniram, contudo, como num centro, os raios de uma claridade avermelhada que começou a envolvê-lo ao soar da uma hora. Por fim, ele pensou consigo que o foco misterioso dessa luz podia estar na sala contígua. Essa ideia apoderou-se tanto do seu espírito, que ele logo se levantou, calçou as chinelas e se esgueirou docemente para o lado da porta. No próprio instante em que Scrooge punha a mão na chave da fechadura, uma voz estranha o chamou pelo nome e lhe disse que entrasse. Scrooge obedeceu.

Era bem o seu quarto, não havia dúvida; mas havia sofrido uma surpreendente transformação. O estuque do forro estava ricamente decorado de verdes folhagens: um verdadeiro bosque: de todos os ramos pendiam lindas bagas escarlates. As folhas luzentes e espinhosas do pinheiro e as da hera reflectiam a claridade, como se se tivesse suspenso ali uma porção de espelinhos; labaredas magníficas ardiam no fogão que, sempre triste e frio como a pedra, nunca houvera conhecido um tal fogo no tempo de Marley e de Scrooge — desde havia muitos invernos. Viam-se, amontoados sobre o soalho, patos, perus, peças de caça, gordos capões, grandes pedaços de carne, leitões, presuntos, ca-deias de salsichas, pastéis de carne picada, pudins de ameixas, barris de ostras, castanhas assadas, rubras maçãs, sumarentas laranjas, pêras suculentas, enormes bolos e canecos de ponche quente e espumante de que se espalhavam pelo quarto nimbos de um delicioso vapor. Um alegre gigante, de aspecto soberbo, com um semblante muito jovial, estava deitado sobre aquele amontoado de coisas apetitosas.

— Eu sou o Espírito do Natal de hoje — disse a bela personagem. — Olha para mim!

Scrooge obedeceu, respeitoso. Esse Natal estava vestido com uma simples túnica, de verde carregado, ornada de uma pele branca. Seus pés, que se podiam ver sob as amplas dobras da veste, estavam nus; sobre a cabeça trazia uma coroa de pinheiro, semeada, aqui e ali, de cintilantes pedacinhos de gelo. Os anéis da cabeleira castanha, soltos e longos, emolduravam o seu semblante de uma ex-

pressão franca, onde brilhava a luz magnífica do olhar. A sua mão tinha gestos afáveis, livres de todo o constrangimento e em harmonia com o seu ar alegre.

— Não viste nunca um ser semelhante a mim? — exclamou o Espírito.

— Nunca! — respondeu Scrooge.

— Nunca te deixaste acompanhar pelos mais jovens membros de minha família, quero dizer (porque sou muito jovem) meus irmãos mais velhos, destes últimos anos?

— Penso que não — disse Scrooge — receio que não. Tivestes muitos irmãos, espírito?

— Mais de mil e oitocentos — respondeu o Espírito.

— Bem numerosa família — murmurou Scrooge — e de sustento custoso!

O fantasma daquele dia de Natal levantou-se.

— Espírito — disse Scrooge com um tom de submissão — levai-me aonde vos aprouver. Na noite passada, saí sem querer, e tomei uma lição que opera em mim agora o seu efeito. Esta noite, se tendes alguma coisa a ensinar-me, deixai-me tirar proveito do vosso ensino.

— Toca na minha túnica.

Scrooge fez o que lhe mandava o espectro: pinheiro, bagas vermelhas, hera, perus, patos, peças de caças, capões, presuntos, carnes, leitões, salsichas, ostras, pastéis, pudins, frutos e ponche, tudo se dissipou instantaneamente. O quarto, o fogo, a claridade avermelhada, a própria noite desapareceram. Scrooge e o espírito acharam-se nas ruas da cidade, pela manhã do dia de Natal, onde as pessoas, sob a acção de um frio agudo, faziam por toda a parte uma espécie de música, um pouco rude, mas não desagradável, raspando a neve que cobria os passeios, em frente das suas casas, ou tirando-a das goteiras de onde ela caía, na rua, com grande prazer das crianças, encantadas de ver a neve rolar, assim em pequenas avalanchas artificiais.

As fachadas das casas pareciam muito negras e as janelas ainda mais, contrastando com a camada de neve, unida e branca, que se estendia sobre os tectos e com a que recobria a terra, ainda que essa fosse menos pura, pois a superfície havia sido sulcada pelas rodas das pesadas carroças e das carruagens; eram carreiros e trilhos que se cruzavam e entrecruzavam, milhares de vezes, nas



NINO COSTA

encruzilhadas das grandes ruas e formavam um labirinto inextricável, através de lama amarelada e endurecida, e de água congelada.

O céu estava escuro; as ruas estreitas desappareciam sepultadas numa densa bruma, que produzia o regelo e cujas partículas mais pesadas caíam como uma chuva de fuligem. Londres, sob essa temperatura, não tinha nada de agradável. Não obstante, notava-se por toda a parte um ar de festa que de balde se poderia esperar no mais belo dia e com o mais belo sol de Verão.

Logo se ouviram os apelos dos carrilhões dos campanários, convidando toda a gente a ir às igrejas e às capelas. Todos saíram em grupos para lá, espalhando-se pelas ruas, com os seus mais lindos trajos e de alegre semblante.

O Espírito dirigiu-se direitinho para a casa do caixeiro de Scrooge, Bob Cratchit, levando consigo Scrooge, sempre agarrado à túnica. No limiar, o Espírito sorriu e deteve-se para fazer o sinal da cruz com a tocha que trazia, à maneira de bênção, sobre a casa de Bob Cratchit. Ora, vejam! Bob não ganhava senão quinze xelins por semana; e, contudo o Espírito não deixou de abençoar a sua pequena morada, composta de quatro pequenos aposentos!

A esposa de Cratchit estava pobrememente vestida; mas em compensação o seu vestido estava enfeitado de fitas que lhe davam vistoso aspecto. Levantou-se, foi pôr a mesa, auxiliada por Belinda Cratchit, a segunda filha do casal, também vestida e enfeitada. Enquanto isso, Peter Cratchit, o filho mais velho e cozinheiro do dia, metia um garfo na caçarola das batatas. Peter tinha levantado até o queixo o enorme colarinho da camisa que, em honra daquele dia, o pai emprestara ao herdeiro, que se sentia feliz de se ver bem ataviado e poder ir passear nos parques. Enfim, dois outros pequenos Cratchit, menino e menina, precipitaram-se no aposento, gritando que haviam farejado o pato assado, passando pela porta da padaria, e que bem o haviam reconhecido pelo cheiro. De antemão, ambos prelibavam o sabor das boas comidas; e saltavam de contentamento em torno da mesa.

— Porque estará tardando o teu pai? — perguntou a mulher de Cratchit ao filho. E teu irmão Tim? E Marta? Marta está a demorar-se mais do que no ano passado!

— Olhe Marta, mãe! — gritou uma menina que surgiu ao mesmo tempo.

— Olhe Marta, mãe — repetiram os dois pequenos. — Hurrah! Se soubesse do pato que teremos, Marta!

— Ah! minha filha, que Deus te abençoe! — disse Mistress Cratchit. — Como tu estavas a tardar — ajuntou, beijando-a repetidamente e desembaraçando-a do xale e do chapéu, com uma ternura infinita.

— É que tivemos muito trabalho ontem à noite! — respondeu a jovem. — E era preciso entregá-lo esta manhã, mamã.

— Bem, Não falemos mais nisso, já que vieste — disse a mãe. — Vamos! Senta-te ao pé do fogo e aquece-te. E que Deus te abençoe!

— Não, não! Olha, o papá vem aí! — gritaram os dois pequenos que achavam meios de estar por toda a parte. — Esconde-te, Marta! Esconde-te!

Marta escondeu-se. Bob entrava com o seu xale, cujas pontas passavam da aba do casaco cerca de 80 centímetros, sem contar as franjas. As suas roupas estavam remendadas e escovadas cuidadosamente, à altura das circunstâncias. Bob trazia Tim no ombro. Pobre Tim! Tinha uma muletinha e um aparelho de ferro para sustentar as pernas.

— Onde está Marta? — perguntou Bob Cratchit, olhando à volta de si.

— Ela não vem — respondeu Mistress Cratchit.

— Não vem? — disse Bob, perdendo de repente toda a sua alegria. Não vir... no dia de Nata!

O pai viera quase a correr, para ver a filha. Marta não gostou de vê-lo desapontado, mesmo que fosse por graça. Por isso surgiu no mesmo instante de detrás da porta do gabinete e precipitou-se nos braços paternos — enquanto os dois pequenos se apoderavam de Tim e o carregavam para que visse o pudim a ferver na caçarola.

— Como se portou Tim? — perguntou madame Cratchit, depois de haver ralhado com o marido, pela sua credulidade e depois que Bob acabou de beijar a sua filha à vontade.

— Com muito juízo ou melhor ainda — disse o pai. — Obrigado a ficar por muito tempo sentado, a tomar uma atitude de reflexão, vocês não imaginam todas as ideias que lhe passam pela cabeça. Dizia-me, enquanto voltávamos da igreja, que todos o tinham visto, porque é aleijado, e os cristãos

devem lembrar-se, sobretudo no dia de Natal, DAQUELE que fez os coxos andar e os cegos ver.

A voz de Bob tremia ao dizer isto; e tremeu ainda mais, quando disse que Tim estava a tornar-se mais forte e mais vigoroso. Ouviu-se o vivo ressoar de uma pequena muleta sobre o pavimento; e, no mesmo instante, Tim apareceu, escoltado pelo irmãozinho e pela irmãzinha, caminhando até o tamborete ao pé do fogão. Então, Bob, arregaçando as mangas — como se fosse possível, pobre homem!, elas estragarem-se mais ainda — pegou numa garrafa de genebra e em limões e compôs um «grog» que aqueceu no fogão. Enquanto isto, **mestre** Peter, o cozinheiro, e os dois pequenos foram buscar o pato que trouxeram logo em solene procissão. Vendo-se o tumulto causado por esse aparecimento, ter-se-ia dito que um pato é a mais rara de todas as aves, um fenómeno emplumado, junto ao qual um cisne negro teria sido tudo que há de mais comum; e, na verdade, um pato era algo de extraordinário naquela pobre casa. A senhora Cratchit ferveu o molho, preparado de antemão numa caçarolinha; **mestre** Peter esmagou as batatas com um inacreditável vigor; **miss** Belinda açucarou o caldo de maçãs; Marta enxugou os pratos quentes; Bob sentou Tim junto de si; os dois pequenos Cratchit colocaram as cadeiras à volta da mesa, para toda a gente, sem esquecer eles próprios. Enfim, os pratos postos sobre a mesa, foi dada a bênção, a que se seguiu um silêncio anelante, enquanto a senhora de Cratchit preparava uma longa faca de trinchar para mergulhar no peito do pato. E apenas ela o havia feito, apenas o recheio saltou fora da brecha aberta no peito da ave, um murmúrio de gozo explodiu e correu em roda da mesa... O próprio Tim, estimulado pelos dois outros pequenos, bateu na mesa com o cabo da faca e exclamou, com voz fraca: «Hurrah!».

Nunca se vira um pato igual. Bob disse que não acreditava que se tivesse assado naquele dia um, semelhante. A carne tenra, o sabor, o tamanho, a barateza foram motivos de admiração geral. Com o caldo de maçãs e o puré de batatas chegou para toda a família. Então, os pratos foram mudados por **miss** Belinda, enquanto a mãe da família ia buscar o pudim. Voltou à sala, sorrindo orgulhosamente, pois a apetecida igua-

ria saíra magnífica. O pudim parecia uma bala de canhão, duro, firme, nadando num meio quarto de litro de conhaque em chamas, e picado no meio por um ramo de pinheiro de Natal. Bob achou-o maravilhoso, tanto mais quanto o considerava a obra-prima de sua mulher, desde que se haviam casado. A senhora Cratchit confessou que se sentia, agora, tranquila, pois rezeira que a farinha não fosse de boa qualidade. O restante da família mostrava também o seu entusiasmo pelo pudim; e ninguém pensava que ele era pequeno para tanta gente; seria vergonhoso dizer, ou mesmo pensar, isso. Contudo, o pai pareceu reparar no facto... Enfim, acabado o jantar, tirou-se a toalha. O «grog», preparado por Bob, provado e achado perfeito, puseram-se as maçãs e as laranjas na mesa e um bom punhado de castanhas nas cinzas quentes do fogão. Então todos se sentaram em roda do fogo, e perto do pai foram postos todos os copos da família, inclusive um caneco de louça de asa quebrada. Que importava! Não deixava de servir para beber o licor espumante, e valia tanto como um vaso de ouro. Bob serviu a bebida a todos, radiante de felicidade, enquanto as castanhas estalavam ao calor do fogão... Bob exclamou:

— Um feliz Natal para nós todos! Que Deus nos abençoe!

A família inteira repetiu a saudação paterna:

— Que Deus abençoe a cada um de nós! — disse Tim, por fim.

— Espírito! — disse Scrooge, com um interesse que nunca houvera manifestado até então — dizei-me se Tim viverá.

— Vejo um assento vago ao pé da pobre lareira, — respondeu o espectro — e uma pequena muleta sem dono, que a família guarda preciosamente. Se nada mudar, no futuro, a criança morrerá.

— Não, não! — exclamou Scrooge. — Oh! não, bom espírito! Dizei-me que ele será poupado!

— Se nada for mudado no futuro — replicou o fantasma — nenhum outro de minha raça o achará aqui. E então! Se ele morrer, diminuirá o excedente de população!

Scrooge baixou a cabeça, ouvindo o espírito repetir as suas próprias palavras e sentiu-se acabrunhado de arrependimento e de mágoa.

— Homem — disse o espectro — se ho-

mem és pelo coração e não uma estátua de pedra, evita empregar essa linguagem maldita, até que saibas o que é esse excedente e onde ele está. Queres então poder decidir quais os que devem morrer e quais os que devem viver? Talvez sejas tu, aos olhos de Deus, menos digno da vida, que milhões de entes semelhantes ao filho desse pobre casal. Oh, Deus Omnipotente!, ouvir o insecto, que roi a folha, declarar que há viventes em demasia entre seus irmãos famintos sobre o pó da terra!

Scrooge humilhou-se diante da reprimenda do espectro e, trémulo, baixou os olhos. Mas ergueu-os logo, ouvindo o seu próprio nome.

— Ao senhor Scrooge! — dizia Bob. — proponho beber-se à saúde do senhor Scrooge, o patrono da nossa festa.

— Ah! na verdade, o patrono da festa! — exclamou a senhora Cratchit, com a face a roburizar-se. — Eu queria que ele estivesse aqui, para lhe servir um prato feito a meu jeito, a fim de que ele celebrasse a festa; e bastaria que ele tivesse bom apetite para comê-lo.

— Minha querida! — exclamou Bob. — Repare nas crianças! No dia de Natal!

— Precisava que chegasse o dia de Natal — continuou ela — para que se fizesse uma saúde a um homem tão odioso e tão insensível como o sr. Scrooge. Você bem sabe, Roberto, quem ele é! Ninguém o sabe melhor que você, meu pobre marido!

— Minha querida, — respondeu Bob docemente — mas no dia de Natal!

— Beberei à saúde dele, — disse a senhora Cratchit — por causa de você e do dia de Natal, mas não por ele. A ele, pois, longa vida, feliz Natal! É feliz Ano Novo! Isso irá alegrá-lo, decerto!

Os filhos beberam à saúde de Scrooge; mas para que negá-lo? Não o fizeram de bom coração. Scrooge era o papão da família. A menção do seu nome projectou sobre a festa daquela pobre gente uma sombra triste que se não dissipou senão passados cinco longos minutos. Decorridos aqueles minutos, a alegria voltou, como dantes.

O Espírito, acompanhado de Scrooge, deixou a pobre, mas alegre morada de Bob Cratchit; e, tendo recomendado a Scrooge que se agarrasse bem à sua túnica, elevou-se no ar, transportando-o, de um voo, por cima de bosques, campos, planícies e pântanos... Não sobre o mar, sem dúvida? Sim, na

verdade, também por sobre o mar. Voltando a cabeça, Scrooge, aterrorizado, percebeu a última ponta de terra, um penhasco de sinistras rochas. O forte rumor das vagas, desencadeadas em turbilhões de espuma, ensurdeciam-no. Scrooge ouvia-as quebrarem-se com um estrondo de trovão contra os rochedos e as cavernas que neles se abriam.

Erguido sobre um recife desolado, ao váivém das vagas, distante da costa várias milhas, Scrooge e o Espírito viram um farol solitário, batido com ferocidade pelas ondas; o sargaço amontoava-se na sua base, e as aves marinhas, que parecem nascidas dos ventos como as algas nascem do mar, voavam em torno da sua torre, ora elevando-se, ora afluando com as asas as cristas espumantes das vagas.

Mesmo ali, dois homens, os guardas do farol, haviam acendido um fogo vivo e brilhante, cujos raios luminosos, passando pelas seteiras estreitas dos paredões espessos, iam perder-se sobre o mar furioso; e, apertando as mãos calosas, sobre a mesa, diante da qual estavam sentados, desejavam, um ao outro, um fe'iz Natal!

O espectro continuava a pairar com Scrooge sobre o mar tenebroso; afastando-se para longe das costas, no rumo do Oceano infinito. Enfim, desceu com o seu companheiro sobre o convés de um navio, pondo-se ora a ré, perto do homem que governava a roda do leme, ora avante, perto do da vigia, ora ao lado dos oficiais de quarto. Todos aqueles homens murmuravam velhos cantos de Natal, ou se lembravam, dos dias de Natal passados, ou falavam de suas esperanças de voltar logo, felizes, cada qual para o seio de sua família. Todos aqueles homens tinham trocado, entre si, na manhã daquele dia, palavras mais cordiais que nos outros dias do ano; todos haviam sentido a aegria santa da festa, todos haviam pensado nos seus caros ausentes, nos seus amigos, e todos tinham, sem dúvida, nutrido a esperança de que amigos e parentes também deles se haviam lembrado, com igual prazer e affecto...

De repente, Scrooge experimentou uma grande surpresa (porque estava absorvido pelas suas reflexões) ao ouvir um riso muito alegre. A sua surpresa cresceu mais, quando percebeu que essa explosão de riso vinha do sobrinho e viu este num quarto bem iluminado, bem aquecido e asseado; e ao pé do sobrinho estava o Espírito, também sorri-

dente, olhando para o rapaz com complacência e com doçura.

— Ah, ah! — exclamava o sobrinho de Scrooge — Ah! ah! ah!...

Uma feliz, justa e nobre compensação dos aborrecimentos que temos na Terra consiste no riso e no bom humor. O sobrinho de Scrooge ria-se a não poder mais, fazendo as mais extravagantes caretas; sua esposa — sobrinha, por afinidade, de Scrooge — ria-se também de bom coração, e os amigos presentes riam igualmente: — Ah! ah! ah! — Ah! ah! ah!...

— Sim, palavra — exclamou o sobrinho de Scrooge — ele disse-me que o Natal era uma tolice. E ele pensava isso mesmo.

— Isso é uma vergonha para ele, Fred — disse a sobrinha de Scrooge, indignada.

— Meu tio é um velho engraçado — disse o sobrinho de Scrooge. — Essa é que é a verdade. Ele podia ser mais tolerante; mas sofre o castigo dos seus erros. Não tenho nada a dizer contra ele.

— Estou certa de que ele é rico — prosseguiu a mulher de Fred — pelo menos tu sempre mo disseste.

A mulher de Fred era bonita, muito bonita mesmo, dotada de uma fisionomia agradável, de um semblante ingênuo e cândido.

— Que importa a riqueza, minha querida? — disse Fred. — Ela não lhe serve de nada. não faz bem a ninguém, nem mesmo a si próprio. Meu tio não tem nem a satisfação de pensar — ah! ah! ah! — que seremos nós que teremos o proveito da sua fortuna.

— Eu não posso suportá-lo — disse a sobrinha de Scrooge.

Suas irmãs e demais senhoras presentes foram da mesma opinião

— Quanto a mim, suporto-o; — volveu Fred. — Tenho pena que ele pense tão erradamente; nunca eu poderia querer-lhe mal, mesmo que o desejasse. Quem sofre por causa do seu mau humor? Ele próprio, sempre ele. Meteu-se-lhe na cabeça que não deve estimar-nos e não quis vir jantar connosco. Enfim, não perdeu senão um modesto jantar...

— Ora essa! Penso que ele perdeu um jantar muito bom, — interrompeu a mulher de Fred. — Todos os convivas dizem a mesma coisa e são competentes.

Enfim, quando os convivas de Fred e a mulher dele saíram, o carrilhão do campanário próximo bateu onze horas e três quartos.

— Perdoa-me, se a minha pergunta é indiscreta, — disse Scroog ao Espírito, reparando na veste do mesmo — vejo alguma coisa de singular e que não vos pertence a sair da vossa túnica. É um pé ou uma garra?

— Poderia ser uma garra, a julgar pela pele que está acima, — respondeu tristemente o Espírito. — Olha!

Realmente das dobras da túnica do fantasma saíam duas crianças, dois seres miseráveis, abjectos, espantosos, hediondos. Ambas se ajoelharam e agarraram-se à veste do Espírito.

— Oh, homem! — exclama o fantasma — olha essas coisas, baixa os teus olhos!

Eram um menino e uma menina, pálidos, magros, andrajosos, de semblante repe'ente, ferozes como lobinhos, mas rastejantes e degradados. Os traços da fisionomia deviam colorir-la e matizes de frescura, mas estavam enrugados, emagrecidos, lívidos; naqueles semblantes, em que os anjos deviam reinar, ocultavam-se demónios, dardejando olhares ameaçadores.

— São filhos dos homens, — disse o fantasma — agarram-se a mim, acusando os pais. Um é a Ignorância, o outro é a Miséria. Livra-te de uma e de outra e de sua raça, mas da primeira, sobretudo, porque na sua fronte leio: «Condenação!»

Estendendo a sua mão na direcção da cidade, o fantasma acrescentou:

— Ousa dizer que não és culpada; calunia mesmo, oh, cidade! aqueles que te acusam; isto pode servir aos teus maus designios, mas tu agravas assim os teus ma'es! Toma cuidado!

— Não têm eles amparo? — perguntou Scrooge.

— Não há por aí prisões? — perguntou o Espírito, repetindo, pela última vez, as próprias palavras de Scrooge. — Não há casas de trabalho em troca apenas de alimento e dormida?

O relógio de um campanário bateu ao longe meia-noite!

Scrooge procurou com os olhos o Espírito e já não o viu.

Quando a última badalada do relógio cessou de vibrar, Scrooge lembrou-se da predição de Marley e avistou um fantasma de aspecto solene, envolto num manto preto e embiocado que, deslizando no solo, como uma evaporação ou uma névoa, avançava para ele...

QUARTO CÂNTICO

O fantasma aproximava-se lentamente, gravemente, silenciosamente.

Quando Scrooge o viu bem perto, caiu de joelhos, porque esse Espírito parecia espalhar no ar que atravessava um terror sombrio e misterioso. A longa veste negra que o envolvia ocultava-lhe a cabeça, o rosto, todo o seu corpo, não deixando ver nada, além de uma suja mão estendida. Seria difícil, sem isso, distinguir a figura, das sombras da noite. Quando Scrooge o teve a seu lado, compreendeu que o espectro era de uma elevada e majestosa estatura; e a sua misteriosa presença encheu-o de medo. Mas Scrooge nada compreendia, porque o Espírito não falava nem se mexia.

— Tenho diante de mim o fantasma do Natal futuro? — perguntou Scrooge.

O Espírito não respondeu nada, mas estendeu a mão para diante.

— Ides mostrar-me as sombras das coisas que não sucederam ainda e que sucederão no futuro — continuou Scrooge. — Não é, espírito?

A parte superior da veste negra enrugou-se, por um segundo, como se a cabeça do fantasma se tivesse inclinado. Foi o único sinal de resposta que Scrooge obteve.

— Espírito do futuro! — exclamou ele — eu vos temo mais que nenhum dos outros espectros que vi! Mas, como sei que o meu bem-estar é o vosso objectivo, e como espero tornar-me um homem diferente do que era, estou pronto para acompanhar-vos, de todo o coração. Não quereis de modo nenhum falar?

O fantasma continuava calado. Só a mão se mantinha estendida para diante da sombra fantástica.

— Guiai-me, — disse Scrooge — guiai-me! A noite avança rapidamente; o tempo para mim é preciso, bem o sei. Guiai-me, pois, espírito!

O fantasma, porém, afastou-se do mesmo modo pelo qual houvera vindo; e Scrooge acompanhou a sombra da sua veste, sombra que o atraía e o elevava, carregando-o com ela. Não se poderia dizer que efectivamente ambos entraram na cidade, porque esta pareceu antes surgir em torno deles e cercá-los com o seu próprio movimento. Eles achavam-se no próprio centro da cidade, na Bolsa, entre os negociantes que iam e vinham, apressados, fazendo soar o dinheiro nos bol-

sos, tratando de negócios, em grupos, consultando os relógios — tais quais Scrooge os tinha visto muitas vezes. O Espírito deteve-se perto de um grupo desses capitalistas. Scrooge aproximou-se, a um gesto da mão do fantasma, para ouvir o que conversavam.

— Não — dizia um homem gordo e alto, com um queixo monstruoso — não sei dizer mais a respeito dele, sei somente que morreu.

— Quando morreu? — perguntou um outro.

— Na noite última, creio.

— De que morreu ele? — perguntou um terceiro personagem, tomando uma grande pitada de tabaco de dentro de considerável tabaqueira. — Eu suponha que e'le nunca morreria...

— Sabe Deus de quê! — replicou o primeiro que falara, bocejando.

— Que fez ele do dinheiro? — perguntou um senhor, de face rubicunda, tendo no nariz uma excrescência carnosa que se balançava sem cessar, como as carúnculas de um peru.

— Ninguém me disse — tornou o homem do queixo monstruoso, bocejando de novo. — Talvez ele o tivesse deixado à sociedade de que fazia parte. A mim, decerto é que ele não o deixou! Até aí sei eu.

Essa pilhéria foi recebida com uma risada geral.

— É provável que o seu enterro seja um enterro de pobre, porque não sei de ninguém que queira acompanhá-lo. E se tomássemos o partido de ir acompanhar-lhe o enterro como carpideiras?

— Não faço questão de ir; irei de boa vontade, desde que haja um lanche — observou o da excrescência nasal. Quero ser alimentado em troca do trabalho.

— Pois bem, — disse o que primeiro falara — sou o mais desinteressado de vocês, porque não irei pelo lanche, e, contudo, ofereço-me para ir, se alguém quer ir comigo. É que, vejam vocês, reflectindo bem, não estou certo de não ter sido o seu mais íntimo amigo, porque tínhamos o hábito de parar, quando nos encontrávamos, para trocar algumas frases.

A estas palavras o grupo dispersou-se e os seus componentes foram misturar-se a outros. Scrooge reconheceu esses personagens. Olhou para o Espírito, como se quisesse pedir-lhe explicações do que ouvira.

Então o fantasma conduziu Scrooge a uma habitação muito pobre, onde ele viu uma mulher sentada, interrogando o marido que acaba de entrar. E o marido respondia:

— Ele morreu; é o fim dos nossos sofrimentos, desde que não podíamos, apesar dos nossos esforços, pagar-lhe amanhã a nossa dívida, e ele recusava-se a conceder-nos a menor prorrogação do prazo.

A mulher era uma doce e paciente criatura. Não se lhe via o rosto... Entretanto, não pôde deixar de dar graças a Deus por essa notícia inesperada. Aliás, no mesmo instante, ela pediu a Deus que lhe perdoasse aquele movimento instintivo do seu coração.

— Eu tinha procurado vê-lo ontem, para obter uma semana de prorrogação — disse o homem num tom grave. — Mas não pude ser recebido, porque ele já estava moribundo.

— A quem será transferida a nossa dívida? — perguntou a mulher.

— Não sei. Mas daqui até lá, teremos a soma necessária. Se, por infelicidade, for precisa ainda uma pequena prorrogação do prazo, não encontraremos, certamente, no seu sucessor um homem tão impiedoso como ele! Enfim, eis uma noite tranquila para nós!

Scrooge tinha ainda erguido para o Espírito um olhar interrogativo.

O fantasma continuou calado, mas conduziu-o através de várias ruas que lhe eram familiares. Penetraram na casa do pobre Bob Cratchit, a mesma em que Scrooge tinha precedentemente estado; e ali acharam a mãe e os filhos sentados à volta da lareira.

A mãe depôs o seu trabalho de lã sobre a mesa e ocultou o rosto nas mãos.

— A cor desta fazenda fatiga-me os olhos — disse ela.

— A cor? Ah, pobre Tim! — exclamou Marta, considerando aquele trabalho que a mãe estava a fazer e que era uma roupinha para o irmãozinho aleijado.

— Agora sinto-me um pouco melhor — disse a senhora Cratchit. — É, sem dúvida, trabalhar à noite o que me faz mal; mas eu não quero, por nada do mundo, dar a perceber a teu pai, quando ele entrar, que me sinto mal dos olhos. Ele não deve tardar.

— Já passou da hora — disse Peter fechando o livro que lia. — O papá, agora, não sei porquê, caminha mais devagar...

Todos ficaram silenciosos. Por fim, a mãe

tornou a falar, com uma voz firme e que só desfaleceu para dizer:

— Conheci-o quando ele corria com Tim nos ombros.

— Eu também me lembro — disse Peter. — E de muitas vezes!

— E eu também — exclamou um outro dos filhos do casal.

Nisto o pai bateu à porta. A mulher foi recebê-lo. O pobre Bob entrou, envolvido no seu xale, que não podia dispensar, o desgraçado. Cada qual procurou servir-lhe o chá, que estava perto do fogo. Então, os dois filhos pequeninos treparam-lhe para os joelhos, e cada qual aproximou a facezinha do rosto do pai, como para dizer-lhe: «Não pense mais nisso, papá, não fique triste!»

Bob teve para todos uma frase bondosa. Olhou o bordado sobre a mesa e louvou a habilidade e rapidez com que trabalhavam a mulher e as filhas.

— Estará acabado muito antes de domingo! — disse ele.

— Foste até lá hoje, Roberto? — perguntou a mulher.

— Sim, minha querida. Eu desejei que tu tivesses podido vir; terias ficado contente, vendo como o campo está verde. Mas tu o verás muitas vezes. Eu tinha-lhe prometido que iria passear lá aos domingos... Meu filhinho, meu filhinho! — soluçou Bob. — Meu pobre filhinho!

E não pôde deixar de cair em pranto. Se ele tivesse podido, seu filho e ele não mais estariam afastados um do outro!

Deixou o aposento em que se encontrava e subiu para o andar superior, todo iluminado e enfeitado de grinaldas, como na noite de Natal. Uma cadeira estava posta contra o leito onde repousava o corpinho; via-se que alguém viera, havia pouco, ocupá-la. Bob sentou-se ali por seu turno; e, quando se acalmou um pouco, depôs um beijo sobre o pequenino rosto. Então mostrou-se mais resignado com a sua desgraça.

O fantasma afastou-se, de repente, da triste morada. Scrooge acompanhou-lhe os passos até uma grade de ferro. Antes de entrar, deteve-se para ver em que lugar estava. Era um cemitério. Ali provavelmente jazia, sob a terra, o desgraçado de quem ele ouvira falar na Bolsa e de quem ia agora saber o nome.

O fantasma, de pé, entre os túmulos, de-

signou-lhe um. Scrooge aproximou-se dele, tremendo.

— Antes de eu chegar junto dessa pedra, que me indicais — disse Scrooge ao Espírito — respondi-me a uma pergunta. Tudo isso é a imagem do que deve ser, ou somente do que poderá ser? As resoluções dos homens levam a essas consequências que podem ser inevitáveis, se eles perseveram no seu caminho. Mas, se se afastam, os fins mudam. Dizei-me se se dá o mesmo com essas coisas que me mostrais?

O fantasma ficou imóvel como dantes. Scrooge arrastou-se para o túmulo e, seguindo a direção, que lhe indicava a mão do fantasma, leu, sobre a pedra da tumba abandonada, o seu próprio nome: EBENEZER SCROOGE.

A mão do fantasma fazia gestos entre o túmulo e Scrooge e entre este e o túmulo.

— Não, espírito! — exclamou Scrooge, em pânico. — Oh, não, não!

● dedo fatal do espírito ameaçava-o sempre.

— Espírito! — exclamou Scrooge, agarrando-se à túnica do fantasma. Ouvi-me! Já não sou o homem que era! Não serei mais o homem que teria sido, se não vos tivesse encontrado! Porque me mostrais isso? Já não há, então, esperanças para mim? Assegurai-me que eu posso ainda mudar essas imagens que mostrastes, se me resolver a mudar de vida!

A mão teve um vago gesto de benevolência.

— Honrarei o dia de Natal de todo o meu coração; e durante todo o tempo meus pensamentos se cingirão às suas tradições. Viverei o que não vivi no passado, no presente e no futuro. Os três espíritos ficarão comigo, pois não quero esquecer mais as lições que me deram.

Elevando as mãos para uma suprema imprecação, a fim de implorar ao fantasma que lhe mudasse o destino, Scrooge percebeu uma alteração na túnica e no capuz do Espírito.

O espectro diminuiu de estatura, desfez-se por si mesmo e transformou-se na coluna de um leito...

QUINTO CÂNTICO

Era a coluna do próprio leito de Scrooge, dentro do seu próprio quarto! Maior alegria

ainda! Ele tinha novamente diante de si o tempo, para transformar a sua vida!

— Quero viver o que não vivi no passado, no presente e no futuro! — repetiu Scrooge, saltando da cama. Os três espíritos habitam em mim, ah, Jacob Marley! Que o céu e a festa de Natal sejam abençoados para sempre! Digo-o de joelhos, meu velho Jacob, sim, de joelhos!

«...Não sei que dia do mês é hoje!

«Não sei quanto tempo estive entre os espíritos.

«Não sei de nada, não sei de nada absolutamente. Sou como uma verdadeira criança.

● ora, viva!

Foi interrompido pelos sinos das igrejas que tocavam em tons tão alegres, como ele nunca ouvira: «Ding, ding, dong! Ding, ding, dong!»

Scrooge correu para a janela e abriu-a. Pouca bruma, nada de nevoeiro. Fazia frio, mas estava claro. Estava soberbo o tempo! Um sol de ouro! Um céu esplêndido! Ar frio, mas agradável. E os sinos tocavam sempre alegremente!

— Em que dia estamos nós? — gritou Scrooge da sua janela para um rapazinho que passava vestido de roupas domingueiras.

— Faz favor de repetir? — disse o rapazinho, estupefacto.

— Em que dia estamos nós hoje, meu bom menino? — repetiu Scrooge.

— Hoje? Hoje é dia de Natal! — replicou o rapazinho.

«Dia de Natal!» — disse consigo Scrooge. «Então não deixo de ver o dia de Natal! Numa noite os espíritos fizeram então tudo! Fazem tudo que querem, os espíritos, certamente!» Olá, meu bom menino?

— Que quer? — perguntou o rapazinho.

— Conheces a casa do mercador de aves, na segunda rua, exactamente na esquina?

— Decerto. Ora se não a conheço.

— Ah, menino inteligente! — disse Scrooge. — Sabes se venderam o belo peru que estava na vitrina? Não o pequeno, o grande?

— Ah, o que é quase do meu tamanho?

— Que menino interessante e engraçado! — disse Scrooge. — Que satisfação conversar com ele! Sim, meu querido menino.

O peru está ainda na vitrina — respondeu o rapazinho.

— Pois bem — disse Scrooge. — Vai comprá-lo.

— Que graça! — exclamou o pequeno.



— Não. — disse Scrooge. Estou a falar sèriamente. Vai comprá-lo e diz lá que mo tragam, a fim de que eu dê a direcção da casa para onde devem levá-lo. Volta com o empregado a fim de que eu te dê um xelim. E se tu voltares com ele antes de cinco minutos, dar-te-ei meia coroa.

O rapazinho partiu como uma flexa.

— Mandá-lo-ei de presente a Bob Cratchit — murmurou Scrooge, esfregando as mãos e pondo-se a rir com explosão. Ele não saberá donde lho mandam.

Scrooge escreveu a direcção e desceu para abrir a porta da rua e receber o empregado da casa de galinhas e perus. Vendo-o che-

gar com o peru, que era realmente grande, Scrooge disse-lhe:

— Mas que grande peru! É impossível que você o possa levar, rapaz, à direcção que desejo. Deve tomar um fiacre!

O riso com que Scrooge disse isso, o riso com que pagou o peru, o riso com que pagou o carro, o riso com que recompensou o rapazinho, não foram excedidos senão por aquele com o qual ele se sentou esfalfado; depois do que continuou a rir até às lágrimas. Vestiu-se e saiu pelas ruas.

A multidão nesse momento também corria para as ruas. Com as mãos cruzadas nas costas, Scrooge passeava, olhava para toda a gente com um sorriso de satisfação. Tinha um ar tão amável que três ou quatro rapazes divertidos não puderam deixar de dizer-lhe:

— Bom-dia! Feliz Natal!

Não havia andado muito, quando viu e reconheceu o homem que, na véspera, viera procurá-lo ao escritório, e lhe houvera dito: «Scrooge & Marley, não é?» Sentiu uma impressão de mágoa, ao pensar no olhar que lhe dirigiria aquele homem. Mas Scrooge adiantou-se:

— Meu caro senhor — disse ele apertando as duas mãos do outro — como está? Espero que o seu dia de ontem tenha sido bom. O seu movimento prova o seu bom coração. Um feliz Natal, senhor!

— É o senhor Scrooge?

— O próprio. Receio que o meu nome não lhe seja muito agradável. Permita que me desculpe. Quer ter a 'bondade de... (Nesta altura Scrooge cochichou alguma coisa ao ouvido do homem).

— Santo Deus! — exclamou o desconhecido, surpreendido. — Está a falar a sério, meu caro senhor Scrooge?

— Mas decerto, — respondeu Scrooge — nem um real de menos. Desse modo, ajusto as minhas contas em atraso com o senhor. Far-me-á esse favor?

— Meu caro senhor, — replicou o outro, sacudindo a mão, num forte aperto, a Scrooge — não sei como responder a uma tal munifi...

— Obrigado! — disse Scrooge. — Sou eu que lhe sou infinitamente obrigado, agradeço-lhe mil vezes. Adeus! Que o Senhor o abençoe!

Scrooge foi à igreja, percorreu as ruas, observou as pessoas, fez carícias às crianças,

interrogou os mendigos e deu-lhes moedas de prata. À tarde dirigiu-se à casa do sobrinho. Passou pela porta uma dúzia de vezes, antes de animar-se a subir os degraus da entrada e bater à porta. Por fim, decidiu-se.

— O seu amo está em casa, minha menina? — perguntou Scrooge a uma criadilha que veio abrir.

— Sim, meu senhor.

— Onde está ele, pequena?

— Na sala de jantar, em companhia da senhora. Queira ter a bondade de entrar e esperar no salão.

— Obrigado; ele conhece-me — respondeu Scrooge, com a mão já no fecho da porta da sala de jantar. — Vou entrar, minha filha.

Scrooge fez girar o fecho e passou a cabeça pela porta entreaberta. O casal de jovens examinava então a mesa, já posta, porque os recém-casados são sempre excessivamente meticulosos, quanto à ordem do serviço de mesa; gostam de certificar-se de que tudo está bem arranjado.

— Fred! — disse Scrooge.

Ah, leitores, como a sobrinha afim de Scrooge se assustou!

— Ora, graças a Deus! — exclamou Fred.

— Olha quem está ali, querida!

— Sou eu, teu tio Scrooge; venho jantar com vocês. Posso entrar, Fred?

Ora, se ele podia entrar! O sobrinho quase lhe arranca um braço para puxá-lo para dentro da sala. Ao cabo de cinco minutos, Scrooge sentiu-se como se estivesse em sua própria casa. Não poderia ser mais cordial a recepção que lhe oferecia o sobrinho. A esposa rivalizou com o marido.

No dia seguinte, bem cedinho, Scrooge foi para o escritório. Se ele pudesse chegar primeiro que Bob Cratchit! Era esse no momento o seu ardente desejo.

E isso aconteceu, sim, assim mesmo, aconteceu! O relógio bateu nove horas; nada de Bob. Nove horas e um quarto, ainda nada de Bob. Bob atrasou-se dezoito minutos e meio. Scrooge estava sentado, a porta estava inteiramente aberta, a fim de que ele pudesse ver Bob entrar no seu buraco.

Antes de tudo, ao entrar, Bob tirou o cha-

péu e o xale. Num instante sentou-se no seu tamborete e pôs-se logo a escrever como se quisesse recuperar o tempo perdido.

— Olá — resmungou Scrooge — que pensa de ter chegado a uma tal hora?

— Sinto muito, senhor, — disse Bob — por ter chegado tarde!

— Com efeito! — volveu Scrooge. — Você chegou tarde. Venha cá, faça favor!

— Não é senão uma vez por ano, senhor — disse Bob, desculpando-se e emergindo do seu buraco. — Isto não me acontecerá mais. Diverti-me um pouco ontem, senhor...

— Muito bem. Mas eu tenho alguma coisa que lhe dizer, meu amigo, — ajuntou Scrooge. — Não posso deixar que as coisas continuem por mais tempo como têm ido. Por consequência, — prosseguiu Scrooge, saltando do seu tamborete e dando um salto até junto de Bob, enquanto este tropeçava até ir cair dentro do seu buraco — por consequência — rematou Scrooge — vou aumentar o seu ordenado!

Bob estremeceu e aproximou-se para pegar na régua que estava sobre a sua secretária. Teve, por um momento, a ideia de aplicar um bom golpe de régua em Scrooge; depois de agarrá-lo como melhor pudesse, chamar gente na rua e vestir-lhe uma camisa-de-força.

— Feliz Natal, Bob — exclamou Scrooge, muito sério, de modo que não se poderia duvidar de si, enquanto batia sobre o ombro do caixeiro, com a mão, amigavelmente. — O mais feliz Natal, meu honesto rapaz, que jamais lhe proporcionei, desde há tantos anos! Quero aumentar-lhe o ordenado e quero tomar o encargo de ajudar a sua digna família. Acenda os dois fogões. Mas antes de traçar uma letra na sua escrita, vá depressa comprar um balde novo para carvão...

Scrooge fez ainda mais do que disse; cumpriu a sua promessa além do limite.

Para Tim, que não morreu, Scrooge foi como um segundo pai. Não teve mais relações com os Espíritos. Foi bom e caridoso para com o próximo.

E, desde então, ninguém soube melhor festejar o Natal do que Ebenezer Scrooge!





Floricultura

Dezembro é mês chuvoso e frio nestas latitudes em que felizmente vivemos. Mas para estar em casa, no remanso das pantufas e dos caloríferos, espreitando pela janela as árvores despidas. Boa época para planejar um jardim futuro, que nos possa receber na Primavera e no Verão. São algumas das regras elementares a que deve obedecer o primeiro projecto de um desses jardins, que a seguir publicamos, esperando que elas possam auxiliar alguns dos nossos leitores.

Levante-se uma planta topográfica do local onde se vai construir o jardim: uma fita métrica, um lápis, um papel e um pouco de paciência são suficientes para reproduzir os limites do terreno, as diferenças de nível mais importantes, a casa de habitação, a garagem, as portas e janelas que deitam para o futuro jardim, as árvores porventura já existentes e todos os demais elementos que mereçam ser aproveitados. É claro que se tomam e registam as medidas.

Examine-se atentamente o local, de modo a obter-se assim uma ideia perfeita do conjunto. Que os nossos olhos colham e guardem toda a riqueza da luz e das cores que vibram ao redor.

Fixe-se numa prancheta, uma folha de papel vegetal com 4 «punaises». Uma régua, um esquadro, uma borracha e um lápis macio. A consistência do lápis não é um pormenor; é fundamental. Esboçar com um lápis rijo é dar ao traço um ar cortante e definitivo que limita e seca a imaginação. Passem-se depois a limpo os apontamentos tomados do local. Para isso adopta-se uma escala conveniente, quer dizer, escolhe-se uma relação

entre as dimensões do desenho que se vai executar e as dimensões reais do terreno, das construções, etc. A reprodução será por exemplo, 25, 50, 100 vezes mais pequena que o modelo, e assim um centímetro no desenho representará 25 centímetros, meio metro, um metro de terreno.

Todos os elementos, todos os pormenores de interesse serão desenhados à escala. A largura dum portão, a espessura dum muro, a copa de uma árvore, etc.

Ressalvando os casos particulares e algumas soluções pessoais, por não podermos esquecer que em assuntos desta natureza todas as regras são duma extraordinária elasticidade e que toda a rigidez doutrinária é relativa — tanto como o bom e o mau gosto —, comece-se a delinear o jardim estabelecendo alguns princípios que nos parecem dignos de respeitar:

Por estilo clássico, ou «jardim francês», entende-se aquele onde a Natureza é moldada, subordinando-se às necessidades da composição. Despido do verdadeiro sentimento da vida vegetal, é o produto de uma arte essencialmente convencional.

Por estilo paisagista, ou «jardim inglês», entende-se aquele onde a Natureza é copiada e respeitada na sua insubordinação contra as composições rígidas, geométricas ou penteadas.

Quem tenha já o seu jardim pode nele semear, este mês, goivos, saudades, boas-noites, manjeriões e valverdes; e plantas jasmineiras, chorões amarelos, craveiros, manjeronas, bergamotas, roseiras, estacas de alfazema, murta, alecrim e baunilha.

Caça

Pássados já os sanhudos dias da grande fogachada, quebrados os ímpetos, e embra-vecida a maior parte da caça, é no entanto, para certas espécies, o mês de Dezembro verdadeiramente ideal.

Em charcos, rios e lagoas, espanhega-se indiferente ao frio, por vezes tão agreste, uma interminável multidão de patos de todos os tamanhos, espécies e feitios.

Cabeças ruivas, negritas, assobiadeiras, marrecas, frontinas, adens e uns quantos gansos para dar maior luzimento ainda, se é que é possível, a esta tão garrida companhia sugerem agradáveis rendez-vous aos corajosos especialistas da caça aquática.

As galinholas com o apertar do frio tornam-se, mercê da sua maior abundância, bastante menos difíceis de encontrar.

E nada há mais belo que um encontro com uma dona «Bicuda» que em loucos zigzagues procura salvar a vida.

E já que estamos a falar em zigzagues e em pássaros «bicudos», não queremos deixar de nos lembrar que Dezembro é um mês em que as narcejas não são meras figuras de retórica. E nos alagadiços, nos pântanos e nos arrozais podereis tê-las com frequência à vossa disposição... se é que o engenho não vos carece para levá-las de vencida, nas voltas e reviravoltas que usam dar.

Os pombos continuam em enormíssimos

bandos a toldar os céus e as ideias de uns quantos caçadores que, tornados matadores, os chacinam sem dó nem piedade sacrificando os tristes plumídeos ao deus número.

Quanto às restantes espécies, este mês do Natal pouco difere do seu suave antecessor.

Apenas há que ter em conta, como aliás já atrás dissemos, que os coelhos, as lebres e as perdizes ressabiadas, mercê das cruentas perseguições, estão consideravelmente mais esquivos, levantando mais longe uns e fer-rando-se mais ao terreno outros, como que conjurados para tornar penosa a vida aos caçadores.

Talvez por isso Dezembro é essencialmente um mês de batidas. Batidas essas em que uns quantos felizardos, convidados ou beneficiários de coutos e zonas interditas, reparam entre si o parco remanescente das ceifas primaciais.

Se bem que até certo ponto, aliás seria ilógico pensarmos de outra maneira, sejamos partidários das zonas interditas, necessárias para os indispensáveis repovoamentos, não podemos de forma alguma estar de acordo em que o nosso rincão, de lés a lés, se vá transformando num imenso couto para uso e abuso de umas quantas dezenas de privilegiados, enquanto a grande massa, dos adeptos de Santo Huberto palmilha desconsoladamente uns escassos palmos de terras rapadas.

Há na verdade que rever este feudalismo das coutadas, restringindo-o às justas necessidades dos senhores das terras, que a continuar-se por este caminho terão, dentro em breve, o monopólio da caça em Portugal.

Mas deixemos as leis para quem pode e deve legislar e voltemos ao nosso mês.

Como já vai sendo hábito neste cantinho do Almanaque não queremos deixar de dar algumas indicações que nos parece serão úteis para muitos caçadores que possivelmente as ignoram.

O exercício da caça, a que tão devotadamente se dedicam, tem, como não podia deixar de ser, os seus condicionamentos.

Assim, apenas poderá ser praticado nos terrenos, áreas e condições que vamos enumerar:

1) Em todos os terrenos que não sejam cultivados, nem murados, e em que não seja interdito caçar pelo sistema de reserva de caça estabelecido no regime florestal.

2) No mar e nas áreas das circunscrições

marítimas, excepto quando houver prejuízo para o movimento comercial e de navegação ou para a frequência de banhistas.

a) Consideram-se terrenos murados, todos aqueles que forem contíguos a casas permanentemente habitadas desde que estejam completamente vedados por muros com a altura mínima de 1 metro, e ainda os que não sendo contíguos a casas permanentemente habitadas, sejam vedados por muros com a altura mínima de 1,50 m.

Em contrapartida é expressamente proibido caçar:

1) Nas queimadas e nos terrenos que com elas confinam numa orla de 200 metros enquanto durar o incêndio e nos quatro dias seguintes.

2) Nos terrenos cobertos de neve.

3) Em todos os terrenos que durante as inundações se encontrem completamente cercados pela água.

4) Nos terrenos adjacentes à linha mais avançada das inundações produzidas por cursos de água navegáveis, numa largura de 200 metros medidos dessa mesma linha, enquanto durar a inundação e nos dois dias imediatos.

5) Nos milheirais até à sua completa maturação, desde que os proprietários ou arren-

datários tenham feito uma declaração prévia às comissões venatórias concelhias e os terrenos estejam assinalados com tabuletas proibindo a entrada aos caçadores.

6) Nos terrenos que se acharem de vinhago ou de outras plantas frutíferas, vivazes de pequeno porte, desde o ábrolhar até à colheita dos frutos.

7) Nos terrenos abertos, plantados de oliveiras ou de outras árvores frutíferas de grande porte, podem os proprietários ou possuidores obstar ao exercício da caça no intervalo que medeia entre o começo da maturação dos frutos e a sua colheita, se de tal resultar manifesto prejuízo e houver prévia declaração à respectiva comissão venatória concelhia e a interdição estiver assinada com tabuletas bem visíveis proibindo a entrada aos caçadores.

Além destes casos de interesse agrícola, venatório e de direito de propriedade pode ainda a caça ser condicionada com proibição ou restrições em qualquer lugar e sempre que um mínimo de condições de protecção às espécies cinegéticas assim o exija.

E posto isto, amigos caçadores, resta-nos recomendar cautelinha, pois as infracções àquilo que a lei determina só resultam em dissabores nem sempre remissíveis com mais ou menos escudos.



Pesca

Se não chover muito, se o tempo não estiver agreste, se o mar ajudar, se as águas estiverem boas, se o barco puder sair, se...

Dezembro é, com efeito, mais do que qualquer outro mês, um mês de «ses».

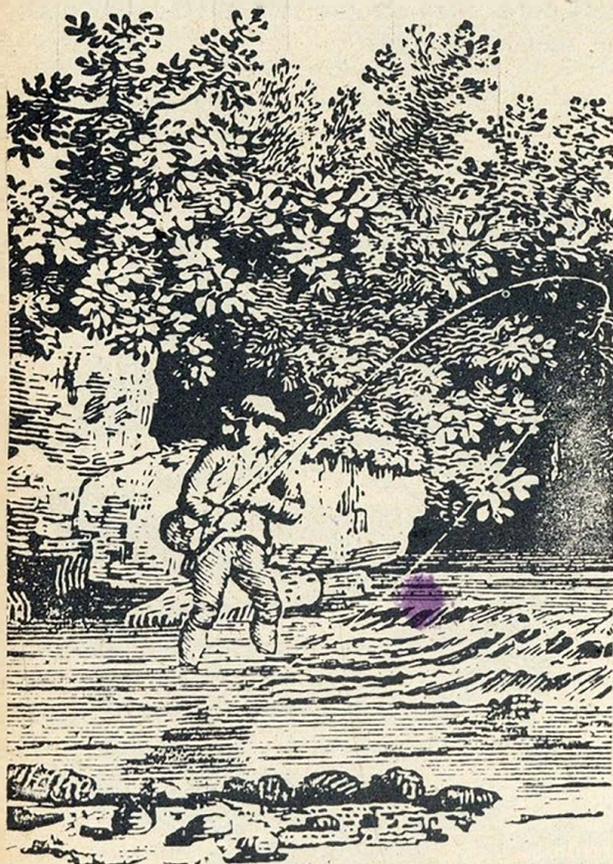
Ao largo, o atum de cacho, também conhecido por albacora, está na sua grande época, esplêndido, voraz e combativo, sempre pronto a dar aos seus felizes captadores longos momentos de extraordinária emoção.

Os penachos e o tentador carapauzito poderão determinar fartas colheitas.

Isto, no entanto, se... for possível chegar até eles mercê dos favores do tempo e do mar.

É ainda na pesca de barco se... que se poderá fazer mais qualquer coisita com zagaia em cardumes de robalos se... tivermos a sorte de encontrá-los e se... não se mostram esquivos.

Dezembro, mês das hipóteses



Como nos meses anteriores, os sarrafistas continuam a fazer farta colheita de sargos que demandam os estuários danadinhos por se enforcarem.

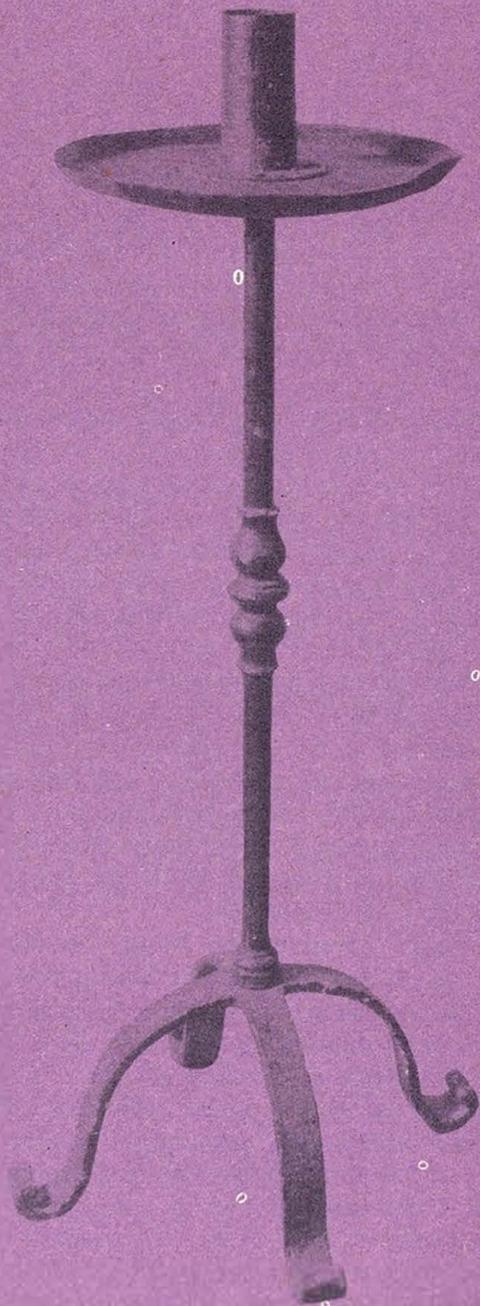
É geralmente nesta quadra que se capturam os maiores exemplares desta espécie amiga que parece tão apostada em tornar felizes os pescadores «de pau e corda», quão se mostrou esquiva para os «especialistas do fino», nas transparentes águas do tempo quente.

Mas até os próprios sargos em Dezembro têm os seus «ses», em que o factor vento predomina de forma altamente determinante.

Para além dos sargos, de umas quantas tainhas que em todas as épocas, em maior ou menor quantidade, se apanham, de um ou outro robalo de bom lote e dos muitos robaliços que por vezes «acontecem» para gaudio e deleite dos infanticidas... quantas vezes o «vício» a isso leva, mesmo aos puros, — em Dezembro pouco mais há que assinalar.

Quanto aos pescadores de rio, salvo nuns escassos dias de tempo encoberto e temperatura amena em que os bordalos e os barbos se deixam enganar, é sempre preferível ficar por casa preparando as aparelhagens para quadras mais propícias.

ANTIQUÁRIUM



Tocheiro setecentista, da colecção da Sociedade Inglesa de Decorações e Antiguidades, onde está classificado ao preço de catálogo de mil e oitocentos escudos o par.

É dever das revistas que se prezam apresentar, nesta época de Natal aos seus leitores sugestões para lembranças próprias da quadra.

As publicações estrangeiras dedicam, mesmo, ao assunto páginas sobre páginas de ilustrações e de listas de objectos adequados.

Na sua grande maioria os objectos sugeridos são utilitários e poucos durarão até ao Natal seguinte... Ou serão então tão banais que fica apenas no espírito de quem os recebe a gratidão pela intenção — coisa excelente mas que é possível apresentar, para gosto de todos.

Na convicção de que alguns dos seus leitores gostariam de aproveitar o Natal para regalarem os seus amigos com presentes destinados a durarem largos anos, o Almanaque apresenta através da sua secção de Antiquário algumas sugestões.

As peças apresentadas foram escolhidas dentre as muitas que estão à venda nos antiquários de Lisboa e, se alguma coisa têm de comum, é precisamente o facto de se ligarem à época que atravessamos.

Algumas atingem preços elevados. Não quer isto dizer que o Almanaque viva num mundo diferente daquele em que vivem os restantes mortais. O que se pretendeu foi dar aos leitores uma ideia da variedade das peças e dos presentes que poderão encontrar no mundo fascinante das antiguidades.

Bem vistas as coisas, não valerá a pena gastar um pouco mais num presente que vai alegrar o seu possuidor por toda a vida?



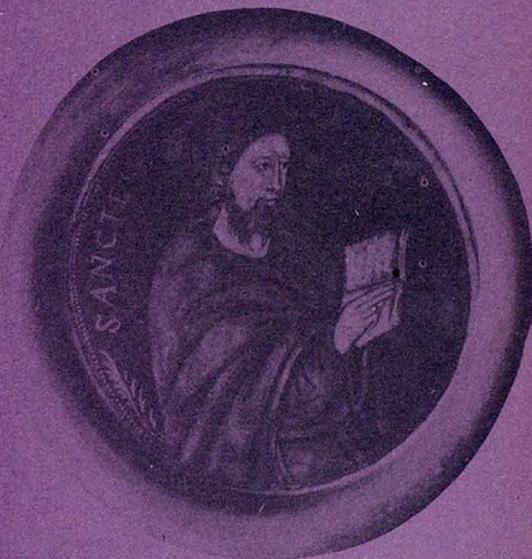
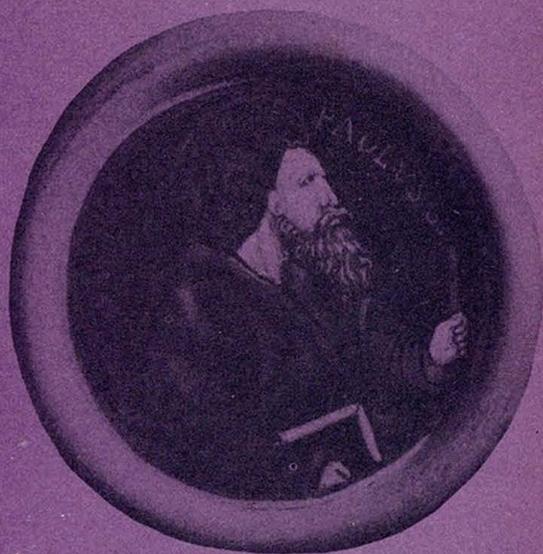
Cena da vida de Cristo, um notável triptico da Escola Alemã, do séc. XVI, com incrustações de pedras semipreciosas, a que faltam o painel inferior da direita e parte da base central. Peça de valor artístico e de gosto erudito, de interesse especial para oferecer a coleccionador e que actualmente se encontra no «Alhambra» ao preço de vinte e oito contos.

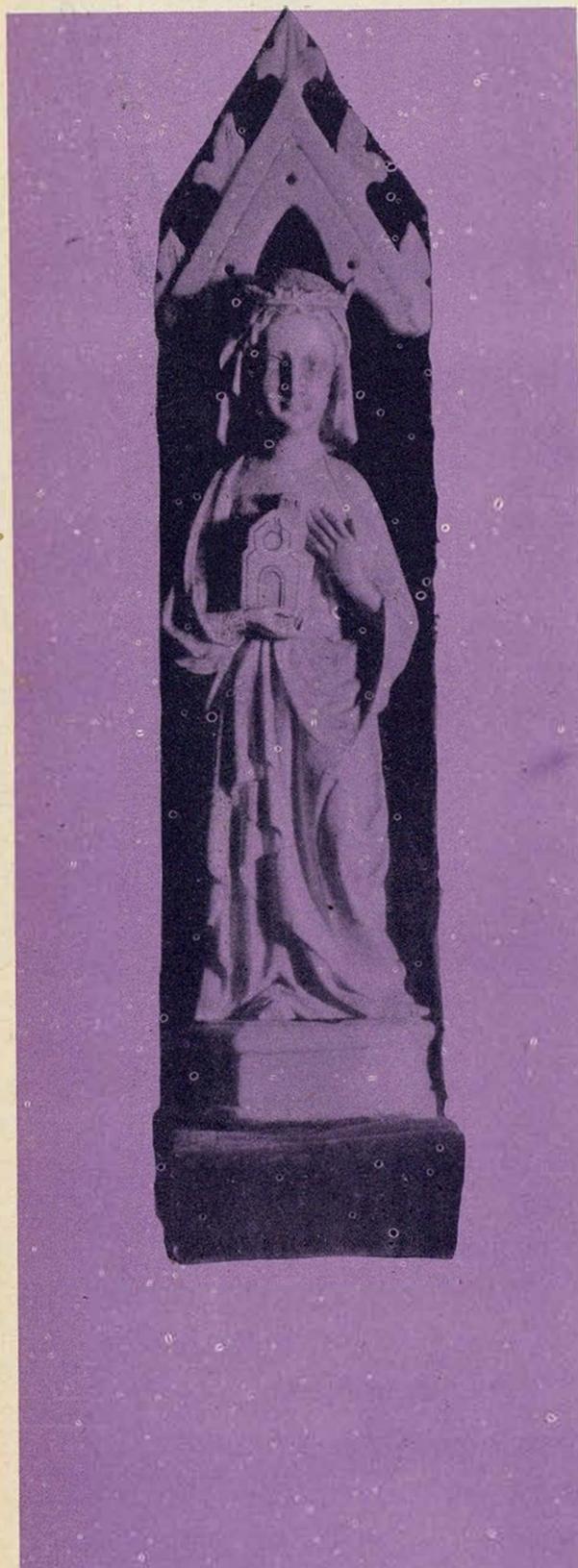


Virgem e Menino, atribuído a Lucas Van Leyde. O preço deste admirável quadro (duzentos e vinte e cinco contos) coloca-o na categoria dos «inacessíveis». Mesmo assim, a sugestão aqui fica. E o nome do Antiquário: «Alhambra», Lisboa.

S. Paulo e S. Tiago, dois belos esmaltes de Limoges, datados do séc. XVII, que também no «Alhambra» se apresentam em molduras próprias da época.

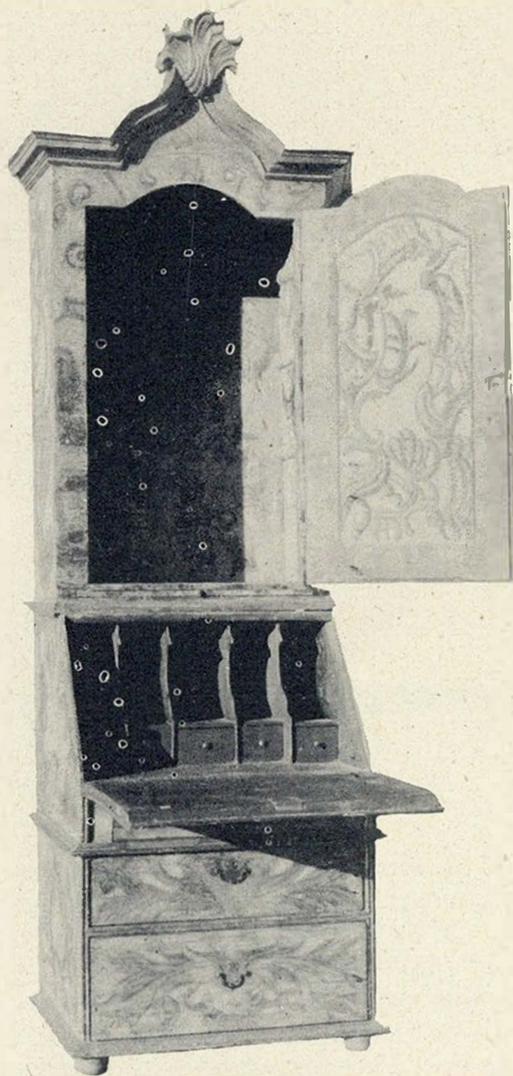
Cada peça tem 17 cm de diâmetro e está avaliada ao preço de venda de dois contos. Todavia, como sugestão decorativa, a aquisição do par valoriza-se substancialmente pelas possibilidades do arranjo que oferece.



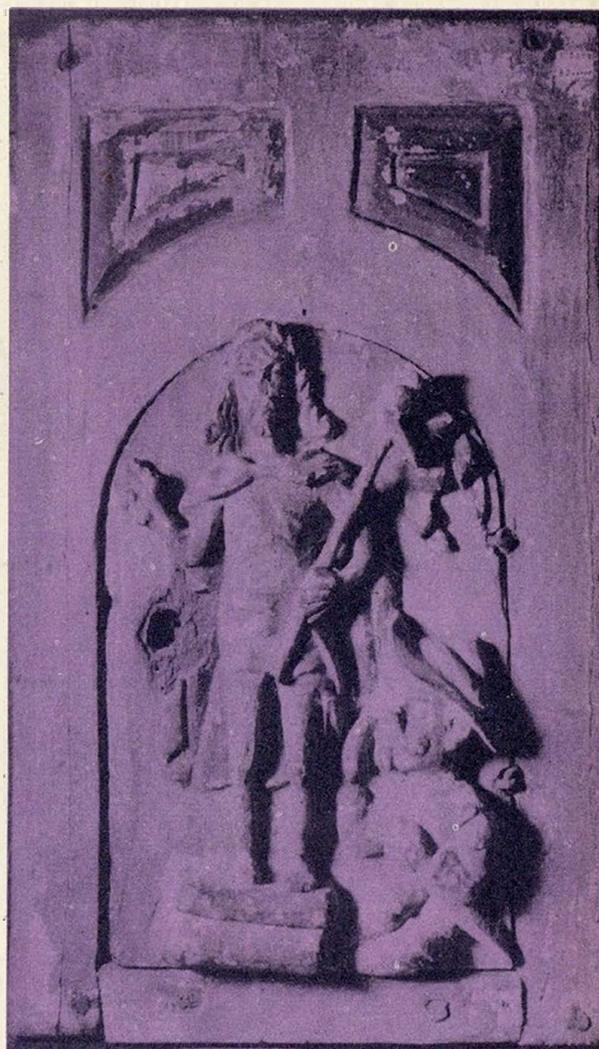
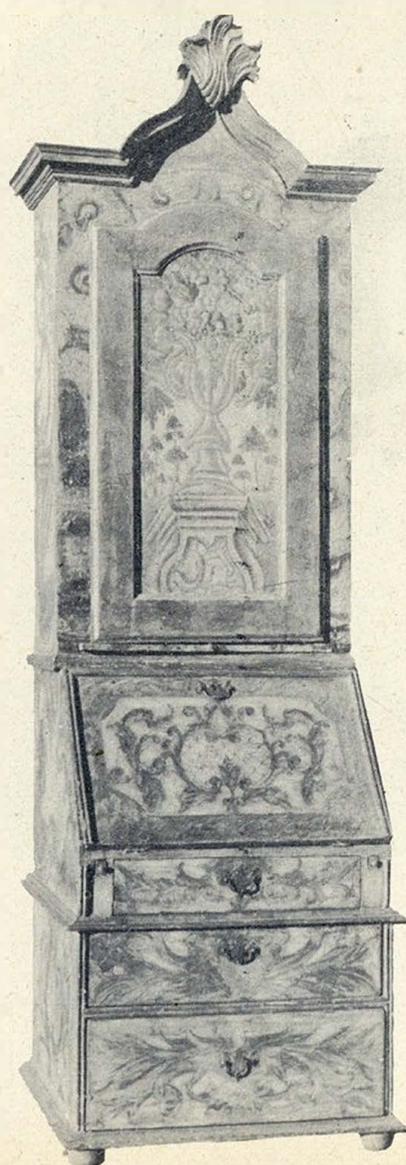


A escolha de objectos artísticos depende, evidentemente, das preferências do homenageado. Embora, como tendência natural, se verifique uma acentuada predilecção pelas peças sagradas, numa quadra como esta, a verdade é que o requinte e austeridade de certas peças se harmonizam perfeitamente com a solenidade de uma lembrança de Natal. Nesse critério, justifica-se perfeitamente a escolha, por exemplo, desta **Papeleira Portuguesa** da primeira metade do séc. XVIII, que fomos encontrar na casa de antiguidades «Solar», sob o preço de venda de dezassete contos.

Construída em madeira de castanho, nas dimensões de 2,20 m por 85 cm, esta peça é ornada com pinturas da época, em boa conservação.

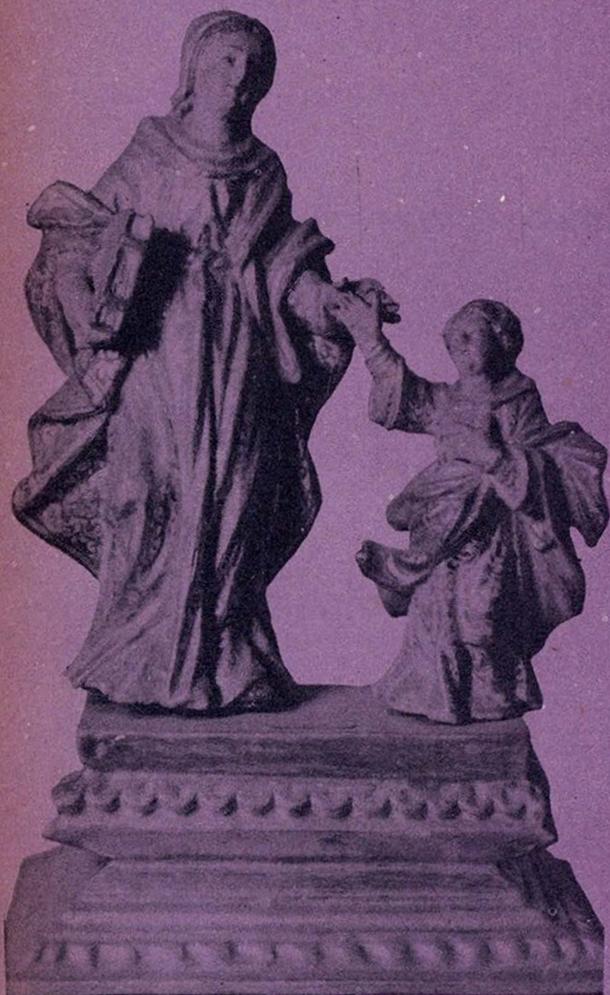


Ainda no «Alhambra», esta **Réplica de Uma Imagem Santa**, trabalho do séc. XIX, constitui um presente de gosto. Talhada em marfim, sobre base de madeira forrada a veludo vermelho-cardeal, a peça tem 22 cm de altura e a sua cotação de catálogo é de 1.200\$00.

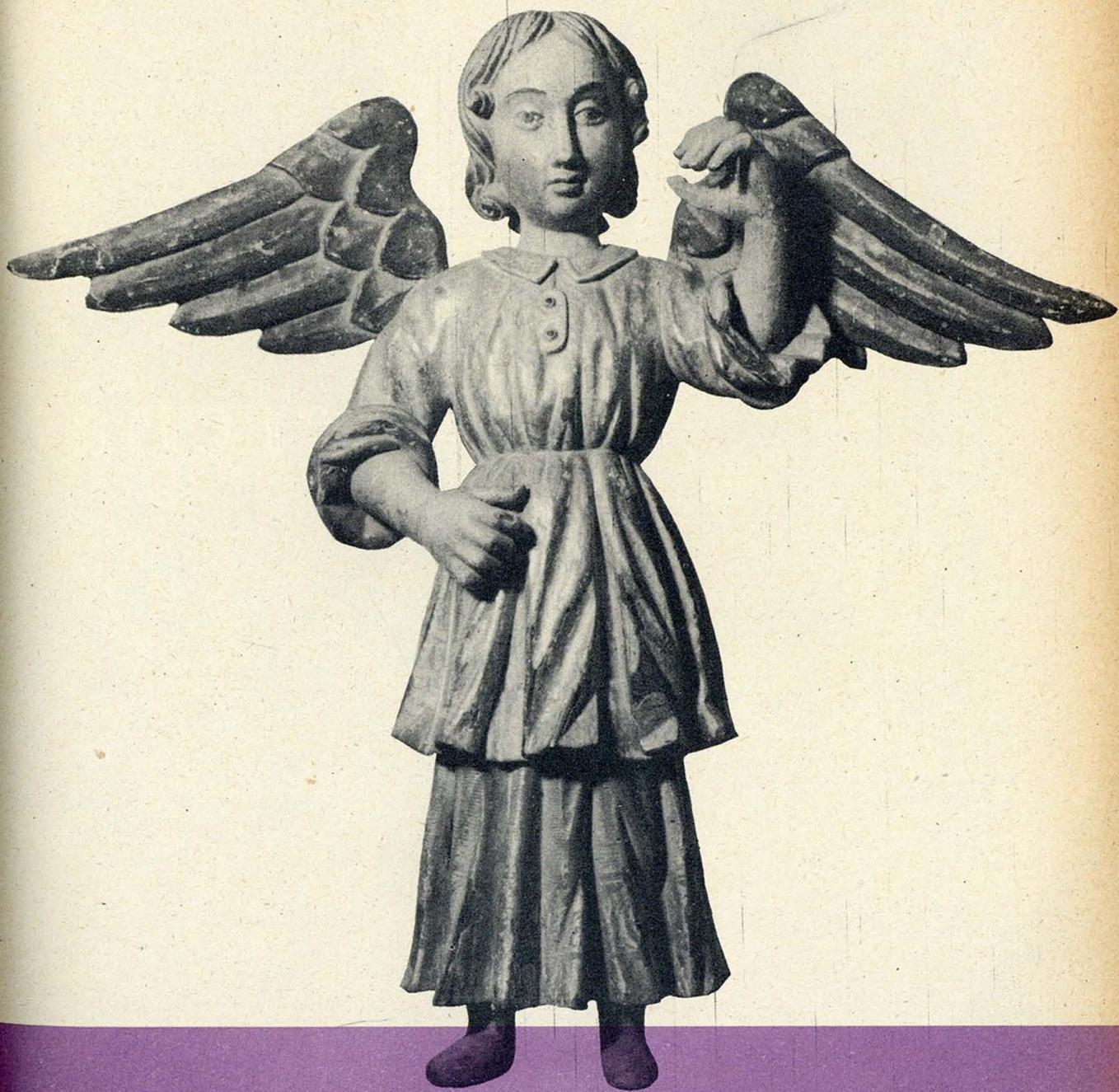


Porta de Sacrário, talha do séc. XVII em que se representa a Ressurreição de Cristo. Outro elemento sacro da casa «Solar». Preço de catálogo: 3.200\$00.

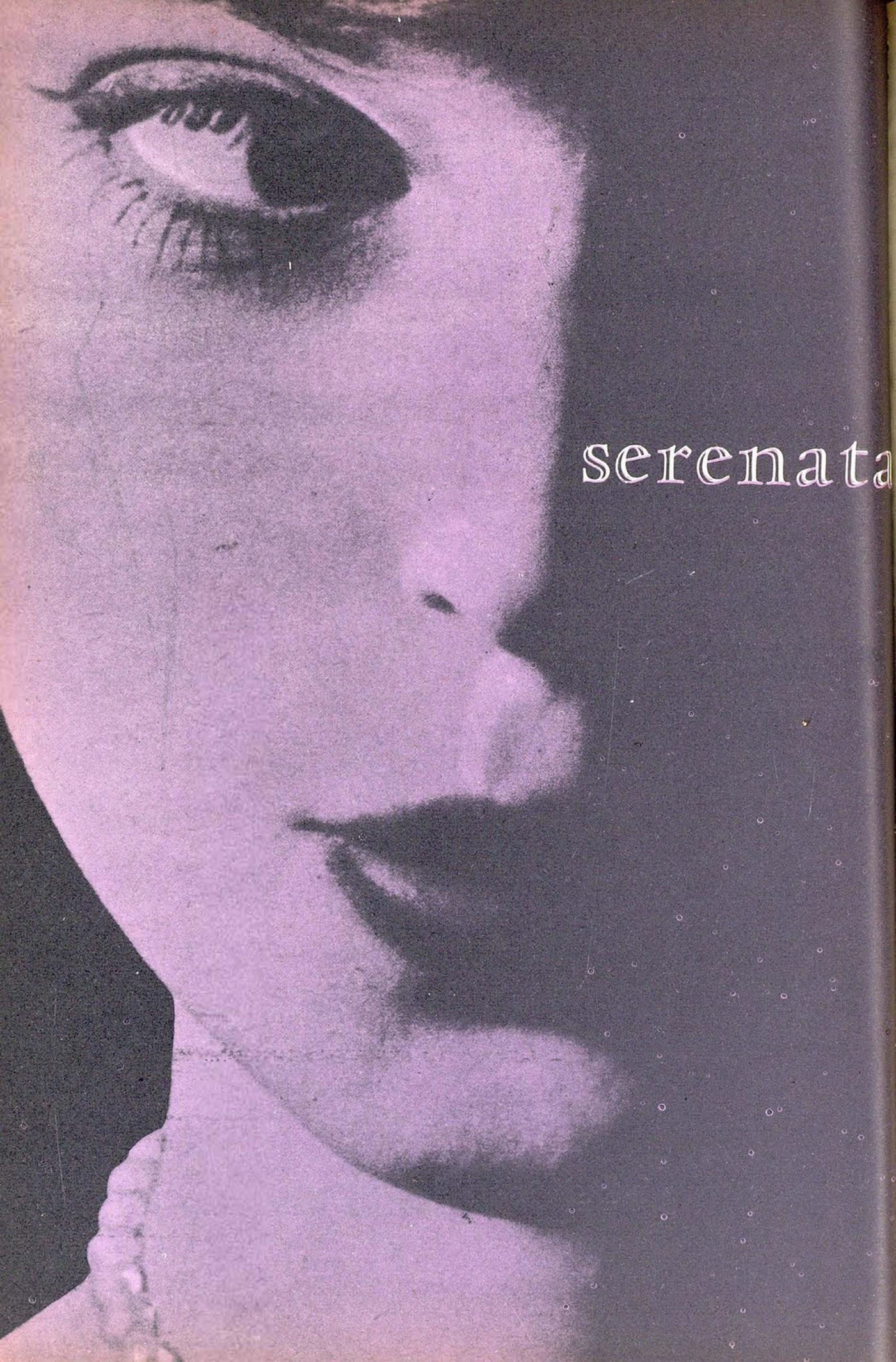
São João, outra escultura em madeira policromada, do antiquário António Costa. Tem 60 cm de alto, incluindo a base de que é solidária. Está catalogada em quatro contos.



Na colecção de venda do antiquário António Costa figura uma harmoniosa **Santa Ana**, de flagrante estilo barroco do séc. XVIII, ao preço de 2.500\$00. Esculpida em madeira policromada, com 21 cm de altura, abona-a a circunstância de manter ainda a pintura primitiva.



Um Anjo é sempre um motivo de decoração admirável. Este, em talha policromada, que se expõe na casa António Costa, mantém ainda a pintura original do séc. XVII e está cotado em 3.500\$00.



serenata

INTERROMPIDA

Tinha todas as razões para me sentir feliz nessa manhã de Outono, mas qualquer coisa me apertava o coração sem que eu conseguisse descobrir a causa. No dia anterior subira à cena o Hamlet e o êxito fora completo. Os jornais consideravam inultrapassável a minha interpretação e diziam que depois de Gielgud e de Lawrence Olivier eu era a primeira grande revelação shakespeariana. Em todo o caso... Nem sei. Talvez até uma certa má consciência. Na vida uns têm sorte e outros não têm. Eu pertencia aos primeiros mas isso não significava que tivesse mais talento do que os segundos.

Isso mesmo: um aperto no coração. Uma necessidade de ar livre.

Que havia de fazer? Sentei-me num banco de jardim. Quando levantei a cabeça, reparei numa rapariga que acabara de se sentar, com um ar distraído. Fiquei a olhar para ela, a seguir-lhe os movimentos, a decorar-lhe a beleza, uma beleza estranha e longínqua, simultaneamente acolhedora e distante.

Arranquei uma rosa e levei-lha.

— Ao menos não ficará com as mãos vazias quando nos despedirmos um do outro...

Com um gesto lento ela aceitou a flor e olhou para mim com o ar de quem esperava alguma coisa.

— Venha — disse eu, pegando-lhe na mão.

Durante um ou dois segundos ela hesitou, depois seguiu-me sem uma palavra.

Transpusemos o portão do jardim.

— Por acaso não tem aí um automóvel? — perguntei-lhe.

— Ah, não! — respondeu ela calmamente.

— Mas eu suponha que estava à nossa espera um cavalo branco para nos levar aos dois, galopando ao luar...!

Ela tinha uma voz que correspondia inteiramente ao seu rosto, uma voz distante e fria.

— Não faz mal — disse eu e mandei parar um táxi.

— As coisas precipitam-se — observou a minha companheira —, mas perdem o romantismo.

— Para o centro da cidade — ordenei ao «chauffeur». — Tanto faz o sítio...

Seguimos calados durante todo o tempo. Eu observava-a. Via-lhe os grandes olhos cuja cor cinzenta se diluía em tons verdes, uns olhos plenos de suavidade. Decerto havia mulheres mais belas, eu conhecia-as... Mas esta perturbava-me de um modo novo, inesperado — e no entanto eu estava longe de ser uma criança, fizera trinta e cinco anos no dia anterior!

E ela? Espiava-me também? Uma única vez me observou com atenção, no princípio da viagem. Depois tomou um ar desinteressado e o seu olhar abandonou-me como se eu lhe fosse indiferente. Nesse instante percebi que não nos conhecíamos ainda, que apesar de todo o teatro das nossas palavras, o fundamental estava por dizer. E, pela primeira vez na minha vida, as palavras faltaram-me. Sentia-me tímido perante aquela desconhecida de olhar insondável.

Mandei parar o táxi.

— Venha — pedi-lhe de novo.

— E se eu, súbitamente, me recusasse a segui-lo?

Não fiquei surpreendido. Tirei a caneta do bolso e arranquei uma folha da agenda.

— Vai dar-me um autógrafa? — sorriu ela.

— É o número do telefone.

— Sinto-me lisonjeada. O número do seu telefone tem o valor de uma peça de museu?

— Um número implica outro.

— Não tenho telefone...

— Ao menos tem um nome...

— Também não. Estou a fazer economias para comprar um...

Ali estava ela diante de mim numa rua cheia de movimento. Não dávamos um passo, enfrentávamo-nos como se fossemos inimigos implacáveis, prontos para o último combate.

— Faltam-me as palavras — confessei-lhe. Passei-lhe um braço pelos ombros, apertei-a docemente contra mim, e perguntei-lhe se queria dedicar-me aquele dia.

— Se lhe dá prazer — respondeu ela com o mesmo ar indiferente e longínquo.

De novo em silêncio, eu esperava que ela dissesse qualquer coisa, que não fosse eu sozinho a falar. Ela limitava-se a dar a réplica adequada ao que eu lhe dizia, mas era incapaz de tomar uma iniciativa. Percebeu, talvez, a minha perturbação.

— Em vez de ficar a olhar para mim — disse ela — porque não me pergunta qualquer coisa?

— Podemos entrar num café. Se soubesse a fome com que estou!

— Está bem...

Sentámo-nos lado a lado.

— Quer viver comigo? — perguntei-lhe. Ela riu-se pela primeira vez.

— Como pode passar-lhe uma tal ideia pela cabeça?

Não me senti humilhado com esta resposta; no fundo contava com ela, dissera aquelas palavras como poderia ter dito outras.

Levantou-se inesperadamente. Ofendida? Estendeu-me a sua mão muito branca e esguia, mas não para se despedir.

— Venha — disse-me.

Acompanhei-a.

— Não gosto daquele café. Prefiro comer num restaurantezinho da minha predilecção. Não se importa? — Disse-me estas palavras com um sorriso sincero, os olhos muito brilhantes.

Os criados conheciam-na, via-se perfeitamente que ela costumava almoçar lá muitas vezes. Sabiam-lhe mesmo o nome: Mary.

Ela escolheu a mesa sem me pedir opinião, consultou a ementa, decidiu-se por isto e por aquilo.

— Não me pergunta se estarei de acordo?

— Fui eu quem o convidou, não fui? Agora tem de se sujeitar...

— Em que ocupa o seu tempo? — perguntei-lhe.

— Um pouco de tudo: traduções, notícias para os jornais de modas, angariação de anúncios... De resto, gosto de variar, sou incapaz de permanecer num emprego por muito tempo. Gosto de ser livre.

Mary não proferira uma única palavra donde eu pudesse depreender que me reconheceria. Quem sabe? Talvez estivesse a jogar à cebra-cega, talvez soubesse muitíssimo bem quem eu era, mas escondesse o seu jogo!

Não resisti: perguntei-lhe se gostava de teatro. Não falara de mim, procurara apenas aproximar a conversa do ponto que me interessava. Ela sorriu (que significava aquele sorriso?) Respondeu que nunca ia ao teatro.

— É pena — atrevi-me a dizer. — Mas não continuei.

— Vai muito ao teatro? — perguntou Mary, sempre com um sorriso.

— Muito...

Mary deu uma gargalhada.

Estava com medo de que eu não o reconhecesse? — disse.

Não respondi. Mary preparava-se para mudar de conversa, mas eu não deixei.

— Ficou desiludida comigo?

— Não. Fiquei um pouco admirada...

— Que posso fazer por si?

— Nada — respondeu Mary. — Ganho mal a vida, mas como não gosto do dinheiro, nem de objectos raros... Não, não desejo mudar de vida.

Nada mudara desde que nos havíamos conhecido. Ela continuava livre: de um instante para o outro, podia levantar-se, estender-me a mão, e ir-se embora.

Depois fomos a um bar. Mas o pânico começava lentamente a conquistar-me. Muitas horas se haviam passado e, no fundo, nada se havia passado... Mary permanecia na mesma: nem mais próxima, nem menos próxima. Por outro lado, ela devia calcular que eu estava perturbado, pela primeira vez perturbado perante uma mulher. Mas isso não a preocupava e eu comecei a recear que estivesse para breve o momento da nossa despedida.

E assim foi.

— Fumo um último cigarro consigo e vou-me embora...

Ficámos em silêncio. Eu próprio lhe acendi

o cigarro e fiquei a vê-lo consumir-se lentamente.

— A que horas me telefona amanhã? — perguntei.

— Deitei fora o número. Pronto! O cigarro está no fim. — Acrescentou: — Não nos voltaremos a ver. Porquê? Simplesmente porque é inútil...

Esmagou o cigarro no cinzeiro com um gesto que traía grande nervosismo.

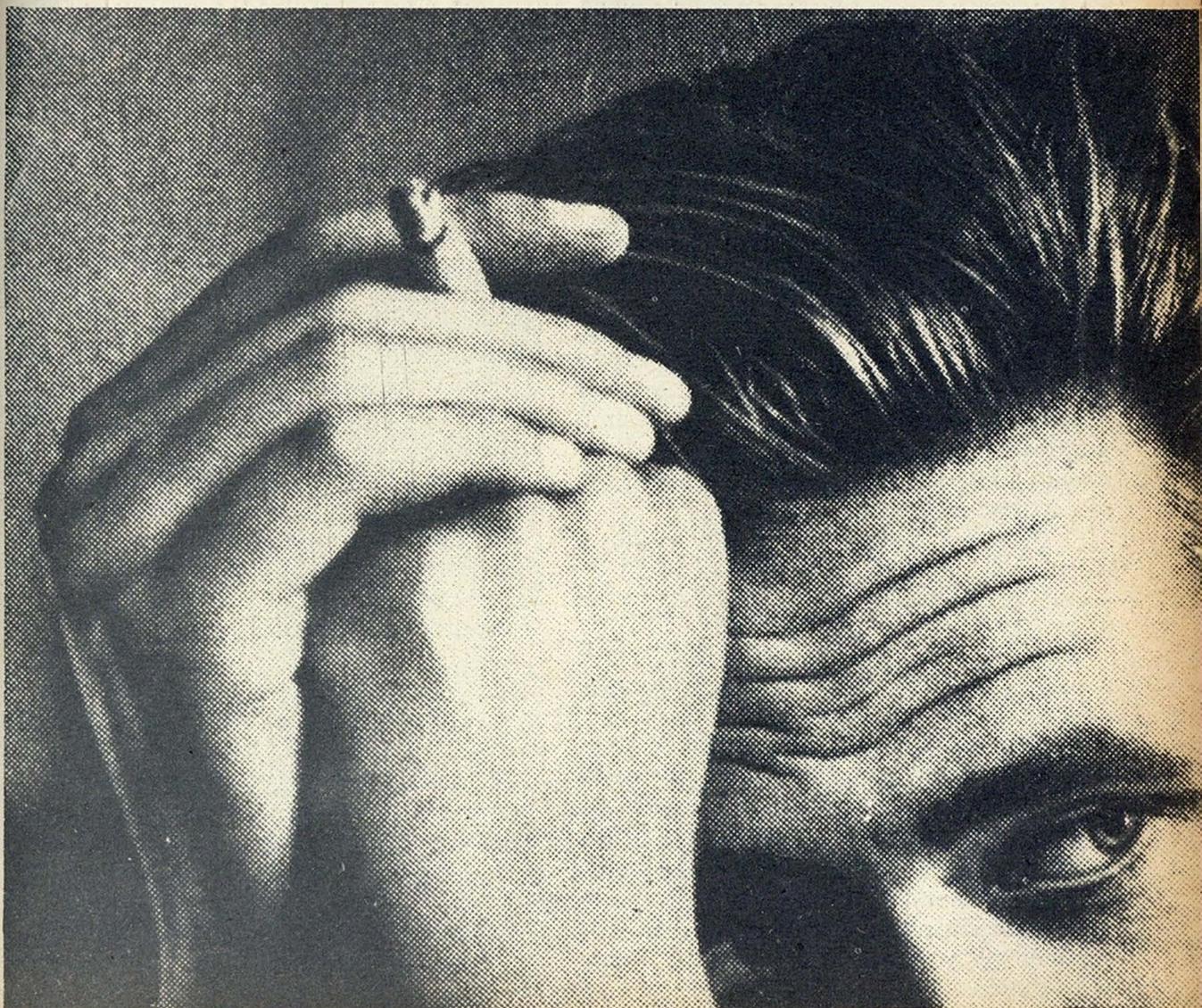
— Poderia falar-lhe da minha vida... Mas para quê? A minha vida diz respeito apenas a mim mesma. Um artista, como você, tem uma coisa muito importante a defender...

— A Mary sabe que não posso ficar separado de si para sempre...

— Que poderei dizer?

Instantes depois deixava o bar e nunca mais a vi.

fim



o NATAL do século passado

por Lourenço Rodrigues

O Natal foi sempre a festa da família. Na aldeia, reúnem-se todos à volta da lareira, e os rechonchudos bebés mandam, tal como nas cidades onde os Natais são festejados com diversa pompa. Em Portugal, o dia 25 de Dezembro foi sempre um dia de ternura. Pobres e ricos souberam festejá-lo e a árvore de Natal, que uma rainha inglesa em boa hora transmitiu aos seus súbditos, alastrou por todo o mundo, cheia de variados brinquedos para satisfazer os eternos heróis da era festiva: as crianças.

O Natal tem sempre os mesmos hábitos e os mesmos costumes. Descrever o Natal do século passado equivale a descrever o de hoje.

Há apenas episódios, em geral pouco conhecidos, cujos protagonistas desapareceram para sempre.

Sabe-se por exemplo que, em 1871, funcionava, com grande agrado do público, o teatro D. Afonso, um enorme barracão deselegante e mal construído, então explorado por um velho cabeleireiro do Calhariz, homem pouco ou nada conhecido no meio.

O nome desse teatro, de fugidia memória, foi dado em homenagem ao infante D. Afonso, segundo filho do rei D. Luís.

Para contarmos um picaresco episódio que ali se passou, tem de se falar na companhia, da qual era primeiro actor um artista de apelido Murteira, que poderia ir além do que foi, se a morte não o viesse buscar, relativamente novo. Mas a verdade é que a figura mais pitoresca desse teatrinho era o actor Amaro. Não era rapaz de grande ilustração, mas o seu feitio alegre e boémio deu-lhe muita popularidade entre os colegas.

Dizia a todos chamar-se Amaro José da Costa e Silva de Carvalho Pereira de Magalhães, descendente do rei D. João V. E dizia vaidosamente:

«Já tive a honra de apertar a mão de Sua Majestade el-rei D. Pedro V, de saudosa memória, e fui o galã da linda trágica D. Emília das Neves». Mas vamos ao Natal.

Nesse ano representava-se a peça *Santo António*, em que o seu autor Brás Martins era muito aplaudido. Amaro fazia nessa peça um dos segundos papéis, porque o protagonista, interpretando o popular taumaturgo, estava a cargo do actor Murteira, de quem já falámos.

Amaro levava amiúde para o teatro uns saborosos pastéis de bacalhau, que por sinal eram de pescada, e que todos comiam gulosamente. Mas chegou a véspera de Natal desse ano de 1870 e ei-lo a convidar principescamente todos os seus colegas para uma amistosa ceia de camaradagem que devia efectuar-se numa locanda do sítio. Seria um Natal célebre. Ninguém escapou ao convite.

Todos foram convocados, incluindo ponto, contra-regra, maquinista, etc. Ao todo vinte e quatro.

Nessa noite, um actor também muito aplaudido e de apelido Tenório, cantava uma cançoneta intitulada «O Viúvo Inconsolável», sempre irrepreensível, de casaca e calça branca, puxando palmas com facilidade.

Todos antegozavam o prazer da ceia que ia realizar-se em homenagem ao Pai Natal num modesto restaurante perto de Belém. A mesa estava posta, com uma pequena árvore de Natal que o Amaro mandara pôr.

Os espectáculos nesse tempo acabavam cedo porque as sessões ainda vinham longe. À meia-noite e meia hora, entre grande algazarra, não faltava ninguém. E qual não foi o espanto de todos, quando chegou um fiscal do teatro com uma carta endereçada ao primeiro actor da Companhia, o artista Murteira. Estranhara-se a falta de Amaro que,

como se sabe, oferecia a ceia. E então Murteira leu em voz alta os versos que se seguem:

«Aos meus queridos camaradas
que hoje aqui vêm cear
se realmente quiserem
têm de comer e pagar!
Já houve a ceia de Cristo
de que fala o mundo inteiro
p'ra vocês, serei o Judas
mas um Judas sem dinheiro!

Amaro».

Houve grandes gargalhadas, mas como todos conheciam o feitio do endiabrado artista, ninguém se zangou com ele e todos passaram um Natal feliz. Com dois tostões, todos comeram e beberam e, na noite seguinte, em que subia à cena o **Milagre da Nazaré**, peça que já trazia o rótulo do êxito, do teatro da Rua dos Condes, todos combinaram dizer ao Amaro que não tinham lá ido, o que foi desmentido pelo fiel do teatro que entregara pessoalmente a carta ao primeiro actor.



Com a família da festejada cantora Catalani, que fez furor no teatro de S. Carlos, também se deu um episódio curioso.

Na noite de Natal de 1805, uns fidalgos boêmios, certamente por excesso de bebidas, foram incorrectos, no teatro lírico, com a célebre cantora. E daí a 3 dias, num pacato domingo, os mesmo estúrdios foram a casa do pai da Catalani e, segundo queixa que o pai da diva, Agostinho Catalani, apresentou à polícia, fizeram novo escândalo, ameaçando deitar o velhote pelos degraus da escada, mas a autoridade não deu andamento à queixa, tomando-a como exagero do pobre italiano que não se deu por convencido, exasperado com o Natal de 1805 e com a pouca cortesia de alguns pândegos que faziam o que lhes apetecia, a coberto das suas imunidades.

Como dissemos no início destes ligeiros apontamentos, o Natal apenas varia de pesosas e de países.

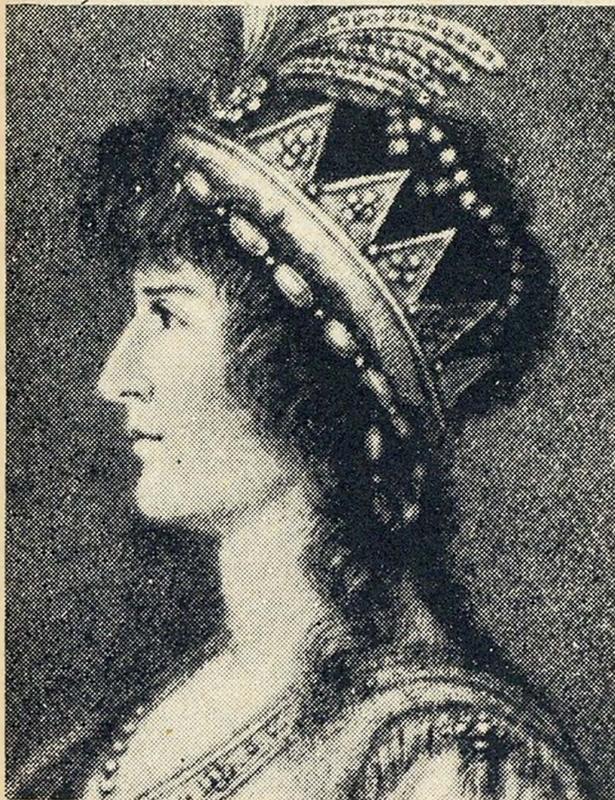
No Brasil, por exemplo, onde o mês de Dezembro fica na estação calmosa, o nascimento de Cristo festeja-se alegremente, com os homens em mangas de camisa, fugindo ao calor, e as senhoras envergando os seus vestidos vaporosos. Os portugueses, recordando a sua terra e nas saudades do seu lar de Portugal, vingam-se no bacalhau temperado com azeite caríssimo e as castanhas lusitanas que lá se vendem a duzentos cruzeiros o quilo.

No Brasil, o bolo de Natal é diferente do nosso. Faz-se com farinha de trigo, manteiga, açúcar, nozes, passas e leite. Em todas as casas, opulentas ou remediadas, este bolo entra, consagrando o nascimento do Redentor.

Na Palestina, numa cidade pequena, situada a nove quilómetros, existe Belém, que o mundo cristão respeita. É uma cidadezinha de 9.000 habitantes, que em nada se teria celebrizado se lá não tivesse nascido o Menino Jesus.

A Basílica da Natividade assenta sob uma gruta, onde dizem ter nascido Cristo. Ao aproximar-se o dia 25 de Dezembro, uma enorme multidão de peregrinos, contempla o desfile de crentes de todo o mundo.

A missa da meia-noite, a que aqui chamamos a missa do Galo, é sempre presidida pelo Patriarca de Jerusalém, enquanto quinze lâmpadas permanecem acesas na Igreja, para lembrar que Cristo foi a origem das quinze



a cantora Catalani

escolas da Fé. Nessa noite, valiosas ofertas ali se concentram.

Dos países da Europa, onde as cerimónias do Natal são mais pitorescamente festejadas, é a Suécia, onde os festejos se iniciam no primeiro domingo de Dezembro, acendendo-se uma vela com a maior solenidade.

A seguir, em todos os domingos até o dia 25, novas velas se acendem. Ornamentam-se as ruas da cidade e, na maior praça da terra, é erguida uma enorme árvore de Natal. Nessa noite de Dezembro, toda a família se reúne à volta da mesa, e há sempre alguém que se veste de Pai Natal, longas barbas brancas e capuz encarnado, que entra com um saco às costas cheio de brinquedos. Na Suécia, a missa de festa é dita de manhã. De noite, teatros, cinemas e restaurantes estão fechados. O jantar é constituído pelo bacalhau curado, prato obrigatório, e carne de porco, o popular **Branw**, em que entra cabeça de porco, chispe e língua, tudo picado.

Em Portugal, além do sapatinho na chaminé, que ainda hoje se usa, tudo já é conhecido e a tradição mantém-se da mesma forma.

Dantes, no largo de São Domingos, havia ranchos de perus que, mais tarde, os vendedores passaram para a Rua da Palma. Cada rancho tinha os seus guardadores, aguardando os fregueses que, nessa época, não dispensavam a ave saborosa na mesa de festa.

Um actor do teatro D. Maria, foi em fins do século passado, deitou uma grande porção de milho que fez misturar todos os perus, porque eles, ao sentirem o milho, misturaram-se, com grande raiva dos guardiões e gáudio dos actores que assistiram ao espectáculo...

E já que estamos em maré de casos pitorescos, temos de contar o que sucedeu ao brilhante escritor e ilustre jornalista Teixeira de Vasconcelos: O consagrado fundador da **Gazeta de Portugal** e do **Jornal do Norte**, homem de bastante espírito, nunca tivera nas suas honrosas profissões, proventos que lhe permitissem aguentar a vida faustosa que levava.

Vivia como um milionário e, por isso, os credores nunca o largavam. Chegada a noite de Natal de 1859 (faz agora cem anos), Teixeira de Vasconcelos quis regalar-se com um peru alusivo à quadra. Mas um credor bateu à porta do escritor e o criado, já habituado a estes percalços, hesitou em abrir, por ser noite de festa. O jornalista, tranquilamente, mandou-o entrar e entre os dois travou-se o seguinte diálogo, que Sousa Bastos narra num dos seus livros:

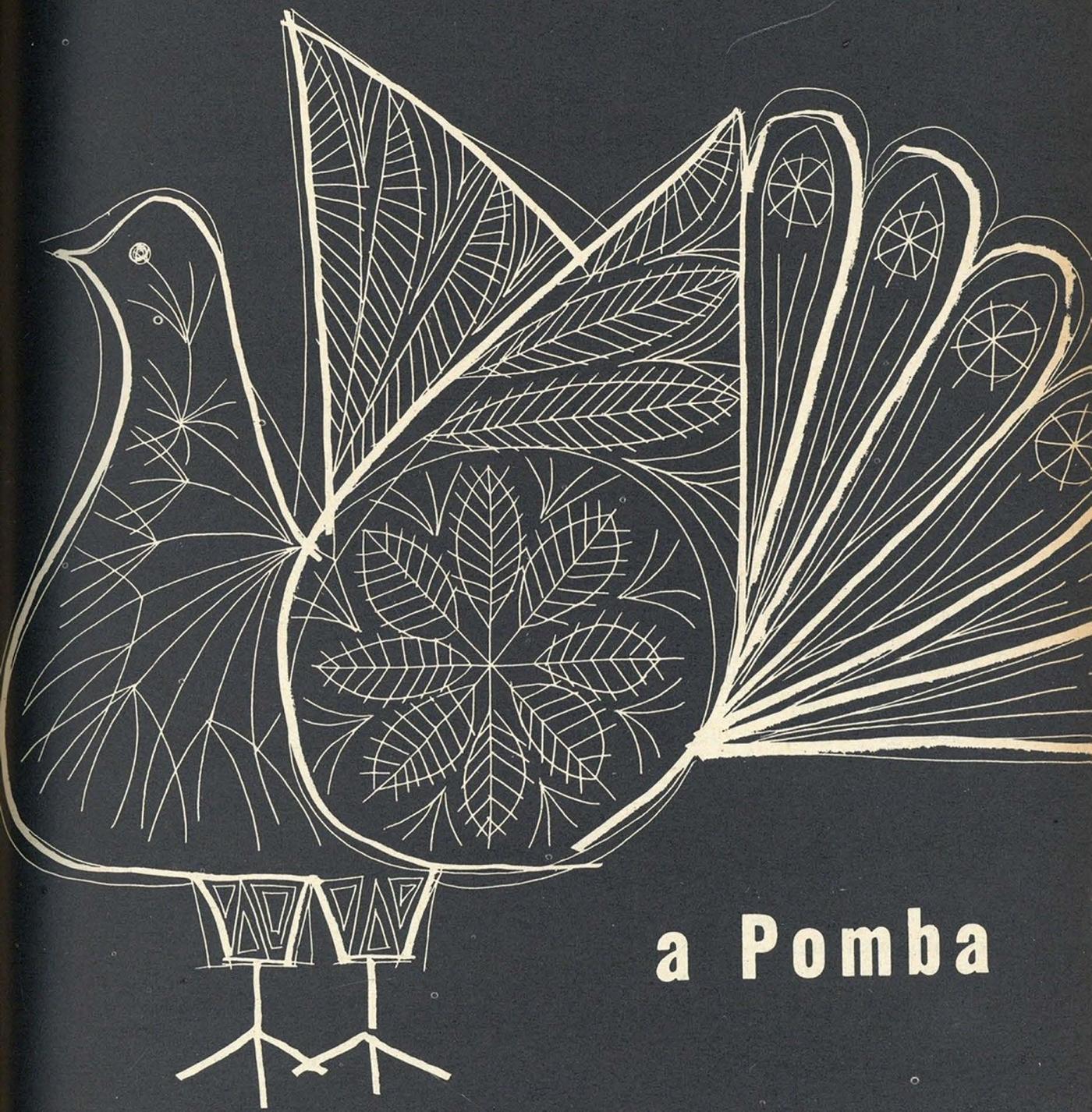
— «O senhor Mendes está admirado de me ver comer peru?»

— «Efectivamente... Para quem se queixa de tanta falta de dinheiro...»

— «Tem razão, mas que quer? A isto me obrigou a força das circunstâncias. Este animal, que aqui vê, era o meu melhor amigo. Tinha doze anos de casa. Que remédio tive senão matá-lo. E aproveitei a noite de Natal para o sacrifício... Eu já não tinha um vintém para lhe comprar milho...».

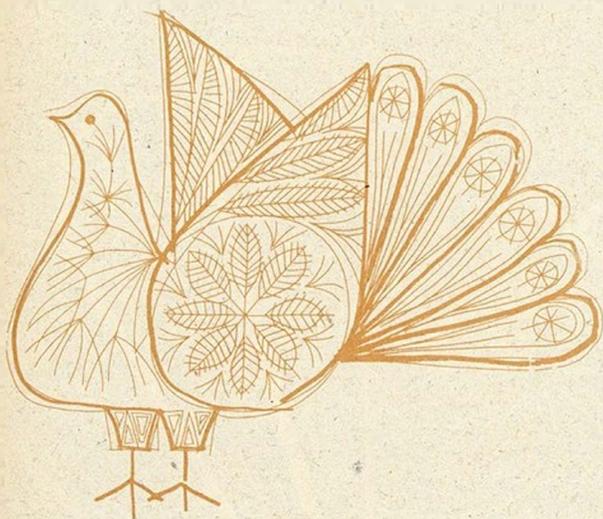
O credor, desconfiado, saiu, talvez com receio de que Teixeira de Vasconcelos lhe pedisse mais dinheiro...

E eis tudo quanto nos lembra dizer acerca deste dia que todo o mundo celebra com satisfação.



a Pomba

SÃO MATEUS



A pomba que nós vemos todos os dias, brincando nos beirais dos telhados, ou arrulhando ternamente nas mãos dos meninos, serviu como se sabe a altos desígnios e foi por Deus escolhida para delicadas missões.

Foi ela, depois do corvo, que Noé mandou em busca de terra seca e firme após quarenta dias e quarenta noites em que as comportas do Céu estiveram abertas.

Foi ela, muitas gerações depois, que foi anunciar a Maria, mulher de José e que com ele não tinha ainda coabitado, o milagre de ir ser a mãe do filho de Deus na Terra.

O sucesso veio até nós através dos textos dos evangelistas — homens simples e rudes, três deles, cultivado e poeta o outro, pois que chegou mesmo a conhecer o Senhor e com ele privou já sob as doces oliveiras de Betânia, já nas pedregosas e áridas terras do deserto.

Cada um conta com sua própria voz e são essas vozes, através das várias traduções, que ainda hoje comovem os nossos espíritos. Eilas por sua ordem tal como o Novo Testamento no-las apresenta: Mateus, Marcos, Lucas e por fim João, o poeta.

E a nossa voz humildemente se cala perante as suas.

18 — Ora a concepção de Jesus Cristo foi desta maneira: Estando já Maria, sua mãe, desposada com José, antes de coabitarem se achou ter ela concebido por obra do Espírito Santo.

19 — E José, seu esposo, como era justo e não queria infamá-la, resolveu deixá-la secretamente.

20 — Mas andando ele com isto no pensamento, eis que lhe apareceu em sonhos um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de David, não temas receber a Maria tua mulher; porque o que nela se gerou, é obra do Espírito Santo.

21 — E ela dará à luz um filho; e lhe chamarás por nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

22 — Mas tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que falou o Senhor pelo profeta que diz:

23 — Eis uma virgem conceberá, e dará à luz um filho; e apelidá-lo-ão pelo nome de Emmanuel, que quer dizer: Deus conosco.

24 — E despertando José do sono, fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado, e recebeu sua mulher.

25 — E ele não a conheceu enquanto ela não deu à luz o seu primogênito; e lhe pôs por nome Jesus.

SÃO MARCOS

9 — E aconteceu isto: naqueles dias veio Jesus de Nazaré, cidade da Galileia, e foi baptizado por João no Jordão.

10 — E logo que saiu da água, viu Jesus os céus abertos, e que o Espírito Santo descia, e pousava sobre ele, em figura de pomba.

11 — E ouviu-se dos céus esta voz: Tu és aquele meu filho singularmente amado, em ti tenho posto toda a minha complacência.

12 — E logo o Espírito o lançou para o deserto.

13 — E esteve no deserto quarenta dias e quarenta noites; e ali foi tentado por Satanaz; e habitava com as feras, e os anjos o serviam.

14 — Mas depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do reino de Deus.

15 — E dizendo: Pois que o tempo esta

cumprido, e se aproximou o reino de Deus, fazei penitência, e crêde nos evangelhos.

SÃO LUCAS

26 — E, estando Isabel no sexto mês, foi enviado por Deus o Anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré,

27 — A uma virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria.

28 — E entrando pois o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo; benta és tu entre as mulheres.

29 — Ela, como o ouviu, turbou-se de seu falar, e discorria pensativa que saudação seria esta.

30 — Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus.

31 — Eis conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus;

32 — Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David; e reinará eternamente na casa de Jacob,

33 — E o seu reino não terá fim.

34 — E disse Maria ao Anjo: Como se fará isso, pois eu não conheço varão?

35 — E respondendo o anjo, lhe disse: O Espírito Santo descera sobre ti, e a virtude

do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo, que há-de nascer de ti, será chamado Filho de Deus.

36 — Que aí tens tu a Isabel tua parenta, que até concebeu um filho na sua velhice; e este é o sexto mês da que se diz estéril.

37 — Porque a Deus nada é impossível.

38 — Então disse Maria: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo se apartou dela.

SÃO JOÃO

29 — No dia seguinte viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis aqui o Cordeiro de Deus, eis aqui o que tira o pecado do mundo.

30 — Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim vem um homem que me foi preferido, porque era antes de mim.

31 — E eu não o conhecia, mas por isso eu vim baptizar em água, para ele ser conhecido em Israel.

32 — E João deu testemunho, dizendo: Vi o espírito que descia do céu, em forma de pomba, e repousou sobre ele.

33 — E eu não o conhecia, mas o que me mandou baptizar em água me disse: Aquele sobre que tu vires descer o espírito; e repousar sobre ele, esse é o que baptiza no Espírito Santo.

34 — E eu o vi, e dei testemunho de que ele é o Filho de Deus.





cartão de identidade da rapariga americana

Medidas ideais

Na América há muitos tipos de mulheres bonitas que publicidade bem organizada apresenta como tipos de beleza americana. Mas estes são casos raros, tirados de uma miscelânea de raças e povos, que, pelo menos sob este ponto de vista, lembram mais o Dia de Juízo final do que o Paraíso na terra.

Quando declaramos que a mulher americana querida das portuguesas: Marilyn Monroe, é a que os americanos preferem: Elisabeth Taylor (nascida em Inglaterra) são magníficas peças de porcelana da China perdidas numa amálgama de terrinas das Caldas, somos aprovados pelas estatísticas. Nestas aprendemos por exemplo que: as pernas e os pés da mulher americana tendem a alongar-se, devido a comerem muita carne. A altura média é, do Norte ao Sul, de 1,60 m, a cintura de 60 a 63 cm; o peito e as ancas à volta de 80 cm. Para a «divina proporção» do gosto americano actual não parece exigir-se diferença de medida entre o peito e as ancas — a lei da simetria prevalece.

Casa-se aos 20 anos

Na América a mulher casa, em média aos 20 anos. Para cerca de 1.600.000 casamentos há, por ano, 400.000 divórcios.

A mulher média casa sem nenhuma experiência, muitas vezes mesmo completamente ignorante. Recebeu bastante informação teórica. Mas há distância entre a teoria e a realidade — e a aprendizagem desta é quase sempre penosa. Há mulheres que nunca aprendem. O namorado é um costume — é um hábito. É uma brincadeira que acaba às vezes em noivado — mesmo os filhos são encarados com superficialidade.

«Que milagre, como é que esta criança nasceu?» pergunta a si própria a rapariga americana. Vai procurar no Kinsey Report

explicação para tão curioso incidente. O culto da naturalidade acaba, às vezes, em insensibilidade.

Tem muitos complexos

É um mito o conceito de que a rapariga americana, como muita gente supõe, está livre de complexos. Pelo contrário, vive cheia deles e sobretudo da obsessão «higiénica» de deles se libertar.

Mulheres de 20 a 24 anos dão à luz por ano 1.150.000 crianças num total de nascimentos de 4.200.000. Raparigas dos 15 aos 19 dão à luz 400.000.

O casamento precoce ou imaturo muitas vezes é causa de traumatismos e desilusões para a mulher americana. A sua vida torna-se resignada e indiferente ou rebelde. Se o casamento não soçobra, harmonia e até verdadeiro amor (muitas vezes rotina do amor) reaparecem quando os filhos crescem e começam a ficar independentes.

É muito sociável

A educação americana é baseada na «cooperação». Daí, socialmente, obter a rapariga americana a sua independência pessoal muito cedo e os laços familiares são muito frágeis na América. Acontece que a rapariga americana, envolvida na mecânica da cooperação, fica rápida e fatalmente presa às convenções do ambiente onde vive. Na escola e fora dela faz parte de clubes sociais, associações de ginástica, desportivas e intelectuais, mais ou menos baseadas nas regras «Deus, pátria, família» onde aprende a «cooperar».

Não tem à-vontade

Na escola, no liceu, na Universidade, como na vida de todos os dias, a rapariga americana encontra uma facilidade de vida que não aprecia devidamente e excita-se portanto com tudo quanto é superabundante — daí viver insaciada e pouco à vontade.

É substancial e instintivamente egoísta.

Mais abaixo da superfície as coisas mudam. Há muito de aproveitável, rico e generoso muitas vezes desvirtuado ou destruído por conformismos absurdos. No meio da enorme e inexpressiva variedade há mulheres corajosas, inteligentes e sadias, que interpretam de maneira nova os sólidos e tradicionais valores do seu país.

as latitudes da felicidade

U. S. A.

ANN MORRIS
«TEM CLASSE»
E GOSTA DE A TER

As raparigas americanas
são independentes
e gostam de desporto;
desejam o casamento
e adoram tudo
quanto seja moderno.
Quando se metem
em complicações
lêem o «Kinsey Report».



Ann Morris é alta: 1,70 m. Magra, atraente e flexível como uma gazela, tem a incerteza e o espanto desse animal, quando pisca os olhos.

Tem 20 anos. Não fuma nem sabe guiar. Não vê televisão e gosta muito de cinema, particularmente do cinema francês e de «ballet».

Ann conserva no corpo esguio, o tipo alto e seco dos seus antepassados.

A sua gente chegou à Virgínia em 1710, pertence, portanto, a uma família anterior não somente à guerra civil mas até à revolução. Professa o cristianismo numa seita episcopal e é praticante — recebe a comunhão na esperança e memória do Redentor.

Seu avô que vive na Carolina do Norte, é fazendeiro e tem uma plantação de tabaco. Aí nasceu Ann, numa grande casa antiga próxima do mar. Em criança costumava brincar suja e descalça com outras da sua idade — as pernas longas de gazela fizeram-na ganhar as corridas aos amigos e aos potros.

Veio a guerra e os pais foram viver para a Pensilvânia. O pai morreu e a mãe empregou-se como secretária numa Universidade.

Ann depois da escola primária entrou no Bemard College da Universidade da Colúmbia. Não podia pagar as matrículas mas recebeu uma bolsa de estudo. No Bemard College, Ann estudou inglês e piano. Hoje vive à sua custa num pequeno apartamento.

Certamente que não foi sempre assim. Enquanto não arranjou um bom emprego teve que viver com outras raparigas. Mas isso desagradava-lhe e conseguiu arranjar lugar numa escola particular.

Um dia, o fotógrafo de um magazine reparou nela. Agora é modelo numa casa de modas de Nova Iorque.

Os magazines pagam menos: 12 dólares por hora; mas a casa para que Ann trabalha paga muito mais: até 40 dólares por hora.

Levanta-se às seis e meia da manhã, toma o pequeno almoço, apanha o autocarro e vai para o trabalho. Trabalha cinco dias por semana. À tarde volta para casa às 5 h. Regra geral deita-se cedo durante os dias de trabalho. Se está na cidade durante os fins-de-

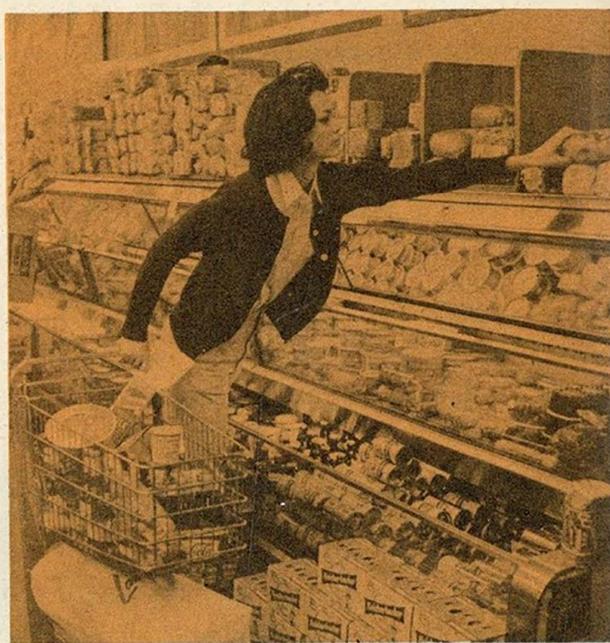


Na cozinha. Ann prepara as suas próprias refeições — até porque deseja preparar-se para quando tiver de desposar Sam.

Nas ruas, ao passar, os homens olham para ela. Aos 20 anos, quando se é assim bonita, desperta-se a atenção, mesmo em N. Iorque.



Ann nas lojas. Há variedade por onde escolher.



-semana vai ao teatro ou ao cinema. Algumas vezes, no Verão, vai ver o avô à Carolina do Norte, mas este, sempre que a vê, mesmo agora que já é crescida chama-lhe «coelhinho». Ela, não sabe explicar porquê, não gosta.

Ann gosta dos poetas do séc. XVIII e adora Scarlatti. Faz música todas as manhãs e toca Scarlatti das 7,30 às 8 h. Isto não é surpreendente porque os poetas do séc. XVIII e Scarlatti estão na moda entre a juventude culta de Nova Iorque. É mesmo curioso que Ann não toque guitarra. Há rapazes e raparigas em Nova Iorque que pretendem talvez ser doutores em guitarra. Ann não professa ainda o Budismo, mas a moda budista está também a tornar-se epidémica, sobretudo desde que o Dalai Lama teve que abandonar o Tibete.

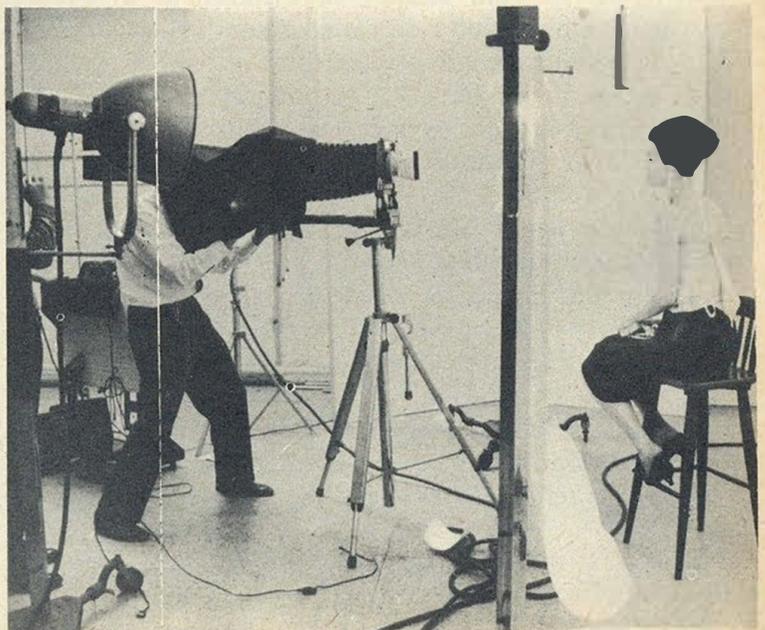
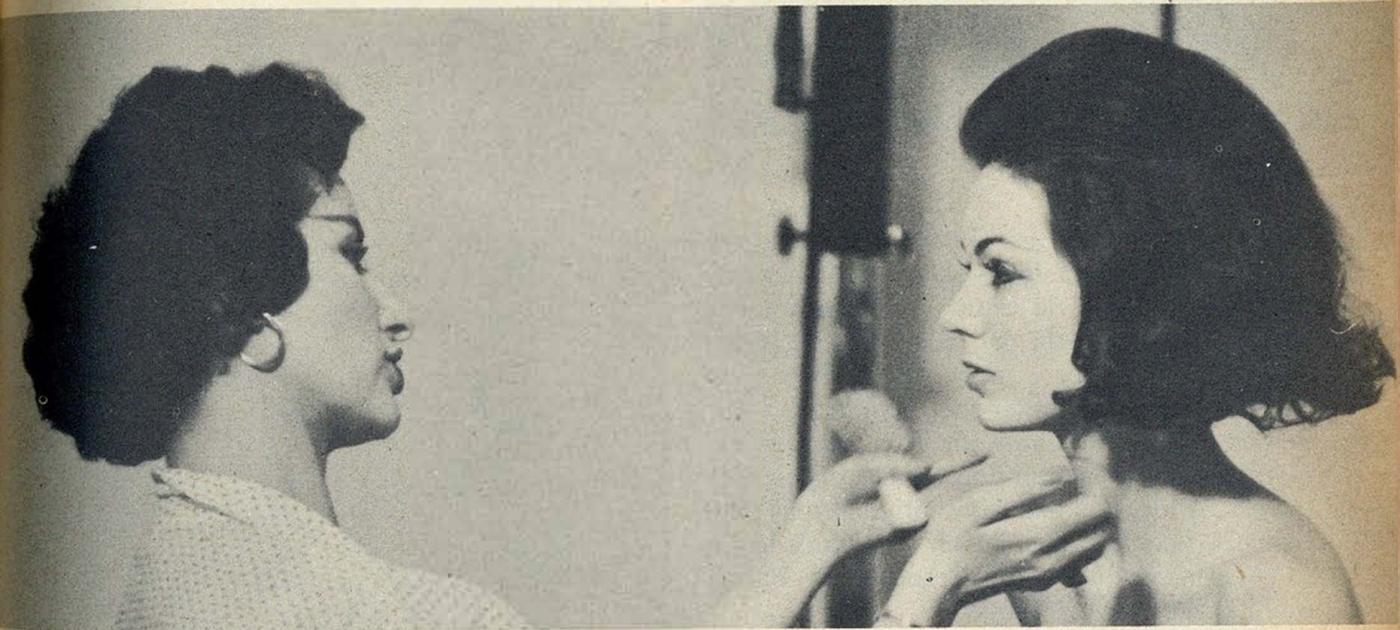
Ir ao Museu de Arte Moderna é um momento de alta emoção estética para uma rapariga de Nova Iorque, já porque no alto do edifício há um terraço que domina a grande metrópole, já porque há maravilhosas obras para admirar, como por exemplo a Madona de Epstein de que Ann gosta terrivelmente. Isto não significa, é claro, que Ann não seja uma rapariga prática e não saiba cozinhar. A cozinha, de resto, interessa-a porque, quando se casar com Sam, gostará de ter uma casa grande e cinco filhos. .

Como é que uma gazela tão delicada e frágil poderá vir a ter cinco filhos, não sei. Mas a raça inglesa tem esqueleto forte e pode operar milagres.

«Com certeza que gosto de dançar, mas com Sam» sorri Ann.

Sam não é frágil, veio de Alabama, tem

O seu trabalho de modelo
exige maquilhagem
e treino. Tem que permanecer
imóvel enquanto
os fotógrafos actuam.





Das 7 e 30 às 8 da manhã
Ann toca sempre o seu
Scarlatti, ou outro qualquer
dos compositores favoritos.

Com Sam, seu noivo, andando
de baloiço.

21 anos e estudou em Princeton; frequenta agora a Universidade de Oxford onde espera obter uma bolsa de estudo. Está agora em férias, namora Ann há dois anos e meio. Daqui a dois anos e meio será médico e, se tudo correr bem, casar-se-á com Ann.

«Gosto bem de Sam» diz Ann «porque ele é uma espécie de condutor de camiões sensível». A ideia pode parecer original mas pertence à linguagem da juventude educada da 5.^a Avenida que é uma espécie de Bairro da Lapa de Nova Iorque.

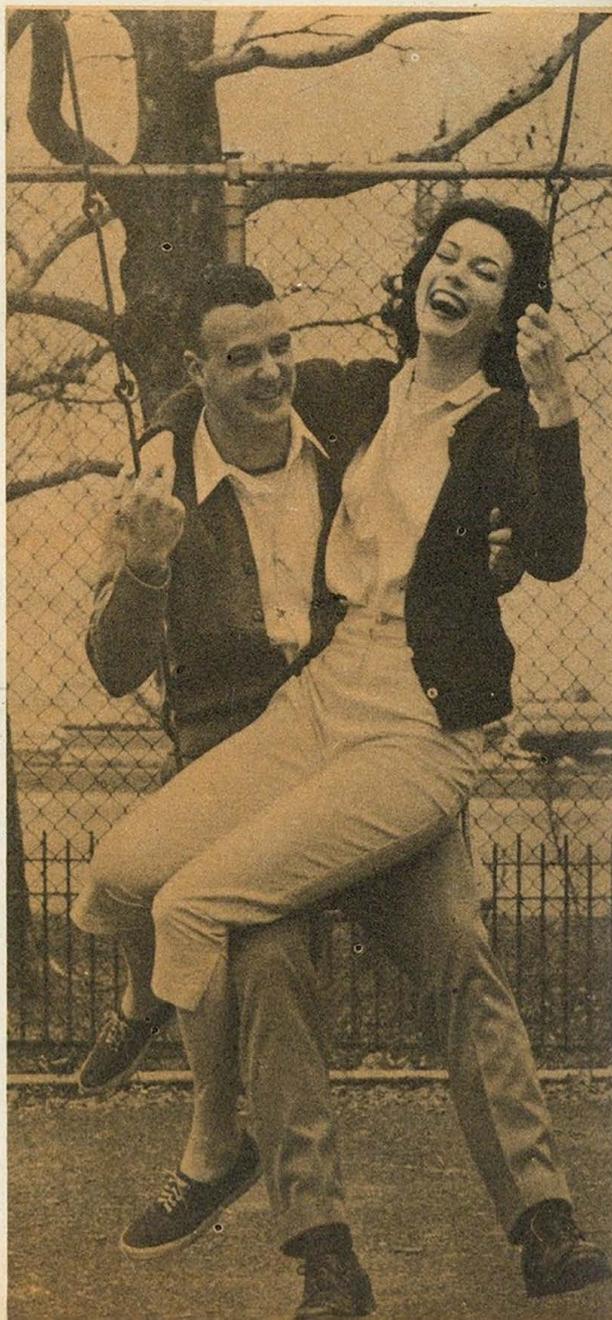
Ann é míope e fala de Sam com um pequeno brilho nos olhos. O sorriso marca-lhe os lábios com sombras tristes; em breve estas sombras se transformarão em rugas.

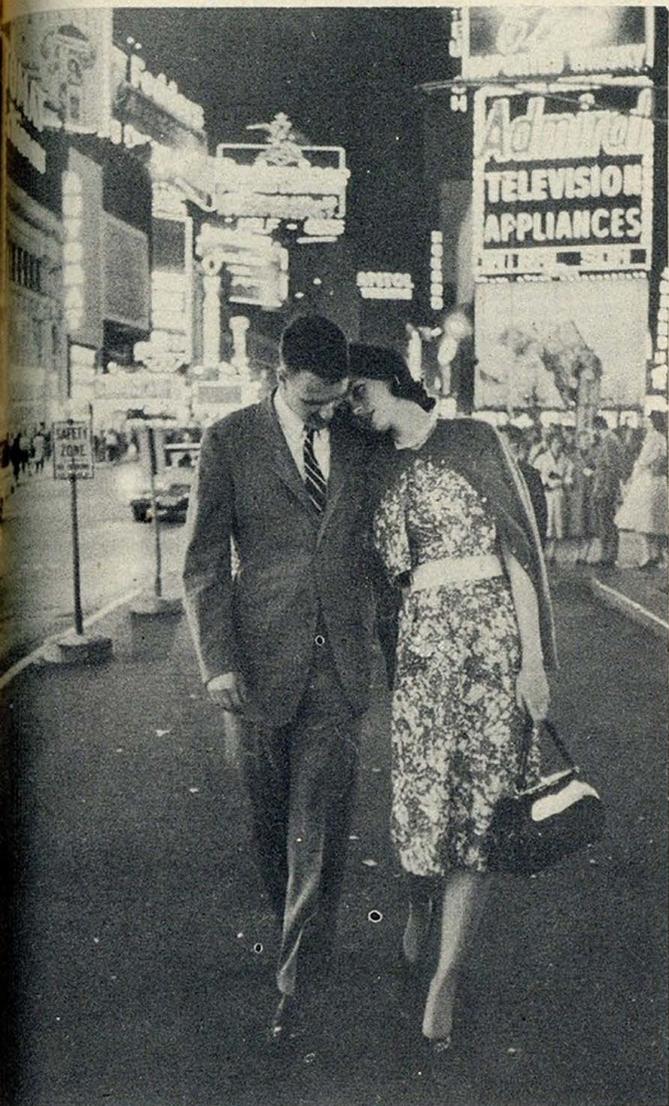
«Beijo sempre Sam. Beijo com o prazer de quem beija um condutor de camiões sensível. Gosto de o sentir maior e mais forte do que eu. Está agora em férias, mas quando está em Oxford escrevo-lhe três vezes por semana.» Nunca passaram de beijos porque a Bíblia não permite.

(E quanto tempo ainda falta até uma situação em que a Bíblia o permita?).

Ann é muito magra, os lábios desenham-se apenas. É pessimista e Sam ainda mais. Tem 20 anos mas não sabe quem é, o que quer e o que virá a ser. Tem, certamente, experiência da vida difícil e de trabalho mas falta-lhe maturidade. Tem tudo e nada. Sente fé e tédio, esperança e desilusão: tudo é contraditório.

Não é uma personalidade mas distingue-se da massa anónima: tem um rosto fisicamente muito expressivo.





Beijos apenas e nada mais até ao matrimónio. Ann tem os seus princípios religiosos.

Como um enorme jazigo a cidade agreste e cinzenta estende-se aos pés de Ann.





Contemplando o cadáver de Shelley, Byron exclamou: «Como o mundo se enganou ao julgá-lo! O homem melhor, o menos egoísta, que me foi dado conhecer!».

O autor de *Manfredo* viveria ainda dois anos. Proferindo aquelas palavras diante do amigo cuja vida sempre fora objecto das mais terríveis condenações, era de si mesmo que ele falava? Porque em muitos aspectos havia — ou Byron supunha haver — muitas semelhanças entre os dois poetas românticos. Não é verdade que ambos se tinham subtraído à moral comum dos britânicos e dos homens em geral? Não é verdade que, apesar de todas as aventuras amorosas que haviam enchido as vidas de um e do outro, a ambos unia um mesmo ideal de justiça e de fraternidade, um mesmo desejo de paz?

Deambulando uma vez pela Cartuxa de Ferrara, Byron descobrira duas lápidas mortuárias que o deixaram fortemente impressionado. Numa delas estava escrito: «Martini Luigi implora praxe». Na outra: «Lucrezia Piccini implora eterna quiete».

Implora praxe! Essa mesma **praxe** foi Byron procurá-la na guerra, arriscando a vida pela libertação da Grécia.

A morte colheu-o antes mesmo de entrar em combate. Morto, enfim, aos trinta e seis anos, Byron encontrava a paz, a paz absoluta, a paz definitiva!

NA CÂMARA DOS LORDS

O menos agoísta dos homens... Ah, esse é um dos aspectos da personalidade de Byron: Generoso, tantas vezes! E, no entanto, a sua vida é bem um rosário infindável de gestos de egoísmo!

Contraditório, simultaneamente liberal e aristocrático, Byron, no dia em que herdar

o título de **Lord**, irá para a frente de um espelho interrogar-se: «Há alguma diferença? Sou outro, serei outro desde que sou **Lord**?». E entristecia por não ver marcado no rosto um sinal distintivo, um sinal que o mostrasse bem diferente dos plebeus... Mas Byron, o **Lord** Byron que se julgava superior a todos os homens, e superior não apenas pelo gênio, mas pelo nascimento, pelo sangue, Byron numa das poucas vezes que entrou na Câmara dos Lords, defendeu os humildes, os operários das trágicas fábricas de fiação da Inglaterra, aquando dos começos do industrialismo.

«Napoleão foi vencido pelas crianças inglesas e as neves da Rússia», costuma dizer-se. Pois não eram as crianças que trabalhavam catorze horas por dia nas fábricas e nas minas, que contribuíam para a grandeza da Inglaterra? Não só as crianças: os pais também.

Surgiram as primeiras lutas. Revoltados, alguns operários destruíram as máquinas e na Câmara dos Lords discutiu-se uma lei para reprimir as vítimas... Foi mesmo proposta a pena de morte!

Byron ergueu-se indignado. «Quais são os vossos remédios?» — perguntou. — «A morte? Mas os desgraçados e os famintos que já enfrentaram as vossas baionetas, terão acaso medo dos vossos cadafalsos?». E acrescentou: «Nas províncias mais oprimidas da Turquia, nunca encontrei uma miséria tão sórdida como no coração desta Inglaterra cristã».

UM PROFISSIONAL DA INFELICIDADE

Afinal, hoje em dia, ao menos em Portugal, quem conhece Byron? Melhor: que ideias sugere Byron? Um poeta romântico que nin-

Byron

guém lê, um amoroso eternamente apaixonado... Pode dizer-se que, tal como sucede com muitos outros homens, Byron foi mais importante como mito do que como realidade. No fundo, Lord Byron não namorou mais mulheres do que muitos outros e as suas aventuras não tiveram mais sabor do que tantas outras. Mas Byron é um mito, e isso é que importa.

Mas que representa então o grande poeta? Talvez isto: Byron é o típico caso do homem apaixonado por uma única mulher; o típico caso do homem que procurou esquecer nas outras um amor impossível! Mais ainda: Byron é um profissional da infelicidade!

O PRIMEIRO AMOR AOS NOVE ANOS

Byron acordou para o amor aos nove anos... Primeiro, uma aventura sem importância com Levy Campbell. Depois, uma paixão absorvente por Mary Duff.

Mary, que era prima de Byron tinha «olhos cor-de-amêndoa e cabelos escuros». Byron interessou-se súbitamente pelos cabelos dela e pediu-lhe que lhe desse um dos seus caracóis. Mary recusou, durante dias sucessivos recusou. Byron não comia, não dormia... Certa vez, Mary estendeu-lhe uma tesoura e perguntou a Byron se tinha coragem de lhe cortar os cabelos. Byron hesitou durante um dia, preso por uma terrível timidez. No dia seguinte, mal viu Mary, percebeu que ela perdera um dos caracóis. Perguntou-lhe o que havia acontecido... Mary nada respondeu, limitou-se a dar-lhe um pequeno embrulho.

George apalpou a consistência do pacote. Que poderia ele conter? Mary continuava a sorrir. Quando George quis rasgar o papel para saber o que lá estava dentro, ela não deixou.

Em casa teve a certeza: Mary oferecera-lhe uma madeixa de cabelos!

Byron não sabia escrever. Pediu à mãe que redigisse um bilhete em seu nome a agradecer a dádiva de Mary. Como a mãe recusasse, pediu à criada que inicialmente não quis, mas foi vencida pela persistência do jovem George.

Muitas outras cartas seguiram idêntico destino. E o Outono de 1798 passou. Os dois apaixonados davam grandes passeios pelos

arredores de Aberdeen. Conversavam com a naturalidade de pessoas crescidas. E como a vida de Byron ainda não tinha muito que contar ele inventava histórias. Os seus primeiros versos foram para ela. «Não me recorde de ninguém — dirá mais tarde — que possa rivalizar com a beleza transparente da minha prima, ou com a doçura do seu carácter, manifestada durante a nossa breve intimidade. Ela parecia ter surgido de um arco-íris».

Mas Byron deixou Aberdeen. Novas terras, novas gentes. Mary Duff, a imagem de Mary Duff, não resistiu à nova realidade que se lhe oferecia em Nottingham. Margaret, a suave, a delicada Margaret Parker. Tinha 13 anos e foi para ela o primeiro beijo de George.

Mais ninguém a beijou. Meses depois morria física, a doença romântica, por excelência. Como Mary Duff, de resto.

UM HOMEM COXO

Quando Byron entrou para o colégio de Harrow, sofreu as suas primeiras humilhações. Byron era coxo e esse defeito físico expunha-o à troça dos colegas.

Destemido, George desafiava os mais velhos e batia-lhes, muitas vezes. Além disso, protegeu um camarada que também era coxo, protegeu todos os fracos... De certa vez em que um dos mais velhos batia num caloiro, o pequeno Byron disse-lhe: «Porque está você a dar pancada em Peel?» — «Que tens tu com isso?», perguntou-lhe o outro que, por sinal, era um latagão. «É que você podia dar metade das pancadas em mim...», replicou George.

Pouco depois, conhecia e amava Mary-Anne Chaworth. Repetia-se, sob forma, benigna, a história dos Capuletos e dos Montague. De facto o avô de Mary-Anne fora morto em duelo pelo avô de Byron... Em todo o caso, por esse lado, não houve dificuldades. A família de Mary-Anne acolheu benévola o poeta. E, assim, os dois davam grandes passeios pelos parques de Annesley. Acontecia, porém, que Mary-Anne estava para casar. Apreciava em Byron o conversador, o poeta, o próprio enamorado... Mas casar com ele, não. E uma noite George



Teresa Guiccioli



Claire Clairmont

ouviu-a dizer para uma criada: «Como hei-de desembaraçar-me deste coxo?».

Mary-Anne era

«A mais adorável criatura deste vasto mundo: Não havia na terra um olhar como o seu...».

Mas estava tudo perdido. Byron, depois de ouvir aquelas palavras, fugiu como louco e não voltou mais a Annesley. Entretanto, Mary casava-se com John Muthers. Um casamento falhado... E quando, anos depois, Mary chamou Byron, este não a ouviu. Porque a não amasse?

Amou-a sempre. «Se tivesse casado com Mary-Anne — dirá mais tarde — a minha vida teria sido completamente diferente. Porque lhe virou as costas, se a amava?

«Casar com uma mulher rica ou dar um tiro nos miolos, tanto faz. Os dois remédios são iguais». Mas Byron tomou um terceiro remédio: partiu para o estrangeiro. A sua vida em Inglaterra não tinha mais sentido, nela o poeta afundava-se em contínuas orgias e era preciso partir, lavar a alma e o corpo.

PEREGRINAÇÃO

Byron dirigiu-se a Portugal e dessa viagem deixou relato no famoso «Childe Harold's Pilgrimage».

Costuma dizer-se que Byron não foi simpático para com os portugueses. «Pinto os portugueses tal qual os observei», nota ele. Mas o problema não é, talvez, o de ter sido ou não simpático.

Byron era um homem independente que atacava com violência a sua própria pátria. Pois bem: essa independência dá-lhe uma certa autoridade para falar do estrangeiro. E a visão que Portugal oferecia em 1909 seria diferente? O que caracteriza as opiniões do grande poeta é uma enorme admiração pela paisagem e um desagrado intenso pelos habitantes. É certo que Byron foi atacado em Lisboa (não se sabe em que circunstâncias). Segundo o poeta as coisas passaram-se assim: «Indo para o teatro, fui uma vez assaltado às oito horas da noite, hora a que há ainda muita gente nas ruas; estávamos diante de uma loja aberta e íamos dois numa carruagem. Felizmente estávamos armados, sem esta precaução, teríamos fornecido motivo para uma anedota, em lugar de sermos nós a contá-la».

A verdade é que na Lisboa de então eram frequentes os ataques à mão armada, mesmo durante o dia. E nada confirma a afirmação do poeta João de Lemos de que tenha sido um marido ultrajado o assaltante.

«Pobre povo de escravos! Nascidos em tão delicioso clima! — Ó Natureza! Porque prodigalizaste tu teus dons a tal gente?». — «Ah! Se estes rincões nutrissem uma raça livre!». — «...o último dos camponeses de Espanha conhece bem a diferença que existe entre ele e o escravo lusitano, o último dos escravos!».

As principais acusações parecem ser, portanto, contra a falta de liberdade que então havia em Portugal.

Pois bem: a leitura da história daquele tempo não desmente as afirmações do poeta.

E Garrett aconselha-nos paciência «que ainda não é muito grande a injustiça do nobre Lord».

Para mais, Byron assistiu a ingenuidades deste tipo (que mais tarde seriam utilizadas pelo Eça em *Os Maias*): visitando a biblioteca do Convento de Mafra, falou em latim com os frades, e estes perguntaram-lhe se em Inglaterra também havia livros...

Acrescente-se o protesto veemente do poeta quanto à maneira como a Inglaterra tratou Portugal, aquando das invasões francesas. Referindo-se à Convenção de Sintra, afirma: «Desde o dia desta fatal assembleia, ó Sintra, o teu nome faz empalidecer a Inglaterra!... Os que mantêm as rédeas do Estado estremecem, e corariam de vergonha, se as suas caras soubessem corar (...). Os inimigos vencidos em combate foram os vencedores neste palácio, onde seremos expostos ao chasco das nações nos séculos futuros».

REGRESSO À PÁTRIA

De novo em Inglaterra, dois anos depois de viajar pela Europa, Byron entrega-se ao amor de várias mulheres. Era um homem famoso, um desses homens a quem as mulheres procuram e os maridos perdoam...

Acabou por casar. Mas um casamento a frio, o casamento com uma rapariga que de princípio o recusou. Byron não amava Anabela Milbanke, mas não podia perdoar-lhe a recusa. E então lançou-se num combate... Aconteceu que Anabela apreciava Byron e sentiu, de súbito, o apostólico desejo de salvar o poeta da vida que levava.

No próprio dia do casamento Byron revelou-lhe que casara com ela por duas razões: por vingança da sua primeira recusa e por dinheiro...

A vida entre eles tornou-se infernal. Por fim, Anabela fugiu para casa dos pais. Por essa altura começou a imprensa inglesa a atacar violentamente o poeta, acusando-o de inimigo público: inimigo da religião, da pátria, da família... Mas, como sempre, o que provocava esses ataques não era tanto o estranho modo de viver de Byron, mas a grandeza da sua arte. O que os jornais queriam esmagar não era a imoralidade do homem (homens bem mais pecadores do que ele havia muitos!) mas o seu génio poderoso! Por outro lado, é evidente, que esse mesmo génio punha em perigo — pelo exemplo —

certos princípios fundamentais da sociedade britânica. De facto, a imoralidade de Byron era mais um desafio à sociedade, do que algo de profundo. A sua vida dissoluta era uma revolta contra uma sociedade não menos dissoluta, mas hipócrita. Incapaz de ser um revolucionário activo, incapaz de sustentar a luta política na Câmara dos Lords, Byron desafiava assim um mundo que ele supunha perdido e condenado.

O FIM

Antes de deixar definitivamente a pátria Byron teve outra aventura importante com Claire Clairmont. De resto, não fora Byron que a procurara, mas ela que lhe escrevera, declarando-lhe o seu amor. Pois bem: Claire já antes havia conquistado, por esforço próprio, um grande poeta: Shelley. Roubara-o à sua própria irmã, e esta expulsara-a de casa.

A história com Claire não acabou em Inglaterra. Por mero acaso encontraram-se na Suíça (onde de novo fora acolhida pela irmã que tudo lhe perdoara a ela e a Shelley).

Em Itália os amores de Byron não tiveram fim. A sorte protegia-o porque os maridos das suas apaixonadas caracterizavam-se sempre por uma extrema benevolência.

O exemplo máximo deu-o o conde Guiccioli, continuando a receber o poeta em sua casa, quando toda a cidade de Veneza já sabia das relações de Byron com a esposa. Esta queria separar-se do marido, mas o conde não estava pelos ajustes. A questão apaixonou a Itália e, por fim, o Papa decretou a separação.

Mas Byron e Teresa não podiam viver juntos, depois da separação desta, porque parecia mal! Antes, sim. Agora, não...

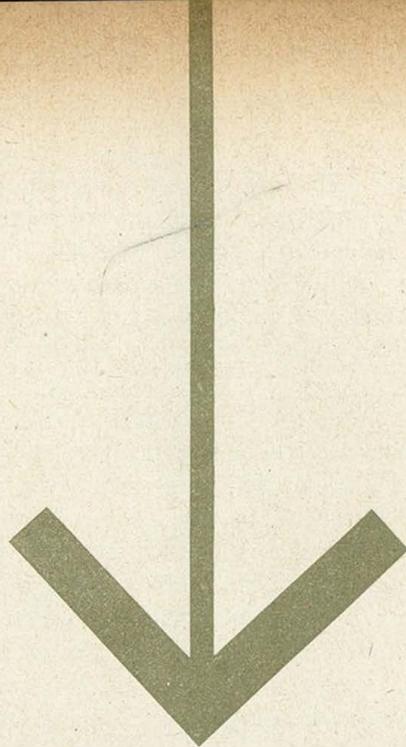
Vencida, por fim, essa barreira, que haviam de encontrar os dois no fim da estrada? O tédio, o cansaço, a indiferença.

Byron conspirara pela libertação da Itália. Mas o tempo não estava ainda maduro para que aquele país alcançasse a liberdade.

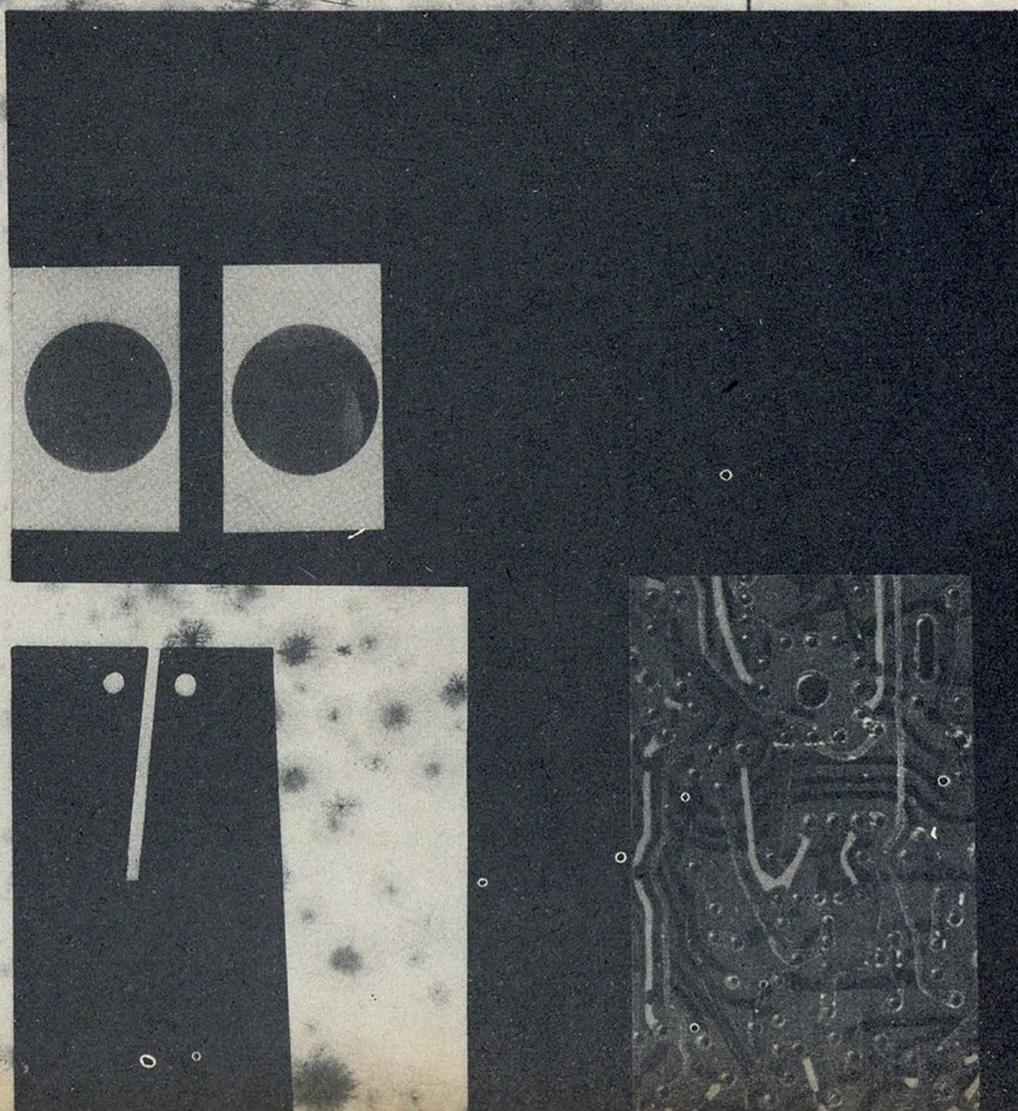
Então, em 1823, parte para a Grécia, que iniciara a luta pela independência. «Permita o céu que chegue o dia em que, atirando-me de espada em punho sobre um destacamento turco, possa encontrar uma morte imediata e sem dores!».

O destino não quis.

Byron morreu na cama, com uma vulgar doença, como qualquer burguês.



o porto das águas tranquilas



Mark Rogers era um pesquisador que andava pelo espaço à procura de metais preciosos. Investigou durante muitos anos, andou por aqui e por ali, saltando de planeta em planeta, e fixou-se por fim num pequeno pedaço de rocha com duas milhas de diâmetro.

Rogers era um homem muito velho e solitário. Nunca amara, mal convivera com mulheres, mas quando pensava num nome para o seu asteroide, de que nome se havia de lembrar? **Marta**... Porquê?

Ganhou algum dinheiro e equipou **Marta** com uma bomba de ar e um barracão, uma tonelada de terra cultivável, alguns tanques de água e um autómato. Então instalou-se definitivamente e ergueu os olhos para as estrelas.

O autómato que comprara, era um modelo normal, com uma memória interna e um vocabulário de trinta palavras que Mark foi aumentando pouco a pouco, porque era habilidoso e gostava de adaptar o mundo que o cercava à sua própria personalidade.

De princípio tudo o que o autómato podia dizer era: «Sim, senhor» e «Não, senhor». Podia também afirmar coisas muito simples como: «A bomba de ar está estragada, senhor» ou «O milho está maduro, senhor». Podia também cumprimentar de uma maneira perfeitamente satisfatória: «Muito bom-dia, senhor».

Mark imprimiu-lhe algumas modificações e eliminou os «Senhores» do vocabulário do autómato porque a igualdade era uma regra inflexível nesse pedaço de rocha perdido e desolado! Baptizou o autómato com o nome de **Charles**, em memória de um pai que nunca conhecera, e os anos foram passando lentamente. A bomba de ar ia convertendo o oxigénio das rochas do asteroide numa atmosfera respirável, as colheitas continuavam a crescer, e Mark, quando olhava para mim, podia ver o negrume impressionante do Espaço onde cintilavam as estrelas. Em volta passavam a grande velocidade outros asteroides e, por vezes, descobria lá em cima Marte ou Júpiter. Chegou mesmo a pensar, certo dia, que tinha visto a Terra.

Entretinha-se a gravar novas respostas na memória de Charles. Quando perguntava «Que tal te parece?», Charles retorquia «Parece-me muito bem».

De princípio, as respostas a que obrigava Charles, eram as respostas que a si mesmo

dava nos longos monólogos com que entretinha o tempo. Mas, posteriormente, começou a construir uma nova personalidade para Charles, a fornecer-lhe réplicas que pensava não exprimirem o seu próprio pensamento.

— Que pensas das mulheres? — perguntava Mark, sentado num caixote, depois de terminada a labuta diária.

— Ora, não sei bem. Tem de se encontrar a que melhor nos convenha, — respondia submissamente o autómato, repetindo o que tinha sido gravado na sua fita magnética.

— Ainda não encontrei uma que valesse a pena — dizia Mark.

— Bem, talvez não tivesses procurado com insistência. No Mundo há uma mulher para cada homem.

— És um romântico! — respondia Mark desdenhoso. — O autómato fazia então uma pausa, — uma pausa propositadamente introduzida na sua fita magnética e ria-se com um riso construído com uma perfeição absoluta.

— Uma vez sonhei com uma rapariga chamada **Marta** — dizia Charles. — Se eu a tivesse procurado, quem sabe se não teria dado com ela?

Dias depois a conversa repetia-se:

— Que pensas tu das mulheres?

Charles envelheceu. Mark perdia horas e horas a reparar o autómato.

— Estás a ficar ferrugento, — dizia ele.

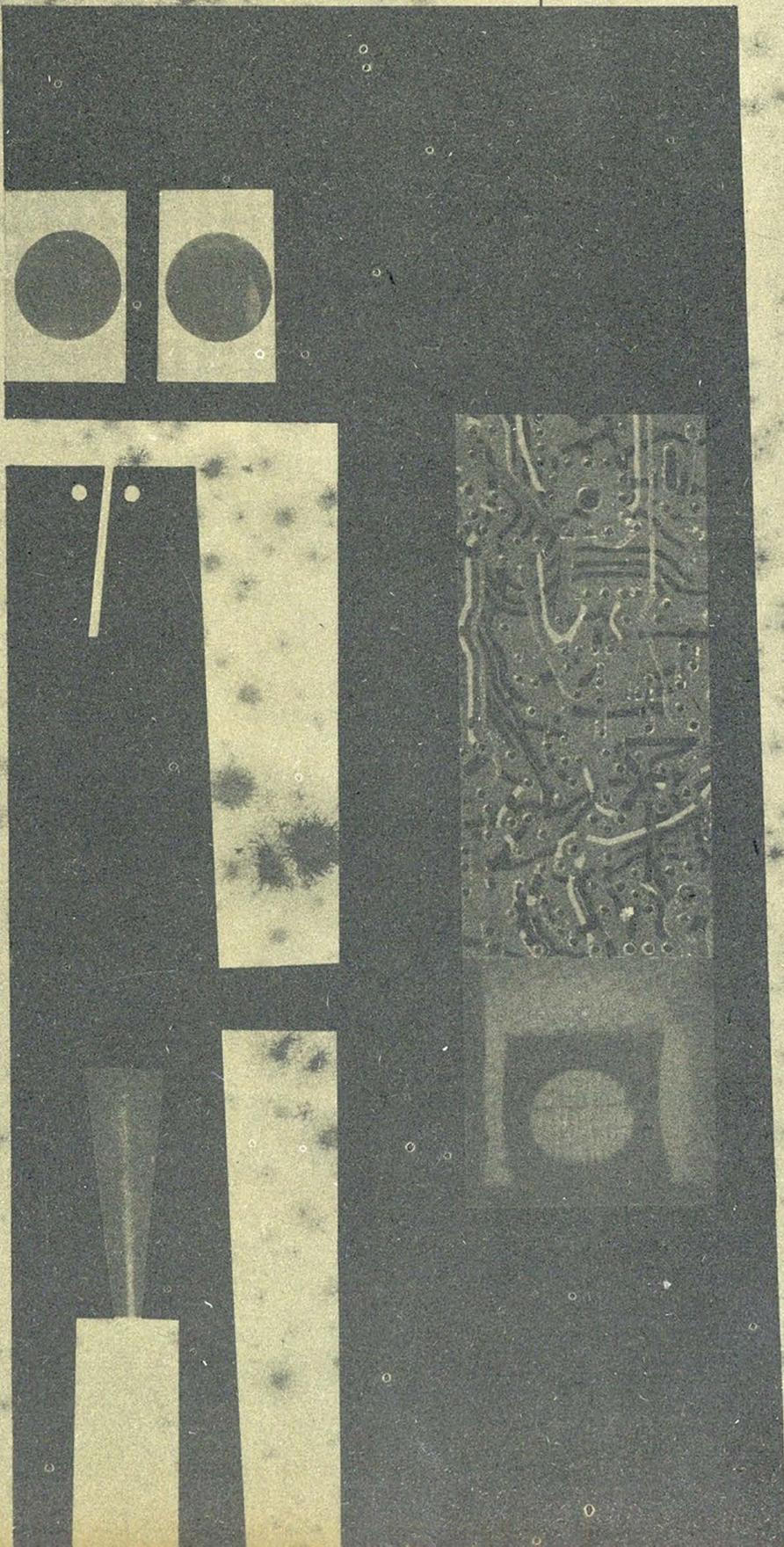
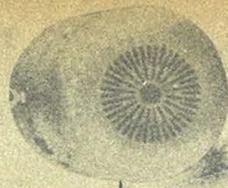
— Tu também já não estás novo — respondia Charles.

De facto, Charles tinha uma resposta para tudo. As suas considerações não seriam muito profundas mas Mark contentava-se com pouco e o tempo ia passando.

Comia vegetais, mandava o autómato cultivar os campos, reparava a bomba de ar. À noite, depois da ceia, sentava-se no caixote e iniciava uma longa conversa com Charles. Mas essas conversas eram cada vez mais complicadas. Mark não podia dotar o autómato de livre arbítrio mas conseguia algo de semelhante. E, lentamente, a personalidade de Charles foi emergindo. Mas era completamente diferente da de Mark!

Onde Mark era queixoso e quezilento, Charles era calmo. Onde ele era sardónico, Charles era ingénuo. Mark era um cínico, Charles um idealista. Este estava muitas vezes triste; aquele eternamente contente.

E, com o tempo Mark esqueceu-se de que tinha gravado as respostas na memória de



Charles. Começou a aceitar o autômato como um amigo mais ou menos da mesma idade. Um amigo de longa data.

Não compreendo — dizia Mark, — que um homem como tu goste de viver aqui; quero dizer, cá por mim, está bem: ninguém se importa comigo e eu nunca me importei muito com os outros. Mas tu?

— Aqui tenho o mundo por minha conta — respondia Charles. — Na terra seria obrigado a dividi-lo com bilhões de seres. Também tenho as estrelas que aqui são mais brilhantes do que na Terra. E tenho o espaço à minha volta, um espaço quieto como as águas tranquilas dum porto. E tenho-te a ti, Mark.

— Não seas sentimental, Charles...

— Sou. A amizade é tudo. O amor, esse já se perdeu há muito, Mark. O amor de uma rapariga chamada Marta, que nenhum de nós conheceu. E é pena. Mas a amizade fica, e, também, esta noite eterna...

— És um poeta maldito, — dizia então Mark, numa meia admiração.

— Um pobre poeta...

Os anos corriam e a bomba de ar silvava, batia e deitava água por fora. Mark estava constantemente a concertá-la mas o ar de Marta ia-se tornando cada vez mais rarefeito. Ainda que Charles continuasse a trabalhar nos campos, as colheitas, privadas do ar necessário, morriam.

Mark estava agora muito cansado e quase incapaz de se arrastar, mesmo sem o peso da gravidade. Ficava estendido na sua tarimba quase todo o dia. Charles alimentava-o como podia, movendo os seus membros ferrugentos e emperrados.

— Que pensas tu das mulheres?

— Ainda não encontrei uma que valesse a pena.

— Bem, talvez não tivesses procurado com insistência.

Mark estava já demasiado fraco para ver a aproximação do fim e Charles desinteressava-se disso. Mas a bomba de ar trabalhava com dificuldade e a comida era pouca.

— Mas porquê tu? Não compreendo que um homem como tu goste de viver aqui.

— Aqui tenho todo o Mundo para mim...

— Não seas sentimental, Charles...

— E o amor de uma rapariga chamada Marta.

Da sua tarimba Mark viu as estrelas pela última vez. Grandes, maiores do que nunca, flutuando sem fim nas tranquilas águas do espaço.

— As estrelas... — disse Mark.

— Sim?

— O Sol?

— Brilhará como brilha agora e para todo o sempre...

— Um poeta maldito.

— Um pobre poeta...

— E as mulheres?

— Uma vez sonhei com uma rapariga chamada Marta. Talvez que se...

Que pensas tu das mulheres? E das estrelas? E da Terra? — E já eram horas de dormir, desta vez para todo o sempre.

Charles ficou ao lado do corpo do amigo. Apalpotou-lhe o pulso uma vez e deixou cair-lhe a mão. Caminhou até ao canto da casa e desligou a bomba de ar.

A fita gravada que Mark tinha preparado tinha ainda alguns centímetros para correr.

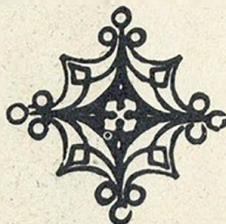
— Espero que ele encontre a sua Marta...

— dizia o autômato.

Mas a fita quebrou-se.

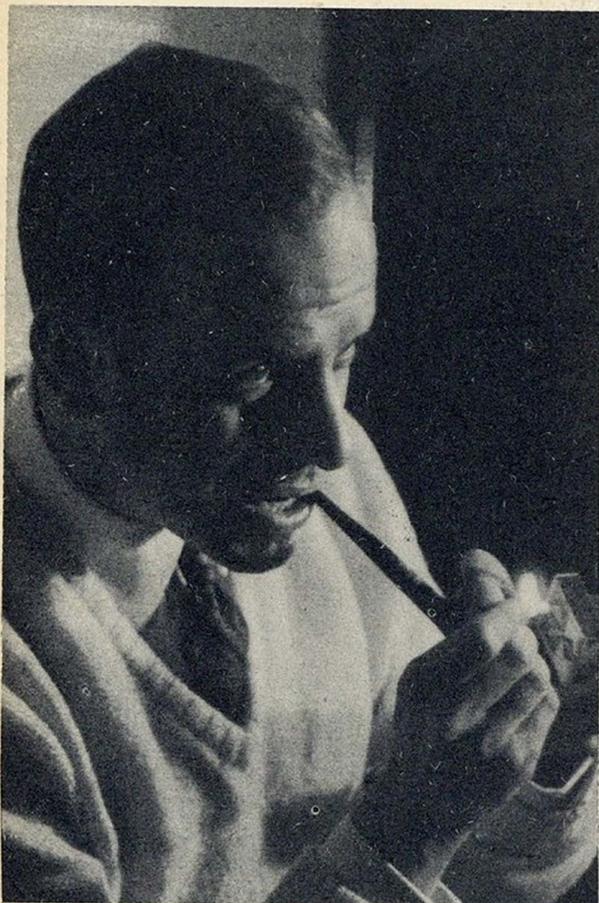
Os seus membros ferrugentos já não podiam dobrar-se e por isso ficou de pé, imóvel, olhando para o alto, para as estrelas nuas. Depois curvou a cabeça.

— O Senhor é o meu Pastor — disse Charles. — Não terei desejos. Ele fez-me reclinar nos prados verdes. Ele conduziu-me...



armazém das letras & diversos





Gaiotas em Terra

David Mourão Ferreira

David Mourão-Ferreira nasceu em Lisboa em 1927. Licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, é hoje assistente da Faculdade de Letras onde tem regido a cadeira de Teoria da Literatura. Foi co-director das folhas de poesia *Távola Redonda*, crítico de poesia do «Diário Popular» (1954-1957) e colaborador cultural da Rádio Televisão Portuguesa. Publicou os seguintes livros de poesia: *A Secreta Viagem* (1950), *Tempestade de Verão* (1954), que obteve o Prémio Delfim Guimarães; e *Os Quatro Cantos do Tempo* (1958), este último editado no Rio de Janeiro. Autor de vários ensaios (acerca de Sá de Miranda, Garrett, Cesário, etc.) é colaborador do *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Foi actor no Teatro-Estúdio do Salitre, onde foram igualmente representadas duas peças da sua autoria: *Isolda* e *Contrabando*.

Pois bem: o poeta de *Os Quatro Cantos do Tempo* aparece-nos hoje, pela primeira vez, novelista. E, o que é mais, neste seu livro de estreia na ficção, David Mourão-Ferreira surge-nos, de chofre, igualmente senhor dos seus processos. Um mestre da técnica novelesca, dominando o «flash-back», destruindo as ca-

tegorias do tempo convencional, focalizando as suas figuras ora em grandes planos em que o pormenor avulta no seu mais significativo relevo — significativo e funcional — ora em conjuntos e cenários onde o lirismo e a sátira não alternam, porque se entremeiam, se fundem, na complexa névoa do acontecer. Tudo isto numa Lisboa que cheira, que se palpa, que se entranha em nós, banal à superfície e interiormente densa de dramas suspensos e velados, de caladas agonias, de frustrações, de náusea sem ostentação. Aversão ao patético. Contensão. Ironia trágica. Lisboa da véspera de uma tempestade que não chega...

Junte-se a isto o soberano engenho de David Mourão-Ferreira na dilacção e na revelação dos eventos capitais, no enervamento misterioso da intriga, que deve o seu interesse crescente, e por vezes crescentemente angustiante, à tragédia grega e ao melhor filão do romance policial. Considere-se ainda este estilo vigoroso e plástico, íntimo e evocativo — ou discretamente cáustico, caricatural — e, não tenhamos medo às palavras, reconheceremos um grande narrador de histórias (que melhor título pode um ficcionista desejar?) português e europeu.



um estudo de história

Arnold Toynbee

Com Toynbee, a história deixa de preocupar-se apenas com o passado para se interessar também pelo futuro. O imenso saber adquirido pela ciência histórica, durante o último século, é apresentado em **A Study of History** com uma arte prodigiosa, não com intuítos estéticos, mas com o objectivo único de esclarecer a pergunta: quais as perspectivas que se abrem a uma civilização ameaçada de morte?

A teoria da história de Toynbee é uma morfologia comparada das vinte e uma sociedades ou civilizações que puderam alcançar o seu completo desenvolvimento neste nosso planeta. Tais sociedades crescem e morrem

duma forma muito semelhante, o que permitiu a Toynbee enunciar a lei histórica fundamental que tão procurada havia sido depois de Augusto Comte. O autor de **Um Estudo de História** propõe-nos, precisamente, um esquema de evolução. Segundo ele as civilizações são fenómenos da vida e, portanto, submetidas a quatro fases principais: génese, crescimento, desmoronamento e desagregação. Por outras palavras: Toynbee rejeita a noção de progresso e substitui-a pela ideia de ciclos de cultura.

Pela primeira vez uma obra de natureza histórica conseguiu alcançar as tiragens duns **best-seller**. Spengler também foi muito lido mas o seu êxito, do ponto de vista editorial, não pode comparar-se com o de Toynbee.

Claro está que a ciência oficial protestou contra **Um Estudo de História**.

O grande Lucien Febvre acusa Toynbee do pecado da arbitrariedade... Sabe-se lá! Quando se põem em dúvida os postulados fundamentais, a crítica científica costuma reagir sublinhando a inexactidão de tal ou tal pormenor. Mas a significação duma teoria universal não pode ser comprometida por este ou aquele facto.

A obra de Toynbee torna a história universal mais interessante do que poderíamos supor até aqui, sem que o autor se entregue a simplificações que violentem os factos ou que os ignorem. **Um Estudo de História** não é uma síntese subjectiva. O leitor é introduzido em numerosos domínios do saber que lhe eram completamente desconhecidos. Aprende a pensar não só à escala do continente em que vive, mas à escala das civilizações e dos milénios. Toynbee não ignorou nada e, todavia, só nos descreveu o essencial. Sob os nossos olhos desenvolve-se toda a história, pela primeira vez temos em nossa frente um panorama completo.

«É possível — diz Ernst-Robert Curtius — que a imagem da história universal proposta por Toynbee venha a integrar-se, nos anos próximos, graças a um fenómeno de **mimetismo**, no património espiritual de quantos se entregam ainda ao hábito de pensar. Se assim for, as perspectivas espirituais modificar-se-ão e as consequências positivas dessa mudança serão incalculáveis. Uma feliz consequência vegetativa poderia ser para já o desaparecimento de todas as construções históricas subjectivas que ainda hoje dificultam a nossa visão.»

ALMANAQUE honra-se em apresentar uma colaboração inédita de Aquilino Ribeiro, ilustrada por João Abel Manta. Um mestre da literatura portuguesa de todos os tempos aparece aqui ao lado de um artista que, na moderna geração, ocupa um lugar impar pelo estilo, pelo humor e pelo cunho pessoal da sua técnica.

Aquilino Ribeiro (homem da Meseta, redescobridor de Sancho Pança e dos portugueses das sete partidas) traz nesta novela o sabor travesso das páginas do célebre Malhadinhas, e João Abel (31 anos, arquitecto, etc., etc.) ajustou admiravelmente o seu traço exacto e cheio de ironia às exigências do texto que lhe foi confiado por desejo e encargo do Mestre prosador.

Tudo como vão ver e apreciar.



pão de ló... nacional e simbólico

O Colégio contratou um mestre de música. Regia a banda de Aguiar da Beira, e dele só se sabia que era um homem muito competente, tanto para orquestra como charanga, e inexcusável de batuta na mão a conduzir uma missa de pontifical. Viera das bandas do Porto, mas qual fora o seu passado, ninguém investigara, nem ele tivera necessidade de o dizer. Aparecera na vila delegado aos filarmónicos da terra, que careciam dele, por um visinho estabelecido para os lados de Gaia. Convieram, e, com mulher e um filho já espigadote, ali pegara de estaca.

Os padres do Colégio, estimulados não sei por quem, assalariaram-no pois, e uma lufada de euforia entrou na bisarma taciturna de pedra, que era a nossa cadeia. Todos os alunos se propuseram a virtuosos, mercê duma espórtula, tão pequena que não houve papá ou protector que a não suportasse de bom ânimo.

O senhor Macedo, assim se chamava c'e, vinha no sábado à tarde e despedia no domingo, depois da lição, salvo os dias em que a banda, de que era regente, tinha compromisso para festividade ou arraial. Nós todos — e o janelão era pequeno para tantos

— comprimíamos o nariz contra a vidraça, que olhava para bandas da Serra da Estrela, por onde ele devia surgir.

— Está a chegar à nascente... — dizia eu.

— Está nada! São corvos a esvoaçar... — replicava outro.

Todos amassagávamos mais o focinho contra os largos rectângulos de vidro, que varíamos de quando em quando com a mão, embaciados pelo nosso hálito. A nossos pés estendia-se, profundo e longo, um horizonte cinzento e gélido de Dezembro. E não nos cansávamos de esperar que, a súbitas, fraldassem lá longe, no caminho velho, as abas do velho capindó do mestre. Entretanto, uns rapazes vinham e empinocavam-se sobre os outros. Choviam os protestos. Desatava a batalha a sopapo.

De ordinário vinha montado num garrano vermelho, de grande cauda vassoiruda e compridas clinas despenteadas, que lhe davam um ar quase selvagem quando lhe tiravam o aparelho. Mas os olhos eram lagos de doçura. Eu gostava de me mirar nas suas pupilas e ver-me nelas pequenino e ágil como nas da minha égua Inácia. Punha-lhe a mão sobre o topete e ele consentia, quieto e benévola como se estivesse hipnoti-

zado. A única diferença com a Inácia é que o cavalinho era apenas espelho e mudez, os olhos da égua viam-me como eu a via, e conversavam comigo. O cavalo de Macedo, porém, não tinha história, como o dono, que nos interessasse. O nosso empenho todo era vê-lo, com o mestre, surgir ao longe, rés-vés das urzes, no alto da balsa, onde, quanto a mim, o Vouga tinha a origem. Sim, o Vouga, tinha eu decretado, nascia ali. E todos, até os padres, haviam aceitado o meu decreto. Estes rios e ribeiros do planalto lembram com efeito os filhos das mulheres que foram de muitos: onde está o pai? O mesmo se podia dizer do Vouga, do Paiva, do Távora. Onde tinham a origem? Do Vouga assinalavam-lhe o chafariz dos Cónegos, à entrada da povoação, mas eu não tardei a dar conta que um fio de água saltante e cristalino descia, contornando-a, por detrás das casas e da Senhora da Lapa Esquecida, portanto de muito mais longe. E nos nossos passeios dominicais para o lado do miradouro de Aguiar, descobri uma fonte borbulhante que, engrossada das fontainhas dos lameiros, se encontrava com os dois regatinhos, o do chafariz dos Cónegos e o da Senhora da Lapa Esquecida, e seguia de gorra com eles para o mar, através de quintarolas, onde homens e lobos viviam na boa paz do senhor, como preconizava a cartilha. A essa, mais extensa, caberia a honra, pois, de madre do rio. Coubesse que nãooubesse, era para o ponto assim denominado, tendo feito vingar o meu modo de ver geográfico, que atentávamos, à espera do mestre.

Um pinheiro manso, extático, marcava no ar às vezes nebuloso o alvo dos nossos olhos. Levantava-se ali como um gigante, dos contos antigos, a guardar um vau. Nos dias claros, reflectia-se na bacia de água, que se formava ao pé, e os pastores vinham sentar-se à sua sombra a britar os pinhões.

Macedo era um homem seco de carnes, bronzeado e alto, que mais tarde julguei encontrar nos frades de Zurbaram que se houvessem liberto da coca do capuz. A pele estalava, recalçada sobre os ossos da face, atando os queixos que, com o bigode caído à Vercingetorix, lhe davam um ar nada comum, o seu tanto tumular. Ria pouco, de humor muito desigual, não obstante ser homem de bom fundo. Umaz vezes mostrava-se-nos sombrio de todo, sem chegar a ser brusco, outras vezes a sua efusão, com os

padres mormente, expandia-se franca e satisfeita, prevalecendo ao recato monacal, adoptado na Casa.

Para nós, a sua presença significava um dia de selvatério à estúpida grilheta do **hic, haec, hoc**, do emprego do nome predicativo, e da crónica do vasto e aborrecido orbe terráqueo. A música era o rubi, o grande rubi, da libertação, e por isso, não falando nō mais, todos rompemos a solfejar, e cada um a preparar-se para tanger seu instrumento.

*

Atrás duma inovação, veio outra, complementar. Chegou ao conhecimento do P.^o Trovisqueira que para os lados de Valbom uma filarmónica, excomungada pelo bispo, ou sucumbida à concorrência, falha de mestre capaz, decidira almoedar seus instrumentos e barretinas. Quem dava mais? Comprou-os o Colégio da Lapa por uma tuta e meia.

Chegou o instrumental em dois grandes caixotes, porque um seria volumoso demais com o bombo e tambor. Muito bem acondicionados em palha de embalagem, os metais, trabalhados à pasta **Amora**, que tinham estado em exposição a tentar um comprador, reluziam como o sol. Não traziam a mínima amolgadura, mas bem se via que baixo, barítono e trombone se tornaram algumas vezes, ao fim de arraial, réus de cabeças rachadas, suplantando no banzé as massas de Hércules e varapaus. Nós postámo-nos em vo'ta dos caixotes, olhos acesos, boca semicerrada, hálito suspenso, levemente flectidos no jeito de apreender, numa cabeceira o padre Mourão e o padre Trovisqueira com mestre Macedo ao meio, na outra, Garrafão Saraiva, comprimido entre o João Ratado e o Pau Preto. O Jonas de martelo e cinzel procedia à efracção dos mágicos volumes, mais cautelosamente que um médico manobrando os forceps. Depois, quando todos vieram a lume e que cada um dos rapazes atropelava os colegas a pegar deles e dispô-los contra o muro, e eles se apresentaram perfilados, uns, sobre suas bocas, outros, que não davam pedestal, deitados sobre o velho Erard, olhámos ansiosamente para nossos mestres. Ia fazer-se a distribuição. Havia semanas e semanas que os padres matutavam no magno problema, de acordo com Macedo. A última palavra era do mestre. A nossa vocação

tinha-a ele pulsado, classificando quais os bons ouvidos, e quais os rombos.

Por minha parte todo me temia. Começara pela flauta, instrumento da minha particular simpatia, mas que ao cabo de teimosas e infrutíferas tentativas me vira forçado a abandonar por incapacidade. Dali passei ao violino. O Loio pai tinha uma rabeca que herdara ou roubara não sei a quem e em que eu vira uma vez um figurão de Lisboa, desenfasiadamente, puxar arcadas plausíveis. Minha mãe mandou-me a rabeca, à experiência, tentando ao Loio com boa esportula, e foi uma risota geral na mansão sornbática. Tinham-lhe aparado o braço de modo a torná-la uma rabeca de descante, boa para o corridinho e chula, e nada mais. O velho Macedo, que tocava todos os instrumentos, mesmo assim afinou-a, passou resina no arco, e tirou dela meia dúzia de compassos, que estarreceram a todos. Mas breve ele a encafuava na bolsinha suja de chita, dizendo:

— Para um cego das romarias que precise dela...

Tentei a mandolina. Ao cabo de dois meses não tinha passado do primeiro tempo duma valsa.

— Pega tu, Cassiano... Pega tu, Gasco... E tu, ó Paredes, atreves-te com a requinta?

Quem falava era o padre Trovisqueira, braço direito de Macedo e seu lugar tenente musical. Era ele quem tocava o órgão no coro, sempre que Macedo faltava.

O pega-tu significava o cornetim para o Cassiano, a flauta para o Gasco, em que já era sabido, a requinta para o Henrique, etc. etc. E tu, este, mais tu, aquele, para o João Ratado a caixa, bombo para o Flaviano Pires, o **Pau-preto**, pratos para o criado, a mim não se me dava nada. Restava uma trompa. O padre encarou-me em silêncio:

— Tu serás capaz de dar conta do recado?

— Eu, quê? Na trompa? Resta saber se quero...

— Ai não queres? Melhor.

O Macedo olhou para mim:

— Aceita a trompa, depois se verá...

E conformei-me. Ao cabo de dois meses, acertava com o meu acompanhamento menos mal: epó, epó, epopopó!

O casarão, entretanto, tornara-se no cume da serra, em certos dias, o mais vibrante e estrondoso vulcão de sons que imaginar se pode. As suas janelas vomitavam gamas como ondas de lava. Os sábados eram dias

astronómicos de erupção. Uma tarde, a hora de noa, encontrei-me de joelhos diante de N.ª Senhora, muito reginal no seu altar de prata e mármore precioso, a pedir-lhe com todas as veras da alma que me dispusesse as faculdades de modo a bem me sair, como executante de trompa, na filarmónica do Colégio. Assim era difícil? A mim sempre me pareceu mais complexo que o latim ou a álgebra. Todavia lá ia, dá-lhe que dá-lhe, e, se às vezes o Macedo me dardejava um olho feroz ou o trombone à minha direita me jogava um cotovelão porque me atrasara no compasso, logo me remetia o melhor possível: pó, pó, pó-pó-pó.

Chegou o mês de Junho, mês das peregrinações. Um romeiro, que estava a fazer a semana do Espírito Santo, de terras de Lamego, veio parlamentar com P.ª Trovisqueira quanto à exequibilidade de acompanharmos de fanfarra a grande procissão da sua freguesia, que formava no miradouro da Nave e avançava para o santuário triunfalmente, de pálio, guiões, cruces alçadas entre bandeiras e lanternas. O padre consultou Macedo. Sim, desde que trouxesse o filho para o cornetim, podia dar-se-lhe um jeito.

Era dali a seis dias e passamos a ensaiar-nos muitas horas, de manhã ao sol-pôr, para nos desempenharmos com honra duma comissão que representava uma vigília de armas.

*

No sábado à tarde chegou Macedo Filho. Era um bonito moço, bigodinho apenas a sombrear-lhe o lábio, alto, desempenado, cabelo em asa de corvo a descair sobre a direita. Vestia um fatito de nada, mas de bom corte ou assim me pareceu, em que brilhava a sua elegância. Conquistou-nos a todos e nós em volta dele éramos outros que tais mirmidons para com uma pessoa real. Falou-nos das digressões que fazia pelos povos com a banda de Aguiar, em que tanto tocava cornetim, como requinta, como trombone de vara, como saxofone. Arranhava todos os instrumentos, mas do que mais gostava era de violino. Uma menina da vila, brasileira, ouvira-o tocar e agora dava-lhe lições em casa. Embora expansivo, não tinha necessidade de no-lo dizer. Reparei que a voz mudara de tom, velando-se de certa doçura, ao mesmo tempo que baixava os olhos. E

logo tracei o meu horoscópio: se a menina era realmente o que devia ser, linda, afável e prendada, amava com certeza aquele rapaz adorável, digno herói dum romance feliz. Ele, por sua vez, se a sua discípula era a deidade que prometia, devia vencer todos os obstáculos até chamar-lhe sua e serem um do outro. E, construído o enredo, fiquei tão certo dele como da luz que nos alumia.

Aquele domingo, festa de Pentecoste, foi para nós um dia de alvoroço e exaltamento. Das três festas da Lapa, Espírito Santo, S. Barnabé e Assunção, era a primeira que eu mais prezava. Houve uma semana de grande solenidade com ladainhas à tarde, em que cada um de nós, que tocava metais, fazia mugir o seu instrumento com apurado clangor. O largo coalhou-se de barracas de tendeiros, e as casuchas, que os padres alugavam às famílias observantes, abarrotaram de fiéis, como se diria numa novela de capa e espada. A cada momento chegavam votos e procissões das desvairadas partes da diocese. Que se celebrava, com a descida da pomba sobre os Apóstolos, senão a revinda à terra do sol e os triunfos inebriantes da cálida primavera? Tudo eram cantigas, nos ares e nos campos, das aves, dos insectos e das raparigas. A nossa vizinha Sara cantava e recantava a fazer os bonitos chambers, e na horta, por baixo da camarata, um grilinho harpejava seu arrabil, por ora um arrabil trémulo, com longas síncopes, quase um tanger de ferrinhos por um anjo a cair de sono.

— Vamos, meninos! — veio gritar, obra de meia manhã, o mordomo aos filarmónicos, amoravelmente engalfinhados em Macedo Filho. — A procissão está aqui está formada no miradouro. Falta só o senhor abade, e não tarda.

Meninos!? — pensei eu. Nós somos alguns meninos? Nós somos executantes a soldo. Dobre a língua, amigo de Penude!

Não me permiti observar nada ao devoto encartado. Mas o senhor Macedo, que entrou naquele instante, lhe deu o retruque:

— Vá andando, que a filarmónica já lá vai ter. Nós todos sabemos qual é a nossa obrigação, sem esquecer a hora.

Dentro de vinte minutos estávamos no miradouro. Tínhamos descido o largo da feira, em forma, ufanos e direitos como ulanos, por entre as tendas, barracas de peixe de Ovar, chafaricas de capilé e doce da Tei-

xeira, depois por entre as duas filas gementes de pedintes e lázaros com as chagas expressamente ao léu. O senhor Macedo e P.^o Trovisqueira iam no couce. Jesus, Senhor, que espectáculo?! Quantos guiões fraldavam no ar, altos como torres, uns vermelhos como rosas, outros brancos, aquelas verdes, e ainda um azul: outras tantas labaredas no céu. Os portadores, para os segurarem, encabavam a vara nas faixas, bem apertadas na cinta, e eram todos novos e com ares de pimpões. O esparrame que suas asas levantavam no céu impedia de ver a longa bicha com gente de toda a ordem e, à cabeça, homens barbudos, mulheres barbadas, e raparigas sólidas como granadeiros, cada qual ajoujado de rosários de castanhas, que lhes desciam do pescoço até os pés, coroado de tirsos de alecrim e buxo, de flores ao peito e palmas. Aquele belo espectáculo, pelo imprevisto, ar imponente, duma primitividade inextinta e gloriosa, encheu-nos de entusiasmo. Luziam ao alto as velhas cruces antigas entre lanternas, cingidos os vexilários de opa vermelha e roxa, consoante a ordem, e as bandeiras das irmandades com estupendas figuras pulcras ou hediondas, de mãos erguidas a abençoar, ou rabiando no fogo do purgatório.

Eram duas ou três freguesias, que se haviam associado para beneficiarem de acompanhamento musical, atrás de seus abades, todos gordinhos e de ar afável, com o que rendiam as melhores graças a Deus.

A uma pancada do bombo por Flaviano, rompemos com o pasacalle, que sabíamos de cor e salteado, à laia da marcha do Tannahuser, que para nós era grego. O Macedo Filho atirou duas notas de cornetim, vibrantes e claras como duas gaitadas num poldro. E a passo firme, cadenciado posto que moroso, fomos seguindo pálios e cruces, soprando com denodo e catrapiscando as moças turdetanas, de lanugem no lábio e venta olímpica, arriadas das camândulas vegetais, que eram estas divas que no cortejo iam mais perto de nós. Quando a procissão se embrenhou no templo, retirámos tocando ainda uma mazurca que atropelou à volta de nós o poviléu azabumbado.

Não sei que espórtula cobrou a filarmónica dos bons peregrinos trogloditas. Sei que me competiram 200 reis, uma fortuna, que derreti em rebuçados.

*

Quando abriram as aulas do novo ano, as tardes dos sábados e as manhãs dos domingos, consagrávamo-las à música. Macedo vinha num dia e regresava noutro. Apenas o serão era para o *alius, alia, aliud*, os triângulos isósceles e escalenos.

O Colégio estava à cunha como um ovo. Todos disputavam um lugar na banda e o Macedinho idolatrado revezava-se com o pai a ensinar-nos, como dizia o P.º Trovisqueira, a arte de Euterpe. Por fim, no geral, era o filho que dava a lição. Mas não se demorava. Ela terminada, ala. Por ali fora no garran'to, nem uma setã. Com ele, muito mais do que com o pai, não cabiam no grande janelão, que olhava a Sul, os narizes que se esmurravam contra a vidraça à espreita. Nos dias em que havia festa de igreja compareciam os dois. O jovem Macedo pegava da flauta e interpretava Palestrina, com o pai ao órgão. E a igreja convertia-se num céu aberto.

Uma daquelas quintas-feiras, dia de sueto, apareceu em burros albardados com colchas brancas e éguas parideiras de rabo de espanejador a sociedade de Lomba. Macário Dias mandava celebrar no santuário uma missa a instrumental em acção de graças a Nossa Senhora por sua consorte, D. Ausenda da Natividade, ter-se restabelecido duma perniciososa que estivera para a levar desta para melhor. O espiritismo do comendador estava paredes meias com a macumba e a eucaristia, de modo que um voto seu ao Deus dogmático nada tinha de anormal. Era tal crença mais que um cogumelo crescido ao toro do castanheiro cristão?

Na comitiva brilhavam, não falando em minha santa mãezinha, na tia Custódia e na Incarnação, estas duas à pata, o bom do P.º Sigismundo, que seria o celebrante, cada vez melhor escopeta de perdizes' e incorrigível batoteiro ao monte, de saltos a pataco e micos a tostão em casa do Marrecas, os Sanhudos, o Pouca Roupá, a D. Leticia, professora e o marido, sr. Santos. Para esse dia auspicioso, a nossa banda ensaiou-se e tornou-se a ensaiar, e o Macedinho Filho, que tocava óficleide, estanceava há dois dias no Colégio. P.º Sigismundo e Macedo tinham sido condiscípulos em Pinhel, alunos daquele notável padre-mestre que acendia tão bem lume friccionando dois pauzinhos, como ba-

tucando com os nós dos dedos nas cabeças de pedemeira dos estudantes. Foi a eles que ouvi a história dos dois canzarrões da Serra da Estrela que na estalagem da **Hespanhola** varriam, lambiam e lavavam com língua minuciosa e rápida os pratos de uns hóspedes, que em continente serviam a outros, por detrás da porta, na copa. Pois foi numa quinta-feira, depois da semana da Pascoela, e os senhores padres, que aparavam as unhas rentes, ofereceram achas e fogão para aquecer aqueles dos piteus que desmereciam saboreados fora do seu grau térmico. Além disso, puseram à disposição o refeitório, convidado o P.º Trovisqueira e, por direito próprio, o Garrafão Saraiva, nosso prefeito, que era vizinho, patrício e correligionário do Comendador.

Pois o melhor da festa foi este ágape em que se comeram óptimos petiscos cozinhados no Bouçal, onde sobrevivia dos gerais, no convento das Bernardas, a tradição da boa culinária, bem como em Freixinho onde, pelos mesmos motivos, imperava a pragmática duma gulosaria de se lhe lambe o beiço. De vinho não se fala, que até o senhor D. Nicéforo mandou meia dúzia de garrafas do Reparo, ógueda arisco e buliçoso, que fazia, deitado no copo, uma chilreada de melros.

O gosto de minha mãe seria ter-me no seu regaço, se eu já não fosse tão grandinho, e tais mimos celestes ao tempo me não fossem enfados. Mas já perdera aquele frígido retraimento, que a Incarnação chamava desapego e não era mais que a chocada estranheza da transplantação dum mundo espontâneo de liberdade e discrimine para aquele regime de férula e culto artificial da vontade, como empa dirigida ao celibato religioso. A visita de minha mãe começava a ser-me agradável pelo facto mesmo da reacção que se ia operando em mim das boas forças instintivas contra a entorse escolástica. Ficava ela ao fundo da mesa com a irmã e a boa da Incarnação, muito calada e a observar, enquanto na cabeceira trocavam brindes baticamente afectuosos P.º Sigismundo, já um pouco deramado, P.º Trovisqueira, e mestre Macedo.

O Macedinho, a certa altura, desertou, e pelo sorriso baboso do velho mestre e uma voz lisonjeiramente indiscreta de Garrafão percebi que todo o tempo que estivesse apartado da discipula, a brasileira, lhe eram séculos. E eu quase detestei a sinhazinha

melodiosa que nos roubava a presença do amigo.

Estava-se nos papos de anjo, com velho vinho fino, disse o P.^o Sigismundo:

— Ó Macedo, tu havia de me fazer uma missa cantada, aí para umas cinco vozes ou mesmo mais, que depois eu ensaiaria nas horas vagas com os colegas. Não sei se te lembras, eu tinha e tenho uma voz nada má de barítono...

— Voz de estentor — respondeu o maestro. — Não havia como tu para cantares o **Alma de Dios**. Quando se juntava a ti o Taborada, que era outro portento, mas em falsete, acordavam os mortos no cemitério.

Desataram todos a rir. P.^o Sigismundo insistiu:

— Então és capaz de me fazer essa missa? Tu tinhas bossa...

— É coisa demorada, amigo. Demorada e exige inspiração...

— Ora, ora! Que é isso, fazer música ou fiar na roca?

— E quem ganha o pão para minha casa? Não sabes que tenho de andar com a banda por festas e romarias?!

— Maganão, dizem para aí que o teu rapaz vai casar com a filha do Nepomuceno, brasileiro, herdeira da maior fortuna do concelho...!?

Macedo sorriu, e no seu sorriso blandífluo perpassou, mais que a expectativa fagueira, a vaidade ou ternura paterna:

— Não sei. Já o ouvi. O meu filho não me diz nada...

— Pois é tudo cheio...

— Será. É ele que lhe vai dar lições de violino. Ou melhor, que dava. Há coisa de duas semanas o pai despediu-o. — E acrescentou, vendo-se bem que esta indiscrição era obra do seu temperamento benigno, sem segundos planos, e provocada um pouco pelos fumos do álcool. — Constou-me que o pai faz guerra de morte ao casamento, mas a menina chora e bate o punho. Persuadome que levará a melhor. Quando as mulheres querem...

O padre Trovisqueira era amigo particular do Nepomuceno e teve um aparte que gelou o sorriso nos lábios do Macedo:

— Bem vê, senhor Macedo, o pai não a quer dar a um rapaz que pode ser muito prendado, mas não tem onde cair morto. Coitado!

Calaram-se todos e o velho em voz triste e abafada murmurou:

— Meu filho é uma joia de moço. A menina, poderá ser uma santa, uma beleza e valer um condado. Não arranja melhor. Eu sei, fortuna pede fortuna. O meu filho é um grande artista... Todo o instrumento, ao fim de certo tempo, se lhe torna familiar, mas é sobretudo compositor. Só queria que conhecessem as pastorais que para lá tem!

Houve um grande silêncio e P.^o Sigismundo, pegando do copo, em que um velho vinho do Porto, trespassado pela lançada crua da luz, brilhava como brocados de ouro, proferiu:

— Vamos a beber!

P.^o Trovisqueira ergueu o copo à saúde da senhora de Macário Dias, que não comparecera pelo melindre que havia a observar com a convescência, embora adiantada, louvores a Nosso Senhor, que tudo pode e manda. E o esposo, muito derretido e bêbado, rompeu aos soluços como se por retrospecção agoirenta a visse no ataúde.

Chocaram-se os copos e breve as lágrimas do Comendador se vidraram com a baciez alegre do sorriso. Garrafão Saraiva deitou mais uma rodada. E P.^o Sigismundo reiterateu.

— Posso contar com a missa?

— Talvez... requer estudo... É uma questão também de oportunidade... e de vagar... Gostaria de te fazer papa fina...

— Pois, para missa pataqueira basta-nos essa, do tempo da Maria Castanha. O ano que vem, temos o prelado de visita pastoral pelas freguesias. Quem me dera poder-lhe apresentar coisa rija... e que galvanize os devotos!

— Está bem. Vou tentar...

*

Meses depois, pelas férias da Páscoa, na véspera de regressar à Lapa, o P.^o Sigismundo chamou-me a casa e disse-me:

— O menino faz-me um favor? Leva-me este pão de ló ao Macedo, o mestre de música...?

— Ora essa!

— O homem sempre me mandou a missa. Olhe, anda para ali — e mostrava-me um grande rolo, meio descarapuçado, donde emergiam as notas, erectas nas linhas paralelas, desenhadas por mão meticulosa. —



Chamei cá o Lucas, dos Alhais... Não sei se sabe o menino que é o melhor canário que há de Viseu para cima em cantorias de igreja!? Dei-a também a ler ao chefe da orquestra de Lalim. Ninguém lhe meteu dente. Ao fim de muito trabalho consegui solfejar um bocado do hosana. É uma coisa estapafúrdia de todo. O Macedo estava doido quando a compôs. E realmente, segundo me contaram, andava fora de si, empolado de todo. O filho tinha armado o aboiz à menina do brasileiro. E esteve a caçá-la, olé! Mas enganou-se. Foram atrás dele a tempo — a tempo, eu sei lá! — e engavetaram o raptor. Hoje, o pai é o mesmo mísero que vive do ofício, por sinal magro nestas nossas terras. Quanto lhe dará o Colégio? Nunca menos dos seus dez mil reis por mês, imagino eu. Mas amarga-os, diga-se a verdade. O filho trouxe a filha do Nepomuceno bem presa pelo beijo. Mas pelo que ouvi ao meu colega de Aguiar, o P.^o Secundino dos Anjos, que é um dos que se meteram a morigerar a menina, e a dissuadi-la de tão tolo fatcaz, vê-a por um óculo. Por modos, apareceu um bacharel dos lados de Viseu, de boa família, todo pinoca e bonitote, e é ele que há-de acabar por a levar. Sim, senhor! A missa foi por lá feita no período de euforia, quando o Macedo tinha o casamento do filho por favas contadas. Aquele hosana, de facto, parece cem aldeias pobres a berrar à sorte grande que lhe caísse do céu, ou então uma malhada depois de debulhar uma jeira farta. Quer que lhe diga? O mestre de Lamego não foi longe deste juízo: — **Sim, sim, ponha lá que são vindimeiros, meio bêbados, depois de recolherem o mosto. Não faz sentido. Com coisas sérias não se brinca!** Só queria que o menino ouvisse! Não serve... é uma maluqueira pegada! Leva-me o pão de ló ao pobre diabo?

— E se não vem tão cedo à Lapa?

— O pão de ló espera uns dias, que se não estraga. Aqui para nós, alguma coisa hei-de dar ao Macedo em paga...

*

Dois dias depois do meu regresso à Lapa aconteceu vir dar lição de música aos colegas o velho mestre. Entreguei-lhe o pão de ló, e de princípio não atinou. Quando acentuei a explicação, olhou para mim muito fito e desatou às gargalhadas. Quase me

senti ofendido. Que queria aquilo significar? Não era mesmo defazer do obséquo do excelente padre Sigismundo, batedor de lebres, jogador do monte, e boa goela a beber e a cantar os latins?

*

Desapareceu de Aguiar o Macedo Filho. Para onde foi, não foi, morreu, matou-se, na vila e termo nunca se conseguiu apurar.

O velho continuou a dar-nos lições de música e a reger a banda da terra por festas e arraiais, onde o rogavam a troco dum ratinhado salário. Nunca mais sorriu. Parecia, como nunca, amassado de bronze, a pele escura muito esticada sobre os ossos da face e encarquilhada nos olhos. Dava mesmo a impressão de se ter erguido da campa. Apenas um pouco mais derreado. Cavavam-lhe a face fundas regueiras, dir-se-ia para canal das lágrimas. Nós deixamos de comprimir as ventas contra a vidraça à espreita do seu vulto no caminho velho de Aguiar entre o miradoiro e o pinheiro manso, lá onde eu tinha riscado que começava o Vouga. Era automaticamente que nos ministrava o ensino e se dirigia a nós. Não se tornara odioso, mas enfadonho. O mecânico das suas lições acabara por imprimir à própria música sonolência e desafinação.

Um sábado faltou. Orientou o ensaio o P.^o Trovisqueira. Percebia tanto de harmonia como de francês, de que era professor encartado. Mas era um dos que tinham a vara. De resto, a banda agora seguia por si. Iam-se uns executantes, surgiam outros na sua esteira, e lá avançavam ao ritmo adquirido. Os veteranos instruíam os novos.

Noutro sábado o maestro substituto decidiu-se a esvaziar o saco das notícias sensacionais. O Macedo enlouquecera. Estava doidinho de todo. Altas horas Aguiar acordava a estrondosas volatas de arraial. Era ele que subira para o coreto, onde arrastara o compadre, segundo trombone, que lhe restava fiel, e tocavam ambos para a lua, a noite, os ecos adromecidos. E a voz atrida dos instrumentos parecia repetir a pergunta que a cada passo fazia, em casa e pelos caminhos, a Deus, que segundo ele, assistia frio e conformado a todas as turpitudes e necessidades dos homens:

— Que fizeste do meu filho?

O bacharel felizardo casara e entrara nas graças da menina. Era um par ditoso, e

grato o Nepomuceno aos amigos, aos padres Trovisqueiras, às boas almas, à Igreja, que haviam contribuído para que a sua princesa não caísse no precipício, que o mesmo eram as garras de um homem, que, lá por possuir talento para a música e ser bem parecido, não deixava de ser um borrarotas, senhor das nuvens e da sombra dos caminhos.

*

Um dia estanceou na Quinta do Reparo, a convite de D. Nicéforo, um músico de nomeada. Era simultaneamente um curioso, investigador de curiosidades e velharias. Foram a Lomba, à Quinta dos Sanhudos, que ele espiolhou de cima a fundo, depois à igreja, donde lhe aconteceu ir dar ao presbitério.

— Que é aquilo? — perguntou para o bom P.^o Sigismundo, face a uma vasta copeira a abarrotar de coisas e loisas.

Aquilo era — além dos apetrechos de caçador, polvorinho, chumbeira, cargas de chifre, involucros de pólvora — sobretudo a papelada que ali se acumulava da freguesia, numa ressaca de muitos anos, sermonários rotos, manuscritos, contas de pé de altar, ripanços. **Ordenações** da diocese, hinários antigos sem frontispício, trinta por uma linha de um levita simultaneamente batedor de montes e cultivador de três jeiras de terra.

— E isto? — e levantou a mão para uma folha de música.

— É quanto resta duma missa cantada, feita por um doido. O resto foi-se em buchas de espingarda.

Cravou os olhos na pauta e mentalmente pôs-se a lê-la. Era o Hosana.

Depois de ler uma vez, releu, e por entre

dentes foi trauteando. E pouco a pouco quantos ali estavam viram que o maior exaltamento o empolgava e tirava para fora de si.

— Mas é genial o que aqui está! — exclamou ele. — Quem é o autor? Onde está o resto, senhor abade?

P.^o Sigismundo explicou, desdenhando, quem era o autor. Mais do que aquela página não havia. Prestava? Não estava a mangar? Pois ninguém lhe dera importância, mas ninguém!

— Este Hosana é estupendo! — tornou ele. — É Wagner, mas do bom, o que aqui está. Que crime o senhor praticou, padre! Veja, D. Nicéforo... As vozes vão num rescendo e com tal alor que tudo estremece na terra: as almas e os corpos. Os anjos saem do céu e cantam e deliram com os homens, as aves, as águas e os ventos. Que beleza! Morreu o autor?! Que me diz?! Morreu doido e foi sempre um pobre de Cristo!? Só assim se compreende. Oh, que pena não ter podido realizar-se, ter materializado, ou melhor, dado asas a seus sonhos, que eram admiráveis! Como se chamava ele?

— Macedo?

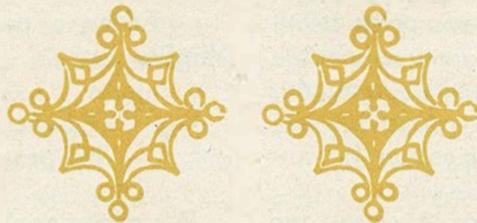
— Só?

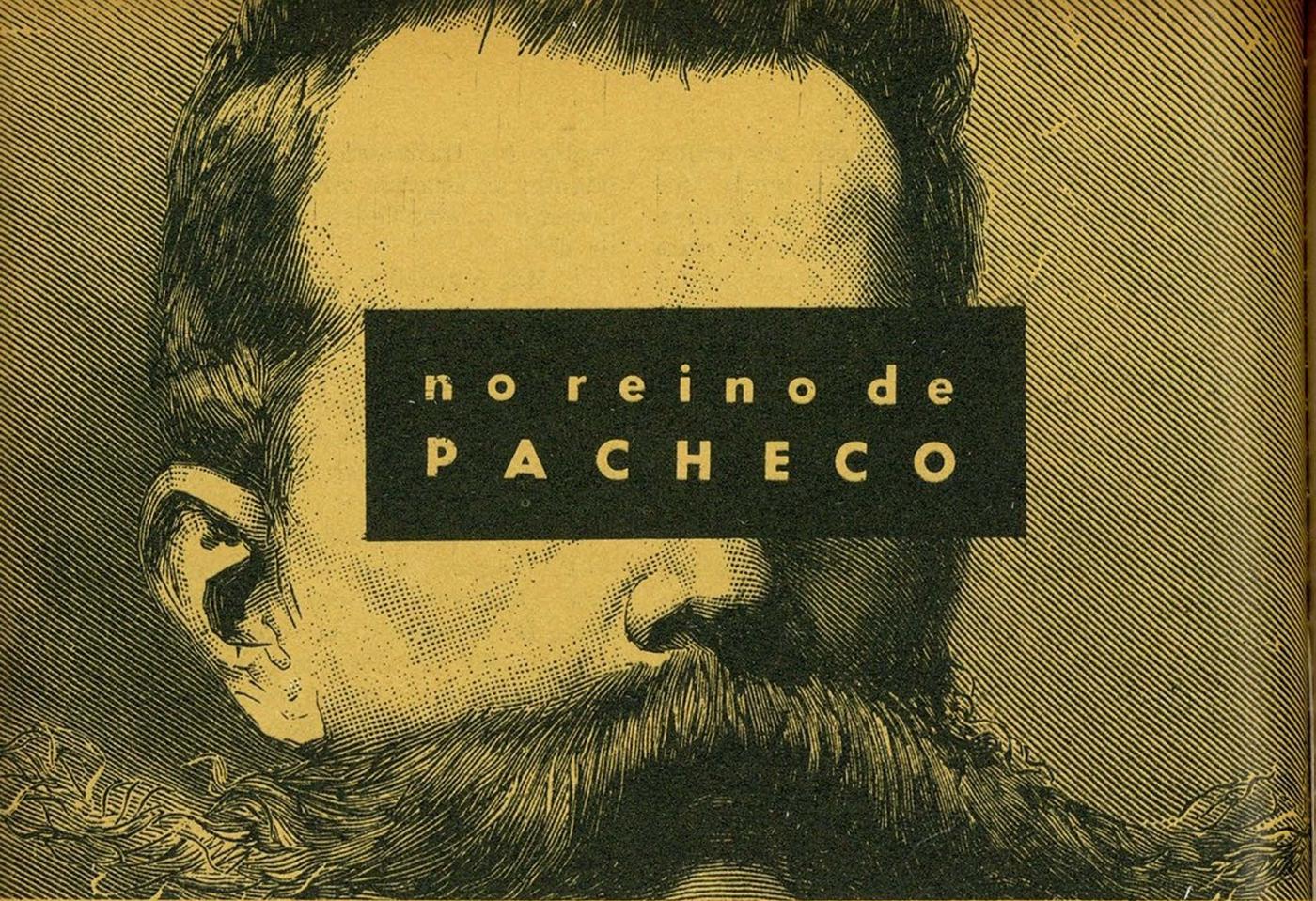
— Não me lembro do resto.

— Macedo, Macedo anónimo, Macedo heróico, Macedo santo! Ajoelho perante a tua alma errabunda e perdida, que se afogou, como tantas outras, no pantanal! Vou pôr-te entre os ídolos e demiúrgos que venero e imploro nas horas de silêncio e dúvida. Ignorado artista, salvé!

AQUILINO RIBEIRO

(Inédito, que transcendeu do romance *Uma Luz ao Longe*)





no reino de
PACHECO

Sua Excelência o Sr. Dr. D. Bernardo Maria é duma família que foi acumulando nomes com o decorrer dos séculos.

Esta acumulação deve ter obedecido ao princípio de que a união faz a força visto que nenhum deles é particularmente bom mas, como se vê no livro de registos da capela onde foi baptizado, sempre são... 9.

Foi em tempos o Sr. D. Bernardo desembargador ou coisa que o valha. Ninguém o sabe ao certo e ninguém precisa de saber, pois um homem com nove nomes pode dar-se ao luxo de ter sido o que muito bem entendesse.

Da sua antiga profissão apenas lhe restam hoje um certo ar pontifical e um calo em cada um dos cotovelos, calos esses que diz ter adquirido a ler processos pelos tribunais deste país de Cristo, com a cabeça apoiada nas mãos e os cotovelos apoiados nas belas secretárias de pau preto que são parte integrante de todas as salas de audiência.

Se isto é verdade ou não, é coisa que também ninguém sabe ao certo, mas a verdade é que ninguém tem nada com os calos de cada um e quem tem 9 nomes pode dar-se ao luxo de ter os calos que quiser onde muito bem entender...

Como não podia deixar de ser, o Sr. Dr. D. Bernardo Maria etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc. (São dois primeiros nomes e sete etc.) é muito versado em literatura clássica, citando frequentemente os autores latinos com que se familiarizou no decorrer da vida e que são, na sua opinião, os únicos com «vocação para a eternidade». Cita-os permanentemente e vêm as suas citações sempre a propósito. Não lhe escapa uma oportunidade — ou não fosse ele o homem de espírito e de inteligência mais conhecido para além do Lima. Se, porventura, a criada deixa a porta aberta, logo o Sr. Dr. D. Bernardo Maria etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc. (São dois primeiros nomes e sete etc.) lhe diz:

— Fecha a porta, rapariga, olha que já Virgílio dizia:

**Claudit jam rivos, pueri;
Sat prata biberunt**

E a rapariga lá vai para a cozinha a resmungar:

— Muito sabe este home! Té fala estran-gêro!

Costuma o Sr. Dr. D. Bernardo, para melhor demonstrar o seu amor à cultura,

contar, por vezes, alguns episódios picarescos do seu passado. Este nos contou ele a nós — depois de jantar, à lareira do seu solar abronado de Terras de Borgo-O-Velho.

Lembro-me como se fosse hoje.

Lá fora a invernia rangia entre os penhascos da serra e por vezes a neve fustigava as vidraças da sala. Era ainda então costume ouvirem-se os lobos uivando na serra e, de vez em quando, uma fera de dente arreganhado subia a um penedo e uivava tristemente.

Tinhamo-nos chegado à lareira, com os nossos cálices de boa bagaceira do Morgado do Vale de Deus e escutámos D. Bernardo.

— Uma vez, em certo tribunal de terras de Além-Tejo que não vale a pena citar — pois que já os antigos diziam que a descrição é maior do que a eloquência — julguei um finório que roubara duas sacas de farinha a um outro finório.

Ouvida a prova constatei que o homem era culpado e resolvi executar na sentença algumas citações em latim não só para impressionar o homem com a grandeza e a humanidade da justiça, mas também para educar aqueles povos da região, mais dados à cultura do trigo do que à cultura do espírito.

Aqui o Dr. D. Bernardo foi interrompido pelo Dr. Pacheco, físico da região, homem de muita ciência que cursara em Coimbra onde adquirira vastos conhecimentos mas onde perdera, infelizmente, a fé na religião de seus antepassados.

— Diz bem, D. Bernardo, diz bem. Esta gente cultiva mais as terras do que o espírito. E de quem é a culpa? De quem é? É de quem fala mais em Deus do que nos mestres...

D. Bernardo retorquiu vivamente.

— Ora não havia o nosso Robespierre de botar sentença... Pois fique o amigo sabendo que os seus Robespierres já morreram todos e o nosso Deus continua vivo... ouviu?

Todos apoiámos o D. Bernardo, sempre na primeira linha quando se trata da defesa do bem; e o Dr. Pacheco lá recolheu a fala ao buxo à mistura com o bagaço do Morgado.

D. Bernardo continuou:

— Pois é verdade. Lá proferi a sentença — uma bela sentença impregnada de latim

secular e fiquei à espera da reacção do finório...

«E sabem qual foi?

Todos nos chegámos mais à lareira para não perdermos palavra. D. Bernardo aproveitou a pausa até ao fim — ou não fosse ele o homem de mais espírito, o melhor narrador das terras de Borgo-O-Velho.

— Pois aqui vai, meus senhores: o homem chegou-se para a frente, benzeu-se e olhando para mim disse:

«Ora pro Nobis».

Ficámos todos calados aguardando que o narrador rematasse a história com uma talhada de moral, como era seu costume.

— Pois é verdade, meus senhores, a frase do homem encheu-me de alegria. Demonstrou-me que a minha orientação estava certa. Os povos da Região, pouco a pouco, começavam a ilustrar-se...

O finório reconhecia o latim e não há como o latinzinho para educar as gentes...

Poderia ficar por aqui. Quem tiver olhos para ver já compreendeu que um homem não tem 9 nomes em vão...

Acontece, porém, que vale a pena narrar outro episódio que teve lugar nesse mesmo ano e que auxilia a julgar do carácter impoluto do D. Bernardo Maria etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc. (Dois primeiros nomes e 7 etc.).

Para aquelas terras ásperas e velhas de Borgo-O-Velho há pouca festa que distraia os homens. A neve e as serranias são o único espectáculo que têm sempre perante os olhos. A neve a serra... e os lobos, é claro.

Quando há folgado, todos acodem em massa e ficam pelas ruas e pelas tabernas ouvindo estalar os foguetes no ar e beberriando decilitros de verdasco. Na Moita da Serra foi certo dia inaugurada uma fonte centenária, talvez porque há cem anos que todos os habitantes iam buscar água ao Manuel Malhão.

Acudiram às festas os povos de todas as aldeias e desde manhã que os homens passeavam pelas ruas coçando as barrigas bem cheias de broa migada em caldo grosso.

Era a D. Bernardo que competia fazer o discurso da inauguração e lá começou a falar, do alto do estrado decorado com tiri-



nhas de papel de seda e bandeiras policromadas escolhidas em homenagem ao orador.

Do princípio da oração não reza a história, mas todos — Dr. Pacheco, Wenceslau, Herculano Carvalhais, da família — contam que em determinada altura o D. Bernardo definiu a sua posição política com as seguintes palavras:

— Sou do centro. Nem da esquerda nem da direita. Como diz o povo — e, **vox populi, vox dei** — «nem tanto ao mar nem tanto à terra». Não julguem, porém, que sou do centro por cobardia. Pelo contrário: a posição heróica é a do homem do centro. É ele que, ao fim e ao cabo, se trama sempre. Não foi Cristo crucificado, bem no centro, entre os dois ladrões?

Difícilmente poderia D. Bernardo ter definido melhor a posição dos homens grandes das terras de Borgo-O-Velho. Creio mesmo que difficilmente se encontrará na literatura portuguesa (se não formos a Vieira) um texto oratório de melhor qualidade ou com mais subtileza e todos os homens cultos daquela região de ásperas serras sabem que a literatura nacional perdeu naquele dia oportunidades únicas. Até onde teria ido D. Bernardo Maria etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., (dois nomes próprios e 7 etc.) se não tivesse sido tão rudemente interrompido?

Sim, até onde?

É que, terminada a frase citada, o Dr. Pacheco que fora acordado por um lobo que se empoleirara num penhasco vizinho e que apenas ouvira a parte final do discurso, julgou que o velho acabava de renegar a religião dos seus antepassados. De qualquer forma o Dr. Pacheco aplaudia, por princípio, todas as crucificações de todos os deuses, e para não faltar à tradição rompeu a bater palmas e a gritar com a sua voz rouca:

— Apoiado, apoiado!

A banda dos amadores de Mondim de Cima, talvez por o seu chefe ter julgado que acabara a festa, rompeu com a «Maria da Fonte» e o discurso acabou mesmo ali.

Veio a saber-se mais tarde que a banda deveria ir ainda naquele dia tocar numa reunião dos «Amigos da Liberdade» e que para tal, escolhera a «Maria da Fonte» como prato de substância, ao passo que optara pelo «Hino da Carta» para a inauguração da fonte.

Infelizmente trocara os papéis da música o que, aliás, deu origem a outro episódio.

O Presidente da Câmara, receando o ódio do D. Bernardo, incumbiu o chefe da banda de lhe ir pedir que desculpasse a troca dos papéis e ele, coitado, lá foi por entre penhascos e ribanceiras debaixo da neve alva que tombava sobre a serra.

Já no Solar chegou-se, humilde, com o chapéu nas mãos calejadas, até ao D. Bernardo.

— Senhor D. Bernardo, venho pedir-lhe desculpa da música...

— Qual música, homenzinho?

— Da música da festa de ontem.

— Não tem nada que pedir desculpa. Fique sabendo que nunca ouvi Bach tão bem executado...

O chefe da banda regressou a casa e a criada, que ouvira a conversa, foi a resmungar para a cozinha:

— Muito sabe aquele **home**, até sabe de **Bacas**...

De «Peregrinações Nesta Terra de Santos e Heróis» inédito há muito cultivado, cuja publicação se prevê na editorial «Almanaque á Braz».





o filme do mês

"ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO"

um filme RANK com

Michael Craig

Anne Heywood

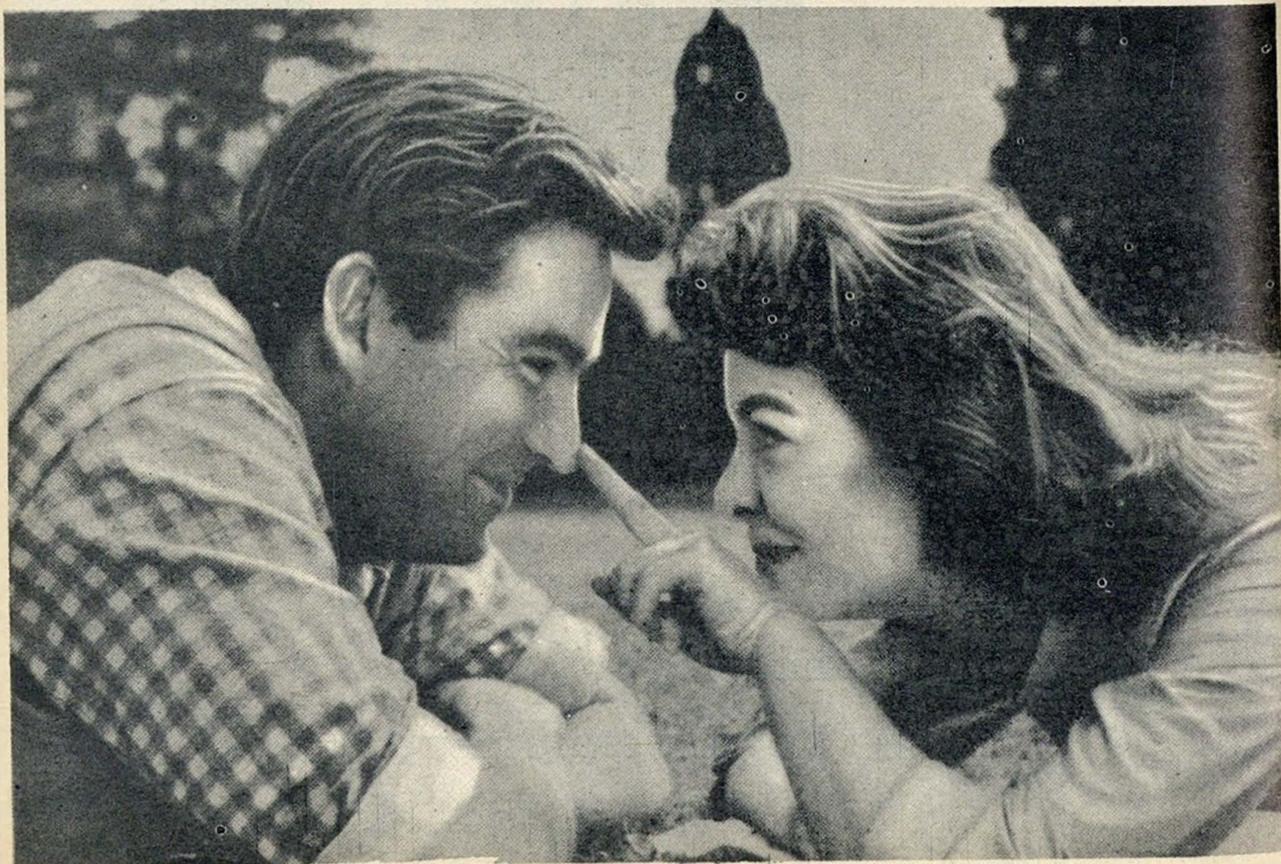
Mylene Demongeot

James Robertson Justice



O prédio número 11, de Beacham Crescent, foi vendido. O guarda Eduards (Sidney James) e a sua colega Sargent Tuck (Madge Ryan) interrogaram-se sobre quem ia lá viver.

Os novos proprietários são Kate e Richard Bany (Anne Heywood e Michael Craig). Kate é filha do patrão dele. O sogro disse-lhes que por faltar uma empregada, terá Kate que se ocupar duma parte do trabalho da firma. Resolveu arranjar uma criada e é contratada uma jovem italiana.





Kate e Richard chegam uma noite e deparam com uma festa dada por Maria (Claudia Cardinale) a um grupo de americanos bêbados. Maria é despedida.

A criada seguinte, Rosemary (Joan Hickson), apesar de ter um cão maçador, parece um verdadeiro tesouro. Mas afinal, no sossego do seu quarto, dedicava-se a beber um pouco mais de gin que o devido. Muitas vezes está um pouco tocada e deixa ficar no fogão alguma comida, incendiando-se tudo.



Nasce o primeiro filho
dos Bany.
Richard vai ao País de Gales
buscar uma senhora
que possa tomar conta
da criança.
É Blodwen (Joan Sims).
Mas os perigos da viagem
são demasiados para ela.
Apanha o primeiro comboio
de regresso.



A seguir
vem um casal de idade,
Edith e Arthur Farrington.
Mas, enquanto o rádio
lança um concerto
de Tchaikovsky,
Arthur (Joseph Tomelty)
rouba o banco próximo e os
dois desaparecem
com o dinheiro.

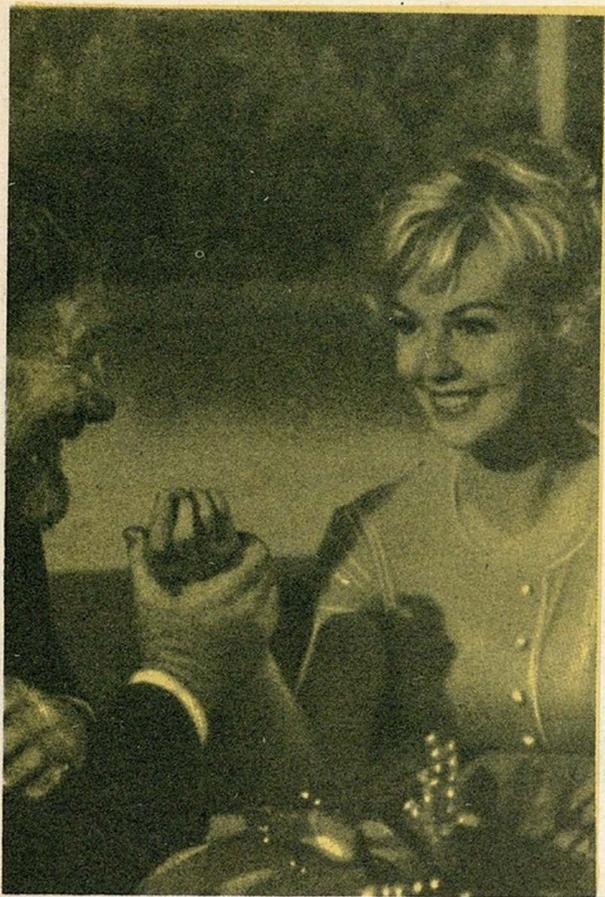




A rapariga seguinte é uma
estudante sueca, Ingrid
Grumar (Myzene Demongeot).
Richard e um amigo
americano, Wesley (Daniel
Massey) vão esperá-la
à estação.
Não tem charme não é fina,
e é por vezes mesmo
malcriada.



Ingrid dedica-se
imediatamente às crianças
especialmente
ao filho mais velho, Paulo.



Mas, com a ajuda de Kate,
depressa adquire
um extremo encanto.
O resultado é devastador —
todos os amigos de Bany
marcam encontros
com ela às escondidas
das mulheres.
A gota que fez transbordar
o vaso foi um jantar com
Mansfiel (James Robertson
Justice) pai de Kate, que
Kate e Richard surpreendem
por acaso.



Richard tenta explicar
a Ingrid as regras
da propriedade privada — mas
esta fica perplexa.



Mas resolve seguir-lhe os conselhos. E para espanto de todos, diz que se vai casar com Wesley, que é um rico herdeiro. Mas chegado o dia da boda, muda de ideias. Decide que a sua vida em Londres foi uma estupenda aventura — mas que as suas raízes permanecem na Suécia, onde o antigo namorado a espera.

Richard corre à Igreja a avisar Wesley e os convidados e aí encontra o guarda Eduards, com a noiva, o Sargent Truck. Este diz-lhe que se vai reformar e gostaria de arranjar para o casal um lugar numa boa casa. Richard leva-os em triunfo. E por fim parece que vai haver tranquilidade no número 11 de Beacham Crescent.





SARA

terra do futuro

Não há acordo. Para uns, Sara quer dizer: «cor de leão» (tal seria a cor do deserto, a cor dos grandes espaços sem vegetação). Para outros, Sara é um termo indígena que significa: «terra má, boa somente para atravessar, boa somente para seguir adiante». E assim foi, durante muito tempo. Uma sara era uma estrada por onde passavam as caravanas, uma estrada cujos perigos não eram apenas a sede, o calor e o frio, mas também os ladrões.

UMA REGIÃO EXTREMAMENTE VARIADA

O Sara tem uma geografia muito variada, ao contrário do que se pensa.

Existem, por um lado, os **hergs** (regiões de dunas), cuja areia branca forma as típicas meias-luas que são empurradas pelo vento e avançam com um movimento semelhante ao das ondas do mar. As dunas chegam a atingir 1600 m de altura e são constituídas por areias «fossilizadas» ou «vivas» que mudam continuamente de posição. Ao norte de Tadmait encontram-se os grandes **hergs** ocidentais e orientais.

Por outro lado, o Sara apresenta-nos uma região rochosa (rochas nuas que formam uma série de altiplanícies); e também: os **aregs**, planícies varridas pelos ventos, constituindo as estradas seguidas pelas caravanas; os **aregs**, regiões cujo solo está coberto de rochas e pedras resultantes do desgaste do deserto, ao longo dos séculos; grandes montanhas que chegam a atingir 3000 m de altitude e que dominam vales profundíssimos, onde se acolhem os lagos que são, como os oásis, os grandes milagres do deserto.

A topografia do Sara é condicionada pelas rápidas alterações de temperatura. Durante o dia, com o calor, as rochas dilatam-se, mas quebram-se, à noite, devido à súbita descida de temperatura.

O vento carregado de areia actua também como lixa em todos os objectos. O resultado de todos estes fenómenos é sempre o mesmo: as rochas vão desaparecendo e o solo cobre-se de pedras. As chuvas torrenciais defendem, todavia, as rochas, cobrindo-as de uma camada protectora que neutraliza a erosão.

Através dessas regiões desoladas, os homens têm caminhado há longos anos. O Sara foi a passagem obrigatória para o continente negro: rota dos escravos, do marfim e do ouro. Meio de transporte? O camelo, também chamado o barco do deserto...

Mas, ao contrário do que poderá supor-se, o camelo não é originário destas paragens. Ao que parece foi introduzido no Egipto pelos persas (500 a.C.) e daí teria passado ao Sara, levado pelos romanos.

AS PINTURAS DE TASSILI

Mas o Sara nem sempre foi um deserto. Há 30 séculos a sua paisagem era semelhante

à das selvas e savanas da África. O Sara era uma região fértil.

As maravilhosas pinturas de Tassili dão-nos um testemunho notável da pré-história do Sara e revelam-nos uma importante civilização de caçadores de elefantes, girafas, rinocerontes, hipopótamos, avestruzes, crocodilos, etc.

As 10.000 pinturas descobertas contam circunstanciadamente a vida e as diferentes fases dos habitantes pré-históricos do Sara. Podemos ler nessas pinturas a evolução da paisagem, a progressiva secura, o desaparecimento dos animais e da vegetação.

Inicialmente pastores, os homens do Sara tornaram-se caçadores, e, por fim, a vida obrigou-os a uma existência de rapina. O roubo passou a ser um modo de vida; e esses povos, que anteriormente eram pacíficos, tornaram-se guerreiros.

OS TUAREGUES

Os **tuaregues** são, hoje, os mais característicos homens do deserto. Vivem em regime de matriarcado e o camelo representa para eles a riqueza fundamental. Mas não são os únicos, claro está, a viver no Sara.

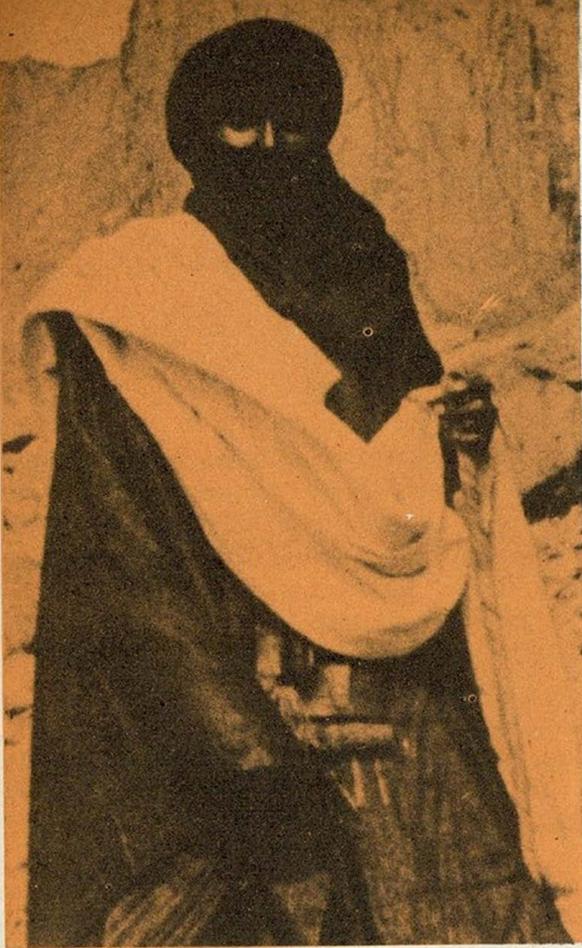
Muitas outras raças habitam lá: os mouros, de origem berbere e os chambas, de origem árabe, são nómadas. Os **tibus**, de origem sudanesa, e os negros **haratin** são agricultores.

Mas esses homens, que tantas vezes cruzaram o deserto, que viveram a miséria do Sara, adivinharam, alguma vez, a riqueza que se lhes escondia debaixo dos pés?

Petróleo, gás, ferro, manganês, cobre, zinco, potássio, estanho, níquel, volfrâmio, hulha, amianto, minerais radioactivos, tudo isso existe em abundância no subsolo do Sara. Uma dificuldade, porém: a água. Porque sem água, como explorar tamanha riqueza?

Sabe-se que existiram ali grandes correntes fluviais. Foram desaparecendo com o tempo e penetrando no solo, cada vez mais profundamente. Os romanos ainda se deram conta de algumas. Depois... Mas é evidente que a água que dantes fertilizava o Sara não desapareceu por magia, tem de continuar lá. Problema: achá-la.

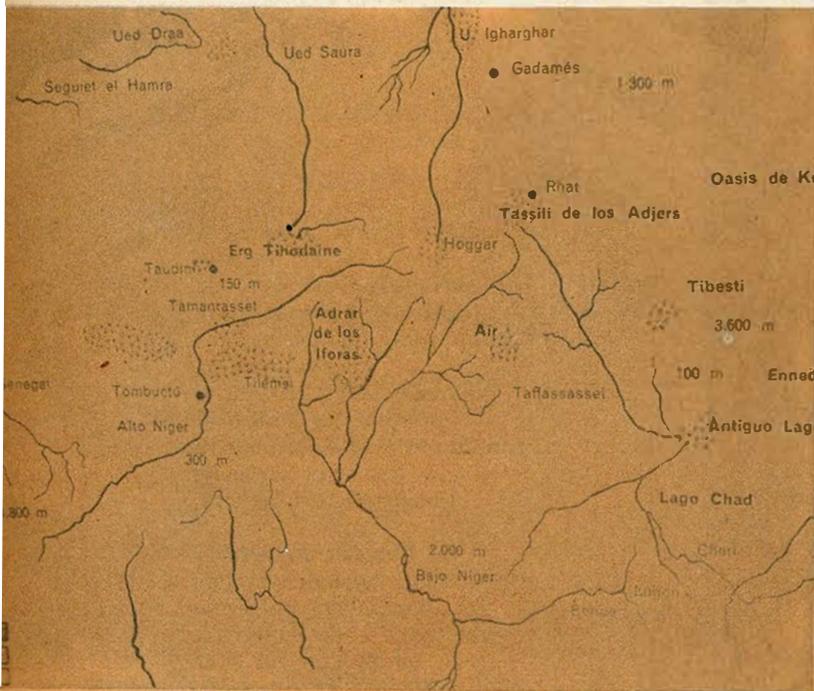
Pois bem: hoje sabe-se onde ela se encontra. Os geólogos descobriram nos montes Atlas um gigantesco lençol de água a cerca



Os tuaregs foram sempre os senhores do deserto. Eram autênticas aves de rapina que caíam sobre os habitantes dos oásis e os exploravam. Nômadas, eles cruzam o deserto em todos os sentidos e vivem do camelo que lhes serve de transporte e alimento.

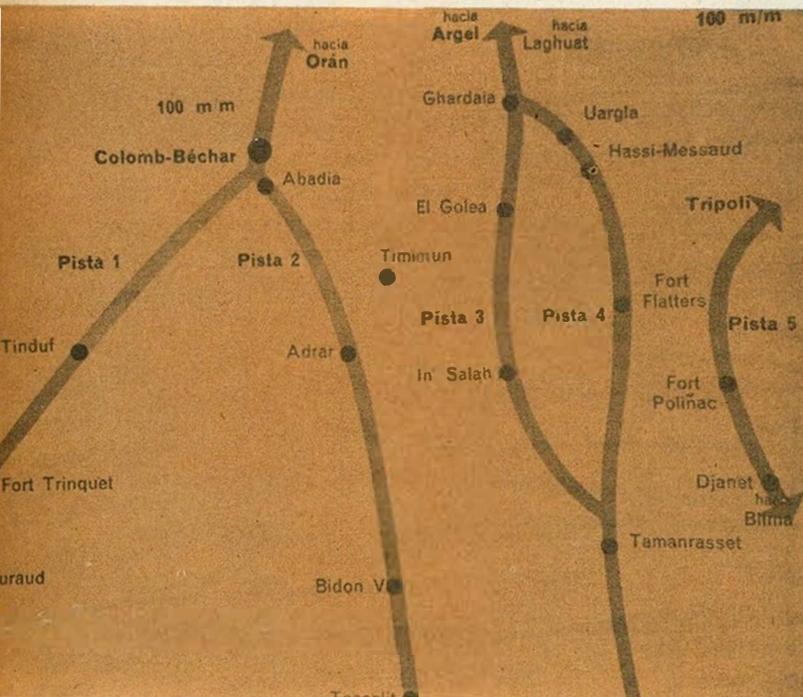
Os homens do deserto procuram água debaixo da terra. Esta paisagem semelhante à da superfície da Lua foi feita artificialmente. Corresponde a uma vista aérea dos poços de ventilação de canais subterrâneos.





Eis o Sara nos velhos tempos em que era cruzado por numerosos rios. No século I da nossa era as legiões romanas encontraram numerosas fontes no caminho para o lago Chad.

Cinco grandes estradas cruzam o Sara, ligando a África do Norte à África Negra.



⊕ avião é hoje o meio ideal de transporte tanto para os trabalhadores como para os industriais.

de 400 metros de profundidade. Mar Albiano lhe chamaram (a sua superfície é tão grande como a da França!) e a sua descoberta abre novas perspectivas para o deserto.

OS PRIMEIROS EXPLORADORES

Se olharmos para um mapa do Sara compreenderemos facilmente as grandes dificuldades com que lutaram os primeiros exploradores. Os **tuaregues** assaltavam as caravanas e era muito difícil sair com vida dessas expedições.

A França começou a explorar o Sara em 1827. O objectivo era o estabelecimento de uma via de comunicação, que ligasse Marrocos aos territórios africanos do Sul.

René Caillé dirigiu a perigosa expedição.

Nasceria em 1799 e a leitura do **Robinson Crusoe** dera-lhe o gosto pelas aventuras. Aos 16 anos seguia para o Senegal, disposto a imitar os heróis dos romances. Em 1824, penetrava profundamente no país dos Fulahs e explorava o curso do Níger. Em 1827 cruzou então o Sara e a Mauritânia até chegar a Tânger. A expedição era tão extraordinária, que os ingleses não quiseram acreditar. Caillé percorrera 4500 km em circunstâncias difíceis.

Mais tarde, em 1859, um geólogo de 19 anos, chamado Henri Duveyrier atingiu El Golea e, no ano seguinte, estabeleceu contacto com os **tuaregues**.

A conquista do Sara pelos franceses durou alguns anos. Missionários e comerciantes percorreram o deserto em todas as direcções, regando-o com o seu sangue generoso. Os **tuaregues** atacavam-nos sem piedade.

A conferência de Berlim de 1890 repartiu a África pelas grandes potências. O Sara, sem água, sem recursos naturais, não deu origem a grandes discussões e foi cedido à França. Quem poderia adivinhar a sua incomensurável riqueza?

Dona teórica desse imenso território, a França iniciou novas expedições.

Era preciso destruir a lenda de que os **tuaregues** eram invencíveis. Em 1900 o tenente Cotterest penetrou no interior do Hoggar e exterminou um bando de perigosos **tuaregues**.

Mas a obra definitiva de pacificação deve-se ao general Zaperrine. Organizou uma polícia montada que percorria o deserto em todos os sentidos. Era constituída por peque-

nas unidades de indígenas enquadrados por oficiais franceses. Estas patrulhas do deserto foram criadas em 1902. Um ano depois o Sara estava liberto dos ataques dos **tuaregues** e o comércio escravo foi definitivamente suprimido.

A primeira Guerra Mundial, obrigando a França a retirar os seus efectivos militares, favoreceu a instabilidade do Sara. Até 1934 a desordem reinou de novo lá.

AVIÕES EM VEZ DE CAMELOS

Apesar disso, foram construídas estradas e campos de aviação.

A era do camelo tendia a desaparecer. Um comboio militar de 30 automóveis iniciou em 1920 uma nova fase nas comunicações do deserto. Por outro lado, Antoine de Saint-Exupéry voa em 1926 como piloto da primeira linha comercial de Toulouse a Dacar.

Ao mesmo tempo grupos de geólogos e de geógrafos iniciaram o estudo do Sara. Alguns desses exploradores morreram assassinados às mãos dos ladrões do deserto. Outros, descobriram novos jazigos de minério.

Em 1956 descobriram-se grandes jazigos de petróleo. Um enorme lago subterrâneo havia sido descoberto e uma época de esperança abria-se para os homens.

De facto, as reservas petrolíferas do Sara são as maiores do mundo. E isso significa que a industrialização do deserto começou.

O TEXAS AFRICANO

Há petróleo em várias regiões, mas a mais importante é a de Hassi Mossand. Calculam-se em dois mil milhões de toneladas de petróleo, as reservas do seu subsolo. Para mais, esse petróleo é extremamente rico.

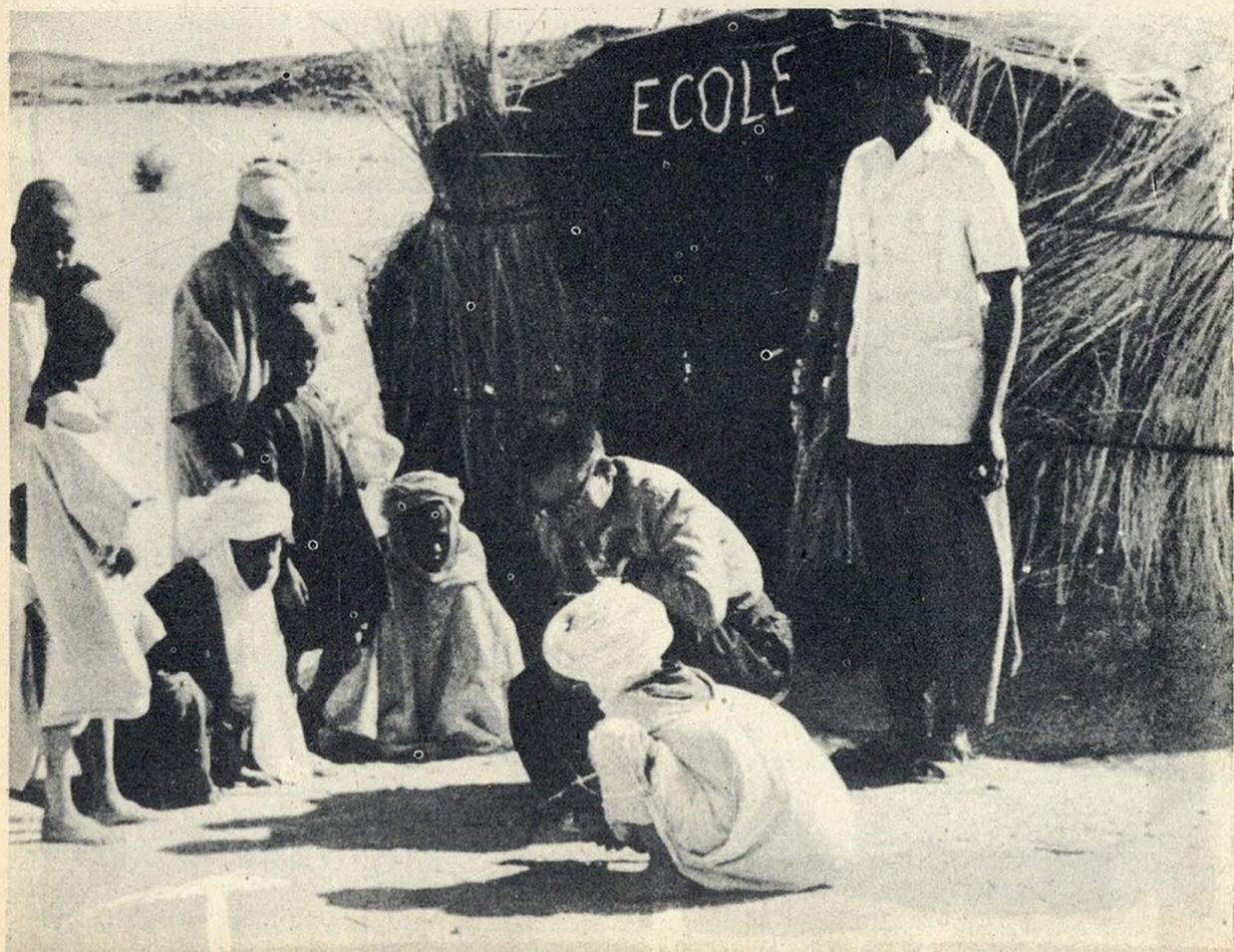
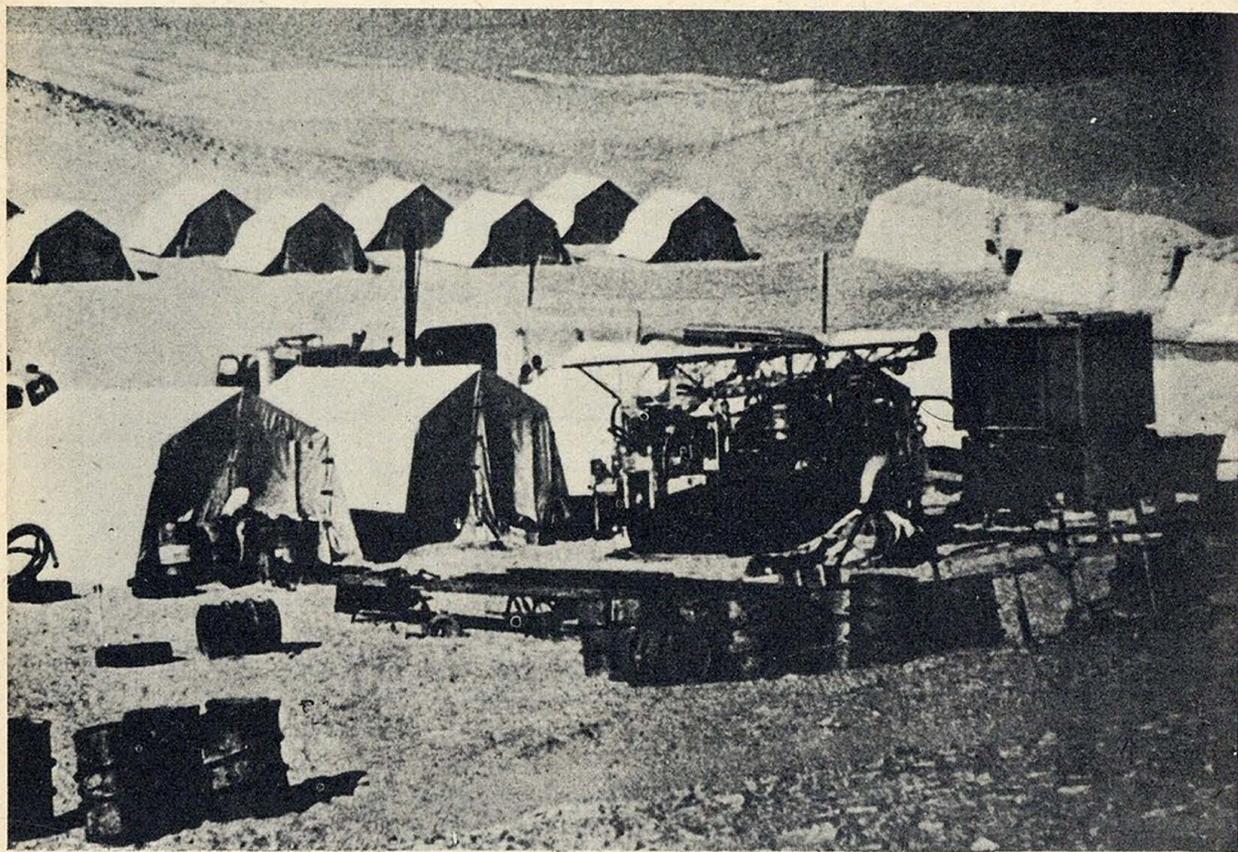
Os últimos cálculos indicam que em 1960 poderão ser extraídos 8 milhões de toneladas de combustível. Por ora, o transporte do petróleo faz-se através de um pequeno oleoduto.

O mais grave problema é o da mão-de-obra. Escusado será dizer que os homens que melhor se adaptaram foram os nómadas, habituados ao deserto.

A época não vai para nomadismos e o cheiro do petróleo reconforta...

Foram criados, em pleno deserto, centros de formação profissional.

Seja como for, o problema não é simples.



Mas a sua solução é compensadora. Tão compensadora que a França não hesita em arriscar lá a sexta parte do seu orçamento... E não basta! O governo francês pediu a várias nações que colaborassem com ela.

MONTANHAS DE FERRO E GAS NATURAL

Em 1925, quando o geólogo Jevin procurava água a 136 Km ao Sul de Tindul, notou que a agulha da sua bússola sofria grandes alterações, e investigou as causas. O fruto dessa inquietação científica traduziu-se na descoberta de uma imensa montanha de ferro, cuja existência foi calculada em dois mil milhões de toneladas. Os trabalhos posteriores revelaram que a riqueza mineral é de 50% e que as reservas eram maiores do que se havia suposto a princípio. Basta dizer que 400 milhões de toneladas poderão ser explorados à superfície!

Mas surgiram as habituais dificuldades. Primeiro, a falta de água. Depois, a enorme distância a que as minas se encontram dos portos mediterrânicos. A primeira dificuldade parece resolvida. Foi descoberta água perto de Tindal. Para resolver a segunda, pensa-se numa estrada através do Sara espanhol.

Os técnicos percorrem o deserto em todas as direcções à procura do petróleo. Mal o encontram ergue-se logo uma cidade de lona.

Os professores franceses acompanham as caravanas nómadas e levam a cultura ao interior do deserto. Esta é uma das numerosas escolas ambulantes.

Mas quem sabe? A mais importante descoberta talvez tenha sido a do gás natural. Já foram encontradas duas grandes bolsas. Uma delas, porém, situada a mil quilómetros da costa, não pode ser explorada por agora. A outra, dista 400 Km de Argel em Hassi R'Mel. O gás aí contido é tão rico que pode transformar-se em gasolina por simples condensação.

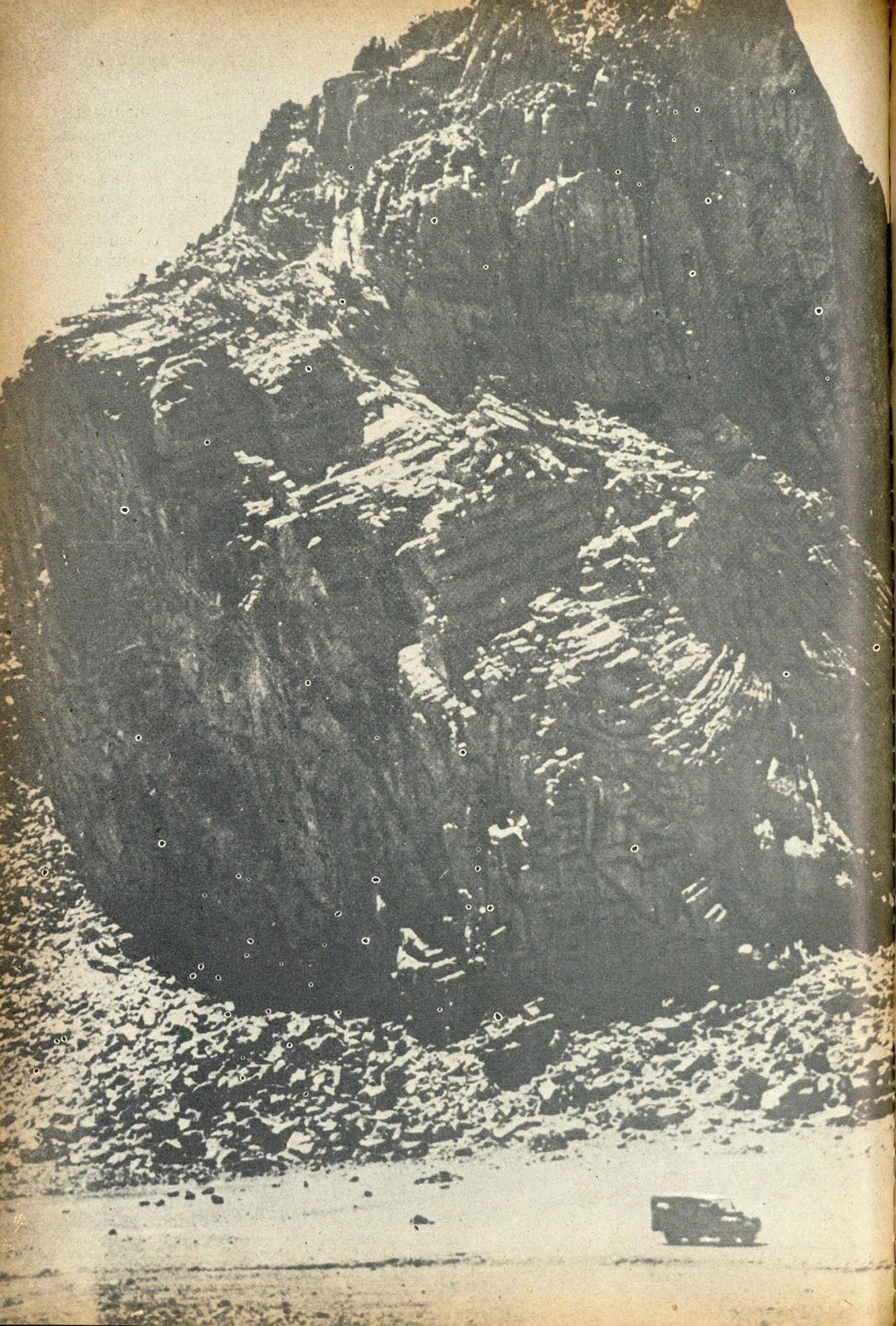
O FUTURO ESTÁ NO SARA

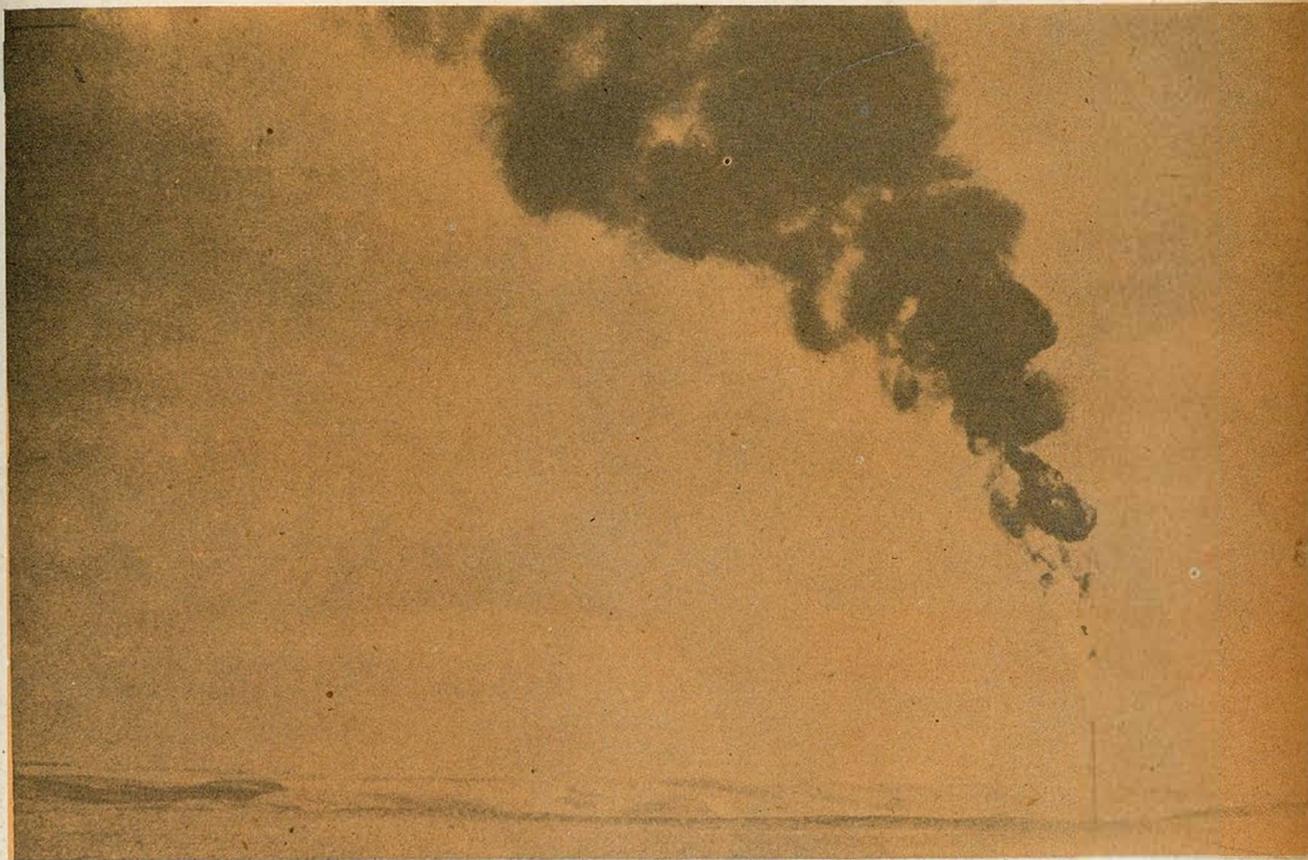
A verdade é esta: tanto para a Europa, como para a África, o futuro está no Sara. Lentamente ao princípio, mais depressa depois, as planícies desérticas e os maciços montanhosos vão mudando de fisionomia. Grandes camiões percorrem as novas estradas transportando homens e material, ao mesmo tempo que a população nómada vai evoluindo na sua mentalidade e nos seus costumes. No entanto, os franceses entendem que ainda não chegou o momento da fixação no solo dos povos nómadas. Para já, o que importa é multiplicar o número de professores dispostos a acompanhar essas tribos nas suas deslocações e a levar-lhes a cultura.

Existem muitos projectos para transformar o Sara. Um, muito antigo, que, graças à energia atómica, pode agora ser levado a cabo, é o que se refere à criação dum mar no interior do deserto. Este mar conseguir-se-ia derrubando as barreiras que impedem o Mediterrâneo de penetrar nos terrenos situados num nível abaixo do mar. As nuvens provocadas por essa grande massa de água originariam chuvas que iriam fertilizar grandes extensões de terrenos, actualmente improdutivos.

Independentemente disso, a potência energética e mineral do Sara permitirá a industrialização de toda a África. O gás, o petróleo, o carvão, o ferro, o cobre, etc., são materiais básicos para a criação de uma grande siderurgia. Os capitais estrangeiros estão a afluír em grande quantidade.

Outro ponto muito importante é o que se refere à instalação de altos fornos e de centrais solares em pleno deserto. O Sara oferece, sob este aspecto, um novo campo de acção, porque é, indubitavelmente, o maior depósito de energia solar do planeta. Não existem nuvens, os raios do Sol caem perpendicularmente e a humidade é mínima. Estudos





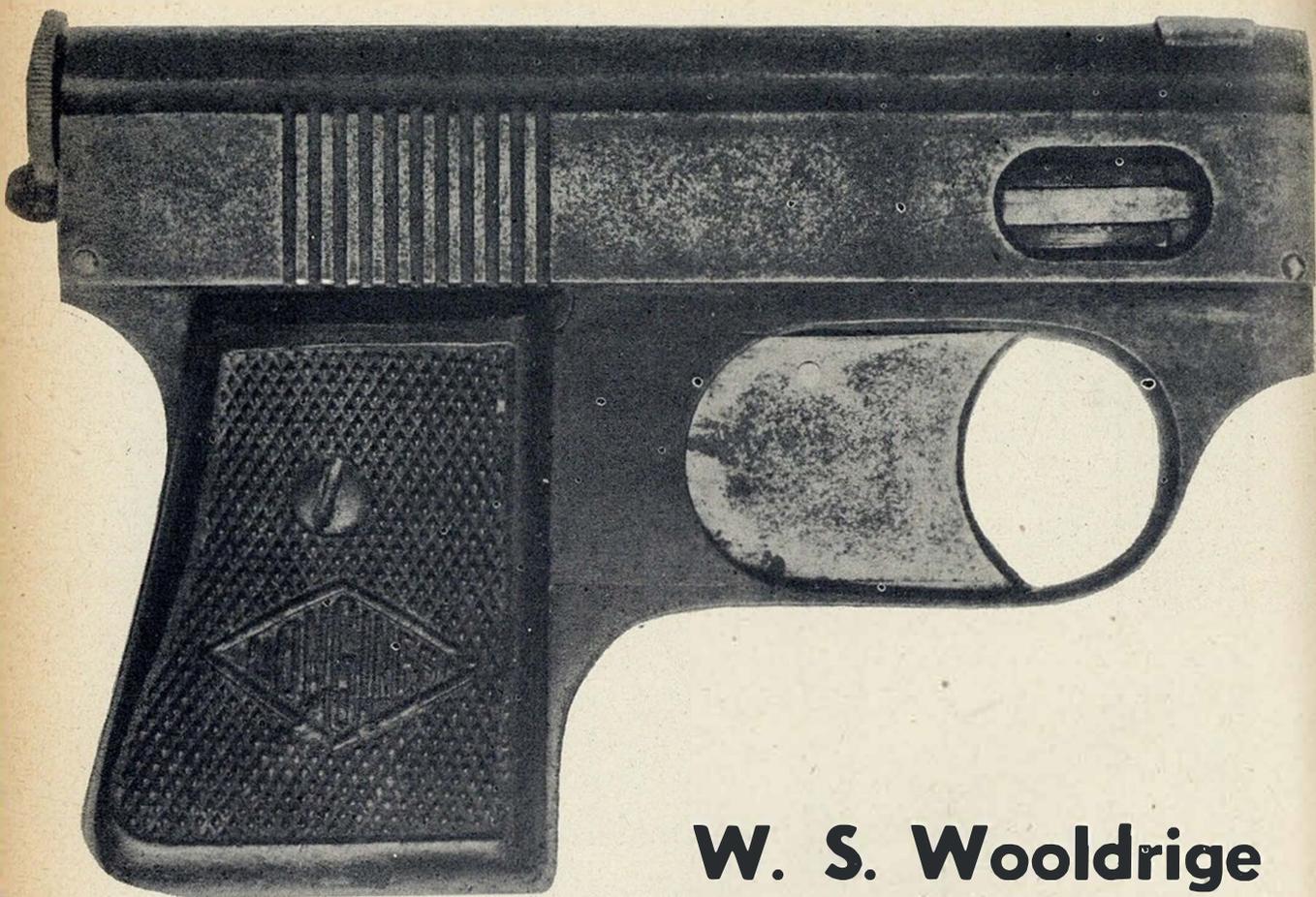
Ponto de convergência de
 todos os homens,
 polo de atracção maior de que
 a própria água: o petróleo!

O ferro é uma das principais
 riquezas do Sara.
 A sua exploração pode
 fazer-se à luz do sol
 (desde que se ponha um
 chapéu na cabeça).

importantíssimos estão a ser realizados perto de Argel com o intuito de resolver as dificuldades técnicas levantadas para o aproveitamento da energia solar.

É certo: o futuro da Europa e da África está em grande parte no Sara. Mas se esta afirmação vale para muitos países, muito mais vale para a França, e por isso se compreende o misto de preocupação e de optimismo que caracteriza a política francesa nesse domínio. De facto, pairam sobre o Sara algumas nuvens — não as nuvens que se transformam em chuva, bem entendido... É com algumas apreensões que os franceses encaram, pois, o futuro do deserto. Um sexto do orçamento francês é aplicado no Sara. Qual será o seu fruto? Sabe-se que a F. N. L. considera o Sara como o prolongamento natural da Argélia.

Para se avaliar a importância que o governo francês liga ao Sara, basta considerar os números seguintes: actualmente a França importa 24 milhões de toneladas de petróleo por ano. Calcula-se que em 1960 o Sara produzirá 10 milhões e que em 1970 produzirá 25 milhões. Será preciso acrescentar o que isso representa para a independência económica da França?



W. S. Wooldrige

o forasteiro

Winston Spencer Wooldridge nasceu em Greenhill, Surrey, em 1888. Segundo filho de um par de Inglaterra que chegara a ser ministro num dos gabinetes de Gladstone, fez os seus estudos em Eton e Cambridge e alcançou muito novo o Doutoramento em Matemáticas e Estudos Orientais. Viajou durante alguns anos, pela Europa, o Norte de África e o Próximo-Oriente. Após a morte da mulher, a famosa entomologista Helen Penbrooke, fixou residência em Greenhill, de onde não sai há trinta e quatro anos. As mais eminentes personalidades mundiais, passam muitas vezes a visitá-lo.

Fundador com o Dr. Albert Schweitzer e Bertrand Russel, dos «Anais do pacifismo mundial livre», tem-se dedicado por passatempo a enviar contos policiais que, pela sua extrema originalidade, podem considerar-se revolucionários dentro do género.

LANDFORD é uma pequena aldeia sem nada de particular. Os telhados inclinados de colmo, o campanário da igreja, as ruas avermelhadas pela pedra característica da região cobrem-se dois meses por ano de neve. Nos restantes dez, chove quase sempre e apenas durante uns escassos quinze dias o sol aquece com alguma permanência os corpos friorentos dos habitantes.

Oswald Boyle, pastor protestante, reside em Landford há trinta e cinco anos. Conhece a aldeia e os seus habitantes como ninguém e nada já o surpreende. Os nascimentos, os casamentos, as mortes, as doenças têm-se sucedido dentro da ordem natural das coisas. Apenas a guerra perturbou a vida da aldeia, mas passada esta, tudo regressou à tranquilidade antiga.

Landford não é um centro turístico, nem industrial, nem comercial. Nem sequer é cruzada por nenhuma estrada de importância. É preciso fazer um desvio de doze milhas na estrada de Londres para por fim a encontrar semiescondida por uma vegetação de faias e abetos que merecia talvez ser melhor conhecida.

Não há, portanto, quase fronteiras. Quando, depois da guerra os serviços médicos tinham sido socializados viera um médico novo, o Dr. Harold Bruce. Formado havia poucos anos, desconhecido na aldeia, custara-lhe um pouco a cortar a reserva dos habitantes. Mas, por fim, ele e a sua jovem esposa tinham sido também assimilados nos costumes locais e eram agora tão de Landford como quaisquer outros.

A vida quotidiana na aldeia não tem história. A maior parte dos habitantes sustenta-se da agricultura, um pequeno número, de manufactura de cabos de facas de madeira trabalhados que são vendidos em Sheffield. O médico, o pastor, o maior proprietário rural e dois ou três comerciantes ricos constituem a aristocracia local e reúnem-se no Club.

É difícil dizer onde começa uma história. Mesmo aqueles que nela participaram, muitas vezes não sabem determinar o momento exacto em que os acontecimentos começaram tomando particular caminho. E assim, ao situarmos em 16 de Março de 1956 o início da nossa narrativa não queremos dizer que antes disso factores predisponentes, subterrâneos e subtis, não estivessem já emaranhando no interior dos nossos personagens as linhas tensas da realidade.

Estamos pois em 16 de Março de 1956, às 4 e 20 da tarde de um dia chuvoso e brumoso. À porta da estalagem local (que conta apenas dois quartos, vagos durante quase todo o ano, e livre do comércio da tenda que o proprietário simultaneamente mantém) o pastor e o médico com os cachimbos entre os dentes preparam-se para se despedir e regressar às casas respectivas antes do anoitecer, quando um homem ainda novo, montado numa motocicleta, apareceu à porta da estalagem, tirou as luvas e os óculos de viagem, o barrete de feltro, desabotoou a gabardina-trincheira, desafiou do suporte uma pequena mala, pôs um olhar distraído no médico e no pastor, empurrou a porta de vidro, dirigiu-se ao balcão e pediu um quarto.

O estalajadeiro, um pouco surpreso, estendeu-lhe o livro de registo:

O forasteiro preencheu-o: **John Brown, de Londres**, e, após uma ligeira hesitação, **arquitecto**.

Subiu para o quarto, com a mala, atrás do estalajadeiro. Quando este voltou, o pastor e o médico consultavam o livro de registos.

Passaram-se oito dias. O forasteiro não saía do seu quarto, onde tomava mesmo as refeições. Não recebia nem enviava correspondência. Apenas no segundo dia, um caixote cúbico com cerca de um metro de aresta lhe fora entregue pelo correio. Depositara-o no quarto e a criada que arranjava a cama dizia que do caixote tinham saído rolos de papel e estranhos instrumentos metálicos com os quais Brown passava o dia trabalhando. Em Landford a curiosidade alastrara e corriam boatos.

Primeiro: Brown era quase certamente um pseudónimo — qual seria o verdadeiro nome do desconhecido? Depois não era seguramente arquitecto. Seria um espião atómico? Mas porquê em Landford? Um agente do I. S.? Mas em Landford não havia políticos. Um agente da Yard? De nenhum crime havia memória no condado. Uma coisa era certa: Brown procurara informar-se da terra e da sua gente: por duas vezes chamara o estalajadeiro e lhe fizera perguntas sobre pessoas e sítios, particularmente (assim parecera pelo menos ao velho Higgins) o médico e Trevor Baker, que fizera a guerra e regressara condecorado.

Quando tal se soube os indigitados mostraram-se surpreendidos. O médico disse ao

pastor que lhe parecia tudo imaginação do velho Higgins, pois não havia motivo especial para que Brown quisesse saber alguma coisa dele, Bruce.

— E se o quisesse, disse o Pastor, porque não dirigir-se a si?

— De facto, disse o médico. Não me ocorrerá.

A partir desse dia, o médico (notaram-no os amigos) passou a andar preocupado.

Baker, o herói local, que se ocupava agora da direcção da sua granja, limitou-se a encolher os ombros. Conhecera muita gente nos vários sítios onde andara mas não tinha ideia de Brown. Como era ele? Alto, louro, de olhos azuis, como tanta gente em Inglaterra. Ah, sim, a criada reparara nisso — era canhoto.

...A batalha de Arnheim, em 1945. A certa altura, no seu sector, ficara isolado entre a lama e as granadas; conseguira escapar por fim. Um quilómetro adiante, talvez, encontrara um major ferido que arrastou aos ombros, durante horas até conseguir atingir a retaguarda. Este esforço valera-lhe a condecoração e o prestígio. Esta era a história sabida. Mas a outra, a que só ele conhecia, tinha um começo um pouco diferente. Estavam três homens no ponto em que a primeira granada explodira. Dois, tinham lá ficado. No momento de pânico, Baker cobrira-se com o corpo de um deles. Quando os estilhaços acabaram de cair, tinha o cadáver trespássado nas mãos. Inanimado, o terceiro soldado estava por terra também. E Baker fugira, fugira das granadas e da sua cobardia.

Sòmente... e a imagem agora aparecia-lhe nítida como nunca, o soldado estendido no chão (ferido, morto?) segurava na mão esquerda a pistola-metralhadora.

E Baker, com a cabeça enterrada nas mãos, pôs de repente a si próprio uma terrível dúvida — e se o outro não tivesse morrido?

Se tivesse voltado para lhe lembrar o seu crime? Talvez para vingar o companheiro morto?

Absurdo, pensou. Mas nessa noite não dormiu.

O Dr. Bruce pôs o chapéu e a gabardina no cabide e disse para dentro.

— Boa-noite, querida.

— Boa-noite, Arnold. Alguma novidade? Grace fechou o livro que lia e veio beijar o marido. Sentaram-se os dois na saleta ouvindo a chuva no vidro.

— Andas cansado, querido... Devíamos ir para férias.

Há tempo já que Grace insistia em saírem de Landford, tão monótono, tão provinciano, tão pequeno. Não tinham filhos e os dias ocupava-os a ler, a ouvir música, a ir de vez em quando a Londres no seu carro particular, para fazer visitas, percorrer as livrarias, divertir-se. Mas Arnold apegara-se à terra, encontrara ali o repouso que as cidades nunca lhe forneciam.

Falava-se muito no homem da estalagem.

— O Sr. Miles esteve cá, disse-me que toda a aldeia está intrigada e que ele se informou da nossa vida.

— Da nossa vida?

— Sim. Perguntou há quantos anos cá estavas, quem tu eras, porque é que para aqui tinhas vindo.

— Porque é que para aqui tinha vindo?!

— Sim. Para um sítio tão ermo. Toda a gente acha o mesmo, de resto — acrescentou noutro tom.

— Sim, talvez — respondeu Arnold — talvez haja nisso uma certa razão. E fixou o olhar perdido no vago.

Ao jantar comeu pouco. Bifes com cogumelos eram o seu prato predilecto, mas, foi distraidamente que os engoliu. A mulher inquietou-se:

— Que tens, querido?

— Nada, respondeu, nada. Absolutamente nada. Vamos esta noite ao Club?

Enquanto a mulher se arranjava, Arnold, numa poltrona, deixava o fumo do cachimbo ir desenhando no ar formas caprichosas.

Londres, 1945. A guerra acabara havia dois meses.

Interno no hospital de St. James estava no seu dia de serviço. Rompera havia dois dias um noivado de maneira desagradável — surpreendera a rapariga com quem ia casar beijando o seu melhor amigo. E as vinte e quatro horas de Hospital eram uma prisão desagradável para a sua necessidade de deambular à toa pelas ruas. Fazia a vela, a noite estava calma, nenhuma urgência tinha aparecido. De uma pequena garrafa de whisky

fora bebendo em pequenos goles para a disposição melhorar. Adormecera por fim. E acordara sobressaltado pela enfermeira que o chamava para um doente entrado de urgência.

A mortalidade em apendicites daquelas é de um em mil mas estava seguro de que de nada tivera culpa. O inquérito, de resto, não conseguira concluir responsabilidade da sua parte. Todavia, corraera insistentemente que o homem morrera na mesa de operações, porque o Dr. Bruce estava bêbedo. Seis meses depois pedira a demissão e arranjou a seguir, aquele lugar na província. Entretanto, conhecera Grace, que de nada sabia, e casara-se com ela. E desde então sempre uma vaga ideia de ser perseguido, de alguém vir a «vingar» o morto o acompanhara. E agora este desconhecido em Landford...

— Estou pronta, Arnold.

Sobressaltou-se.

— Vamos, então.

No Club, o desconhecido era o assunto das conversas.

Quando entraram, Baker, o herói, dirigiu-se-lhe imediatamente:

— Hem, doutor? Parece que é de nós que ele fala...

Fez-se desentendido.

— Ele?

— Sim, Brown; qualquer dia vou procurá-lo — acrescentou sem muita convicção.

O Pastor, que entrara a seguir e todas as tardes passara na estalagem um pouco com Higgins, foi bombardeado com perguntas.

— Algo de novo?

— Já se sabe quem é o homem?

— Que quer ele, afinal?

O Pastor encolheu os ombros. — Nada, nada de novo. Ah, parece que teve um irmão que morreu... A criada viu um retrato em cima da mesa e perguntou-lhe quem era. «Um irmão meu, que morreu», disse ele.

tornou mais discreta a partida do Dr. Bruce que levantou protestos tristes por parte dos amigos e dos doentes. E, irrevogavelmente, este e a esposa, satisfeitos da decisão por fim tomada, deixaram Landford na madrugada seguinte ao enterro.

Dez dias depois, Brown, um pouco esquecido no meio das sacudidelas bruscas que o Destino fizera sofrer aos habitantes de Landford, satisfez a conta da estalagem, despachou o caixote pelo correio e preparou-se para partir.

Já à porta, enquanto esperava o recibo, Higgins apresentou-o ao Pastor e este por um momento não pode conter a curiosidade.

— Dizem-me que se tinha interessado pela nossa aldeia e particularmente pelo pobre Trevor Baker e pelo Dr. Bruce. — Arriscou.

— Por quem? — perguntou Brown.

— Pelo Trevor Baker e pelo Dr. Arnold Bruce — insistiu o Pastor.

— Ah, o homem que morreu há dias e médico? Não, quem mais particularmente falou deles foi o Sr. Higgins, por serem notáveis cá na terra. E eu deixei-o falar.

O Pastor ficou silencioso.

— De regresso a Londres, Sr. Brown? — perguntou Higgins.

— Sim, acabei o que tinha a fazer. E vim aqui parar por acaso. Enganei-me na estrada, gostei das árvores e das casas e como precisava de um lugar tranquilo para acabar a minha tese...

A motocicleta perdeu-se na curva da estrada.

O Pastor estendeu a mão a Higgins.

— Até amanhã, disse; e, pelo passeio do costume, regressou a casa.

O último acto oficial do Dr. Bruce, antes de abandonar Landford, transferido a seu pedido para uma cidade do Norte, foi passar a certidão de óbito de Trevor Baker, que, se enforcou uma noite no estábulo. Sem deixar nenhuma explicação escrita e sem que ninguém antes pudesse ter previsto, pelo seu comportamento, um tão estranho desenlace. O enterro levou honras oficiais, tendo o ministro da Defesa feito representar-se nele. Toda a aldeia ficou transtornada e o episódio

fim



a indústria americana descobre

REATH GATE Decay!

Best protection all day long! Colgate contains Gardol!

Some wonderful flavor in the tube actually germicidal contains!

Look like a high spirited, team whose whole philosophy is for you to score points in new bunch-knits, Tereeds' brown or black-and-white and whistle slim pants, plus Dacron-cotton washable. Where? Everywhere! Or write 9th Street, Los Angeles 16, California.

A NEW PHILOSOPHY FOR SORORITY

Rose

Phil-Rose

so exciting! plan Lane Sweetheart

ing your mar... Chest!

The le

"Dear Mother—

Remember how she used to tell you how I was doing in school? I was always a star in her eyes. You've made me so proud. I can't wait to tell you how much I love you. I'm so glad you're all here. I'll be home soon. Love, Phil-Rose

her honeycomb

ing The solid silver with

LM

said it couldn't be done... said nobody could do it... L'M is Love in taste

Change to L'M

with more taste to it

get 'em both!

the limit

Gaze, darling trend-setter! Each is new, & prices are so

NEW AND Y

to your cha

g, at Warner's

ng fall bra collection

each is different, and

raight from heaven

whole galaxy for

one you choose is

arms!

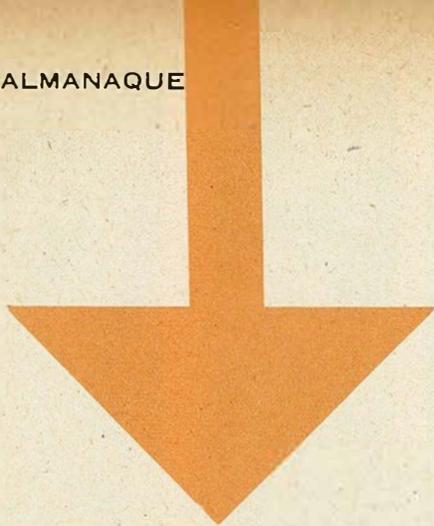
the

2.00 to 3.95

mindful gets

your nicest stores!

WARNERS



Durante muito tempo os industriais olharam para os jovens com uma certa indiferença. Isso não significa que o jovem não fosse um consumidor como o era o adulto. Somente: as roupas, as bicicletas, os próprios livros, se é certo que se destinavam aos jovens, eram comprados pelos adultos. Durante muito tempo o fabricante preocupou-se com o gosto dos papás, possuidores do dinheiro, e não com o gosto dos filhos.

É certo que um ou outro pequeno industrial sabia que os moços também tinham opiniões. Os vendedores de guloseimas, que procuravam as portas dos liceus e das escolas, preocupavam-se com o gosto dos jovens que, nesse caso, e dada a modéstia dos preços, eram os próprios compradores.

Mas o que se passa presentemente na América é diferente. Em primeiro lugar, o número de jovens cresceu, e em segundo, eles conquistaram a independência económica mais cedo. Daqui resulta que os jovens entre 15 e 25 anos constituem hoje um importante mercado económico.

Ora acontece que é precisamente entre os 20 e os 25 anos que as mulheres gastam mais dinheiro com o vestuário (e depois, a partir dos 40, quando os filhos já crescidos).

17 MILHÕES DE ADOLESCENTES ENDINHEIRADOS

Os industriais europeus ainda não encararam de frente este problema. Mas os americanos estudam-no com atenção. Os dezassete milhões de **teenagers** — adolescentes dos 13 aos 19 — estão na berlinda.

Eugène Gilbert, fundador dum serviço de investigações sobre a juventude, concluiu que os **teenagers** não são apenas adolescentes na passagem da infância para a maturidade, constituem na população de um país um grupo social bem diferenciado.

A influência de um **teenager** na economia exerce-se de duas maneiras:

Directamente, gastando o dinheiro que possui e indirectamente influenciando nas compras dos pais.

Directamente: um **teenager** dispõe em média, nos E. U. A., de 250\$00 por semana (em 1944 dispunha apenas de 50\$00). Este dinheiro para os seus alfinetes, pode ele gastá-lo como muito bem quiser: em livros, em discos, no cinema. E, além disso, para os rapazes: a acompanhar uma rapariga, a cuidar do automóvel, em desporto, a comprar uma blusa ou uma camisa mais a seu gosto.

Indirectamente: um **teenager** pode convencer os pais a comprar isto ou aquilo. Os adolescentes têm o sentido do luxo mais desenvolvido do que os adultos. Por outras palavras: para eles não há compras extravagantes.

Móveis, aparelhos de alta fidelidade, televisão, automóveis são, aos olhos do **teenager**, objectos de primeira necessidade.

Os adolescentes compram os discos, o calçado e as camisas de que necessitam com o dinheiro que os pais lhes dão para isso. As **teenagers** de 16 anos são consumidoras tão amadurecidas como as mulheres adultas. E, de resto, exercem uma influência irresistível nos pais. Segundo Gilbert, os **teenagers** são subtis vendedores quando pretendem convencer os pais a comprar qualquer coisa. Utilizar os adolescentes para convencer os adultos, eis uma arte comercial em estudo na América!

Esta diminuição da autoridade dos pais (incapazes de dizer: não!). Vem já do fim da primeira guerra mundial. Acentuou-se depois sob uma dupla influência: a de John Dewey — que aconselhava os pais a deixarem que os filhos se exprimissem espontaneamente — e a de Freud, cujas teorias — tão mal compreendidas como as de Dewey — consideravam a criança submetida a forças inconscientes que ela não podia dominar.

UMA JUVENTUDE AMADURECIDA?

Por outro lado, os sociólogos notaram que muitos pais americanos são imigrantes ou descendentes de imigrantes que pretendem que os filhos sejam «autênticos americanos». Por outras palavras: dão-lhes uma liberdade excessiva pensando que desse modo se integrarão melhor na vida americana.

Mas o mais importante vem a ser a pressa

com que os adolescentes atingem a maturidade (este fenómeno verifica-se também na Europa). 50% das mulheres americanas que se casam pela primeira vez têm menos de 20 anos, geralmente 18. Além disso, a juventude ganha o seu dinheiro.

Mais de um terço dos estudantes trabalha para pagar, pelo menos, metade dos estudos. Ora quem diz dinheiro, diz liberdade. Eis porque, segundo Gilbert, os industriais se dirigem cada vez mais directamente aos **teenagers**, quer se trate de guloseimas, de «sou-tiens» ou de máquinas de escrever.

A PUBLICIDADE E O TABACO

Claro: entre o **teenager** de 13 anos e o de 19 há grandes diferenças. A sociedade «Coca-Cola», descobriu que um cartaz que representava um par mais ou menos idílico a beber «coca-cola» significava «flirt» e romantismo para os adultos, mas que sugeria, nos mais novos, que o pagamento lhe cabia a ele e não a ela.

Consequência: imperceptivelmente, os rapazes fugiam da «Coca-Cola»...

Problema delicado é o dos cigarros. Como recomendar aos jovens uma coisa que os pais não podem deixar de condenar? A Companhia «Lucky Strike» torneou o problema: patrocina as emissões favoritas da juventude: **Your Hit Parade**.

FÚRIA DE VIVER

Embora não seja fácil generalizar, é possível sumariar meia dúzia de características do **teenager**:

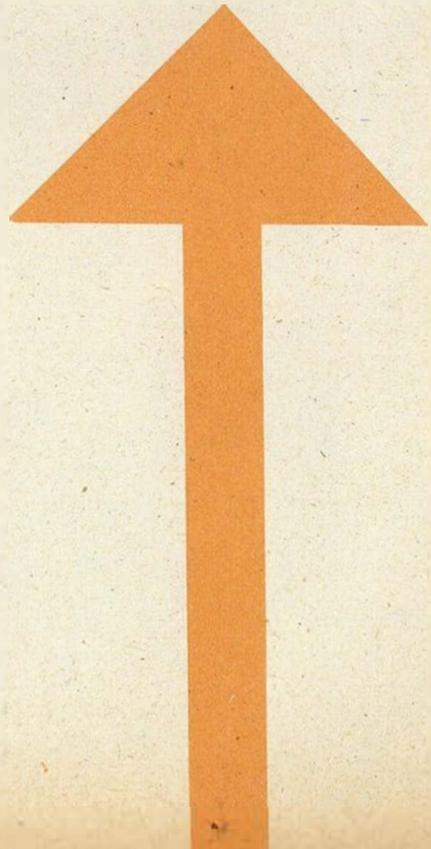
- Gasta com o telefone cerca de uma hora por dia. O telefone é para ele o meio de comunicação com o grupo, o seu elo de ligação com a vida social.
- Passa uma hora por dia em frente do televisor.
- Bebe cada vez mais, sobretudo cerveja.
- Os **teenagers** que começam muito cedo a amar são, geralmente, os mais fiéis. Gilbert procedeu a um inquérito em 1955 e tirou algumas conclusões chocantes acerca da liberdade amorosa.
- Os **teenagers** desinteressam-se da religião e da política.

- Têm a paixão dos automóveis e dos clubes de automobilismo. O automóvel é o centro de gravidade em torno do qual giram todos os membros do grupo.

- Paixão do cinema. Um inquérito revelou que durante o ano de 1957, metade do público cinematográfico tinha menos de 20 anos. Preferem os filmes em que são estudados (**Sementes de Violência, Fúria de Viver**) ou então os filmes de pavor (**Drácula**). (Ao que parece os **teenagers** europeus preferem os filmes policiais aos **westerns**).

- A música preferida: o **rock n' roll**. Essa mistura de sons surdos e de ruídos furiosos é muitas vezes incompreensível e intolerável aos adultos... Mas a indústria do disco atingiu o seu apogeu com o aparecimento do **rock n' roll**. (Houve uma contra-revolução. Alguns jovens começaram a usar um emblema com o retrato de Beethoven e a legenda: **Preferimos Ludwig**. Esse movimento teve a sua época de glória, mas morreu).

Todas estas paixões se exprimem em dinheiro, o que significa: implicam um comércio e um determinado desenvolvimento industrial. Por outras palavras: a juventude é hoje em dia um grupo económico, o que não sucedia há vinte anos. E essa nova realidade não é um fenómeno puramente americano: observa-se já na França, na Grã-Bretanha, na Alemanha!





como se diverte

PARIS

quando
a noite cai,
Paris
transforma-se
num grande
teatro

O mito das noites
de Paris
tem atraído os artistas
de todo o mundo.
Alessandro Blaseti está a realizar
um filme
chamado «Europa Nocturna».
Eis uma imagem,
dedicada
às mulheres de Paris.



Que faremos esta noite? Quando o céu pardacento de Paris escurece dir-se-ia que a Torre Eiffel se transforma num enorme ponto de interrogação. Sim que havemos de fazer esta noite? Problema angustioso que nunca deixa de preocupar esta humanidade desencantada! A grande maioria dos cinco milhões de parisienses fazem aquela pergunta uma vez por semana, precisamente ao sábado — porque na manhã seguinte não têm de se levantar cedo. Nas outras noites há as pantufas, a rádio, a TV, o bar ou o cinema do bairro. Assim o problema é, sobretudo, grave para os parisienses provisórios, essa grande massa flutuante de gente que vem a Paris, da província ou do estrangeiro, para ver a Gioconda ou a Torre Eiffel, o Túmulo de Napoleão ou o «salon de l'Auto», para participar nos congressos dos transportes, e das doenças alérgicas, mas também para ir ao **Folies Bergère**, ao **Lido**; para adquirir, em suma, um

certo número de recordações mais ou menos proibidas. Pois bem: existe em Paris uma autêntica indústria cujo objectivo é produzir essas recordações... Bairros inteiros que durante o dia conhecem uma vida sossegada com comércio, semáforos, meninos louros que vão para a escola, transformam-se completamente quando surgem as primeiras sombras da noite. Esses bairros preparam-se então para o espectáculo, como se fossem um teatro.

O «STRIP» INVADE O VELHO MUNDO

Vindo da América, logo a seguir à guerra, com a Coca-Cola e as máquinas de discos, o «strip-tease» invadiu Paris. Trata-se de um género que já havia feito furor nos princípios do século. O espectáculo mais famoso é o do **Crazy Horse Salon** no qual foi reconstituída a atmosfera americana dos tempos do ouro. O mais luxuoso todavia é o Lido. Paul Louis

No Zido começa-se por comer.
O «balett» *Blue Bell Girls* exhibe-se, entretanto é o grande número da casa.
Direcção do Zido (para os possíveis interessados):
Avenida dos Campos Elíseos, 76.



Guérin, o seu animador, é o Ziegfeld francês. Segundo a lenda ele dá todos os anos uma volta ao mundo à busca de novas atracções. Mas o grande número do Lido são as *Blue Bell Girls*. Trata-se de um friso de lindíssimas raparigas de 1,80 metros de altura. O espectáculo dura até às duas e meia da manhã.

50 TEATROS, 80 «CABARETS», 500 CINEMAS, 2 CIRCOS — E É POUCO!

Os mais caros *night-clubs* de Paris oferecem aos noctívagos um ambiente luxuoso e tranquilo onde se pode comer com uma companhia agradável, onde se pode dançar e ouvir música, onde se pode descansar das preocupações quotidianas (pelo menos até o momento em que o criado traz a conta).

Entre os numerosos motivos de atracção parisiense, contam-se os variados restaurantes típicos... Restaurantes chineses, espanhóis,

russos... Dos russos o mais famoso é o **Dinarzade**, criado — como não podia deixar de ser — por um antigo príncipe!

E nunca lá falha um cossaco (que provavelmente jamais viu o Dom) mas que está inquieto por dançar a dança do sabre. É de rigor, além do traje de noite, uma certa melancolia. Dá distinção, fica bem, indubitavelmente!

Em Saint Germain-des-Prés ainda se faz fogo por uma causa morta: o existencialismo do pós-guerra. Além disso há o «jazz» infiltrando na música de dança um fundo de sensualidade. O **Club du Vieux Colombier** e o **Club Saint Germain**, **L'Amiral** e alguns outros (não muitos) mantêm ainda um certo prestígio, uma certa tradição intelectual... Um pouco mais de requinte e de exibicionismo pode ser procurado no **Carroll's**, no **Carousel**, no **Liberty's**, etc.

Mademoiselle Frède, a animadora do Car-



Os espetáculos de «strip-tease» são dedicados aos homens.

Mas é justo que as senhoras também tenham a sua palavra.

Alguns espetáculos terminam assim:

«E agora, para vós, minhas senhoras...»

E aparecem estes elegantes...

Os espectadores ficam com a cara cheia de gelo quando a patinadora Margie Lee se exhibe. Mas ninguém protesta...



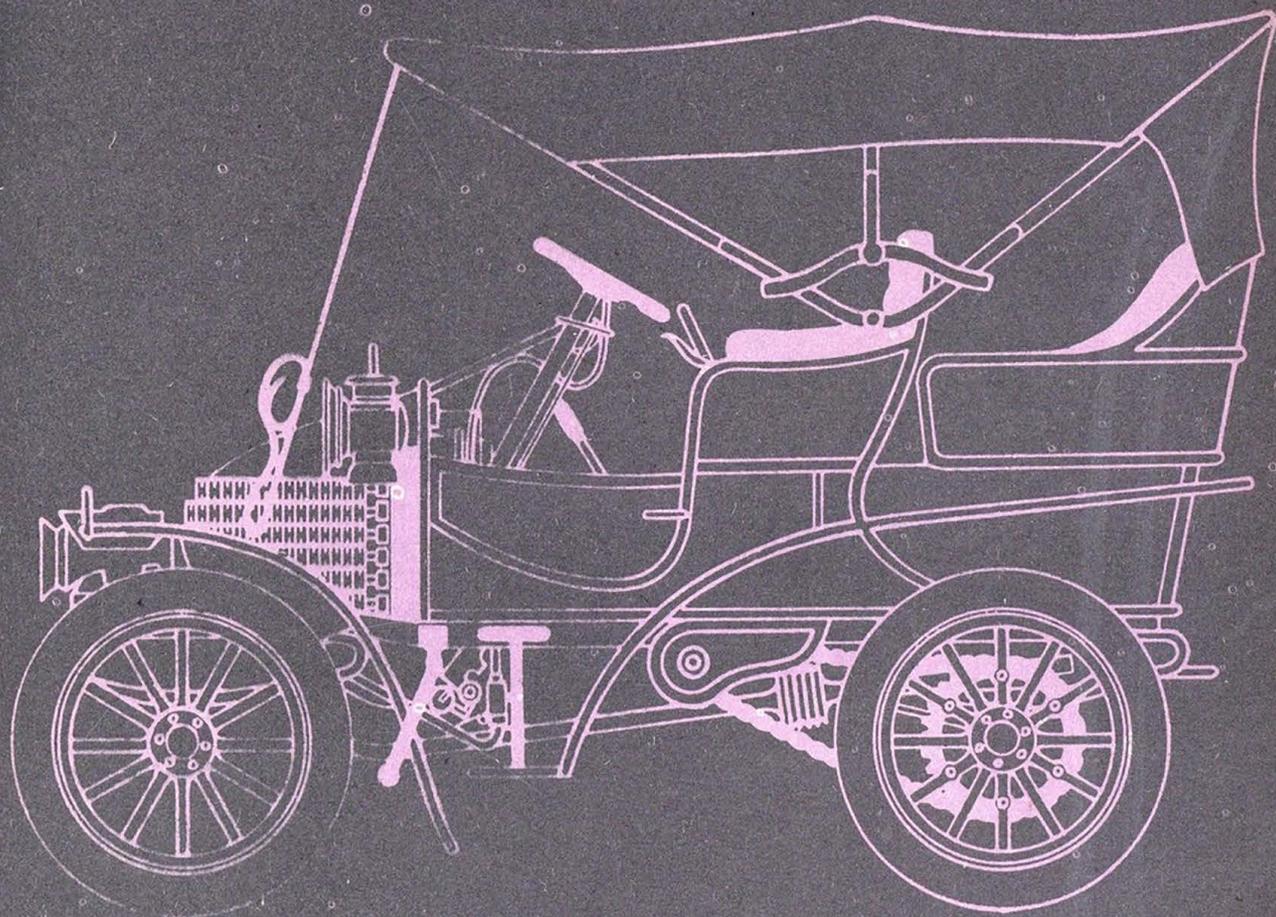
roll's, prefere o «smoking» ao vestido de noite e vigia o seu estabelecimento com a ajuda de um estudante vienense.

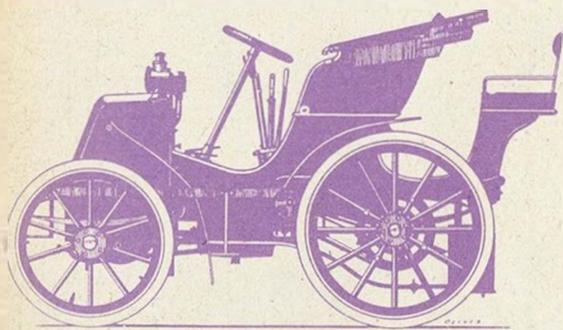
A grande maioria dos noctívagos prefere passar a noite onde não haja surpresas quando chegar o momento de pagar. O **Folies Bergère**, o **Casino de Paris** e o **Concert Mayol**.

São muito procurados mas têm um grave defeito: os espetáculos que apresentam mantêm-se no cartaz uns dois ou três anos. O **Folies** e o **Casino** equivalem-se. A única diferença refere-se à estatura das bailarinas; um metro e setenta no primeiro, um metro e setenta e cinco no segundo.

A visita pelos locais de diversão não poderia ficar por aqui. Bastará dizer que em Paris, há permanentemente, 50 teatros, 500 cinemas, 80 «cabarets», 2 circos.

o Automóvel





Nos últimos 50 anos o desporto automóvel evoluiu de tal forma que os corredores do fim do século XIX ficariam horrorizados se tivessem de conhecer os desportistas do nosso tempo. Do amadorismo passou-se ao profissionalismo, uma transformação que revolucionou os próprios fundamentos da actividade desportiva e, com isso, todos os conceitos que estavam na sua base.

Há 50 anos o desporto automóvel era uma actividade a que se dedicavam alguns indivíduos ricos, ao domingo, vestidos com calças de flanela, em locais elegantes. Actualmente este desporto é uma profissão lucrativa que vive da publicidade e que tem, acima de tudo, a natureza dum espectáculo.

Há 50 anos o desporto era sustentado por alguns indivíduos que tinham estudado em Inglaterra e era praticamente desconhecido do grande público. Mais: todo o desportista que fomentasse a sua própria popularidade junto do público era tido como sendo um indivíduo inferior, indigno do nome de «sportsman».

Actualmente o desporto é sustentado pelo grande público e pelas grandes empresas, considerando-se essencial que os desportistas fomentem a sua própria popularidade, através da Imprensa, da Rádio e de agentes de publicidade. Há 50 anos o profissional não tinha cotação social.

Interessa ainda focar um outro aspecto da evolução do desporto nos últimos 50 anos, aquilo a que chamarei, por falta de melhor designação, o aspecto social da evolução a que nos vimos referindo. Disse, atrás, que a actividade desportiva era, inicialmente, uma actividade reservada às classes altas, facto incontestável que é necessário compreender para se obter uma visão geral do desporto no

nosso tempo e, até, para se compreenderem as profundas transformações que vêm afectando a estrutura económico-social da sociedade nos nossos dias.

É evidente que o desporto foi durante séculos uma actividade não lucrativa, isto é, uma actividade a que apenas se podiam dedicar aqueles que não tinham necessidade de ganhar a vida, aqueles que pertenciam à classe dominante. Praticar o desporto era um símbolo, um emblema, de classe.

Os torneios medievais e toda a maravilhosa estrutura dos cavaleiros e do espírito de cavalaria não são mais do que a concretização do que vimos dizendo.

Através dos séculos foi-se, assim, criando à volta do desporto, um ambiente de honra que, na realidade, provém directamente do facto de os seus praticantes se poderem dar ao luxo de o praticar sem dele necessitarem. Desportivismo tornou-se quase sinónimo de actividade desinteressada, actividade reservada às classes ociosas, isto é, às classes ricas.

Da revolução industrial resultou que as classes ricas sofreram uma reviravolta tal que a terra foi substituída pela indústria e, como símbolo de prosperidade, o fidalgo foi substituído pelo industrial. É claro que o industrial tentou chamar a si os emblemas ou os sinais externos da classe a que ascendera. O desporto sofreu a transformação que, inevitavelmente, tinha de sofrer: do jardim passou à via pública.

O fidalgo, com gerações atrás de si, seguro da sua posição e com a convicção de que a sua superioridade social era incontestável, de que já não necessitava de a demonstrar, praticava o desporto sem publicidade, considerando, mesmo, que procurar popularidade era sinal evidente de instabilidade social, de falta de segurança. O industrial, ao contrário, necessitava urgentemente de mostrar a todos que ascendera à posição de comando, que era ele quem agora dominava e daí o ter trazido o desporto do jardim para a rua. Desta «transformação» resultaram consequências que deram origem ao profissionalismo dos nossos dias.

As classes em declínio viram-se roubadas dos seus antigos privilégios e regalias e agarraram-se desesperadamente a alguns símbolos velhos, um pouco como os nobres russos que, depois de 1918, serviam à mesa nos restaurantes de Paris, sem tirarem os seus ve-

lhos uniformes e sem deixarem de usar enormes brações que simbolizavam toda a sua saúde e toda a sua nobreza.

Os desportos activos, isto é, os desportos que atraíam a atenção do grande público e consequentemente, chamavam à competição um número ilimitado de gente, tinham-lhes escapado para sempre. Tais desportos passaram a ser dominados por indivíduos sem distinção de categorias sociais que, no campo da competição, demonstravam ser os melhores. Assim, também os desportos que, de qualquer forma, simbolizavam a nova era industrial, lhes fugiram, para sempre das mãos. Ficaram-lhes, apenas, os desportos desligados do progresso industrial como o hipismo, ou que não continham a força necessária para atrair o público, como as grandes provas de iates.

É de admitir que, um dia, quando outros meios de transporte venham substituir o automóvel, o automobilismo desportivo venha a tornar-se propriedade exclusiva duma classe sem conteúdo histórico. Não nos esqueçamos de que já actualmente é «bem visto» socialmente, em Inglaterra, andar em carros com 30 anos de idade...

O automóvel nasceu com a revolução industrial, isto é, nasceu precisamente com o início da democratização do desporto e não tem, por isso mesmo, as raízes históricas que têm os outros desportos. Tornou-se, todavia, rapidamente popular como emblema da nova classe que ascendera ao poder e pode dizer-se que os seus primeiros anos foram por ela dominados, nomeadamente em Inglaterra (onde a referida classe dera origem a uma nova nobreza comercial) e em França.

Na sua origem o automóvel era ainda símbolo duma classe social e inacessível a todas as outras. O que o espírito de casta fizera na Idade Média em relação à cavalaria, fazia, agora, o preço elevado em relação ao automóvel, fenómeno que não é estranho a quem se interessa pelo estudo de problemas sociais.

Em Inglaterra, em França e em outros países de evolução normal, a própria normalidade dessa evolução impôs que o automóvel se tornasse acessível a grandes massas de população, fenómeno inevitável e necessário dentro da estrutura económica de tais sociedades, onde massas cada vez maiores de indivíduos reivindicavam para si o direito a um nível de vida cada vez mais elevado e

onde tais reivindicações eram obtidas pelo próprio evoluir da estrutura económica.

Daqui resultou que as competições evoluíram imensamente. Se até aí os competidores tinham um nível igual e apenas procuravam obter carros de potência cada vez maior para se debaterem entre si, a partir daí tiveram de ceder perante massas que chegavam e que, dado o seu número crescente, ofereciam possibilidades duma selecção de qualidades que até então era impossível.

O desporto automóvel entrara no período da democratização e, dada a sua juventude, obtivera em poucos anos o que só ao fim de séculos os outros tinham conseguido.

Acontece, ainda, que nesta altura os desportos já tinham entrado abertamente no profissionalismo, inevitável visto que só nesse regime é possível fomentar as qualidades e adquirir a perícia que se exige quando uma actividade atinge um elevado nível de concorrência.

O desporto automóvel não podia deixar de entrar no profissionalismo, não apenas por ser o mais caro de todos os desportos e portanto porque só se podia conservar democratizado nesse regime, mas também porque a ele já estavam ligados interesses económicos que se impunha proteger.

Entrou-se num profissionalismo total, isto é, que abrangia as organizações, os carros e os pilotos.

Este é o regime em que, actualmente, vive o automobilismo desportivo. Como não podia deixar de ser, verificam-se algumas excepções a esta regra, nomeadamente as que apresentam os países não desportivos, como a Holanda, a Dinamarca, a Espanha e Portugal e ainda os E. U. que só em 1958 aceitaram que profissionais corressem com os amadores, aceitação que destruiu o amadorismo para sempre.

De tais países raras vezes surgem pilotos de envergadura, até porque em virtude do automóvel não ser acessível às grandes massas, não existe aquela possibilidade de selecção sem a qual o desporto nunca teria passado duma actividade restrita e sem interesse.

Ora são, precisamente factores de ordem económica que explicam e regulam o desporto automóvel. Muitas vezes se ouvem pessoas falar do automobilismo e do desporto como se o seu desenvolvimento dependesse de decisões de comissões desportivas e de actos



de vontade, erro que facilmente se poderia evitar se as referidas pessoas se dessem ao cuidado de estudar mais cuidadosamente o desporto e as suas condições de subsistência.

O automobilismo desportivo não tem condições económicas para subsistir, só por si. Não vive, nem pode viver, dos espectadores que vão assistir às corridas. Se fosse forçado a viver exclusivamente da «bilheteira» há muito que teria tido lugar a última prova...

Para subsistir é forçado a recorrer às grandes empresas que o auxiliam e, em certas circunstâncias, ao Estado que o fomenta ou por motivos de prestígio ou porque de tal fomento provêm outros benefícios económicos. As grandes empresas de gasolina, como a Shell e a Esso concedem anualmente aos fabricantes grandes verbas que se destinam a auxiliá-los na produção de automóveis. O Estado, em certos países, concede a estes fabricantes grandes privilégios fiscais sem os quais dificilmente poderiam subsistir. As grandes empresas de pneus procedem da mesma forma.

Em certos países, os fabricantes de automóveis de turismo, compreendendo que o prestígio dos carros de competição é o mais poderoso meio de propaganda dos seus veí-

culos normais, concedem importantes subsídios aos construtores e, ainda, facilidades importantes quer sob o ponto de vista técnico, quer sob o ponto de vista de manufactura propriamente dita.

É destes subsídios que vivem os construtores. Se fossem forçados a viver do lucro das suas escuderias ou da venda dos seus carros, há muito que teriam aberto falência.

A compreensão deste facto é essencial para a compreensão do desporto. Um exemplo: A Cooper constrói cerca de vinte carros por ano, dos quais vende cerca de 16 e conserva 4. Admitindo, por mera hipótese, que o preço médio de venda destes carros é de 200.000\$00 e sabendo-se que só o motor custa 85.000\$00, temos que, depois de pago o motor, fica com 115.000\$00 por carro para pagar o material, a montagem e a mão-de-obra. Quer isto dizer que a receita bruta anual da casa é de cerca de 1.600.000\$00.

Para a construção destes carros, a fábrica conta com cerca de 20 mecânicos especializados que ganham 4.800\$00 cada um, por mês. O total anual dos salários dos mecânicos é de cerca de 1.150.000\$00. Considerem-se, agora, o preço das instalações, do material, da electricidade, os ordenados dos engenhei-

ros, etc. e logo se verificará que a fábrica já há muito teria falido se apenas tivesse de contar com o produto da venda dos seus carros.

É claro que, no princípio de cada ano económico, a Cooper recebe da Esso um cheque substancial que lhe permite viver desafogadamente. A Lotus está nas mesmas circunstâncias, a Ferrari recebe um subsídio, também substancial, da Shell, e em relação à Vanwall a B. P. procede idênticamente.

Estes subsídios são concedidos a troco de publicidade e, também, porque as grandes empresas obtêm certos benefícios fiscais pelo facto de os concederem, mas é necessário ter em consideração que só o fazem às firmas que lhes interessam. A Shell e a Esso concedem subsídios individuais a uma grande parte dos desportistas ingleses, mas apenas o fazem em Inglaterra. A Shell italiana, por exemplo, não concede subsídios nenhuns aos pilotos italianos porque lhe não interessam e porque como as empresas são anglo-americanas, não estão dispostas a auxiliar — senão dentro de certa medida — os desportistas estrangeiros,

Acontece, por acaso, que os interesses económicos que protegem o automobilismo desportivo estão inteiramente nas mãos da Inglaterra, dos E. U. e, até certo ponto, da Holanda.

No dia em que estas potências retirarem o seu apoio às fábricas estrangeiras, o automobilismo continental desaparece completamente. É natural que, atendendo ao que ficou dito, o centro mundial do desporto seja em Inglaterra, o que, na realidade, acontece.

No momento presente pode dizer-se que, sem a Inglaterra, não haveria automobilismo desportivo porque a própria Itália, onde existem três fábricas de primeira grandeza, está na triste situação de ter uma fábrica falida e uma das suas outras duas fábricas, inteiramente dependente dum subsídio que lhe vem de Inglaterra.

No decorrer dos últimos anos esta situação ainda veio agravar-se, porque a tendência de se concentrarem em mãos anglo-americanas os interesses de que vive o automobilismo desportivo tem-se acentuado cada vez mais.

Deste conjunto de circunstâncias resultou que a Inglaterra e, mais modernamente, os E. U. criaram um ambiente desportivo de que provém um número sempre crescente de pilotos de grande envergadura. Os restantes

países não criaram nem poderiam ter criado semelhante ambiente e daí que Fangio possa considerar-se como o último grande piloto latino.

A situação, no que se refere a pilotos é simples: se um jovem inglês pretender correr durante uma temporada, terá subsídios de certas empresas que atingirão, quantias de 50.000\$00 a 100.000\$00 por ano; terá descontos em pneus que chegarão a atingir 90 por cento do preço de venda; terá gasolina e óleo gratuitos, etc. Se um piloto italiano, por exemplo, pretender fazer o mesmo, ninguém o subsidiará e terá de suportar todas as despesas inerentes à prática do desporto.

Estes são, nas suas linhas gerais, os factores económicos que condicionam o desporto automóvel.

Enzo Ferrari, numa entrevista concedida ao conhecido jornalista Gordon Wilkins, expôs o seu problema (que é o problema de todos os construtores latinos) da seguinte forma:

«O grande problema é o problema financeiro, especialmente porque as companhias de gasolina não podem subsidiar o desporto nos países europeus na mesma medida em que o fazem na Inglaterra. A «AGIP» tem uma grande parte do mercado e a «AGIP» é do Estado. A parte do mercado que é deixada às empresas internacionais de óleo e gasolina não chega para justificar que estas façam grandes despesas subsidiando a competição automóvel. Eu teria de desistir se não fosse o subsídio da Shell. À parte isso, um construtor italiano não pode contar com pneus e peças gratuitas como acontece em Inglaterra. O meu outro apoio é a FIAT, que me garantiu cinco milhões de liras por ano desde que eu ganhe o campeonato do mundo. Esta quantia não chega para cobrir as despesas dum mês de corridas mas, mesmo assim, faz-me muito gozo».

Ligado à indústria, o automobilismo de competição desenvolve-se nos termos em que esta se desenvolve e os seus períodos de actividade intensa ou de declínio dependem das necessidades económicas da indústria e do progresso social atingido pelas nações que o subsidiam. A corrida acompanha o homem e, se no momento presente, se diz que o automobilismo está em crise, não será precisamente porque a humanidade atingiu o limiar dum era tão prometedora em aventura que os próprios ases do volante não passam já

de restos de um passado que se começa a tornar ridículo? Não será que os grandes **ases** do nosso tempo começam a assemelhar-se a máscaras de «papier maché» depois do carnaval? Os grandes automóveis e as grandes provas não começarão já a revestir-se daquele amarelado que caracteriza os velhos albuns de família encontrados no sótão das nossas casas?

Actualmente, mesmo os mais apaixonados são obrigados a confessar que as grandes provas não servem para nada e que acabam no dia em que as grandes empresas que as subsidiavam compreenderem que já não necessitam dele. Esta hora aproxima-se como se aproxima a hora em que os motores de explosão chegarão ao fim da sua utilidade.

A humanidade, nesse dia, terá atravessado o limiar duma era nova, duma era mais prometedora do que a era presente, que o automobilismo serviu e representou.

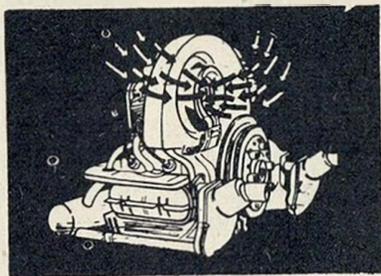
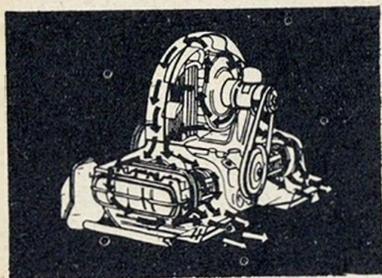
Já se adivinham os primeiros sinais do futuro, desse futuro em que os **ases** de hoje

serão tão ridículos como os senhores de bigode e boné que, muito direitos, se vêm às vezes pelas estradas montados em cavalos bem ajazados.

Nesse dia o automóvel de competição será uma relíquia dum passado. Será um instrumento de interesses económicos que desapareceram mas será um instrumento que representa um estágio da maravilhosa aventura humana, um instrumento ligado à memória dos homens que simbolizaram tudo o que de poético, tudo o que de verdadeiro e de aventuroso existiu na sua época.

Que os novos aventureiros da nova aventura se não esqueçam dos que os procederam na mesma estrada. Que os novos interesses venham a ser servidos com o mesmo espírito e o mesmo amor com que foram servidos os interesses de hoje.

A aventura de ontem, como a de hoje e a de amanhã, são apenas capítulos diferentes da mesma e maravilhosa aventura humana. Só os homens mudam.



O AR NÃO CONGELA, NEM FERVE

O que garante ao motor volkswagen, que é refrigerado por ar, condições sempre óptimas de funcionamento, quer esteja o frio mais intenso ou calor tropical. Uma extraordinária vantagem do

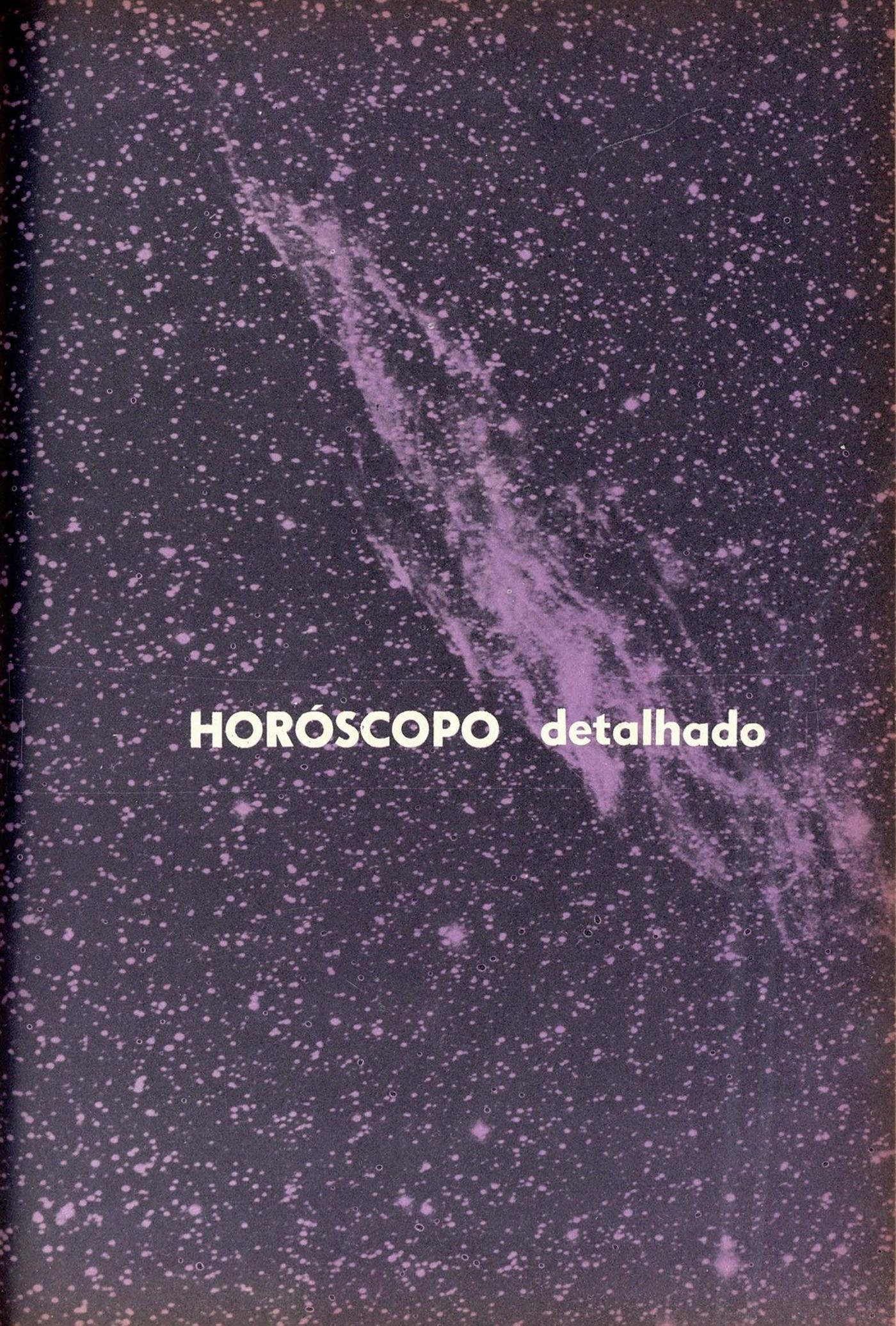


VOLKSWAGEN

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 74

TEL. 38 97 51 (7 LINHAS)



HORÓSCOPO detalhado

O dia 25 integra-se no signo de Capricórnio. Não consideraremos aqui a hora do nascimento, de importância inegável para estudo das predisposições e tendências, para não alargarmos demasiado as nossas considerações.

Suporemos, pois, a criança nascida sob o signo solar de Capricórnio e por ascendente o mesmo signo.

O signo de Capricórnio pertence à emanação «terra». É um signo tortuoso, feminino, móvel, violento, meridional e de curta ascensão para o hemisfério Norte. Corresponde à matéria física e ao movimento linear.

O nascimento nocturno produz maior resistência física do que o diurno. Em ambos os casos são aptos, para empreendimentos que exijam perseverança e continuidade, os indivíduos nascidos neste glorioso dia. Têm igualmente elevado sentido de justiça, vontade firme, ambição, método e grande capacidade de estima no amor.

O dia 25 de Dezembro de 1959, que coincide com uma sexta-feira, sofre a influência conjunta de Saturno, Mercúrio e Lua, segundo os antigos tratados astrológicos.

Podem verificar-se excessos de temperamento ou perdularidade, que uma boa vitalidade rapidamente recuperará. A atitude perante os problemas da vida poderá levar a uma complicação das coisas que, por vezes, a prudência mais acentuará. São de esperar também flutuações sentimentais.

O destino do indivíduo nascido em 25 de Dezembro dependerá de muitos factores mas se na primeira metade da vida conseguiu levar a cabo as suas aspirações, poderá obter êxitos e honrarias. A capacidade de criação, estimulada pelos bons sentimentos, poderá levá-lo a executar obras de arte ou pensamento.

Na vida social e, particularmente, no casamento, os planetas não tolerarão atitudes de ânimo leve e serão justos. Poderá chegar a nobres e elevados fins. Se vier de uma classe social elevada poderá chegar a diplomata ou a escritor. Poderá também ser arquitecto ou engenheiro, ou distinguir-se no ensino. Na medicina poderá obter excepcionais resultados pois a data de 25 é particularmente propícia.

Dissemos de início ser a hora importante. Sem a precisarmos, pois, nada mais poderemos dizer aqui.

**como poderá
correr o
dia de Natal
consoante
os vários
signos**

CAPRICÓRNIO: De 22 de Dezembro a 19 de Janeiro

HOMENS: Atenção à sua personalidade.

O dia favorece o seu amor próprio, podendo refazer-se de uma amizade ou de um amor perdidos. A reunião intensa no lar dará satisfações se não impuser a sua personalidade.

MULHERES: Não deve relembrar coisas passadas.

O ambiente familiar poderá obrigar a sua imaginação a regressar ao passado. Deve procurar viver o dia tal com se presente, sem recordações. Desta forma terá momentos agradáveis.

AQUÁRIO : De 20 de Janeiro a 18 de Fevereiro

HOMENS: Evite despesas exageradas.

O dia incitará a despesas. Talvez no sentido de reuniões familiares ou de amizades. De qualquer forma o ambiente mundano não lhe dará as alegrias que espera.

MULHERES: Não exagere simpatias nem antipatias.

Se não estiver dependente da família ou

possuir profissão liberal, não seja muito positiva. Deve procurar juntar-se a pessoas alegres, mesmo que não lhe sejam totalmente simpáticas, a menos que a moral delas seja duvidosa.

PEIXES: De 19 de Fevereiro a 20 de Março

HOMENS: **Seja positivo! Menos sensibilidade e menos queixumes.**

A imaginação jogará fortemente, acentuando tendências platônicas. Procure ser menos sensível às opiniões alheias e, por outro lado, deixe de parte as ironias com que encobre normalmente as suas «fraquezas». Consagre ao lar todo este dia. Seja cauteloso nas viagens.

MULHERES: **Acompanhe a mentalidade alheia.**

O ambiente do lar não será totalmente favorável, se o seu nível intelectual estiver num plano superior. Acompanhe a mentalidade daqueles que a rodeiam e verificará que o dia de hoje representa satisfações que se reportarão a um futuro próximo. Se for muito nova não se deixe absorver por «flirts». Estes nada representarão para o seu futuro.

CARNEIRO: De 21 de Março a 19 de Abril

HOMENS: **Não deixe de ouvir os outros... e faça o que entender.**

As suas qualidades podem estar fora do ambiente em que vive. As suas ideias poderão até ser mal recebidas. Seja coerente e deixe os outros tomar as iniciativas, «burilando» as arestas que verique defeituosas, porém, sem demonstrar excessos de personalidade. Deixe os outros reconhecerem o seu valor. Não exagere as suas despesas por vaidade e aceite a opinião de qualquer, sem comentários, mesmo que lhe pareça absurda.

MULHERES: **Não exagere os sentimentos.**

Desde que não exagere a sua sentimentalidade, terá um dia de Natal feliz. Se amar alguém que esteja ausente, não se preocupe muito; procure atenuar este desgosto com o desejo de colaborar com as suas amizades; assim o dia dar-lhe-á alegria.

TOURO: De 20 de Abril a 20 de Maio

HOMENS: **Não veja a felicidade só no seu bem-estar.**

Desde que o ambiente familiar corresponda aos seus desejos afectivos, deve pôr-se de parte e deixar que os outros se satisfaçam, muito embora em possível desacordo consigo. Deve aceitar como boas as situações que o ambiente familiar lhe proporcione, mesmo que seja em desacordo com o seu «eu». A família ficar-lhe-á grata.

MULHERES: **Tendência a modificações no lar.**

Os planetas incitam a estabelecer um ambiente diferente no seu lar, ou a procurar um pequeno passeio de férias. Terá, porém, dificuldade em conjugar os seus desejos com as condições existentes. Procure o meio termo.

GÊMEOS: De 21 de Maio a 20 de Junho

HOMENS: **Dispêndio de energia ou de dinheiro.**

Tendência a divertimentos, abuso alimentar ou de bebidas. Os nervos poderão vibrar por insignificâncias. Seja prudente nas viagens e procure controlar-se, o que, de resto, lhe será fácil.

MULHERES: **Não exagere nos problemas sentimentais.**

A sua sentimentalidade pode não corresponder totalmente ao modo de ser daqueles com quem convive. Não seja pessimista e esforce-se por encarar os assuntos com alegria e inteligência, sem caprichos.

CARANGUEJO: De 21 de Junho a 22 de Julho

HOMENS: **No lar, equilíbrio; nos divertimentos, sensaboria.**

Podem as circunstâncias incitar a viagens, prazeres e divertimentos fora do lar, mas as influências planetárias apontam mais favoravelmente para a casa e a família. Evite caprichos e amuos que só lhe criarão aborrecimentos.

MULHERES: Imaginação e exageros de personalidade.

Se porventura uma ligeira preocupação relacionada com os filhos ou com assuntos do lar tiver lugar no seu espírito, não siga atrás da sua imaginação nem exagere os acontecimentos. Os resultados estão dependentes da sua formação. A imaginação jogará favorável ou desfavoravelmente de harmonia com a sua personalidade. Seja prudente em viagens.

LEÃO: De 23 de Julho a 22 de Agosto

HOMENS: A parte afectiva e a generosidade dominarão.

Terá ocasião de demonstrar a sua natural generosidade mesmo em assuntos que não se refiram ao seu lar. Em casa poderá encontrar o recanto aprazível que deseja.

MULHERES: Bom gosto e boas relações.

O seu bom gosto poderá ser posto à prova em pequenas coisas que ao lar respeitam. Terá oportunidade de se relacionar ou conviver com pessoas de espírito elevado.

VIRGEM : De 23 de Agosto a 22 de Setembro

HOMENS: O meio ambiente marcará o seu dia.

Se não tiver filhos, o clima astrológico incita a pequenas viagens ou a distrações mais ou menos dispendiosas. Caso contrário o dia estará de acordo com os seus desejos afectivos.

MULHERES: As obrigações sociais excitam os nervos.

Convém dedicar o dia inteiramente ao lar para que a contínua actividade combata uma provável excitação nervosa. Os compromissos sociais obrigarão a contínuos esforços para se adaptar a ambientes convencionais.

BALANÇA: De 23 de Setembro a 22 de Outubro

HOMENS: Contrariedades afectivas.

Se conseguir dominar as suas simpatias e antipatias e evitar bruscos impulsos, o sector

sentimental será um campo aberto onde pode saborear verdadeira alegria. Porém, se o seu egoísmo estiver à superfície, os amores não serão favoráveis. As viagens exigem prudência.

MULHERES: Ambiente familiar agradável.

A sua generosidade e arte darão ao lar um ambiente favorecido pelo sábio conjunto destas faculdades. Possível reunião familiar ou de amizade em sua casa. O domínio do lar proporcionará alegres momentos.

ESCORPIÃO : De 23 de Outubro a 21 de Novembro

HOMENS: Despesas irregulares. Satisfações pessoais.

Os laços de amizade ou de família mais próximos podem motivar despesas imprevistas ou anormais, muito embora seja compensado com satisfação de amor-próprio por poder proporcionar bem-estar aos outros.

MULHERES: Prudência na escolha de amizades. Cuidado nas despesas.

Não deve confiar-se abertamente às amizades para não sofrer decepções. Só com raras excepções, as outras pessoas a compreenderão. Tendência para desperdiçar dinheiro em ofertas ou dádivas, sem escolher criteriosamente os protegidos, muito embora o faça na melhor das intenções.

SAGITÁRIO: De 22 de Novembro a 21 de Dezembro

HOMENS: Evite comer e beber em exagero.

Se ainda não ultrapassou os 34 anos seja cauteloso em tudo quanto fizer e disser, para evitar erradas interpretações. Em qualquer idade use de prudência nos alimentos e em especial nas bebidas, e o dia será feliz.

MULHERES: Dia favorável às suas capacidades.

Mesmo que possua um número de conhecimentos domésticos, terá ocasião de mostrar as suas reais qualidades, como dona de casa. Portanto, o dia será feliz, se puder regular os seus nervos. As viagens poderão causar surpresas. Seja prudente.

surprise-party



aperitivo



Como toda a gente sabe, isto de servir um aperitivo antes do jantar é simplesmente uma moda, como outra qualquer, porque as modas são arbitrárias, tanto podem ser assim como assado (os vestidos acima ou abaixo dos joelhos, as gravatas com riscas oblíquas ou horizontais).

Ora a moda dirige-se, ninguém o ignora, aos apreciadores. Os aperitivos não se destinam como poderia supor-se, aos piscos, mas, pelo contrário, aos comilões. Quer dizer: O aperitivo é inútil... Essa uma das razões porque o **Almanaque** ensina a fazer aperitivos! Aperitivos autênticos: não abrem o apetite, mas ajudam a matar a fome. Comidos em grandes quantidades, chegam mesmo a matá-la definitivamente e a tornar desnecessários o almoço e o jantar.

Eis alguns exemplos:

OVOS RECHEADOS COM ROQUEFORT

Corte os ovos cozidos ao meio no sentido do comprimento e recheie-os com gemas cozidas esmagadas, 60 grs de Roquefort (para 6 ovos) e outro tanto de manteiga fresca; junte-lhe pimenta e uma pitada de **paprika**.

Forme assim uma cúpula sobre cada clara com o auxílio de uma colher de sopa. Enfeite-a com uma rodela de pepino conservado em vinagre.

RABANETES COM OVOS COZIDOS E AZEITONAS

Corte os rabanetes às rodelas e encha o pratinho em forma de «canoa»; rodeie a «canoa» com azeitonas pretas e verdes, dispostas alternadamente.

TOMATES RODEADOS COM ATUM

Retire as sementes e o sumo de 6 belos

tomates, tempere-os com sal e pimenta e vires-os para que escorram completamente.

Pique uma cebola, cerefolho e estragão.

Desfaça 75 grs de atum em azeite. Misture tudo com uma colher de alcaparras e 4 colheres de **mayonnaise**. Rodeie os tomates. Prepare este prato de véspera ou de manhã muito cedo para que o possa meter no frigorífico. A **mayonnaise** poderá ser substituída (sem vantagem...) por azeite, manteiga e meia colher de café de molho Worcester.

APERITIVOS À SOPHIA LOREN

Escolha ovos cozidos (um por pessoa), sardinhas pequenas (uma para cada ovo), manteiga, rabanetes e agriões.

Coza os ovos, (vire-os com uma colher de pau durante todo o tempo em que estiverem a cozer). Passe-os em seguida por água fria e descasque-os. Corte os dois pólos até à gema que retirará posteriormente. Esmague-os juntamente com as sardinhas (às quais terá tirado a pele, a cauda e a espinha) e a manteiga. Este recheio servirá para encher as claras que serão depois dispostas num pequeno prato redondo e achatado.

Escolha rabanetes redondos, não muito grandes e corte-lhes o pé. Recorte-os em forma de flor. Pique alguns pés de agrião no recheio do ovo e ponha no meio 2 ou 3 rabanetes.

AIPO RECHEADO

Arranque os pés de um aipo novo. Lave-os e enxugue-os.

Corte-os em bocados de 5 a 6 cms de comprimento. Prepare um recheio com 75 grs de **Roquefort** e outro tanto de manteiga. Tempere com pimenta e com uma colher de café de **paprika**. Recheie com esta mistura os pés dos aipos e disponha no topo de cada um deles meia-noz, ou uma azeitona preta.





para a sua ceia de Natal o chefe do Ritz recomenda

Daniel Bouquaire, uma das maiores autoridades da cozinha francesa nos nossos dias é o chefe das cozinhas do Hotel Ritz. Ocupou esse cargo, antes disso, nalguns dos melhores hotéis do Mundo: o Carlton de Cannes, o Royal de Évin, o Califórnia-Palace de Cannes, o Scribe e o Astória de Paris, o Mamouna de Marrakech entre os principais. Agora aqui em Lisboa, comanda como um almirante a sua esquadra, as baterias modernas e aerodinâmicas da cozinha do Ritz e um exército de cozinheiros e ajudantes portugueses e franceses.

As instalações são rigorosas, científicas, precisas. Mas M. Bouquaire é um cozinheiro de antigas tradições; e a técnica moderna apenas ajuda, não a substituindo, a sensibilidade e o saber de ofício que séculos prestigiosos proclamam e uma vida consagrada aos labores culinários justifica e garante.

As iguarias que da sua orientação resultam são todas francesas «disons plutôt aujourd'hui, internationales».

O homem de negócios, o turista, o diplomata que se descolcam pelo mundo fazem-no

rapidamente, preferem o avião, não têm tempo para os caminhos de ferro e os navios, todavia já bem rápidos. E assim enquanto dantes os seus estômagos se iam progressivamente adaptando às mudanças de regime alimentar de região para região, hoje o brusco salto, entre o almoço e o jantar, dos cannelones à la Romana de Itália, aos ninhos de andorinhas de Hong-Kong por exemplo pode ser de molde a comprometer definitivamente o funcionamento gastro-intestinal do viajante incauto.

Assim os grandes hotéis procuram hoje uniformizar os seus menus levando-os para aquela cozinha que a França celebrou e cuja gama de paladares permite, sem monotonia, conservar os mesmos elementos básicos e poupar ao viajante as bruscas alterações a que aludimos.

Por isso, não se faz no Ritz comida peninsular, mas apenas francesa e francês é o menu que M. Bouquaire gentilmente compôs «exprès» para a ceia de Natal dos leitores do Almanaque que assim a desejarem e puderem fazer.

MENU DE REVEILLON

**CAVIAR MALOSSOL
TOAST RÉGANE**

sss

TORTUE CLAIRE EN TASSE AU SHERRY

sss

GERMINY AUX PAILLETES

sss

**DINDONNEAU FARCI PERRIGOURDINE
MARRONS CHIPOLATAS**

sss

SALADE DES ROIS MAGES

sss

BUCHE DE NOËL

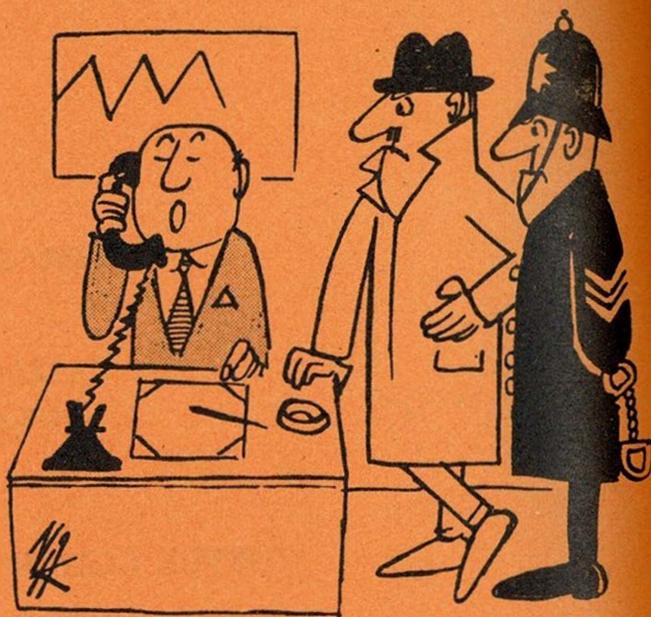
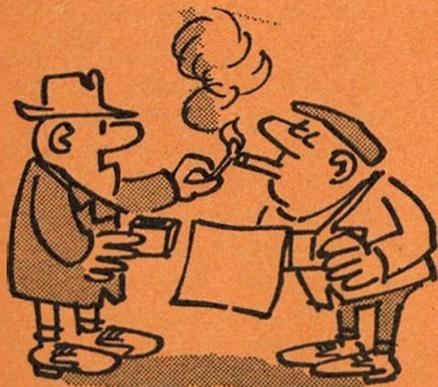
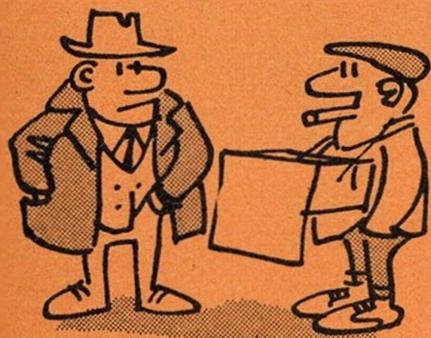
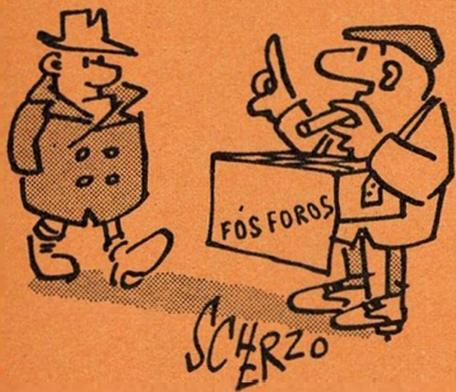
sss

MANDARINE GIVRÉES

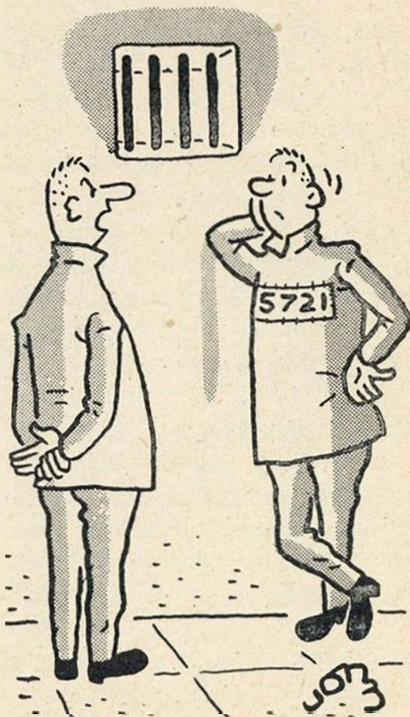
sss

TRIANOISES

sss

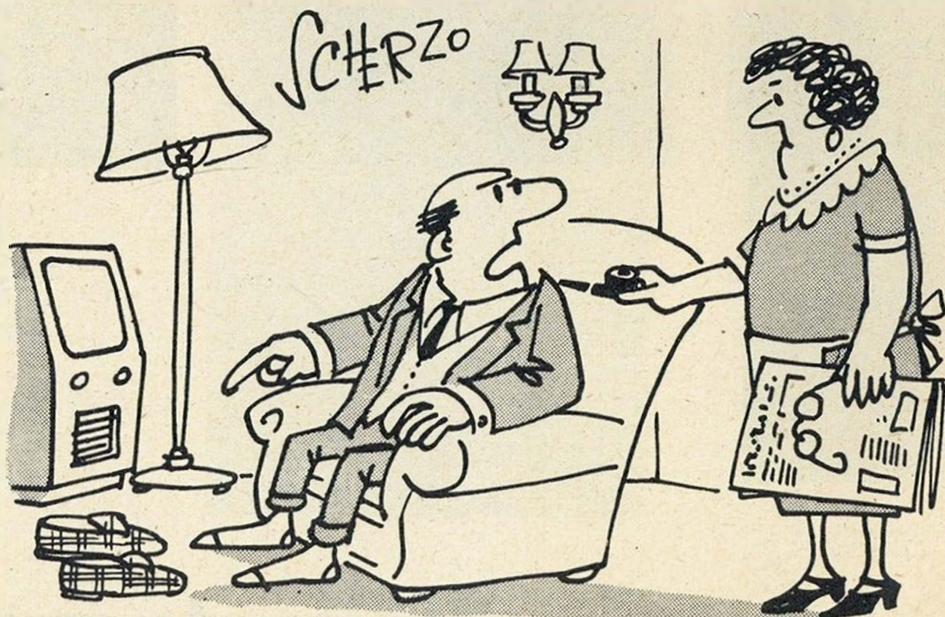


— Desliga, Charlie — eu torno a telefonar-te daqui a uns três anos.



— Você irrita-me. Porque é que não se evade?

— Tem um fósforo?



— As minhas pantufas estão outra vez ao contrário!...



as mais belas mulheres do mundo



Chega a ser estranho que os romancistas ainda percam tempo a elogiar a beleza das suas heroínas. Compreende-se que nos séculos passados isso fosse necessário. Então, a beleza feminina era uma coisa rara, o vocábulo mulher não era ainda sinónimo de beleza e de encanto. A maior parte das mulheres eram feias e assim, quando um romancista se referia a uma mulher tinha necessidade de nos informar que era bela. Mas hoje, quando todas — ou quase todas — são bonitas, esse escrúpulo por parte dos escritores é inútil. De facto, o vocábulo mulher tende cada vez mais a identificar-se com beleza e não vale a pena perder tempo com pleonasmos.

E que se passou? Talvez isto: o aparecimento de um nova indústria, a indústria da beleza feminina. E assim, Paris, os seus costureiros e as suas revistas, produzem anualmente os modelos para a fabricação, em série, de mulheres bonitas.

Vulgarizada, popularizada, a beleza, como todos os produtos industriais, estandardizou-se. Os automóveis de uma determinada marca são belos, mas iguais, e os donos somente os distinguem pelo número de matrícula. Quem fala nos automóveis, fala nos ferros eléctricos, nos aparelhos de rádio, nas máquinas de escrever. Quem poderá negar a harmonia desses produtos industriais, o bom gosto que tantas vezes os caracteriza?

Moldes para os penteados, a cintura, o busto, os pés... Se de um dia para o outro a indústria parisiense decretar que a beleza feminina exige um busto pequeno, no dia seguinte todas as mulheres terão um busto pequeno. E terão um busto opulento, se essa for a exigência. E serão altas ou baixas, gordas ou magras. Serão belas, em suma, porque a beleza é variável, convencional, não somos nós que as escolhemos, mas eles. Eles são esses seres misteriosos, esses deuses desconhecidos: os ditadores da moda.

Desça-se o Chiado: não é verdade que as raparigas são quase todas iguais? Bonitas, mas iguais... Ou melhor: há grupos diferentes, estilos diferentes. Mas dentro de cada grupo, a igualdade é quase perfeita. O estilo «capa da Elle», o estilo Marie France, Barda, etc.

Nestas circunstâncias, como dizer qual é a mulher mais bela, ou mesmo quais são as mais belas mulheres do mundo? As italianas? as portuguesas? as negras? as japonesas? Nin-

guém poderá responder. Afinal, a beleza é anti-racista, abrange com o seu manto diáfano arianas e israelitas, brancas, negras ou amarelas...

Por exemplo: dizemos que Marilyn Monroe é a mais bela mulher americana? Sejamos modestos: digamos que é uma bonita mulher americana, mas não a única. Somente: Marilyn representa qualquer coisa de importante no mundo actual: ela é o mais característico tipo de **vamp** do nosso tempo. Marilyn representa um ideal de beleza e até um hábito de visão.

Não é verdade que faltaria alguma coisa a este nosso mundo familiar, se a Marilyn deixasse de existir? Não há dúvida: uma descrição da vida americana sem Marilyn seria incompleta. Porque Marilyn é o exemplo típico da mulher que triunfou, vinda do nada: a sua infância passou-a ela num asilo. Tornada grande actriz graças à beleza, deseja actualmente ser bela porque é grande actriz.

E que diremos das japonesas, nós que não conhecemos o Japão? Yoko Tani foi considerada, num concurso realizado por um grande semanário nipónico, a mais bela rapariga do «País do Sol Nascente». Será?

Um jornalista italiano pediu-lhe que lhe explicasse a razão por que as japonesas exerciam um tão grande domínio sobre os maridos. Ela respondeu: «Entre marido e mulher deve haver uma grande harmonia. Se um homem encontrar sempre no seu lar a beleza de linhas e de cores, o próprio encanto da mulher, ele nunca sentirá desejos de sair de casa».

Dorothy Dandridge é hoje uma das actrizes mais populares do mundo. Não só: é também uma das mulheres mais belas. **Vénus Negra**, lhe chamaram primeiro. E depois: a **Rainha da Broadway**. Ninguém se esqueceu da **Carmen Jones**. Ninguém se esquecerá de **Porgy and Bess**.

E Vivien Leigh poderá representar a beleza britânica? Vivien Leigh não tem a idade das outras beldades aqui citadas, não tem a idade de Diana Dors. Mas naverá comparação possível entre uma, personificando a beleza inteligente e outra, personificando a beleza estúpida?

Se Marilyn é uma mulher de trinta anos, se Pascale Petit é uma garota de vinte, Vivien Leigh está na conta dos cinquenta. Outra característica dos nossos tempos! As mulheres não envelhecem, ou melhor: quase não

envelhecem. Não é isso também um resultado da liberalização da beleza?

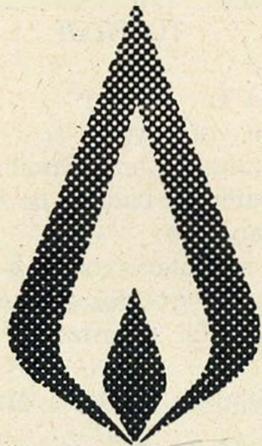
A Áustria também tem a palavra: Nadja Tiler é a **vamp** típica da Europa Central. Os seus olhos vagamente irónicos, a sua boca carnuda, o seu corpo esbelto e perfeito, permitiram-lhe um êxito quase imediato no cinema vienense. Quase desconhecida nos países latinos, Nadja Tiler é a actriz popular dos países de língua germânica. Ela ocupa o lugar que Marlène Dietrich ocupou na bela época do cinema alemão.

Quanto a Pascale Petit ela incarna maravilhosamente o encanto e a malícia das pari-

sienses e Rosanna Schiaffino exemplifica perfeitamente a rapariga mediterrânica, a vivacidade napolitana. Vivacidade napolitana? E todavia nasceu em Génova. Mas o cinema e a beleza são puras fantasias. Que importa a cidade onde se nasce?

Que importa a cidade onde nasceu Irina Grieco? Ao menos saibamos a nacionalidade: brasileira. Bonita? Feia? O leitor poderá decidir. E poderá decidir até qual é a mais bela de todas...

Ou, então, não decida. No fundo, as raparigas que descem o Chiado não são menos belas.



UMA CHAMA VIVA

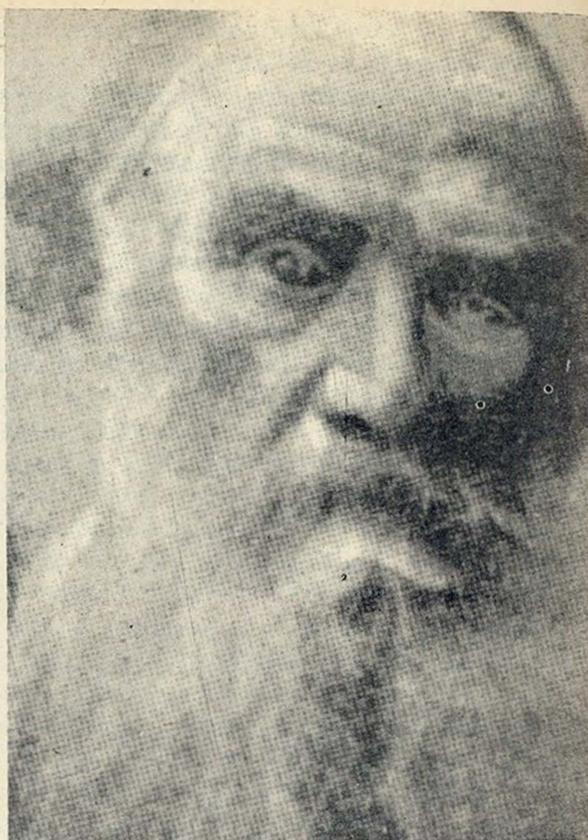
ONDE QUER QUE VIVA

GAZCIDA



perguntas de algibeira

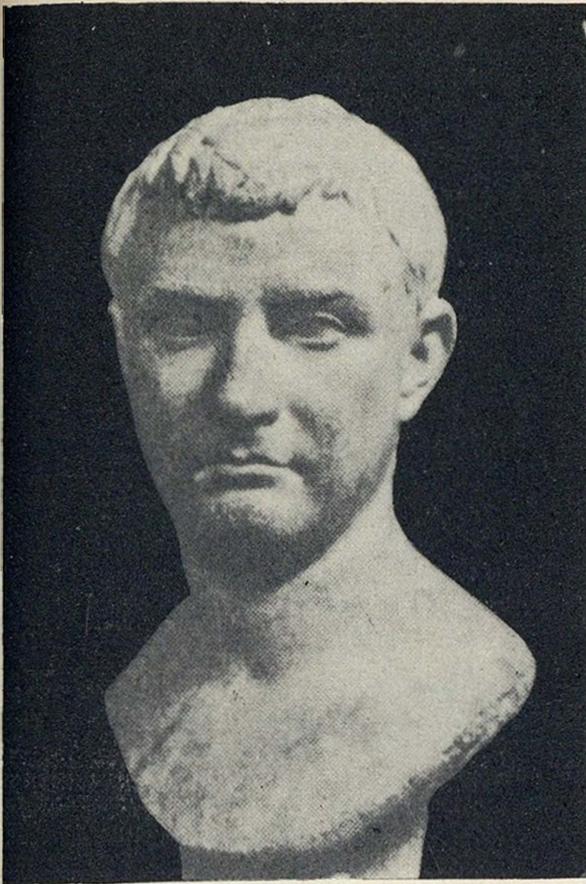
Responda SIM ou NÃO às frases que a seguir se indicam, referentes a M.^{me} Curie, a Verdi, a Tolstoi e a Júlio César. Se, em relação a cada personagem, acertar em mais de cinco respostas, a sua cultura é razoável (ou média, ou magnífica). De cinco para baixo... Bom, não é caso para desanimar. O leitor é novo (pelo menos de espírito) e poderá recuperar o tempo perdido. A menos que não valha a pena. Haverá coisa melhor neste mundo do que perder tempo?



TOLSTOI

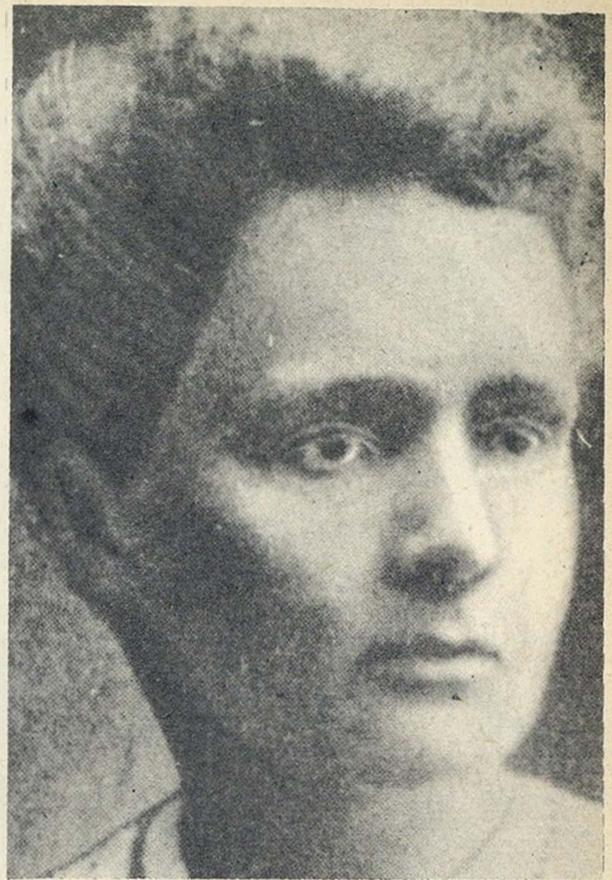
- 1 — Nasceu em Kazan;
- 2 — Morreu em 1910;
- 3 — Descendia de uma família rural;
- 4 — Combateu na batalha de Borodino contra Napoleão;
- 5 — Ficou encantado com a Europa, depois da viagem que fez ao estrangeiro;
- 6 — Infância foi o primeiro romance que escreveu;
- 7 — Era filho da Princesa Maria Volkonskaia;
- 8 — Natacha é a principal personagem feminina de **Ressurreição**;
- 9 — O Levine de **Ana Karenina** é o próprio Tolstoi;
- 10 — Rousseau teve grande influência em Tolstoi.

SOLUÇÃO — 1 — Não (em Yasnaya Polyana); 2 — Sim; 3 — Sim; 4 — Não (combateu na guerra da Crimeia); 5 — Não (considerou a civilização europeia extremamente materialista); 6 — Não, foi apenas o primeiro que publicou. O primeiro que escreveu foi a **História de Ontem**; 7 — Sim; 8 — Não (de **A Guerra e Paz**); 9 — Sim; 10 — Sim.



JÚLIO CÉSAR

- 1 — Nasceu em Roma;
- 2 — Sobrinho de Sila;
- 3 — Venceu os gauleses comandados por Vercingetorix;
- 4 — César era baixo e tinha olhos azuis;
- 5 — É autor de um **Tratado de Analogia**;
- 6 — Tornou-se histórica a sua passagem do Pó;
- 7 — Matou Pompeu;
- 8 — Levou Cleópatra prisioneira para Roma;
- 9 — Esteve na Península Ibérica;
- 10 — Bruto dirigiu a conspiração que assassinou César.



MADAME CURIE

- 1 — Nasceu em Lodz;
- 2 — Foi preceptora de crianças;
- 3 — Licenciou-se na Universidade de Varsóvia;
- 4 — Foi discípula de Henri Becquerel;
- 5 — Casou-se com Pedro Curie;
- 6 — Recebeu em 1903 o prémio Nobel de Física;
- 7 — O sábio Joliot foi genro de M.^{me} Curie;
- 8 — É o único sábio que recebeu dois prémios Nobel;
- 9 — A filha de M.^{me} Curie que se dedicou à Literatura chamava-se Irene;
- 10 — Morreu em 1934.

SOLUÇÃO — 1 — Sim; 2 — Não (sobrinho de Mário); 3 — Sim; 4 — Não (era alto e tinha olhos pretos); 5 — Sim; 6 — Não (do Rubicão); 7 — Não (Pompeu foi mandado assassinar por Ptolomeu); 8 — Não (Cleópatra acompanhou-o de sua livre vontade); 9 — Sim; 10 — Sim.

SOLUÇÃO — 1 — Não (em Varsóvia); 2 — Sim; 3 — Não (em Paris); 4 — Sim; 5 — Sim; 6 — Sim (juntamente com o marido e com Becquerel); 7 — Sim; 8 — Sim (Física e Química); 9 — Não (Irene dedicou-se à Ciência, Eva à Literatura); 10 — Sim.



que é



JAZZ

David Brubeck, um dos mais notáveis mestres do jazz contemporâneo respondeu há algum tempo a esta pergunta: Que é o jazz?

Ora a pergunta tinha razão de ser e a resposta também... Porque não se soubesse antes o que era o jazz? Não, decerto. Mas em relação a essa música, sucede o que sucede com muitas outras coisas: as opiniões continuam por esclarecer, mesmo quando os problemas já estão esclarecidos. Assim, D. Brubeck não terá descoberto novidades. Terá até repetido o que já se sabia. Mas enquanto houver um homem que ignore o que todos os outros já sabem, que remédio senão repetir a verdade?

Diz Brubeck que «o jazz é uma música que, de início, exprimia a revolta de uma minoria. As suas raízes mergulham nos cantos de trabalho, nos blues e nos spirituals dos negros americanos. Num esforço para manter a sua própria cultura, o escravo negro traduziu a música europeia (fizera o mesmo com a religião e os costumes) numa linguagem expressiva e original. (...) Mas ligada à tradição africana por vários aspectos (complexidade de ritmos e criação colectiva) a sua música conserva sempre a sonoridade e até a forma dos cantos das tribos africanas.

Mercê do choque entre diversos choques étnicos — franceses, espanhóis, italianos, ingleses e negros — a cidade de Nova Orleães foi no Sul uma verdadeira ilha de tolerância social e moral no período que sucedeu à abo-

lição da escravatura. Foi lá que os negros libertos ouviram — e muitas vezes praticaram — a música que lhes era popular. Os elementos negroides rítmicos e melódicos incorporaram-se naturalmente nos romances e nas árias de dança em voga. Os instrumentos de cobre que enchiam os prestamistas no fim da guerra civil foram um elemento determinante na escolha da instrumentação das primeiras orquestras de ragtime. Essas orquestras apropriaram-se das marchas tradicionais e sincoparam-nas.

(...) No entanto, o jazz continuou a ser uma música anónima que se ouvia nas ruas, ao ar livre, até ao momento em que foi adaptada pelos bordéis e os music-halls de Storyville, o famoso bairro de Nova Orleães. Muitos brancos residiam nesse bairro, em revolta declarada contra os costumes puritanos e essa música sincopada, provocante, quebrou todas as barreiras sociais e psicológicas, para irmanar os párias brancos com os negros.

De Nova Orleães, o ragtime, os blues e o jazz subiram o Mississipi e espalharam-se pelo mundo. O jazz assimilou facilmente a música popular americana, e, graças às variações melódicas, ao contraponto e à polirritmia, transformou completamente as valsas, os tangos, as quadrilhas, as baladas e os cânticos em voga.

(...) O grande público via no jazz um desafio lançado ao conformismo social. Durante a primeira guerra mundial, o jazz tornou-se

a válvula de escape do delírio sexual e das tendências agressivas que se haviam intensificado durante esse período.

A **Lei Seca** criou no povo americano, uma minoria rebelde. E assim, os bares clandestinos de Chicago e de Nova Iorque acolheram as primeiras manifestações do que cedo se iria tornar a **Era do Jazz**.

(...) Esta música que nascera de uma estranha mistura de raças e de nacionalidades e que incarnava a noção democrática da unidade na diversidade não foi acolhida a sério, nem na Europa, nem na própria América.

(...) O **jazz** ficou associado durante muito tempo aos párias das mais variadas espécies, de modo que a maior parte dos americanos continuaram a negar-lhe valor artístico.

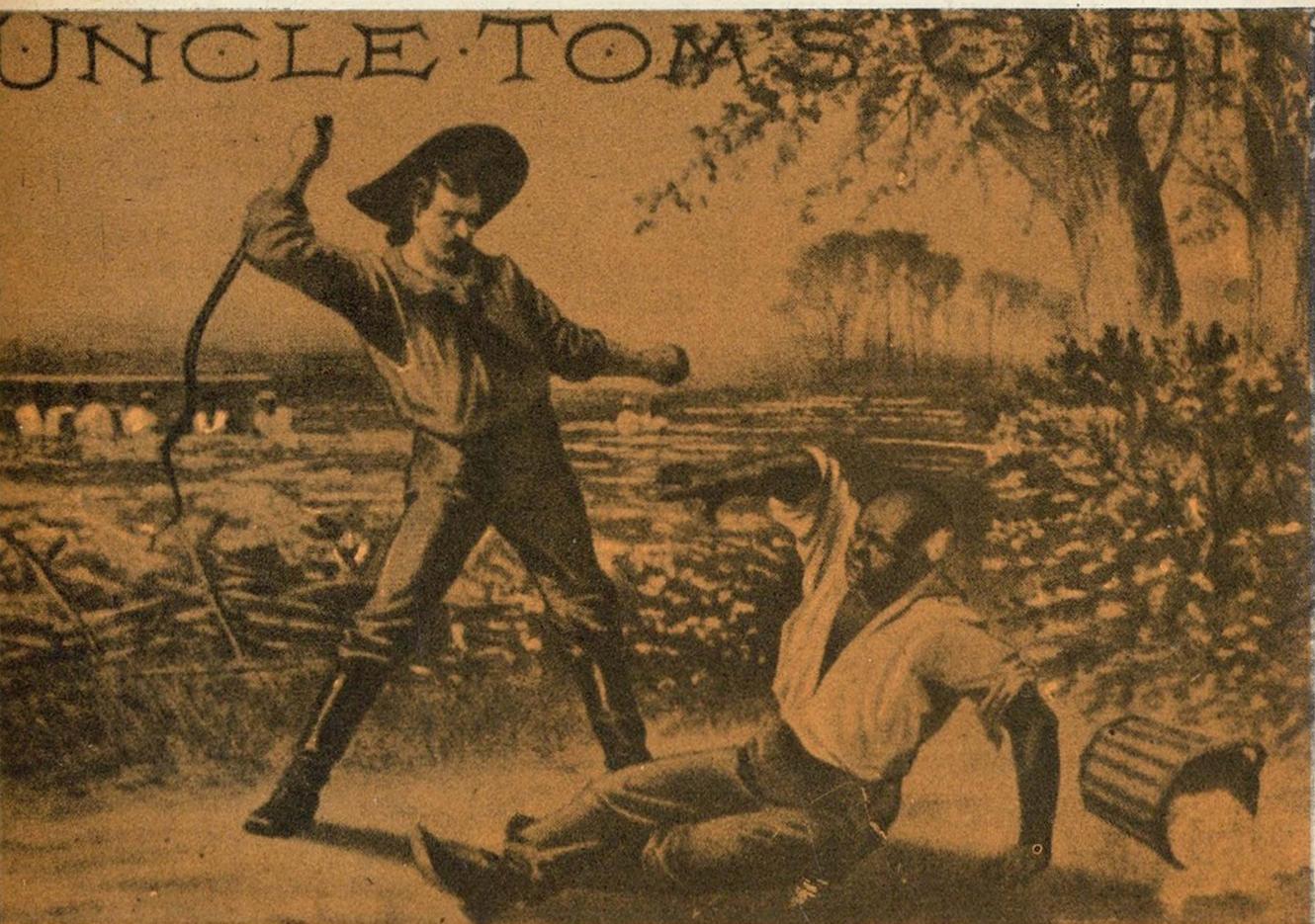
(...) Cedo se manifestou, sobretudo em França, na tendência perigosa para limitar o **jazz** à música primitiva de Nova Orleães. Tanto na Europa como nos E. U. A., um pequeno grupo de exagerados recusaram-se a considerar o **jazz** moderno como uma evolução natural da música que admiravam: para eles só os músicos incultos podiam criar mú-

sica de **jazz**; o **jazz** exprimia unicamente os elementos selvagens e primitivos da cultura americana; o **jazz** era precisamente uma expressão do negro.

É arbitrário dizer que os elementos de origem europeia produziã necessariamente um mau **jazz**. Duke Ellington introduziu no **jazz** elementos de música clássica com uma tal originalidade que as suas composições não perderam nada do que caracteriza o **jazz**, embora respeitando certas regras tradicionais de composição.

O **jazz** foi sempre uma música híbrida. E muita gente não compreende que a história da harmonia no **jazz** é paralela à da música de concerto; o **jazz** teve de esperar vinte anos antes de se atrever a explorar as ideias harmónicas descobertas pelos compositores europeus (...). Mas também se deve acrescentar que o **jazz** contribuiu, não poucas vezes, para enriquecer as formas tradicionais da música, graças à originalidade das suas concepções e à riqueza dos seus meios de expressão.

(...) Adoptando as concepções harmónicas





dos compositores românticos e, sobretudo, impressionistas, utilizando as regras da música clássica, o músico de jazz combinou os elementos folclóricos, populares e clássicos para produzir o *swing*. David Brubeck nota depois que o *swing* tendeu a comercializar-se e descreve a reacção do *bop*, que era a expressão de um protesto violento, não somente contra um mundo em guerra, mas também contra um comercialismo que ameaçava de morte o jazz.

(...) O *bop* e mais tarde o *cool* representavam os pontos extremos da reacção contra a vulgar música de evasão que prosperara durante a guerra.

O músico *cool* pode ser acusado de ter desencorajado o público, mas foi ele que conservou a vitalidade e o poder criador durante o pós-guerra.

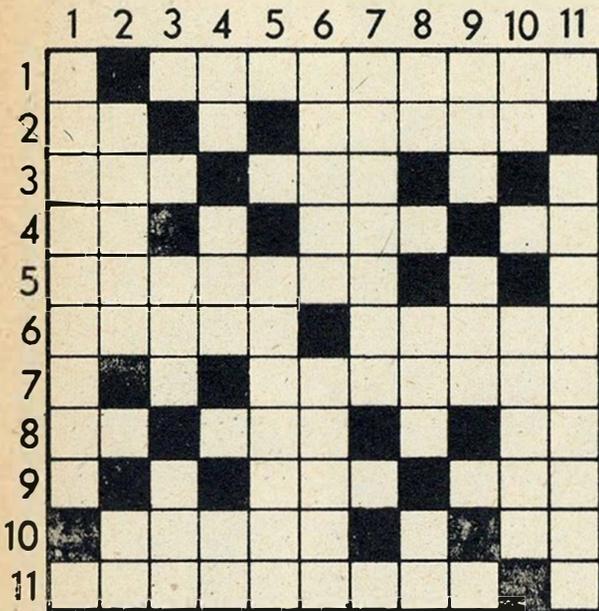
(...) Numerosas americanas foram testemunhas, durante a guerra, do poderoso símbolo de liberdade que o jazz representava na

Alemanha nazi e do papel que desempenhara na luta pela libertação, na França e na Inglaterra. Havia no jazz uma vitalidade — um ideal universal de livre expressão do indivíduo — que fazia do jazz uma música extremamente importante não só para os americanos como para todos os europeus».

Falando de si mesmo, David Brubeck acrescenta: «Como músico, sinto-me no direito de explorar toda a herança musical que chegou até nós desde os tantãs africanos até Couperino, Bach, Jelly Roll Morton, Stravinsky ou Charlie Parker. Como ser humano, sinto-me no direito de explorar todo o domínio das emoções humanas.

(...) O jazz é um meio de exprimir as lutas e os sonhos do povo numa linguagem rica de emotividade». E David Brubeck termina assim o seu trabalho: «Em pouco mais de um século o grito de revolta transformou-se num canto de libertação e o idioma musical de uma minoria americana transformou-se numa música universal para todos os povos».

PALAVRAS CRUZADAS HIEROGLIFOS COMPRIMIDOS



HORIZONTAIS: 1 — Transmissão a distância da imagem de um objecto. 2 — Povoação do concelho de Oliveira de Azeméis; vislumbres. 3 — Viço; mesquinhos. 4 — Catadura; espécie de madeira; deslocar-se. 5 — Lampadário. 6 — Fermento; nau. 7 — Pregadora. 8 — Pronome pessoal; que está no sítio mais fundo; seguir. 9 — Época; agarrei. — 10 — Por cima; rio da França. 11 — Andamentos.

VERTICAIS: 1 — Género de árvores mirtáceas. 2 — Instrumento de cordas antigo; apenas. 3 — Mil cento e dez; juntamente. 4 — Também (ant.); constelação austral; símbolo químico do chumbo. 5 — Formada de partes semelhantes. 6 — Foge; grandes quantidades. 7 — Entrevê. 8 — Nome de letra (pl.); iuntei; pedra do lagar. 9 — Génio; germen. 10 — O melhor; abrilhanta. 11 — Fisgarias.

LEMBRA-SE?

Como se chamavam os sócios da «ARCÁDIA OLISSIPONENSE», fundada em 1756, que usavam nela os seguintes nomes:

Elpino Nonacriense; Corydon Erymanteu; Almeno Sincero; Tirce Minteu; Cândido Lusitano; Lycidas Cyntio e Alcino Micénio.

I

ANDA PARA ANDAVA

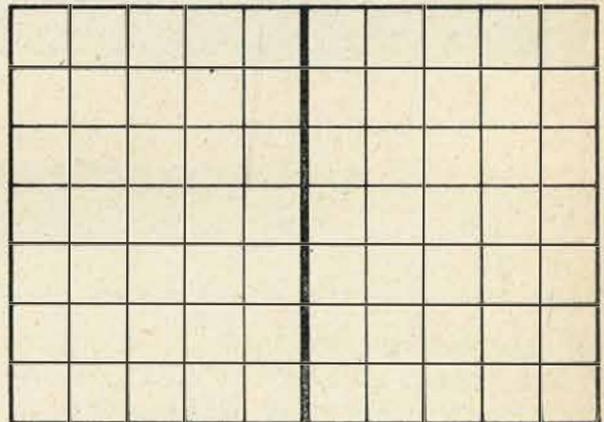
II

2 ASSINALE

ANAGRAMAS

1.º Grupo

2.º Grupo



1.º Grupo

- 1 — Ré (PL.)
- 2 — Fusco
- 3 — Colocada
- 4 — Haveras
- 5 — Farol
- 6 — Refiro-me
- 7 — Verdadeiras

— Na coluna central do 2.º grupo encontraremos o nome de um dos mais ilustres sábios do sec. XIX, conhecido pelos seus trabalhos sobre as doenças do bicho da seda, profilaxia da raiva e em geral de todas as doenças contagiosas.

António Diniz da Cruz e Silva; Pedro António Correia Garção; Manuel Nicolau Esteves Negrão; Teotónio Gomes de Carvalho; Francisco José Freire; Manuel de Figueiredo e Domingos dos Reis Quita.

I — SAITAIA (género de macaco americano).

II — BISMARCK.

RESPOSTA

LEMBRA-SE?

Horizontais:

Verticais

- | | |
|------------------|------------------|
| 1 — Eucalipto | 1 — Televisão |
| 2 — Liros; Só | 2 — Ul; Visos |
| 3 — MCX; Com | 3 — Cio; Vis |
| 4 — Er; Apo; Bp. | 4 — Ar; Til |
| 4 — Isomera | 5 — Lampião |
| 6 — Evita; Rous | 6 — Iscos; Navio |
| 7 — Visiona | 7 — Oradora |
| 8 — Is; Adi; Mó | 8 — Tu; Imo: Ir |
| 9 — Sol; Ovo | 9 — Era; Asi |
| 10 — Ás; Irisa | 10 — Sobre |
| 11 — Asproarias | 11 — Compassos |

SOLUÇÃO

PALAVRAS CRUZADAS

Fernão Lopes; Duarte Galvão; João de Barros; Duarte Nunes de Leão; António Galvão; Braz de Albuquerque; Gaspar Correia; Fr. Bernardo da Cruz; Damião de Góis e Jerónimo Osório.

SOLUÇÃO

HISTORIADORES

SOLUÇÕES

HIEROGLIFOS COMPRIMIDOS

Substituir os traços por letras de modo a obter nomes de ilustres historiadores portugueses.

----- S -----
 ----- E -----
 ----- R -----
 ----- O -----
 ----- D -----
 ----- A -----
 ----- S -----
 ----- O -----
 ----- R -----
 ----- P -----

HISTORIADORES

1.º Grupo

2.º Grupo

- | | |
|------------|-----------|
| 1 — Popas | 1 — Papos |
| 2 — Pardo | 2 — Piado |
| 3 — Posta | 3 — Posto |
| 4 — Ferras | 4 — Artes |
| 5 — Norte | 5 — Freno |
| 6 — Aludo | 6 — Adulo |
| 7 — Veras | 7 — Serva |

SOLUÇÃO

ANAGRAMAS

PASSATEMPOS



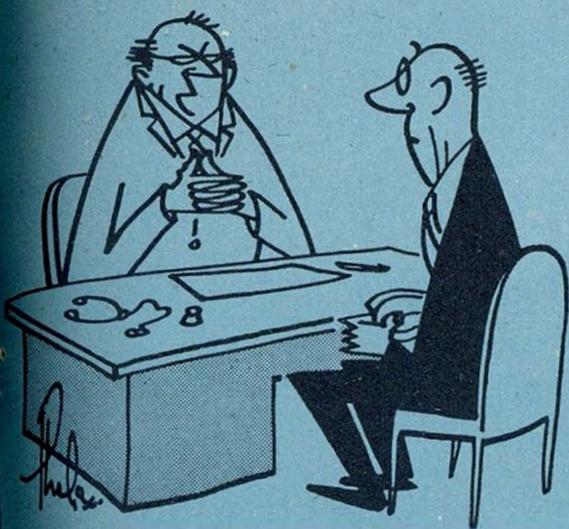
— A minha mulher
nunca se atreve a intimi-
dar-me — eu desmaio!



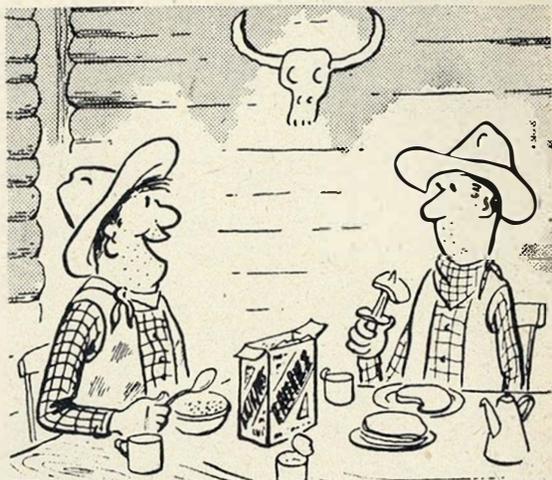
— Francamente — não sei o que faria sem ele às
vezes!



— Ouro!!



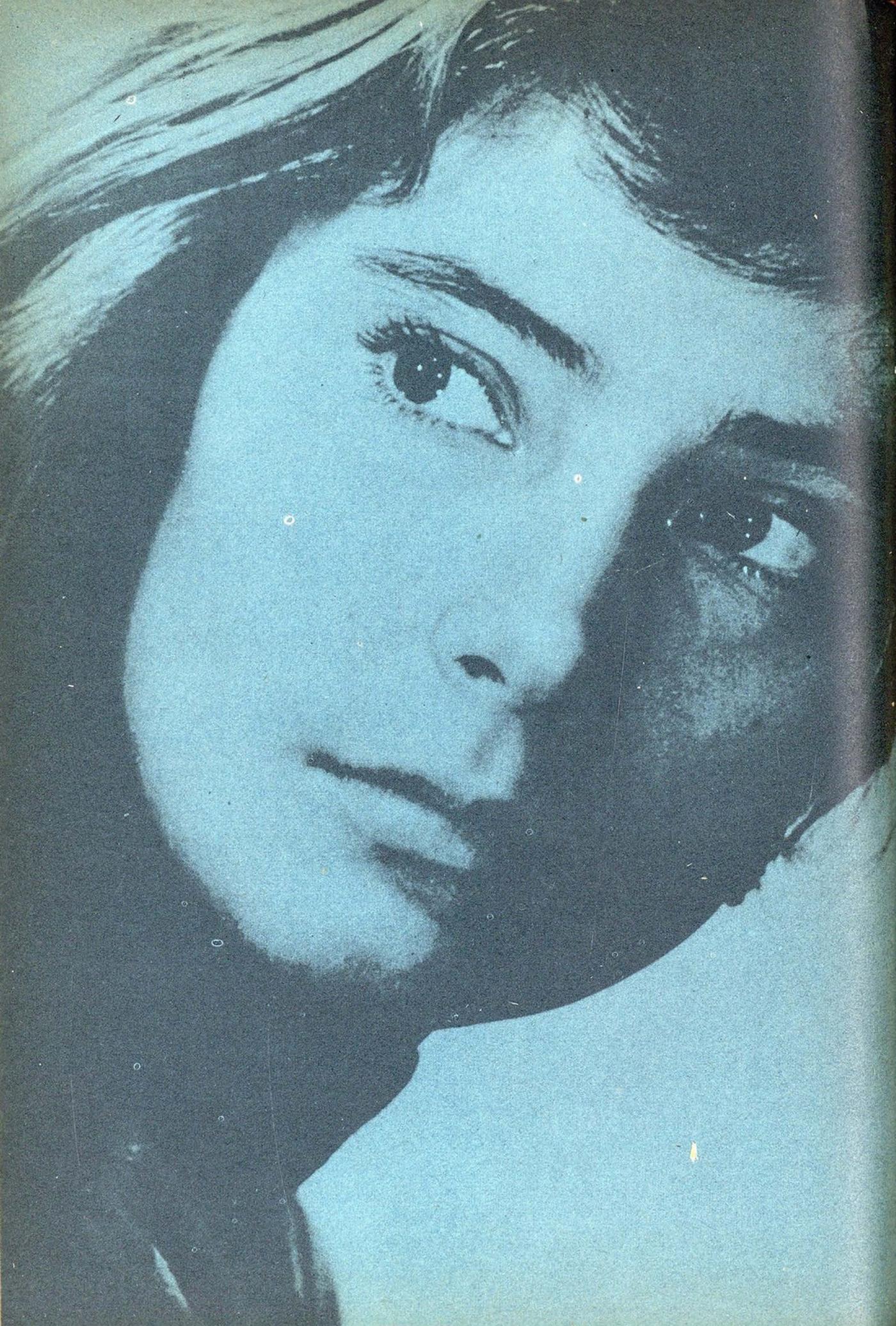
— Antes de mais, devemos prepará-lo devidamente para resistir ao exame médico...



— Com mais duas tampas de caixas de flakes tenho direito a um par de esporas novas.



— Pode entrar agora, sr. Conde. Posso garantir-lhe que a sr.^a Condessa está no banho



a Rússia descobriu a sua Greta Garbo

A América mandara a Cannes Jane Mansfield com os seus 18 vestidos. Jeanne Moreau representava a França. Sophia Loren defendia com o seu sorriso a tradicional beleza das mulheres italianas. Nesta s circunstâncias, quem se lembraria de olhar para uma rapariguinha russa muito mal vestida, que timidamente subira as escadas do palácio do Festival? As fotografias oficiais não a favoreciam, de resto.

Mas, terminada a projecção de **Quando as cegonhas passam**, as atenções, sempre instáveis, do público haviam esquecido as Loren, as Mansfield, as Moreau. Num instante, Tatiana Samoilova subira ao «firmamento», aparecia no mundo do cinema como uma nova «estrela».

E Tatiana Samoilova agradecia a chorar as homenagens e dizia aos fotógrafos que os **flashes** lhe faziam muita impressão.

A Rússia tinha finalmente a sua Greta Garbo — informaram os jornais.

De facto, Tatiana foi a primeira actriz soviética que apaixonou os olhos dos ocidentais. Mesmo na grande época do cinema russo — a época de Eisenstein e de Pudovkin — o público não se havia interessado pelas actrizes. Admirava as fitas, ignorara essa outra face tão característica do cinema americano ou francês: a «estrela». Porque em Paris ou em Roma não é somente o argumento de um filme que atrai o público. Não é mesmo a qualidade artística da obra. A maior parte dos espectadores gosta de ver estes ou aqueles artistas, vai ver a fita da Ingrid Bergman, a fita do Gary Cooper. E o resto pouco interessa.

Ora, Tatiana Samoilova representava (ou parecia representar) uma revolução no cinema russo. No cinema, bem entendido: porque no «ballet» o mito das «estrelas» era tão grande em Moscovo como em Londres.

Tatiana tem uns belos olhos em forma de amêndoa e cabelos escuros.

Quando um grupo de jornalistas a visitou nos estúdios da «Masfilms» encontraram-na vestida com simplicidade: calças azuis e blusa vermelha, pouco justa.

A sua figura graciosa sobressaía no meio dos móveis pesados e escuros do estúdio. Não estava maquilhada e tinha um ar perfeitamente natural, nada sofisticado.

Como muitas outras actrizes, Tatiana estudou no Instituto Cinematográfico.

Estreou-se num papel secundário de **O Mexicano**, filme extraordinário da novela de Jack London, e foi imediatamente escolhida para interpretar o principal de **Quando voam as cegonhas**.

Famosa de um dia para o outro, Tatiana teve de assinar autógrafos...

UMA PEQUENA REVOLUÇÃO

Mas em que diferem as «estrelas» russas das americanas? Apenas nisto, um pequeno-nada de repercussões incalculáveis: os jornais não se preocupam com a vida delas, não publicam todos os dias novas notícias acerca do que fizeram ou pensam fazer. Quando uma revista se refere a uma «estrela» é apenas para se referir aos aspectos puramente artísticos da sua vida.

Claro: isso não impede que Tatiana esteja a provocar uma pequena revolução, a ter os



seus admiradores, a receber pedidos de autógrafos. «Recebo muitas cartas com pedidos de fotografias — confessa. — Até da América!».

INNA MAKAROVA

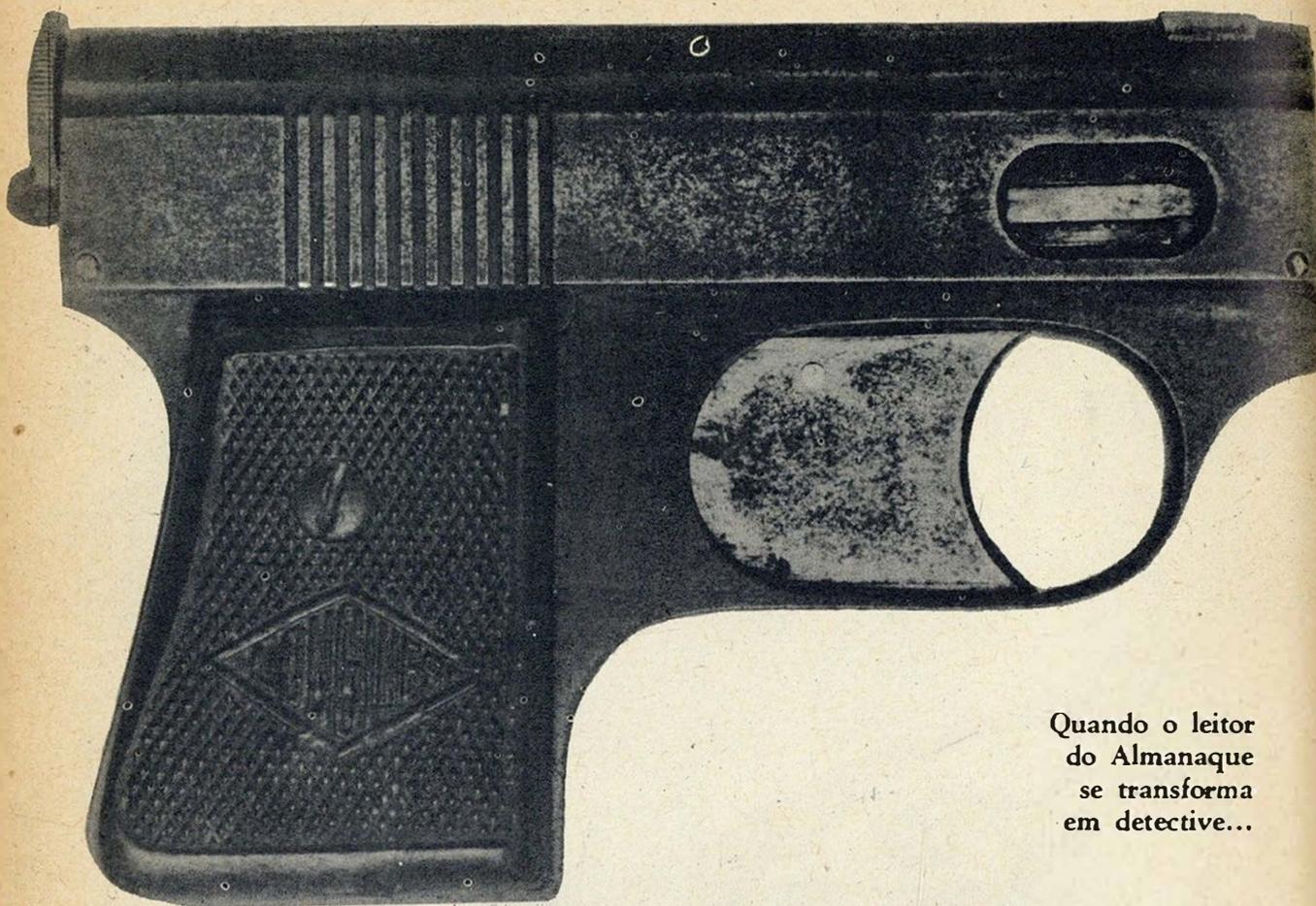
Mas Tatiana não é a única «estrela» que provoca certa alteração nos hábitos cinematográficos moscovitas. Se Tatiana, com o seu ar esfíngico e a sua grandeza de atriz, é a Garbo soviética, Inna Makarova é a Marilyn russa... Quando a encontrei pouco depois de deixar Tatiana, ela estava maquilhada, tinha sapatos altos e vestia um casaquinho de peles.

Tem um ar levemente sofisticado e é muito elegante. Mas não pausa para fotografias de propaganda. O retrato que nos deu é um retrato vulgar, impossível obter dela uma dessas poses que tornaram famosas as B. B. ou as Sophias! A propósito dum filme de Gina Lollobrigida, Makarova comentou que a achara demasiado despida...

— Que papéis prefere interpretar? — perguntei-lhe.

— Como sou mulher, prefiro sempre os papéis femininos para os viver como se fosse eu própria. — Tempos antes, declarara a um outro jornalista que gostava de interpretar filmes de amor.





Quando o leitor
do Almanaque
se transforma
em detective...

o CRIME ao alcance de todos

1

O leitor entra no dormitório dum pequeno pavilhão de caça e encontra o corpo de Noah Bailey estendido no chão com um ferimento de bala no meio da testa e um golpe na fonte direita. Da posição do cadáver no solo depreende o leitor que o golpe se produziu quando Noah Bailey caiu e bateu com a cabeça contra a borda da secretária que está junto à janela.

O leitor vira-se então para as outras duas pessoas que estão no pavilhão de caça: Keith Burns (advogado e sócio de Noah) e John Mac Cord (guarda do pavilhão).

— Não posso imaginar quem terá morto Noah! — exclama Burns. — Era um dos mais conhecidos advogados da cidade.

«Tínhamos vindo caçar, aproveitando o

fim-de-semana. Quando aqui chegámos, esta tarde, Noah dirigiu-se ao quarto de dormir para o pôr em ordem e eu fui para a cozinha.

Quando entrei naquele quarto, vi do lado de fora da janela um homem que espreitava para dentro. Não consegui distinguir-lhe as feições por causa do chapéu que ele usava caído sobre a testa. Antes que eu pudesse dar um grito o desconhecido apontou uma espingarda na direcção de Noah e disparou.

— Também ouvi o tiro — confirmou Mac Cord. — Eu estava a cortar lenha ao pé do caminho a uns dez metros da casa e vim logo a correr. Não vi ninguém. Então o Sr. Burns chamou-me e encontrámos o Sr. Bailey, mas estava morto!

O leitor dá umas voltas ao pavilhão de caça e observa a janela do quarto de dormir. Depois examina o terreno à procura de pegadas ou outros sinais, mas não encontra nada. Descobre então no vidro da janela o buraco da bala. Passa acidentalmente os dedos pelo vidro e nota os bordos aguçados do buraco.

Entrando novamente na casa, o leitor pergunta: «Oiça Mac Cord... Esse buraco no seu chapéu, foi feito por uma bala?».

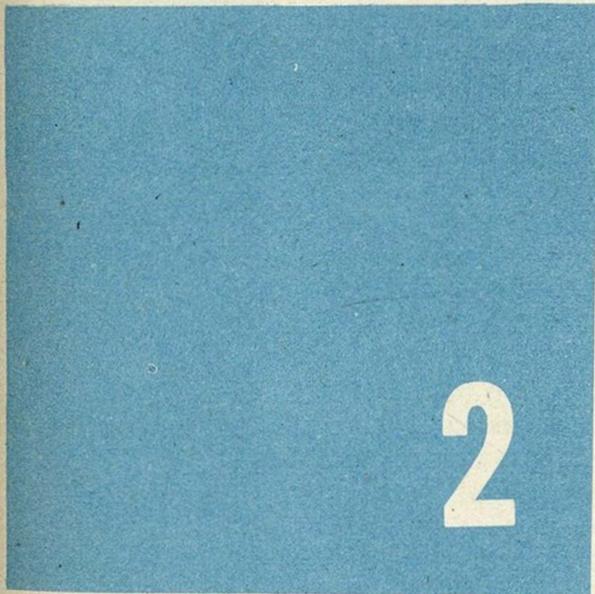
— Oh — exclama ele. — Ontem, um dos caçadores novatos disparou contra mim quando eu estava escondido por uns arbustos. Uns centímetros abaixo e...

O leitor (que, pelos vistos, é muito inteligente) pensa uns instantes e vira-se para Burns: «Você terá de me acompanhar à polícia para responder a algumas perguntas...».

Pois bem: o leitor é capaz de explicar qual foi o seu raciocínio?

SOLUÇÃO

Burns disse que o tiro fora disparado de fora do pavilhão de caça, mas o estilhaçamento do vidro revelava que o tiro partira de dentro para fora, isto é: fora disparado dentro de casa.



O corpo de Yelton, o «Canhoto», está estendido no chão num dos quartos da luxuosa casa em que vivia. Ao lado dele está uma mulher jovem, soluçando histéricamente.

— Querido! Querido! — grita. — Porque havia isto de terminar assim?

— Dora Mason e eu entrámos em casa do «Canhoto» há precisamente vinte minutos — explica Phil Clements, gerente de um «cabaret» de Yelton. — Ela dissera-me que tivera esta manhã uma zanga com o «Canhoto» e que se haviam separado, mas que ia tentar recompor as coisas. Ofereci-me para a acompanhar, pois sou um velho amigo de Yelton, mas quando cheguei deparou-se-me este espectáculo. O «Canhoto» suicidara-se!

— Nunca pensei que ele tomasse a nossa zanga tão a sério! — continuava Dora. — Talvez tivesse algumas dificuldades financeiras, mas nunca me disse nada!

O leitor do Almanaque, doado — como não podia deixar de ser — de uma notável inteligência, baixa-se e pega na pistola que se encontra caída muito perto da mão direita de Yelton. Examina-a à procura de impressões digitais, nada encontrando de notável. A pistola disparou muito recentemente — conclui. De facto, o peito de Yelton apresenta o ferimento recente de uma bala.

O leitor olha para o relógio. São 5 h e 15 m.

— Que horas eram quando viu Yelton pela última vez? — pergunta o leitor a Dora.

— Por volta das duas horas. Eu estava fora de mim e fui ter com Phil. Encontrei-o no Peacock Club e depois de bebermos qualquer coisa voltámos cá. Deviam ser umas cinco horas... O «Canhoto» suicidara-se...

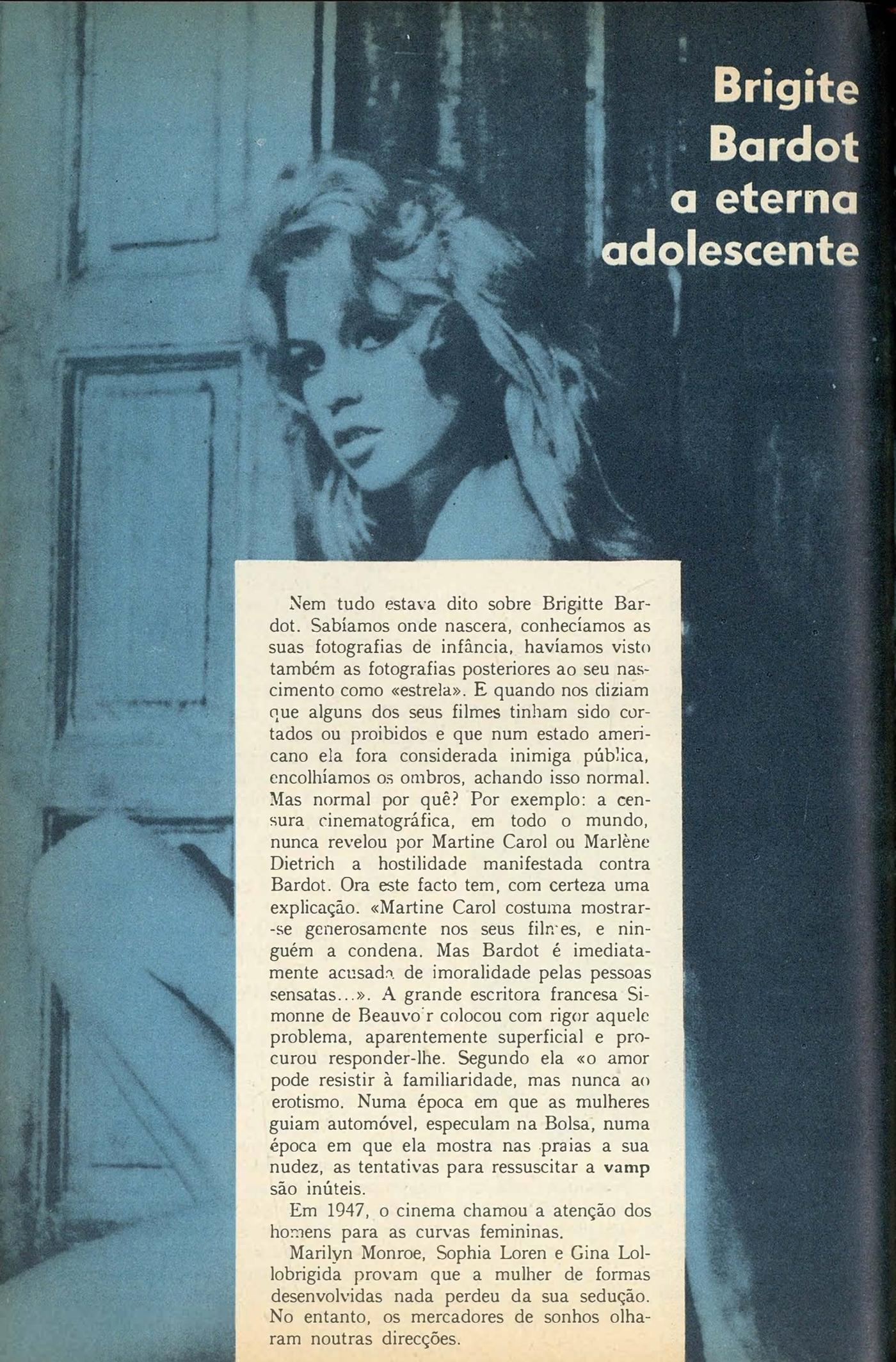
— Não duvido das vossas afirmações — diz então o leitor. — Em todo o caso devo declarar-lhes que o «Canhoto» não se suicidou, foi assassinado. Terei de mandá-los prender, como suspeitos.

Dedução digna dos mais famosos detectives! O leitor pode explicar qual foi o seu raciocínio?

SOLUÇÃO

Um homem com a alcunha de «Canhoto» não se serve da mão direita para disparar um tiro.

Além disso, Dora e Clements inclinaram-se demasiado cedo para a hipótese do suicídio. Por outro lado a pistola foi apontada contra o peito, quando quase todos os suicidas se matam com um tiro na têmpora. Mais ainda: se a pistola tivesse sido utilizada por Yelton guardaria as impressões digitais dele. Mas a pistola estava limpa de impressões digitais o que significa que alguém as apagou depois de a ter utilizado.



Brigitte Bardot a eterna adolescente

Nem tudo estava dito sobre Brigitte Bardot. Sabíamos onde nascera, conhecíamos as suas fotografias de infância, havíamos visto também as fotografias posteriores ao seu nascimento como «estrela». E quando nos diziam que alguns dos seus filmes tinham sido cortados ou proibidos e que num estado americano ela fora considerada inimiga pública, encolhíamos os ombros, achando isso normal. Mas normal por quê? Por exemplo: a censura cinematográfica, em todo o mundo, nunca revelou por Martine Carol ou Marlène Dietrich a hostilidade manifestada contra Bardot. Ora este facto tem, com certeza uma explicação. «Martine Carol costuma mostrar-se generosamente nos seus filmes, e ninguém a condena. Mas Bardot é imediatamente acusada de imoralidade pelas pessoas sensatas...». A grande escritora francesa Simone de Beauvoir colocou com rigor aquele problema, aparentemente superficial e procurou responder-lhe. Segundo ela «o amor pode resistir à familiaridade, mas nunca ao erotismo. Numa época em que as mulheres guiam automóvel, especulam na Bolsa, numa época em que ela mostra nas praias a sua nudez, as tentativas para ressuscitar a vamp são inúteis.

Em 1947, o cinema chamou a atenção dos homens para as curvas femininas.

Marilyn Monroe, Sophia Loren e Gina Lollobrigida provam que a mulher de formas desenvolvidas nada perdeu da sua sedução. No entanto, os mercadores de sonhos olharam noutras direcções.

Inventaram a rapariga erótica, como Audrey Hepburn, Françoise Arnoul, Mariña Vlady, Leslie Caron e Brigitte Bardot (...). A mulher-criança move-se num universo onde o homem não tem entrada.

Brigitte Bardot é o exemplo perfeito dessas ninfas ambíguas. Vista de costas, o seu corpo esguio, musculado, de dançarina, é quase andrógino. Nela a feminilidade triunfa, todavia, no seu busto encantador. Os longos e voluptuosos cabelos caem-lhe sobre os ombros.

Há qualquer coisa de infantil nos seus lábios. Ela caminha com os pés nus e ignora — tantas vezes! — os vestidos elegantes, as jóias, os perfumes, a maquilhagem e outros artificios. No entanto, tem um ar lascivo e um santo venderia a alma para vê-la dançar».

Eis o retrato moral da Bardot, na opinião da famosa escritora francesa: «A B. B. não foi marcada pela experiência. As lições que a vida lhe deu são demasiado vagas. Ela não tem memória, não tem passado e, graças à sua ignorância, conserva a perfeita inocência atribuída a uma criança mítica.

A B. B. é uma criança perdida que precisa de um guia, de um protector. Ela lisonjeia a vaidade masculina. Ela sossega as mulheres maduras.

A ignorância e a inexperiência podem ser remediadas. Mas a B. B. não é apenas anti-sofisticada, é sincera. A perversidade de uma bonequinha de carne e osso pode ser dominada por um psiquiatra. É sempre possível acalmar os ressentimentos de uma rapariga rebelde e chamá-la à razão.

Na **Condessa dos pés descalços**, Ava Gardner, apesar de toda a sua depravação, não ataca os valores estabelecidos — ela chega a condenar-se a si própria quando admite que gosta de caminhar na lama».

«A B. B. não é perversa, rebelde ou imoral. O bem e o mal não a atingem».

«A B. B. não pretende escandalizar. Ela não exige nada, não tem consciência dos seus deveres ou das suas obrigações. Segue naturalmente os seus desejos. Procedo como muito bem lhe agrada, o que é embaraçoso. Não levanta problemas, mas dá respostas que são contagiosas porque sinceras».

«Há nela alguns traços que atingem uma intensidade trágica — a febre de viver, a paixão do absoluto, o sentido da iminência da morte».

Simonne de Beauvoir acrescenta: «Quando Marlène, vestindo meias de seda, mostrava as pernas, ao mesmo tempo que cantava com voz rouca... ela interpretava uma cerimónia, lançava um desafio. A B. B. não lança desafios.

Os seus vestidos não são fétiches, de modo que, ao despir-se, não desvenda um mistério. O seu erotismo não é mágico, mas agressivo. No amor ela é simultaneamente o caçador e a presa. O homem é para a Bardot um objecto, assim como ela é um objecto para ele. Pois bem: isso fere o orgulho dos homens latinos. Greta Garbo era a «Divina», Brigitte Bardot tem os pés assentes na terra.

Havia no rosto de Greta Garbo um vazio que estimulava a imaginação dos homens. No rosto de Brigitte não há nada para imaginar. A B. B. obriga os homens a serem honestos perante eles mesmos. Obriga-os a reconhecer a crueza dos seus desejos. Quando Brigitte Bardot rejeitou as jóias, os saltos altos e as cintas, ela recusou, ao mesmo tempo, a possibilidade de ser um ídolo longínquo».

No final do seu artigo, a esposa de Jean-Paul Sartre mostra-se apreensiva com o rumo que o destino da B. B. está a tomar. No fundo, receia que os novos filmes da intérprete dos «Vagabundos do Luar» desmintam as suas teorias... — «São lamentáveis — escreve — os numerosos artigos que pretendem revelar «a verdadeira B. B.», «a verdade sobre a B. B.». Ela gosta dos animais e adora a mãe, é amiga dos seus amigos, arrepende-se dos seus caprichos. Por outras palavras: a propaganda procura reabilitá-la: segundo um jornal de Paris a B. B. espantou, graças à sua profunda cultura, o director do Banco de França!».

O último filme da B. B. — **Babette s'en-va-t-en guerre** — parece iniciar, de facto, uma nova fase. Basta dizer que em França foi autorizada para menores. A história é, de resto, altamente edificante. A B. B. desempenha o papel duma heroína da Resistência!

O seu adorável corpo está coberto por um sóbrio uniforme e, na cena final, Babette vitoria o general De Gaulle!

Deste modo a B. B. será, muito em breve, uma «estrela» do velho tipo: misteriosa, esfingica. Usará jóias, sapatos de salto alto, cintas. Será uma «estrela» perfeitamente integrada nos quadros clássicos da heroína cinematográfica.

sabe Comprar?



Comprar «o necessário e o supérfluo» é extremamente simples, desde que se tenha dinheiro. Mas saber comprar, eis uma arte que as pessoas tímidas ou demasiado influenciáveis quase sempre ignoram! Comprar de olhos fechados, apenas porque o vendedor elogia a mercadoria, é um erro que se paga caro, muitas vezes. Antes de escolher, o cliente deve comparar, verificar, calcular...

«Abre um olho para vender e os dois para comprar», aconselha um provérbio francês.

O teste seguinte provará se o leitor sabe ou não fazer as suas compras. Responda SIM ou NÃO. Se contar seis vezes NÃO (ou mais!) já sabe: peça à sua esposa (ou ao seu marido, conforme o leitor é do sexo masculino ou feminino) que se encarregue dessa tarefa. De contrário, levará a sua casa à ruína!

1 — Costuma, antes de se decidir, estudar a qualidade, o peso ou o preço da mercadoria?

- 2 — Tem o cuidado de se informar da duração da mercadoria, do modo como deve ser utilizada ou das consequências do seu uso?
- 3 — Costuma verificar se o objecto comprado não tem defeitos?
- 4 — Habitua-se a uma marca que lhe dá plena satisfação e resiste ao desejo de experimentar uma outra cujo valor ignora, mas de que os anúncios dizem maravilhas?
- 5 — Desconfia das pechinchas porque quase sempre se revelam de péssima qualidade?
- 6 — Quando está suficientemente provido de uma mercadoria, recusa-se a comprar mais, ou compra pelo simples prazer de comprar?
- 7 — Tem o hábito de comparar os preços do mesmo artigo em diferentes lojas, antes de se decidir a comprá-lo?
- 8 — Sabe resistir a um vendedor simpático que, não tendo o artigo que lhe foi pedido, procura vender outro «melhor» (ao que ele diz)?
- 9 — Quando não tem nenhuma ideia acerca do preço de um artigo, costuma informar-se em vez de entrar na primeira loja que lhe aparece?
- 10 — Prefere um produto um tudo-nada mais caro do que outro mas de melhor qualidade?
- 11 — Mesmo quando gosta duns sapatos é capaz de os recusar porque são apertados ou têm qualquer defeito? Ou compra-os, mesmo assim...?
- 12 — «O que é barato é caro». Concorda com este dito?

SOLUÇÃO

12×SIM. Bravo! Não será fácil ser enganado. E faz muito bem! O cliente é rei...

8 (ou 11)×SIM. Cuidado! Nem todos os momentos lhe são favoráveis. Nos dias de depressão evite passar pelas lojas. Guarde-se para os outros dias e nesses a coisa não irá mal...

4 (a 7)×SIM. Nunca vá sozinho a uma loja. Leve sempre consigo alguém que o encaminhe.

0×SIM. O leitor é demasiado crédulo. Tem vergonha de pôr objecções... Porquê? Quem paga? Quem é o rei...? Tenha coragem...

é Avaro?



- 1 — Gasta sempre o mínimo possível?
- 2 — Não dá gorjetas?
- 3 — Sofre quando tem de oferecer uma prenda?
- 4 — É capaz de deixar de ir ao cinema, para poupar dinheiro (embora gostasse de ir?).
- 5 — Costuma esconder o mealheiro?
- 6 — Sente grande prazer em contar dinheiro?
- 7 — Costuma queixar-se de não ter dinheiro, mesmo que isso seja falso?
- 8 — É capaz de não comer uma guloseima que tenha no bolso, para não ter de a repartir com um amigo?
- 9 — Prefere andar a pé para não gastar umas moedas?
- 10 — Prefere ter fama de avarento a despendar uns cobsres?

SOLUÇÃO

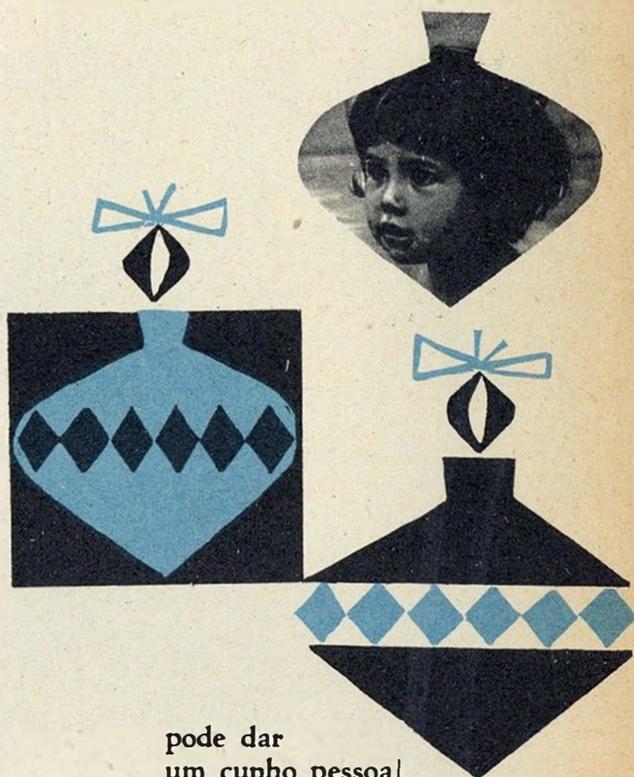
10×SIM. Ah! O leitor é um discípulo de Harpagão!

7 (a 9)×SIM. Discípulo fiel de Harpagão, não será. Diremos: o leitor é um discípulo infiel, um heterodoxo...

4 (a 6)×SIM. Cuidado!. Essa não é a verdadeira riqueza... Ser rico é partilhar, em maior ou menor grau, um pouco do que se possui...

7 (a 3)×SIM. O leitor sabe quando deve poupar sem por isso deixar de ser generoso.

0. Deus seja louvado! Mas cautela... A prodigalidade não é de aconselhar...



pode dar
um cunho pessoal
aos cumprimentos de

BOAS FESTAS

utilizando
os seus próprios
clichés fotográficos

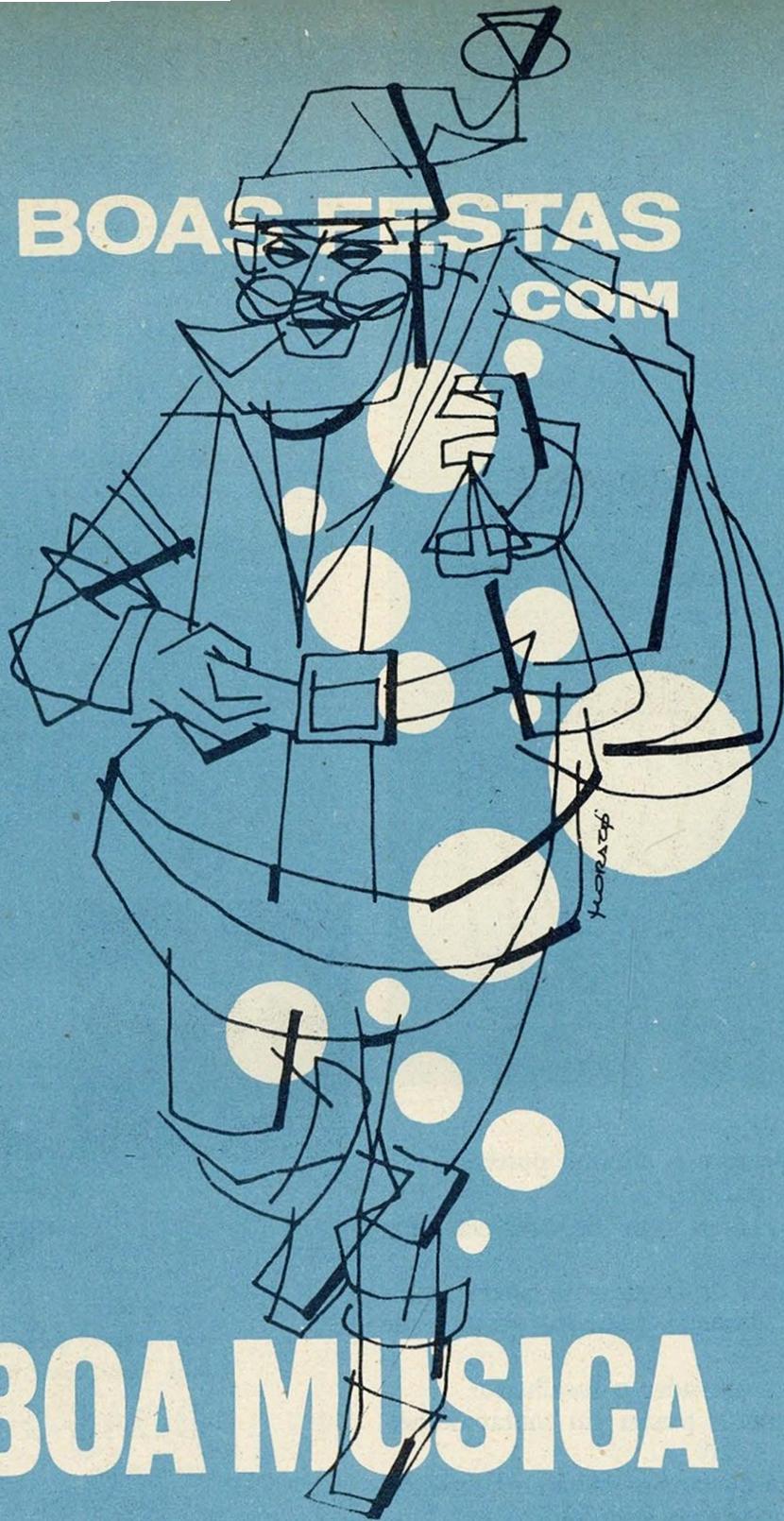
legendas
em todos
os idiomas

Instanta

a med. via cap. de artigos fotograficos

R. NOVA DO ALMADA. 55-57 • LISBOA

**BOAS FESTAS
COM**

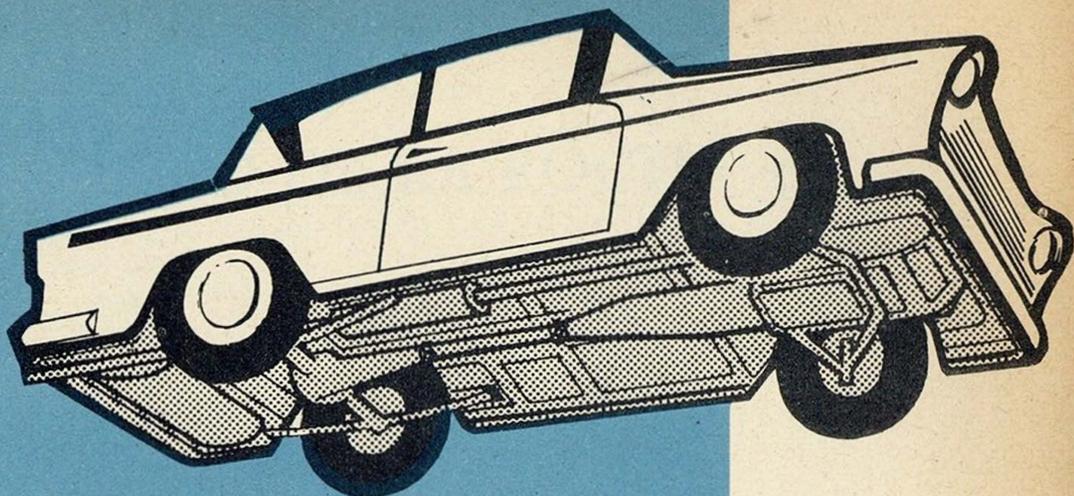


BOA MÚSICA

VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

**DISCOS • ALTA FIDELIDADE
E ESTEREOFONIA • TELEVISÃO
PIANOS •**

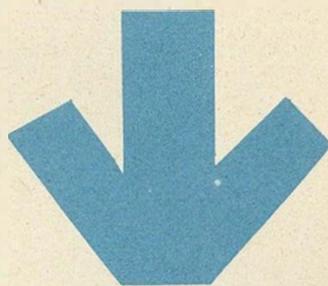
FERRUGEM



RUIDOS

Com as chuvas e a humidade, a ferrugem vai corroendo o "chassis" do seu carro, envelhecendo-o, ocasionando reparações caras e ruídos desagradáveis.

Um revestimento com FLINTKOTE protegerá indefinidamente o seu carro evitando a corrosão e a infiltração de humidade e de gases, além de absorver ruídos e vibrações.

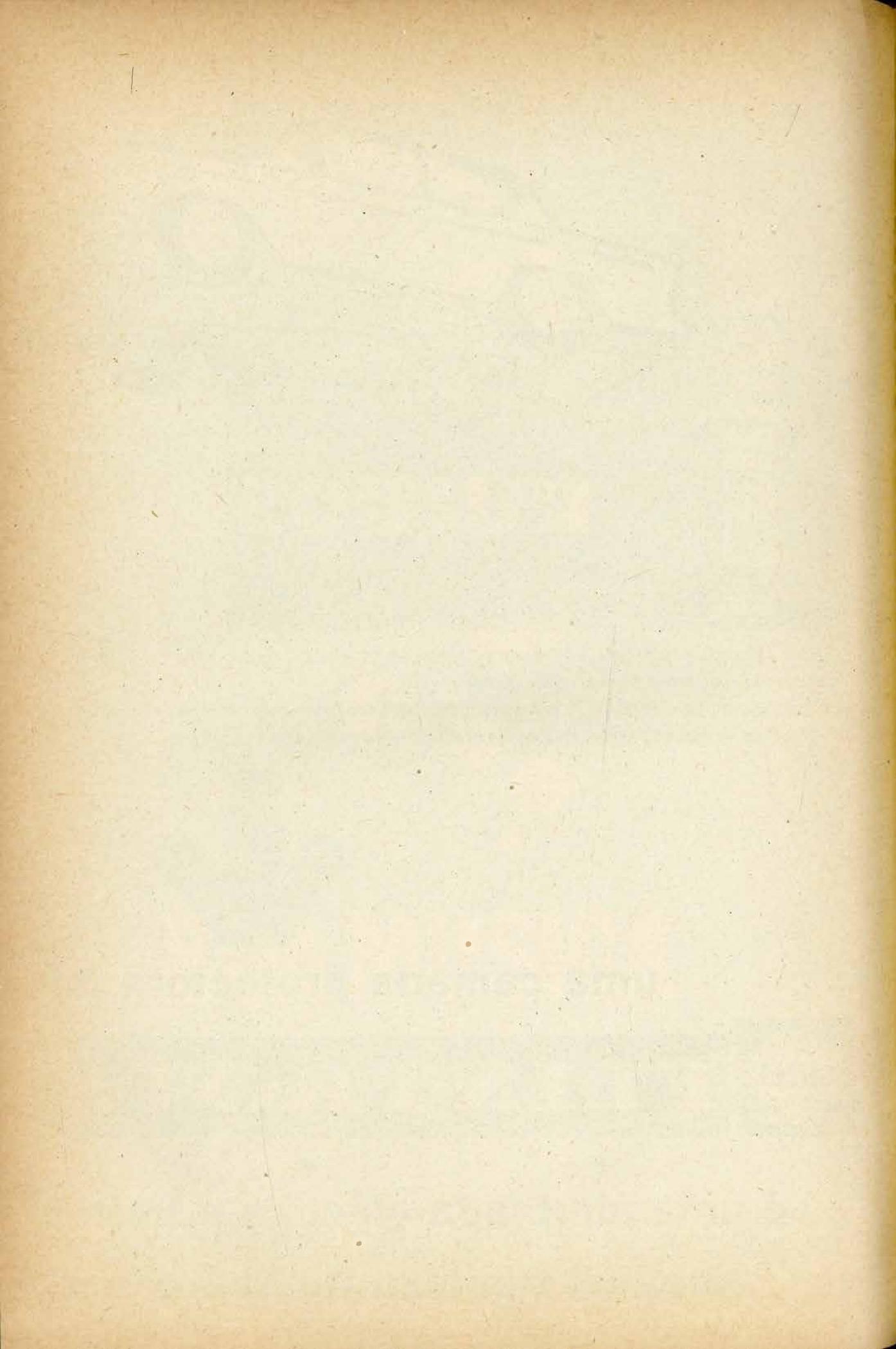


uma camada protectora de



FLINTKOTE

é uma almofada elástica e impermeável debaixo do seu carro!



MAZO DE LA ROCHE

OS IRMÃOS WHITEOAK



ALMANAQUE

MAYO DE LA ROCHE

OS IRMAOS WHITEOK



ALMANAQUE

um escritório, para onde se entrava por um corredor que cheirava ligeiramente a cano de esgoto. Não tinha qualquer placa na porta, que estava fechada à chave. Depois de baterem, um gordo e macilento empregado abria a porta e, perguntando o motivo da visita, se Kronk estava livre, mandava entrar as pessoas. E de facto não estava apenas livre, mas encantado por receber Augusta e Eden. Depois das apresentações, fitou Augusta com uma expressão tão afável, honesta e inteligente que a conquistou imediatamente. Prendeu-lhe as mãos, mais tempo do que é uso, nas suas, notavelmente grandes para a altura. Tinha cabelo preto, tez macilenta e olhos escuros, de reflexos esverdeados. O escritório, embora pequeno, estava luxuosamente mobilado.

XI

DILLY

Fale-me de seu irmão mais velho", tinha pedido Dilly a Eden. "Tem um rosto tão interessante. . ."

Num dia de calor extraordinário para Outubro estavam sentados num banco do jardim, à sombra da velha amoreira, cujos frutos, caídos no chão, apodreciam ao sol. Dilly repetira o pedido.

- Mas não tenho muito que dizer - respondeu Eden. - Tem um carácter bem vincado, bom ou mau, segundo o conceito que você faça do bem e do mal.

- Que engraçado!

- Sim, também pode tornar-se engraçado. Ou até... bastante intimidativo.

- Achá-lo-ei bom ou mau?

- Parece-me que vai julgá-lo bom. E um bom irmão, se nos portarmos bem, um neto e sobrinho devotado. Ama a sua terra, os seus cavalos e os seus cães.

- Então, como pode ser mau?

Eden fez um pequeno trejeito de irritação.

- Mau é uma palavra fora de moda. Dispensemola.

- Mas foi você que a empregou.

- Queria talvez dizer que certo género de pessoas poderia classificá-lo assim.

- Eu, por exemplo?

- Nunca.

- Mas pertenço a um género especial?

- Quer pertencer?

- Não, com certeza.

- Então não pertence.

Com esta juvenil disputa de palavras, travaram melhor conhecimento. Mas Dilly apenas interessava Eden pelo facto de ter realizado aquilo a que ele aspirava. Londres era-lhe familiar: já tinha estado em França e na Itália. Contudo não conseguira perceber o que ela tinha adquirido com aquelas viagens, além de um ligeiro conhecimento de paisagens e hotéis estrangeiros. Apesar disso, o brilho daquelas experiências dava-lhe, a seus olhos, uma certa aura. Quando lhe disse, em confiança, que esperava ir ao estrangeiro no ano pró-

ximo, Dilly prontificou-se imediatamente a dar-lhe alguns conselhos de viajante experimentada, embora as suas viagens se tivessem limitado a breves passeios, com grupos de raparigas, sob a vigilância de uma professora e de um guia.

A sua curiosidade a respeito de Renny irritava sobremaneira Eden. "Ele próprio não era inexperiente", pensava, "e estava resolvido a dar-lhe uma lição, a proporcionar-lhe ensejo e razão para dizer algo mais do que "que engraçado!" Por exemplo: fazer um investimento, o que daria um aspecto muito diferente à conversa". Para ele, qualquer eventual accionista do lago Indigo tornava-se atraente e, como ela, também ele tinha de vangloriar-se.

- Suponho que não está interessada em minas de ouro?
- Nunca pensei nisso. Mas tenho uma amiga na África do Sul cujo marido está numa exploração mineira. Devo ir visitá-la no próximo ano.
- Não me referia à África do Sul. Aqui mesmo há minas de ouro, não sabia?
- Realmente?! - E a sua voz exprimia incredulidade.
- Pois então, veja. - Tirou do bolso uma brochura nova que Kronk lhe tinha dado. Mostrou-lhe as imagens, lendo-lhe o que ela podia compreender e acrescentou: - Não fale nisto. A minha família nada sabe a este respeito.
- Julguei que você estudava Direito.
- E estudo. Isto é um negócio à parte. - Não pôde deixar de dizer: - Estão a fazer-se grandes fortunas nesta mina. Não eu, claro. Mas também não me arranjo mal.

Como ele esperava, Dilly exclamou:

- Que engraçado!

O sol do meio-dia não descobria qualquer defeito na sua tez; o branco dos seus olhos era deliciosamente limpo. Eden estendeu o braço sobre as costas do banco, num gesto de maior intimidade.

- Lembre-se de que isto é segredo entre nós dois. Se Renny soubesse, arrancava-me os cabelos.
- Oh, sou feita para guardar segredos. Toda a gente me faz confidências. Pergunto a mim própria porquê.

Eden fazia também a mesma pergunta.

- Talvez que você tenha o dom de inspirar confiança. Mas esta confiança tem pouco valor para si, é apenas um negócio enfadonho.
- Mas eu pertenço a uma família de homens de negócios - fiação de algodão. Sei uma porção de coisas acerca de negócios e gostava de tomar parte nesse, por pouco que fosse. Ocupar-me-ia o espirito. - O rosto sombreou-se e Eden lembrou-se de que ela sofrera um desgosto de amor.
- As acções são baratas - explicou ele, em tom grave, dadas as grandes possibilidades do negócio, mas estão a desaparecer rapidamente.
- Quanto custam? - perguntou Dilly, com súbita astúcia.

Eden explicou-lhe então a actual posição do lago Indigo, com quase tanta habilidade como Kronk, sorrindo ao ouvir-se pronunciar as mesmas frases do corretor. Tinha pouca esperança de que Dilly quisesse comprar acções, mas a mina obcecava-o de tal maneira que não podia deixar de falar a esse respeito. Ficou surpreendido com o seu grande interesse em saber tudo acerca do lago Indigo. E bruscamente Dilly exclamou:

- Tenho mil dólares depositados num banco daqui - para despesas de viagem, ou qualquer caso imprevisto. Mas não tenciono viajar. Quero ficar nesta casa encantadora, isto é, se a sua família me suportar.
- Oh! Todos eles, nós todos estamos encantados por tê-la cá.

Logo Dilly satisfeita:

- Então entro no negócio.
- E se há qualquer imponderável?
- Posso vender as acções, não posso?
- Claro! E com lucro.

"É demasiadamente fácil." pensava Eden. "A rapariga tem mais dinheiro que cabeça". Quase desejava ter sido mais prudente. E agora havia seis acionistas em Jalna. Eden sorria ao pensar em tudo quanto realizaria em tão pouco tempo e para benefício daquelas seis pessoas. De olhar perdido para além da amoreira, esqueceu Dilly e viu-se a si próprio a vaguear pelas ruas de Paris, ao longo das esplanadas dos cafés, com os seus arbustos metidos em caixotes pintados de verde, e cujos frequentadores, sentados a pequenas mesas, manifestavam uma alegria que ele tanto aspirava gozar e pareciam chamá-lo com os seus olhares. Depois viu-se no Corso, em Taormina, a olhar os pastores com os seus rebanhos de cabras, a luz violácea do crepúsculo.

- Sonhos! - exclamou Dilly, pousando a mão no cabelo de Eden, que ao senti-la, voltou, num sobressalto, à realidade. - Assustei-o.

- Não!

- Tinha de tocar-lhe no cabelo. É tão bonito!

- Obrigado. - E alisou o cabelo.

- Sei que me julga atrevida, mas nunca fui tímida e a vinda para um país novo excitou-me. Sinto-me capaz de tudo. Já se sentiu alguma vez assim?

Eden sorriu de um modo estranho.

- Algumas...

Oh, conte-me.

Eden ficou satisfeito ao avistar, através das árvores que se erguiam na ravina, Pheasant Vaughan a dirigir-se para as cavalariças.

- Quem é? - perguntou Dilly. - Está com fato de montar?

- Sim. É filha de um vizinho nosso. Vai montar um dos nossos cavalos no concurso hípico.

- Que engraçado! - Contudo Dilly não tinha um ar divertido. - Quantos anos tem?

- Dezasseis.

- Que ridículo... ela não será capaz...

- Com aquele cavalo não poderá cometer qualquer falta. Além disso monta muito bem, embora meu irmão esteja a treiná-la só há dois meses. Quer ir até à tapada, para ver?

Dilly levantou-se num salto ágil e vigoroso.

- Claro que quero. Acha que seu irmão me emprestará um cavalo? Gosto tanto de montar.

- Tenho a certeza - respondeu Eden, embora não estivesse tão convencido como dizia.

Foram encontrar Renny, com os dois moços Scotchmere e Wright, junto da paliçada, pintada de branco. Piers e Pheasant trotavam à volta da tapada, em dois cavalos de concurso admiravelmente tratados. Bastava olhá-los, para se sentir a felicidade que emanava de ambos. Os dois moços levantaram uma barreira que os cavaleiros saltaram com graciosa facilidade.

Scotchmere, a mascar uma palha, observou:

- Ele vai muito bem - a menina, quero dizer. Mas não tem sangue-frio necessário para o concurso, com o rumor da música e dos aplausos da multidão. Há-de concordar comigo, senhor. Desde o princípio que disse que se enganava e continuo a dizê-lo.

- Tudo o que esta égua quer é quem a monte e segure as rédeas. Quanto aos

obstáculos, salta-os sózinha - acrescentou Wright.

Scotchmere cuspiu a palha.

- De todas as tolices que tenho ouvido, essa é a maior. Todos os cavalos precisaram de quem saiba montá-los.

- Então, olha para ela! - gritou Wright, cujo rosto corado brilhava de animação, ao ver a égua saltar facilmente a barreira um pouco mais elevada. Piers cavalgava atrás, sentindo, nesse momento de esplêndido alvoroço, o intenso desejo de seguir Pheasant até ao fim do mundo.

Renny voltou-se para Dilly.

- Belo espectáculo, não é verdade?

- Que engraçado! - riu ela, deixando ver mais dentes brancos do que qualquer outra mulher. Renny olhou pensativamente para aquela boca, como se se tratasse de um cavalo cuja idade quisesse avaliar.

Pheasant, orgulhosa da sua destreza cada vez maior, plena de amor por Piers e pela égua, distraiu-se e a barreira caiu com estrondo. O cavalo de Piers espantou-se e a égua pôs-se aos saltos. Renny gritou:

- Que aconteceu?

À esquina da cavaleriça apareceu Meg. Raras vezes se dirigia para aqueles lados, pois era, de toda a família, a mais desinteressada por cavalos. Naquele momento era de todos quem Renny menos desejava ver ali, pois bem sabia como a irmã ficaria ressentida ao perceber que Pheasant iria montar, no Concurso, um dos seus cavalos. Tinha esperado, com um optimismo pueril e bem masculino, poder ocultar o que afinal sabia ser impossível esconder, ou, pelo menos, dissimulá-lo até aos últimos momentos, ou seja, até à altura em que, do seu camarote no concurso, Meg visse Pheasant na pista. Os irmãos tinham tido o cuidado de não falarem diante dela na presença quotidiana de Pheasant na tapada. Eden, preocupado com outros assuntos, nem sequer pensava em tal e Piers, no seu próprio interesse, desejando, ainda mais do que Renny, guardar segredo.

Mas agora Meg estava ali, a ver a rapariga galopar, com um alegre ruído de cascos, para o próximo obstáculo. Nos primeiros momentos Meg, que raramente via Pheasant, não a reconheceu, mas quando a égua passou junto da paliçada o seu coração pôs-se a bater precipitadamente, como se seguisse o ritmo dos cascos. Apoiando a mão no peito, como que a comprimir o seu pulsar tumultuoso, dirigiu-se para Renny, que a via aproximar com trejeitos de aborrecimento.

- Que significa isto?

- Fala baixo.

- Que significa isto - esta rapariga aqui, num dos teus cavalos?

- Tinha de arranjar alguém para montar no concurso - respondeu Renny, mal humorado.

- É uma rematada tolice!

- Fala mais baixo.

Meg ergueu ainda mais a voz.

- Ela nunca montou os teus cavalos!

- Porque nunca apresentei cavalos desta categoria.

- Mas, Renny - e tinha os olhos marejados de lágrimas - pensa em mim.

- Está bem, conta a tua história a toda a gente... De resto, tudo se passou há dezasseis anos, já está esquecido.

Meg falou com mais calma.

- Mas não esqueci eu.

Renny, num gesto compassivo, pôs a mão no braço da irmã.

- Meggie, bem sabes como me contristou tudo isso, mas não vejo razão para estar a recordá-lo agora. Para mim é de grande interesse arranjar alguém que monte esta égua como deve ser.

- Então não assisto ao concurso.

Era uma resolução desacertada, que a privaria de uma das maiores distrações do ano. Meg já não tinha apenas os olhos marejados de lágrimas, fundos soluços sacudiam o seu corpo anafado. Ao mesmo tempo as coisas não caminhavam bem para Pheasant, que ao ver Meg, ficou profundamente abalada. A égua como que consciente do seu nervosismo, por duas vezes recusou saltar, e quando o fez foi desastradamente. E o cavalo de Piers, caprichoso e excitável, pôs-se a cabriolar, como um potro espantadiço, embora já tivesse oito anos.

Scotchmere, com expressão carrancuda, aproximou-se de Renny.

- Que pensa disto, senhor?

Wright alarmado como se tivesse chegado o fim do mundo, correu pela tapada, para apertar a cilha da égua. Finch, encostado à paliçada desatou num riso nervoso.

- Já tinha dito - continuou Scotchmere - que a menina é muito nova. Não tem experiência e não é possível consegui-la em dois meses.

Embora Pheasant continuasse montada na égua, o seu espírito concentrava-se, apavorado, no pequeno grupo que falava dela. Não podia ver, não podia ouvir, mas, num caos de confusão e receio, tinha a impressão de tudo compreender.

Logo que Wright, depois de arranjar a égua, se afastou, Pheasant disse para Piers, em voz baixa:

- A tua irmã ... não quer ver-me aqui.

- Que tolice! Vá... esquece tudo isso. Eles vão ver... - Deu uma palmada na égua e, como o seu cavalo continuasse a cabriolar, chicoteou-o no flanco. Voltaram ambos para o ponto de partida.

Ninguém pôde perceber como, mas ao primeiro salto Pheasant foi arremessada ao chão. Levantou-se imediatamente, mesmo antes de Renny, que saltava a paliçada, se aproximar.

- Magoaste-te?

- Não... não. Não sei como foi... Por estupidez, acho eu. - Estava ofegante e segurava o braço.

Renny subiu-lhe a manga e pôs a descoberto um arranhão no cotovelo. Deu-lhe uma palmada no braço.

- Estou contente por não ter sido pior. Mas é melhor ires para casa e descansares o resto do dia. - Hesitou e depois acrescentou:- Vem primeiro ao meu escritório. Tenho uma pomada muito boa para isso.

A égua que Wright trazia pela rédea, fitou meigamente Pheasant, com os grandes olhos líquidos. Mantinha a bela cabeça imóvel, como que modelada em bronze. Apenas as narinas estremeciam com a respiração. Pheasant, afagando-a no pescoço, disse-lhe - Adeus! - e seguiu Renny até à cavaleriça. Piers, que tinha desmontado, acompanhou-a.

- Todos temos um mau dia de vez em quando.

Pheasant voltou a cabeça para o outro lado.

- É melhor levars Pheasant a casa - recomendou Renny. - Está um pouco abalada. Mas agora deixa-a comigo.

Na pequena sala, a que chamava escritório, havia uma secretária encerrada, uma cadeira giratória e um arquivo com os registos de todos os cavalos de Renny e do pai. Guarneciam as paredes fotografias de cavalos famosos.

- O que Piers te disse é exacto - disse Renny, depois de fechar a porta. Mas não continuou, ao perceber que, querendo confortá-la, ela perdia a serenidade. Dum armário tirou um pequeno boião de pomada, mas ao olhar de novo para o arranhão, franziu as sobrancelhas. - E preciso pôr primeiro um pouco de tintura de iodo. Vai doer.

- Não me importo.

- Boa rapariga. - Passou-lhe a tintura com um pouco de algodão. - Doi-te muito?

Mas aquele sofrimento distraía Pheasant de um mal mais profundo. Depois de ter ligado o braço, Renny olhou-a de frente.

- Ouve, Pheasant, continuo a ter boa opinião de ti como amazona; progrediste admiravelmente, tens mãos firmes para as rédeas... - Calou-se ao reparar como ela parecia espantosamente juvenil.

- Eu sei - respondeu Pheasant, com voz trémula. - Mas não sou capaz de montar no concurso.

- Enganei-me ao pensar que podia treinar-te em tão pouco tempo.

O ruído dos cascos da égua no cimento do corredor chegou até eles. Levavam-na para a manjedoura e, ou como protesto, ou de alegria, ia a relinchar. Foi demasiado para Pheasant.

- Vou-me embora - disse ela ofegante. - E correu para a porta. Mas Renny segurou-a pela aba da jaqueta.

- Não, assim não. Vá, tem coragem. Hás-de montar para mim noutra ocasião.

- Deixa-me ir embora.

Quase cerimoniosamente, Renny abriu-lhe a porta e ficou a vê-la seguir pelo corredor, até desaparecer. Scotchmere, com uma sela na mão, pôs-se também a olhá-la pensativo.

- É muito nervosa, mas isso há-de passar-lhe. Parece-me que não volta cá.

Com expressão taciturna, Renny voltou para o escritório, pensando como era difícil realizar qualquer coisa sem interferências alheias. Contudo não estava aborrecido com o caminho que as coisas tinham tomado, pois já nos últimos dias o preocupava a ideia de que Pheasant não parecia capaz de enfrentar um acontecimento tão importante.

Mal tinha fechado a porta quando Meg apareceu.

- Entra - convidou Renny, afávelmente, mas com expressão aborrecida.

- Scotchmere disse-me que tinhas resolvido que aquela rapariga não montasse no concurso. Estou muito reconhecida.

- Nada disso lhe disse.

- Oh, mas ele conhece-te muito bem. E... depois do que se passou...

- A tua aparição foi a causadora de tudo.

- Meu Deus! Sou algum papão?!

- Nunca mostraste a Pheasant um pouco de amizade.

- Ninguém de bom senso podia esperá-lo da minha parte. - Tinha os olhos cheios de lágrimas.

Renny atirou-se para a cadeira, soltando um exasperado Ah! e pegando numa lima, pôs-se a limar uma unha partida.

- Dói-me o coração ao ver-te fazer isso tão desastrosamente. Deixa ver. Meg pegou na lima e, segurando-lhe a mão, começou a limar a unha com todo o cuidado. - Umhas mãos tão bonitas e trata-las tão mal.

Aparentando não ter ouvido esta observação, Renny continuou:

- Se aquela égua ganhasse um prémio no concurso podia vendê-la por bom preço e- deixa-me dizer-te - preciso bem de dinheiro. Bem sabes que este ano

as reparações na casa e nas cavalariaças foram muito dispendiosas. E sabes também que um dos nossos melhores cavalos morreu.

Meg apoiou a mão do irmão sobre o peito anafado.

- Pois sei, sei... e não julgues que não te lamento, mas não posso suportar... Parou sem saber, pela primeira vez na sua vida, como continuar.

- Mas pões acima do meu bem-estar os teus preconceitos pessoais.

- Nunca! Mas, compreende, não podia ir... ela não deve montar... Wright disse que ela não era capaz... Porque não pedes a Dilly para montar? Está morta por isso.

- Dilly?! - exclamou Renny, surpreendido.

- Claro... ela deu-o a entender, não deu?

- Ela está sempre a dar a entender qualquer coisa. Não posso perceber porque a trouxe a tia Augusta para cá.

- É uma rapariga encantadora.

- Os nossos gostos são diferentes. Que experiência de equitação tem ela?

- Praticamente, foi criada sobre cavalos. Bem sabes a vida que se faz em Leicestershire. Deixa-a montar a égua. Podes dar-lhe uma oportunidade.

- De boa vontade. Onde está ela?

O sorriso de Meg foi de inefável doçura.

- Foi a casa experimentar o meu fato de montar. Já não me serve, mas a ela deve assentar muito bem.

XII

PHEASANT

Corria pelo caminho fora como nunca o tinha feito na sua vida. Os pés, ao pisar as folhas caídas, faziam um ruído que habitualmente a encantava, mas que nem ouvia agora. Oh! Chegar a casa, ir para o quarto, com a porta fechada à chave! Ansiava por esconder-se naquele refúgio. O pé prendeu-se numa raiz e Pheasant caiu. Estava tão desorientada que por instantes julgou que a égua a atirava de novo ao chão e, esmorecida por esta segunda queda, gemeu um protesto surdo. Depois, o espírito mais claro, deixou-se ficar imóvel, a olhar a imensidade azul do céu através das folhas avermelhadas dos carvalhos.

Ao ouvir passos no caminho, levantou-se rapidamente. Por breves momentos, lembrou-se de que seria Renny a procurá-la, a dizer-lhe que tudo estava bem. Mas viu Piers, que corria ao seu encontro.

- Pheasant, estás aí? - Hesitou ao ver a sua trágica expressão. Depois aproximou-se lentamente, com ar solícito - Foi um aborrecimento...

Pheasant ergueu a mão, como que a impor-lhe silêncio. Imóvel, Piers ficou a reflectir na estranha mudança que sentia em si próprio, uma confusão espiritual e uma sensação de vigor, o desejo de estar só e a ânsia de tomar Pheasant nos braços e confortá-la. Contudo a sensação do seu vigor era tal que o desejo de dominar foi o mais forte.

- Vou explicar-te...

Pheasant interrompeu-o:

- Não quero falar nisso.

- Não precisas de falar, basta que ouças. - Aproximou-se mais - Pheasant. . .

Deixou que Piers a abraçasse e pousou a cabeça no seu ombro. Depois afastou-o bruscamente e fugiu pelo caminho. Piers ficou a olhá-la, pensando quão fácil seria apanhá-la se quisesse.

Pheasant, como se fosse perseguida, o coração a bater descompassadamente, corria cada vez mais e só abrandou o passo à porta de casa. Entrou em bicos de pés no vestíbulo, frio e sombrio, e que apesar dos esforços da Sr^a. Clinch, cheirava sempre a poeira e a mofo. No espírito de Pheasant aquele cheiro associava-se invariavelmente à ideia do seu lar e ao frio bater metálico do relógio, colocado no fundo da escada e cujo som lhe parecia sempre irritado. Ficou surpreendida ao encontrar o pai na escada.

- Olá! Então como correu a lição?

Pheasant esforçou-se por responder com voz calma.

- Pouco bem. Parece que não sou capaz de montar no concurso.

Maurice deu uma pequena risada.

- Já o tinha dito.

- Nunca me viu treinar - replicou Pheasant, com veemência.

- Não, mas calculo. Cabriolar num velho poney é muito diferente do que montar um cavalo de concurso. Acho que Renny Whiteoak deu provas de pouco senso ao permitir que experimentasses.

- Pois bem, está tudo acabado agora - Falava com o tom da Sr^a. Clinch, como se estivesse satisfeita por ter acabado com tal ninharia.

Aquele encontro acalmou-a. No quarto, com a porta fechada, dirigiu-se para a janela e, enterrando as unhas nas palmas das mãos, encostou a testa à vidraça gelada. O arranhão do cotovelo estava a doer-lhe e ela abençoava aquele sofrimento físico. Como se toda a esperança se tivesse desvanecido para ela, ia repetindo, uma vez e outra: "acabou tudo agora".

As árvores muito próximas de casa, situada num baixo, formavam um fundo sombrio ao quadro que imaginava - ela própria vencedora do concurso; a égua, luzidia como se fosse fundida em bronze, a saltar todos os obstáculos; a banda, atroando os ares com a marcha triunfal. Quantas vezes tinha sonhado com esta cena! E agora para ali estava, vencida, e a égua, que tanto amava, nem dela se lembrava.

A sua respiração embaciou a vidraça e, com o dedo, Pheasant desenhou a cabeça da égua, escrevendo por baixo uma única palavra: "Adeus".

Sentiu-se mais animada, e como na sua excitação pouco tinha comido antes de ir para Jalna, a fome começou a apoquentá-la. Desceu para a cozinha, onde a Sr^a. Clinch estava a preparar uma torta. Descascava as maçãs tão tundo que depois davam a impressão de serem minúsculas e estarem despidas. Pheasant foi ao açucareiro e meteu na boca um pouco de açúcar louro.

- Então como se arranjou? - perguntou a governanta.

- Muito bem. - Abriu a lata dos biscoitos, que tinha estampado o Castelo de Balmoral, e tirou um, com passas - Posso comer?

A governanta acenou com a cabeça, mas foi dizendo, com severidade:

- Assim estraga o apetite.

- Oh, não. Mesmo nada.

No quintal o sol estava deliciosamente quente. Tinha nevado, mas ainda se viam algumas flores. E, coisa estranha, eram as mais trágicas - pequenas petúnias róseas e bons-dias azul-celeste. Estes últimos trepavam pela paliçada, erguendo as suas corolas azuladas, como numa oferenda ao céu. Dois de-

les, nascidos no mesmo pedúnculo, estavam tão juntos que se tocavam, o maior sombreando o outro que, assim, parecia de um azul mais sombrio, mais triste. Pheasant, enquanto mordiscava o biscoito, ficou a olhar uma abelha solitária que zumbia à volta das flores. E pensou: "Está com fome e, como eu, deseja viver."

XIII

O VEGETARIANO

Estava furioso, todo ele era cólera, embora mal soubesse contra quem. Sentia verdadeira surpresa, quase terror, ante a força dos seus sentimentos e a violência das suas emoções e perguntava a si próprio o que estaria a acontecer, tão súbitamente, nesses últimos dias. Contudo não desejava que fosse doutra maneira, pois, embora desconcertado por essa mudança, sentia, ao mesmo tempo, um voluptuoso prazer com a sua própria extravagância. Tudo o que via se lhe apresentava mais fortemente colorido e considerava-se cada vez mais um intruso no mundo estranho e maravilhoso que o rodeava.

Nesse momento, cheio de cólera e como se quisesse prová-lo a si próprio, na falta de qualquer outra pessoa, maltratava todos os objectos que encontrava pelo quarto. Contudo era sábado. Já tinha feito todos os deveres de casa - todos, excepto aqueles excomungados verbos franceses com que ainda teria de se haver no dia seguinte. Qualquer coisa tinha corrido torto logo a seguir ao primeiro almoço. Já se lembrava - Meg mandara-o colher algumas hortaliças, para a festa das colheitas, na igreja, e ele perguntara porque não podia ir outro qualquer; Meg chamou-lhe preguiçoso, ao que replicara ter poucas ocasiões para isso, pois toda a gente da casa estava constantemente a mandá-lo fazer recados. Meg, então dissera: "Basta de tolices". Logo neste momento aparecera Eden que o mandara ir de bicicleta, ao sapateiro, levar-lhe os sapatos para meias solas. Com um sorriso, pôs-lhe os sapatos na mão e Finch, mesmo contra vontade, sorriera também. Fora levar os sapatos ao sapateiro, fora colher as hortaliças e, ao olhar a enorme abóbora na sua dourada maturação, as couves-flor com as suas folhas frisadas, os compridos calondros, a sua cólera desvanecera-se e sentira-se loucamente, violentamente feliz. Enquanto colhia os legumes ia cantando, satisfeito porque o ruído do vento lhe abafava a voz.

Mas tudo novamente voltava. Já há dias que isso acontecia - era arrebatado por um turbilhão de sentimentos, depois tudo passava para voltar de novo, como vaga que se renova, com menos força talvez, mas ainda assaz poderosa para o abalar.

Deitou os livros ao chão. Foi de encontro a uma cadeira e o braço, ao tocar na escova que estava em cima da cómoda, fê-la cair também. Com um pontapé, arremessou-a para debaixo da cama, onde resolveu deixá-la ficar até precisar dela. Mas momentos depois punha-se de gatas, a procurá-la. Envergonhado, escovou as calças, como se quisesse convencer um espectador

imaginário de serem intencionais e ponderados todos os seus gestos.

Desceu os dois lanços de escadas, a bambolear-se, de mãos nos bolsos. O Verão, já a findar, animava com o seu calor aqueles últimos dias. Tudo o que se avistava pela porta toda aberta da casa parecia mais sereno e, contudo, mais profundo que nos dias anteriores. Nesse curto espaço de tempo, a folhagem, ainda bastante densa, tomara uma rica coloração de mogno, ou o tom levemente dourado dos primeiros dentes-de-leão, ou ainda o vermelho ardente. Mas para Finch o colorido mais belo era um suave dourado, quase róseo, como o das folhas dos bordos, cujas pontas pareciam ter mergulhado numa tinta mais carregada, apresentando assim um esplêndido matiz, ainda superior à sua frescura primaveril.

Deslumbrado, Finch deixou-se ficar imóvel, a brisa suave a acariciar-lhe docemente o rosto, aspirando os acres aromas do Outono que subiam da ravina. Sentia o vago desejo de esquecer-se de si próprio, de deixar-se absorver pela natureza, tornar-se seu elemento para sempre. Já nem sentia cólera alguma, e quando Eden lhe perguntou da janela - "Levaste os meus sapatos?" - respondeu dócilmente: "Sim. Estarão prontos na terça-feira". - "Bom", retorquira Eden. "Obrigado".

Vagarosamente, Finch rodeou a casa até ao lugar onde deixara os legumes, num carrinho de mão. Estava todo orgulhoso - eram tão limpos, frescos e viçosos. Entre eles tinha disposto lustrosos pimentões e ramos de salsa que o frio do Outono tinha tornado mais forte e frisada, de um verde mais escuro. No último momento não pôde resistir a juntar-lhes algumas cebolas descascadas que lhe pareceram extremamente bonitas.

Da cavalaria saiu Wright numa carroça puxada por um velho cavalo que, apesar dos seus trinta anos, era ainda belo, com o robusto pescoço arqueado e a crina alourada. De trás de um canteiro surgiu Meg, os braços carregados de crisântemos e de flores de salva, tão intensamente vermelhas que pareciam gotejar sangue.

Wright, saltando da carroça, perguntou:

- É tudo isto, menina?

- É. Trouxe as pêras?

- Colhi as melhores. - Mostrou-lhe um cesto de pêras serôdias - E juntei algumas maçãs reinetas. Julguei que fossem precisas.

- São muito lindas - comentou Meg, examinando tudo com olhar conhecedor; depois reparou nas cebolas. - Cebolas não, Finch.

Wakefield, que viera a correr de casa, inclinou-se sobre elas.

- Cheiram tão mal! Puf, que cheirete!

Finch agarrou-o pelo pescoço e esfregou-lhe o nariz nas cebolas.

- Anda, cheira-as bem.

- Vá, meninos. Wake, não quero tornar a ouvir essa palavra tão feia - interveio Meg.

Com ar presumido, Wakefield apertou o nariz com as pontas dos dedos e disse, em francês, muito afectado.

- Quelle odeur!

Meg, a sorrir parecia dizer com os olhos: "Como é esperto!" O rapazinho, muito mimalho, pegou-lhe na mão.

- Meggie, posso ir contigo enfeitar a igreja?

- Claro que podes. Lá vem Piers com o carro.

Piers conduzia o automóvel, ainda todo salpicado de lama da última viagem. Deixou-se ficar ao volante, a sorrir, enquanto Wright arrumava os legumes e a fruta. E Finch perguntava a si próprio porque teria o irmão sempre

aquele ar de satisfação. No assento ao lado dele estava um ramo de boninas e um cesto de uvas pretas, cobertas de poalha, como se tivessem respirado sobre elas, e de bagos tão juntos que seria impossível caber mais algum entre eles. Piers continuava a sorrir como se tivesse sido ele próprio o seu criador.

- Pareceram-me tão bonitas que as trouxe.

Meg inclinou-se sobre a porta do carro.

- Oh, que bonitas! Onde as arranjaste, Piers?

- As boninas colhi-as junto do bosque e as uvas comprei-as em Mistwell.

- Logo pago-tas.

- Não, não. É a minha contribuição para a festa.

- Eu colhi as flores de salva com os pés muito compridos. E Finch trouxe cebolas! Que dizes à ideia de pôr cebolas na igreja, Piers? - interveio Wakefield.

- Santo Deus!

- O Santo Deus também as fez, não fez? - retorquiu Finch na sua voz esgançada.

Trémulo de cólera, Finch ficou imóvel, a olhar o carro que partira, depois de Meg e Wakefield, se terem instalado, com as flores. Seguiu-o a carroça, conduzida por Wright, os seus cabelos louros e a dourada crina do cavalo a brilhar à luz rubra do Sol.

Cheio de amargura, Finch pensava que ninguém se lembrara de pedir a sua ajuda para ornamentar a igreja, ninguém se preocupara em agradecer-lhe o trabalho que tivera a arranjar tudo convenientemente. E, contudo, tinha examinado umas vinte abóboras, pelo menos, antes de escolher as melhores. E agora para ali ficavam as cebolas na erva, os seus delicados pés todos partidos!

Bruscamente, pôs-se a rir de si próprio. A lamentar, sentimentalmente, um punhado de cebolas - que tolo era! Não admirava que os irmãos troçassem dele. De mãos nos bolsos, pôs-se a saltitar, ora num pé, ora noutro. Sentia-se pleno de vida, quase troçando também das próprias excentricidades.

De trás de uma sebe surgiu a cadela Floss e, vendo-o tão alegre, apoiou-lhe as patas dianteiras no peito e arreganhou os beiços. Finch, a brincar, afastou-a e ela voltou novamente a apoiar-se com todo o seu peso. Por fim caíram os dois e, enlaçando-a, Finch rebolou-se pela erva, rindo às gargalhadas. Depois, como que galvanizado, levantou-se de um salto e pôs-se a correr para as cavaliças, gritando para que a cadela o seguisse. Com as compridas orelhas a abanar, ela correu durante alguns momentos, mas depois, vendo Renny ao longe, dirigiu-se bruscamente ao seu encontro.

Esta deserção como que acalmou Finch e, inexplicavelmente, ofendeu-o, pois afinal Renny era o dono que ela adorava. Contudo, porque corria imediatamente para ele logo que o avistava? "É verdade", pensou Finch, "que ninguém atraio, nem mesmo Floss. E fui tão bom para ela." Evocava as diversas ocasiões em que lhe tirara os cardos das compridas orelhas e da cauda felpuda, em que a abrigara da chuva e lhe enxugara a barriga com uma toalha.

Hesitava em deixar o calor do sol para ir às cavaliças, embora desejasse ver o novo potro. Afinal dirigiu-se para o pequeno cerrado para brincar com os seis cabritos que lá viviam. Mas antes fumaria um cigarro que tinha surriplado de uma caixa na secretária de Eden. Olhou-o com ar indeciso, porque se tinha fendido enquanto estivera no bolso. Num canto desviado, entre o silo e o celeiro, acendeu o cigarro, tapando cuidadosamente a fenda com o indicador e o polegar. Ao fumar, o doce perfume do tabaco - Eden nunca fumava cigarros baratos - misturava-se com o agradável aroma do mato que um cria-

do da lavoura estava a queimar.

Uma pequena galinha preta, com um pintainho tardeiro, esgravatava restos de palha e ervas daninhas. Ao mais insignificante achado cacarejava excitada e o pintainho corria a examiná-lo e, possivelmente, a comê-lo, embora já tivesse o papo cheio. Quando o cigarro acabou, Finch atirou-o fora e a galinha correu a oferece-lo ao pintainho que por diversas vezes o debicou, fitando a mãe com olhos interrogadores. "Então", disse Finch, "não percebes? Vou dar-te qualquer coisa que te agrade mais."

Dirigiu-se ao celeiro, para ir buscar um punhado de milho. Durante alguns momentos ficou parado à porta, na penumbra fria e perfumada. Chegava até ele o mugido satisfeito de uma vaca e o ruído de água a correr de uma torneira; depois, do pátio, o balido de um cabrito. Estariam a mudá-los de lugar? Desceu a escada a correr e viu um criado junto à torneira a encher um balde.

- Estão a mudar os cabritos?

Um homem, um escocês, respondeu a rir:

- Estão a mudar um deles... a matá-lo.

Finch desatou a correr ao longo do caminho cimentado e espreitou pela porta entreaberta. O cabrito estava deitado de lado, seguro por um homem, enquanto que outro, com uma faca...

- Pare! - gritou Finch. - Não pode fazer isso!

O homem voltou a cabeça.

- Porquê?

- Porque não pode ser... numa manhã como esta!

- Tenho ordens. Logo vai ter um bom assado ao jantar.

O cabrito levantou a cabeça e olhou para Finch.

- Já lhe disse que não o mate. - E, saltando por cima da meia porta, pôs-se a correr pelo pátio empedrado. Mas antes de chegar junto do cabrito, já este estava a gritar de dor, com a lã branca do peito toda manchada de sangue que corria da garganta e a remexer as patas desproporcionadas, como se ainda quisesse fugir. Depois ficou imóvel.

- Então - disse o escocês - não se aborreça. O animalzinho nada sofreu.

Finch voltou-lhe as costas e fugiu, como se quisesse escapar de uma chacinha. Correu pelos campos de restolho até ao pinheiral, onde se escondeu. Como todas as coisas de Jalna, aquele pinheiral não era muito extenso, mas os pinheiros pela sua muita idade e troncos maciços, tinham um aspecto grandioso. Pareciam criar silêncio. Mesmo os pássaros migradores, quando descansavam ali, cessavam o seu chilrear, e o tapete de agulhas de pinheiro amortecia o ruído dos cascos dos cavalos. A beira do caminho, alguns cogumelos delicados como pérolas, erguiam-se para a luz. Finch, enquanto corria, sentia aquele silêncio perturbado por fundos soluços, e contudo não se apercebia de ser ele quem chorava.

No recanto mais sombrio atirou-se para o chão, o rosto escondido nos braços. Via a seu lado, o cabrito a fitá-lo, num apelo mudo - "Vais salvar-me eu sei" - Depois aquele balido de morte, que o abalara até à medula... O cabrito confiara nele; confiara no homem que o abatera; tinha vivido, confiante, os poucos meses da sua vida, pulando e cabriolando de alegria. E eles tinham-no morto para comer! Para o devorar! E Finch tornava a ver a garganta golpeada e o sangue a correr pela lã branca como neve. Agoniado, soergueu-se e vomitou. Depois mais aliviado e mais calmo, deitou-se de costas.

Com um braçado de agulhas de pinheiro, cobriu o lugar onde vomitara. Arrepiado de frio, dirigiu-se para a entrada do pinheiral, a aquecer-se ao sol.

Descobriu um pequeno cogumelo e colheu-o, deixando-se ficar a aspirar o seu perfume terroso e a sentir, nas palmas das mãos, a sua fresca humidade.

Pôs-se a imaginar o cabrito, a repousar, com as patas pendentes, sobre o peito do Bom Pastor. "Oh, cordeiro de Deus, que carregas os pecados do mundo, dai-nos a paz" E repetia. "Dai-nos a paz" Aquelas palavras, como se uma corrente de mágoas se soltasse, encheram-se-lhe os olhos de lágrimas que o cegavam. Não viu nem ouviu Eden aproximar-se, sō reparando nele quando o irmão se deixou cair por terra, ao seu lado.

- Olá que te aconteceu?

- Nada.

- Queres que te deixe só?

- Não me importo. - Mas escondeu a cara com um braço.

Eden acendeu um cigarro e cruzou as mãos sobre os joelhos.

- Vejo o teu futuro, pleno de trabalhos. Tomas as coisas demasiadamente a sério.

Finch tentou falar, mas apenas soltou sons incoerentes. Eden continuou:

- Devias ser como eu. Nunca me preocupo, nem com o que se passa em casa, nem fora dela.

O silêncio era apenas perturbado pela brisa que sussurrava através dos pinheiros. Sem descobrir o rosto, Finch perguntou:

- Já viste, alguma vez, matar um cabrito?

- Ah, Então é isso. Porque foste ver?

- Cheguei mesmo naquela altura.

- Mas sabes que eles têm de morrer, não sabes? Já comeste cabrito assado, com molho de hortelã, não comeste?

- Nunca mais como carne! Para quê? Há pessoas que passam bem sem isso. Oh, Eden! Se visses o olhar daquele cabrito... - E o seu rosto contraiu-se-lhe de desgosto.

- Claro que é assim. Nações inteiras renunciaram à carne e sobrevivem. - E Eden começou a recitar:

A vida que todas as criaturas amam e se esforçam por conservar,

Maravilhosa, querida e agradável para cada um,

Mesmo para os mais humildes, é na verdade uma dávida.

E se há piedade, pois a piedade embeleza o mundo,

Doce para os fracos e nobre para os fortes,

Aos lábios mudos do seu rebanho ela dá

Tristes palavras suplicantes... trá-la-lá-lá...

- Não me lembro do resto - Eden, aborrecido, franziu as sobrancelhas.

- Quem escreveu isso?

- Também não me lembro. Mas como poesia, não vale grande coisa, não achas?

- Não sei - Mas Finch ficou todo lisonjeado por Eden lhe ter pedido a sua opinião.

- Orfeu ensinou os homens a abster-se de matar: contudo ele próprio foi despedaçado. Mas tu sabes tudo isto.

"Que seria a sua vida," perguntava Finch, "se Eden fosse para ele como um amigo?" Mas sabia que o irmão depressa se cansaria dele. Mesmo agora já se calara, de olhos fitos ao longe, com estranha e abstracta expressão. Finch pôs-se a observar-lhe o perfil, tão parecido com o da mãe, como sempre ouvira dizer, sobretudo à avó na sua voz dura e sardónica: - "Tal qual a pobre mãe, esse catavento." - E pensava: "Que estranha sensação ser assim tão belo." Nunca desejaria sê-lo, sentir-se-ia muito embaraçado, mas gos-

tava de ter melhor figura.

Eden tirou de um bolso um livro de notas, doutro uma ponta de lápis e olhou Finch com ar inquiridor.

- Queres ficar aqui?

- Mas...mas, não sei... - gaguejou Finch.

- Acudiram-me ao espírito os primeiros versos de um poema e queria ficar-sózinho, para o escrever. Se sair daqui provavelmente esqueço-os e a ti um passeio só te fazia bem. Há tanto espaço.

- Está bem, vou-me embora. - Pôs-se de pé, olhou vagamente à sua volta e depois todo corado, voltou-se para o irmão - Não dizes nada não?

- De quê?

- Do que te disse... a respeito do cabrito.

- Nem uma palavra. Sei guardar um segredo. Mas, realmente, vais rejeitá-lo quando for para a mesa?

- Vais ver.

- Conhecendo o teu apetite, só acredito quando vir. Antes não.

- Vais ver. Não volto a comer carne - Falava surdamente, a garganta contrada, os olhos cheios de lágrimas. Pôs-se a correr e, tropeçando num ramo, ia caindo.

- Não fujas. Não te corri daqui para fora.

Finch voltou-se.

- Eden, não digas que... Não pôde continuar e Eden acabou a frase:

- Que estiveste a chorar? Não. Es tolo. Vai-te embora. Já me fizeste esquecer o primeiro verso.

Finch almoçava na escola, para onde ia de comboio todos os dias. Durante a semana seguinte recusou sempre a carne e, se ao jantar a deixava no prato, ninguém reparou. Mas quando sábado chegou, foi muito diferente. Como ainda o tempo estava quente, as portas e janelas estavam completamente abertas. Quando a família se reuniu, para o jantar da uma hora, o ar estava impregnado de um delicioso cheiro a cabrito assado com molho de hortelã. A avó, amparada de cada lado pelos filhos, aspirou o rico odor e esforçou-se, garbosamente, por andar mais depressa.

- Ernest, não andes tão devagar. Ainda não sou centurião.

- Centenária, mamã.

- Ah! Então, que é centurião?

- Era o oficial que comandava cem homens na milícia romana.

- Precisamente cem homens... nunca comandi - replicou ela, com um sorriso gaiato.

Nicholas, olhando-a com admiração, deu-lhe uma leve palmada nas costas, outrora direitas e flexíveis, agora rígidas e abauladas.

- Certamente que os comandou, mamã, na sua juventude - e em três países.

O resto da família, excepto Finch, esperava-os de pé, à volta da mesa. Dilly Warkworth, como de costume, tentava cativar Renny - nesses dias era-lhe bem fácil, por estar a treinar *Silken Lady*. Renny sentia-se sempre atraído por qualquer mulher que montasse bem. Dilly pareceu-lhe um pouco maluca, mas agora admirava-a, embora de uma maneira absolutamente impessoal.

Ernest e Nicholas conduziram a mãe para o lugar que ocupava, entre ambos, de modo a poderem satisfazer os seus desejos e tentar moderar o seu apetite, demasiado para a sua idade. Ao sentar-se na cadeira, soltou um ah! de satisfação; endireitou a touca, toda cheia de laços e fixou os olhos, ainda surpreendentemente brilhantes e límpidos, na travessa que Rags estava a

colocar diante de Renny, numa atitude de especial solicitude e deferência, como se o vigoroso e saudável senhor Jalna fosse um inválido, particularmente aristocrático. Aqueles gestos causavam sempre a Nicholas e Ernest bastante irritação que levava algum tempo a acalmar.

- Cabrito assado! - exclamou a avó - Nada há de que eu tanto goste. Com muito molho de hortelã, se fazes favor.

Renny experimentou o gume da faca com o polegar e começou a trincar a carne. Finch chegou nesse momento e dirigiu-se para o lugar, com um olhar de desculpa para a irmã.

- Quero que estejas a horas às refeições - observou Meg - Sabes perfeitamente o tempo que levaste a arranjar-te. De que te serve o relógio que recebeste no dia dos teus anos senão para seres pontual?

Piers deu uma cotovelada no irmão e murmurou:

- Que horas são no teu presente de anos, rapazinho?

Finch nem o ouviu, distraído a olhar o cabrito, tostado e suculento. Quando lhe tocou a vez de ser servido, disse em voz alta:

- Não quero.

Renny lançou-lhe um olhar penetrante, quase consternado.

- Que te aconteceu?

- Apetecem-me só legumes.

- Legumes? Mas é cabrito assado, um dos nossos!

Incapaz de se dominar, Finch atalhou, em voz rouca:

- Por isso mesmo! Eu estava lá. Vi-o matar!

- Deixa-te de tolices disse Renny com serenidade. Cortou uma fatia de assado e pôs-lhe no prato.

- Não como isso, já te disse! - gritou Finch

- Vá, vá. Sê bom rapazinho - aconselhou Piers, a acalmá-lo.

A avó, que levava à boca a primeira garfada, interveio:

- Se o pequeno quer mais, dá-lhe mais. Está a crescer muito... precisa de se alimentar.

- Não como isso já te disse - repetia Finch, a olhar o prato com repugnância.

Nicholas, que já começava a ouvir mal, quis saber do que se tratava.

Eden explicou:

- Finch, viu matar o cabrito e resolveu tornar-se vegetariano. Quem pode censurá-lo?

- Se o pequeno quer mais, dêem-lhe - repetia a avó.

- Não é nada disso - explicou Renny, mal humorado: - Não quer comer o que lhe dei, porque ...

- Não devem dizer-se coisas desagradáveis à mãe quando está a comer - interrompeu-o Ernest.

- Não quero que me escondam coisa alguma - disse Adeline, com veemência:

Piers pôs-se a declamar:

- "Ele nunca amou uma gazela, antes de ela morrer."

Wakefield imitava os cabritos:

- Mé - é - é ...

Finch, corado e de lábios trémulos, continuava de olhos fitos no prato.

- Acaba com esses disparates sentimentais - disse Renny. - Porta-te conforme deve ser e come o que te dão.

- Já te disse que não quero ... não quero.

- Mé - é - é ... repetiu Wakefield.

Com fúria súbita Finch torceu-lhe o braço. Wakefield pôs-se a gritar desalmadamente. A velha Adeline, batendo com o garfo na mesa, ordenou

- Leva-os e dá-lhes uma sova. Renny. A lutar à mesa! Não consinto isso!
- Que engraçado! - exclamou Dilly, que até aí se conservara calada.

E Lady Buckley, com a sua voz grave de contralto:

- Estou envergonhada de ti, Finch.

Renny levantou-se, pegou no irmão por um braço e levou-o para o vestíbulo.

- Obrigas-me a dar-te uma tarefa como nunca apanhaste.

Com o rosto contraído, Finch começou:

- Mas não compreendes... - Não Pôde continuar. Como podia ele explicar ao irmão o que o afligia? A ferida escancarada, os olhos suplicantes, o sangue na lâ návea? E se pudesse...

- Agora vais para o teu quarto e ficas lá até que isso te passe. Depois vai à cozinha comer qualquer coisa. Se não quiseses cabrito...

- Nunca mais como carne.

- Está bem. Sê vegetariano, se queres. mas, por amor de Deus, não tornes a fazer figuras de parvo.

E Finch continuou vegetariano. O que mais o admirava era ninguém fazer caso da sua abstinência, pois os mais velhos, de comum acordo, tinham resolvido ignorá-la. Protegido por Piers, Wakefield ainda lhe gritou o seu Mé - é - é. mas o olhar que Finch lhe deitou fê-lo desistir de vez. Aquela indiferença era para ele um alívio quase físico, pois receava continuar a ser alvo das troças e zombarias dos outros. Daí em diante podia encarar um tuturo sem mácula, sem a vergonha de devorar outras criaturas. Se pudessem sabê-lo! E imaginava os animais descobrindo, como por milagre, que não tinha compartilhado da crueldade com que eram tratados. Com certeza o chorariam quando morresse. Parecia-lhe injusto que as vacas, carneiros e porcos da quinta confiassem mais em Piers do que nele - Piers, um apreciador de carne tão entusiasta!

Infelizmente Finch continuava com o mesmo apetite. Estava a crescer rapidamente - ossos e músculos a endurecer - e chegava às horas das refeições com uma fome devoradora. O cheiro das salsichas e do presunto do pequeno almoço era uma verdadeira tortura. Por muita compota e torradas que comesse não conseguia encher o vazio que sentia e, passada uma escassa hora, já estava de novo esfomeado. E quando havia costeletas de porco, vitela guisada, ou carne assada! Renny, muito solícito, perguntava-lhe se queria Yorkshire pudding com um pouco de molho. Um pouco de pudding sim, molho não. Quase odiava a indiferença dos que estavam à mesa - facilitavam-lhe demasiado o seu propósito. E não era natural. Não se importavam! Era isso - não se importavam mesmo nada!

Experimentou encher-se de chocolates e nozes; comia grande porção de maçãs e bananas, mas o seu estômago reclamava carne. Meg mandou preparar peixe especialmente para ele, mas nunca gostara de peixe. Nessa mesma noite foi atormentado pelo cheiro de presunto assado, mas comeu apenas o macarrão com queijo ralado que o acompanhava. Wakefield ficava pasmado a vê-lo comer, como se fosse um animal do Jardim Zoológico. Além dele mais ninguém reparava na sua abstinência.

Uma noite em que todos tinham saído, excepto a avó e Wakefield, que estavam já deitados e ele, que ficara a estudar na biblioteca, não resistiu à tentação. Ao jantar fora servido porco assado, frio, muito tenro e de pele bem tostada. Atirou com o livro e desceu, pé ante pé, até a cave. Alguns utensílios de cobre, trazidos de Inglaterra pelos avós, mas que já não serviam, estavam dependurados nas paredes da cozinha e reflectiam a luz

intensamente como se tivessem voltado a ter préstimo. Ao passar. Finch viu a sua imagem reproduzir-se em todos eles.

Abriu a porta da despensa, em cujas prateleiras havia tijelas com restos de comida e, numa travessa, salsichas cruas e meio empadão de carne; do tecto pendia um bocado de presunto. Mas, num prato coberto, Finch encontrou o que desejava - o resto do porco assado, com parte do recheio que o acompanhara. Apanhou-o mesmo com os dedos e meteu-o na boca. Oh, que delicioso sabor! Arrancou um pouco da febra tostada e comeu-a ávidamente. Há quanto tempo não provava carne? Já nem se lembrava, parecia-lhe quase uma eternidade. Procurou uma taca afiada e cortou uma fatia de carne, tão branca e saborosa. Tinha a impressão de descobrir, só nesse momento, o que era porco assado. Comeu uma fatia; depois atacou o empadão de carne. A sua fome surpreendia-o, mas por fim conseguiu acalmá-la.

Apagou a luz e subiu a escada cautelosamente. Ao passar pelo quarto da avó, ouviu-a ressonar. Naquela noite já não podia continuar a estudar. Satisfeito e repleto, estendeu-se na poltrona de Nicholas. Não pensava, apenas sentia uma profunda satisfação animal - como o tigre, depois de ter devorado a sua presa.

Mas no dia seguinte teve um problema a resolver - como explicar aquela reviravolta tão completa? Esta pergunta atormentou-o durante todo o tempo que passou na escola. Poderia persuadir Meg a dizer que o médico o obrigava a comer carne, senão morreria? Mas todos sabiam que não estava doente. Nada mais havia a fazer senão enfrentar a surriada, pois sem carne é que não podia passar.

Ao jantar foi servido um prato substancial de carne guisada e almôndegas, porque Renny e Piers tinham ido a uma feira bastante longe. Os seus rostos estavam corados pelo forte noroeste que tinham suportado. E diante deles, a avó, que não tinha feito exercício algum, esperava impaciente a sua parte.

- Querida avó - dizia Meg - Não acha melhor comer um ovo escalfado?
- Também me parece preferível - aprovou Ernest.
- Quero uma almôndega - replicou a mãe, com expressão de desafio.
- Mas são de digestão difícil.
- Fala por ti. Eu digiro-as muito bem.
- Uma mais pequena - recomendou Ernest a Renny, em voz baixa.
- Que disse ele? Uma mais pequena? Nada disso: Uma grande! Eu disse uma grande, Renny. Não queres matar a fome à tua pobre avozinna, pois não? - E pronunciou as últimas palavras com o rico sotaque irlandês da sua mocidade.
- Dá-lhe a almôndega, Renny e depois que sofra as consequências - aquiesceu Nicholas.

- Que engraçado! exclamou Dilly.

Finch, carrancudo, olhou para as batatas fritas e ovos estrelados, com tomates cozidos, bastante águados, que Wragge pôs à sua frente.

- Que é querido? - perguntou Meg. - Não tens apetite? Queres só um pouco de manjar branco?

- Tenho fome sim. Mas não quero manjar branco.

Com ar solícito e tentador, Renny inclinou-se para ele.

- Quererás um pouco de guisado?

Todos os olhares se fixaram em Finch que, sem fazer caso, respondeu, em voz firme:

- Sim, quero guisado. E bastante.

Surpreendidos, puseram-se todos a olhar o prato que Renny ia enchendo de guisado suculento e almôndegas roliças, rico molho em que nadavam peque-

nos cogumelos. Sem poder conter o riso, Wragge substituiu os ovos estrelados pelo guisado.

- Se ele foi malcriado - disse a avó - não se lhe dá de jantar. Dá-lhe uma coça, Renny. Era assim que meu pai os ensinava.

- Portou-se bem - respondeu Renny, rindo satisfeito - Vamos a isso, Finch.

No meio de grandes gargalhadas, Finch atacou o guisado fumegante. A sua volta, todos gritavam - Ah! Ah! Oh! Oh! E Wakefield - Mé - é - é. Parecia que, há muito tempo, nada se tinha passado com tanta graça, mas Finch, indiferente à troça e aos risos, continuava a saborear calmamente o seu guisado. Felizmente, nesse momento, a avó pôs-se a procurar a almôndega.

- Onde está? - perguntava, a olhar para todos os lados.

Todos os olhares se voltaram para ela. Não podia estar perdida, mas de facto não se encontrava no prato. Por fim Wragge descobriu-lha no regaço e, depois de a tirar com o guardanapo, serviu-lhe outra. Este pequeno incidente desviou de Finch a atenção da família.

- Uma almôndega no meu regaço - ria a velha Adeline, divertida - Que coisa engraçada!

Começaram depois a falar na feira de Outono e o jantar terminou alegremente.

A noite estava tão calma que tinham deixado aberta a porta de entrada. Os cães, ao verem um coelho atravessar um relvado, correram a dar-lhe caça. Wakefield correu atrás deles e todos o seguiram.

- Dêem-me o braço rapazes - pediu Adeline aos filhos. - Quero ver a lua.

Na verdade, a lua brilhava em todo o seu esplendor. O sol declinava no Ocidente luminoso, como resplandecente balão vermelho, mas parecia erguer-se de novo no céu azul escuro do Oriente, onde fulgia a lua rubra do Outono. A trepadeira que cobria a frontaria da casa, depois duma noite de geadas, como que se transformara em rica tapeçaria escarlate de bronze e ouro. Quando nova, Adeline Whiteoak tinha-a plantado; nos primeiros anos, guiara as suas tenras gavinhas; regara-a durante as secas. Agora, já curvada, quase centenária, comtemplava-a a embelezar a casa, segurar-se às paredes, introduzir-se em todas as fendas, vestir o pórtico com os seus ramos, antes de perder todas as folhas e repousar, para reverdecer de novo.

Muitas folhas de bétulas e dos bordos haviam caído já e tinham-nas amontoadas num canteiro. Wakefield lançou-se no meio delas e pôs-se a espalhá-las arremessando um punhado à cara de Finch. Depois Finch imitou-o, seguido de Piers e depois de Eden e de Renny, todos envolvidos num turbilhão de folhas. Eden caiu e os irmãos cobriram-no com elas, enquanto ele se deixava ficar calmamente.

- Aqui jaz um poeta! - cantarolou Piers.

Eden levantou-se, espalhando as folhas à sua volta.

- Ah! - exclamou a velha Adeline - Como gosto de ver os pequenos brincar. Como gosto de ver a lua. Mas tenho de ir deitar-me... Uma almôndega no meu regaço! Quem se lembraria de tal! Ah! Ah!

A Q U E D A , D A S F O L H A S

As árvores estão quáse todas desguarnecidas de folhas. Contudo, a forte folhagem acastanhada dos carvalhos desprendia-se lentamente, deslizando pelo ar, como se caísse de livre vontade e não vencida. Nesse Outono a queda das folhas parecia não ter fim; a sua quantidade nas árvores não estava em relação com o número das que caíam. Juntavam-nas em montes e queimavam-nas, ardendo num fogo brilhante que depois esmorecia lentamente e donde se elevava, para o céu azul, um agradável e doce aroma. Embora se queimassem, ou apodrecessem nas covas e na ravina, o vento infatigável ainda dispersava muitas, não ao de leve, mas em rajadas fortes e gélidas que já anunciavam os frios temporais. Espalhava-as por estradas e caminhos, em todas as direcções; amontoava-as num canto para logo as arrancar dali, não as deixando descansar em parte alguma, como refugiados sem pátria.

O concurso hípico era para Jalna um dos mais importantes acontecimentos do ano e nesse ano especialmente, devido á agradável excitação que animava toda a casa. Mesmo Renny, que ignorava tudo a respeito da especulação do lago Indigo, sentia-se satisfeito ao perceber em todos aquela alegria. A própria Meg também a notara.

- É por estar cá a tia Augusta.
- Parece-me que é outra coisa.
- Então, é Dilly.
- Que disparate! Não são desse género de velhos. E a tia Augusta também anda bem disposta.
- Deve ser por causa de Dilly.
- Não. A tia Augusta ainda ontem disse que estava arrependida de a ter trazido
- Porquê?
- Mas está sempre a rir-se.
- Sempre a rir-se?
- Sim. Não é o género de rapariga que a tiá julgava.
- Queres dizer que não é mulher que me convenha?
- Sim, talvez.
- Nunca me casarei - Renny enlaçou com o braço o corpo rechonchudo da irmã - E tu também não, aposto. Os nossos irmãos mais novos já nos dão bastantes preocupações.
- Isso é verdade. - Meg suspirou.

Nessa altura o mais novo de todos aproximava-se a correr. Tinha estado na casa das maçãs, como chamavam ao pequeno compartimento meio subterrâneo, onde armazenavam as maçãs até á alta de preços e de cuja porta aberta se evolava o seu aroma intenso e agradável. Numa das mãos Wakefield trazia uma grande Northern Spy e, na outra, uma maçã reineta e uma pequena Tolmam Sweet.

- Olha! - exclamou - Não são bonitas?
- Não deves estar muito tempo na casa das maçãs - recomendou a irmã. -

- Podes apanhar frio.

- Olha - repetiu Wakefield - Prova uma.

Os irmãos mais velhos olharam, não para a maçã, mas para ele, com solicitude paternal. O rapazinho era um filho póstumo e a mãe tinha morrido pouco depois do seu nascimento. Contudo era mais forte do que parecia. Renny pegou nas maçãs e cheirou-as, uma a seguir à outra.

- Como são diferentes e como são boas! Estou contente por ainda não terem feito experiências no nosso pomar; mas dentro de vinte anos, Maggie; quando os malditos peritos do Instituto Agrícola o tiverem feito, ninguém comprará maçãs com este aroma. Todas as variedades terao uma bela aparencia, mas também o mesmo cheiro e o mesmo sabor.

- Hum... concordou distraidamente a irmã, ainda preocupada com Wakefield. Este correra para junto de Piers, que se preparava para ir à estação levar uma carroça carregada de caixas de maçãs e puxada por um cavalo russo e castrado que muito apreciava.

- Ouçam! Não têm qualquer incumbência para a aldeia? - perguntou.

- Posso ir? - gritou Wakefield, já a subir para a carroça.

- Acho que não deves ir - respondeu Meg.

- Não lhe dê tanto mimo:dirigiu-se-lhe Renny. - Quanto mais andar cá por fora, melhor para ele.

- Gostava que pudesse ir para a escola.

- Porquê? Julgava que preferias ensiná-lo tu.

- Está a ficar impertinente. Precisa de um homem.

- Eu não tenho tempo. Os tios não quererão tomar conta dele?

- Isso não seria melhor solução.

O agradável ruído dos cascos do cavalo ia morrendo ao longe. Uma nova revoada de folhas desprendeuse do ulmeiro, próximo da casa das maçãs, e redemoinhou sobre o telhado, coberto de musgo. Renny foi fechar a porta, larga e baixa. Quando voltou, Meg perguntou-lhe:

- Achas que o pastor podia dar lições a Wake? E boa pessoa, mas bastante enérgico. E energia é do que ele precisa.

- Do que ele precisa é de umas boas surras.

- Fala de tudo menos das lições. E não há meio de querer sentar-se. Fica de pé, encostado a mim, a brincar com o meu cabelo, ou com os brincos. Como posso ensiná-lo se nem sequer me ouve?

- Vou falar com Fennel a esse respeito - aquiesceu Renny. - E depois acrescentou, pensativo: - Piers é um belo rapaz, saudável. Com ele não me preocuppo. Gostava que Eden fosse como ele.

- Oh! Eu não queria que Eden fosse diferente. Estou convencida de que tem, à sua frente, um brilhante futuro. O tio Ernest é da mesma opinião.

- Eu também queria ser...

- Lembra-te de que algumas revistas já lhe aceitaram poesias e ainda não tem vinte e tres anos.

- Poesia e direito - que combinação!

- Já te leu os últimos poemas?

- Não, mas o tio Ernest mostrou-me um. acerca de uma porta numa parede. Para te falar francamente, achei-o bastante tolo e muito obscuro.

- Gosto muito daquele sobre as árvores. Olha! Lá vem ele e Finch também. Vieram a pé desde a estação. Como o dia passou depressa!

- E eu ainda tenho tanto que fazer...

Os dois rapazes vinham carregados de livros. O vento despenteara-lhes o cabelo, e enquanto Finch, para o enfrentar, inclinava a cabeça, Eden erguia

a sua, fitando os olhos no cimo das árvores. Só viram Meg e Renny ao chegar junto deles.

- Olá pequenos! Que lindo tempo que esteve! Passaram bem o dia?

Um dia dos diabos - respondeu Eden. - Com o aquecimento, fiquei assado... cozido... sufocado.

- Na minha escola, não abriram o aquecimento - disse Finch. - E estou gelado.

- Coitados! - exclamou Meg. - Vão ter com a Sr^a. Wragge que lhes dê uma chávena de chá. Refresca e aquece, bem sabem.

- Não, obrigado - resmungaram ambos mal humorados.

Renny riu.

- Que par! Venham comigo até às cavalariças e obrigo-os a fazer exercício.

Mas eles não concordaram e, murmurando ambos que tinham de estudar, dirigiram-se para casa. Finch foi direito à cozinha, à procura de qualquer coisa de comer; Eden atravessou o vestibulo e saiu pela porta lateral, onde ficou à espera que Meg entrasse em casa e Renny na cavalariça. Depois, la-deou o pomar e, atravessando um campo de restolho, dirigiu-se para o bosque.

O vento mal se sentia. Apenas remexia as agulhas de pinheiro, espalhadas pelo solo, mas, como vento do mar, soprava através dos ramos mais altos, donde por vezes as pinhas caíam e sobre os quais se estendia o céu dourado do entardecer. O espirito de Eden estava sobrecarregado pelas sensações do dia - as vozes dos professores, os rostos dos outros estudantes, o cheiro do ar sobreaquecido, o ruído dos pés no soalho, das tosses; o regresso a casa, no comboio, com Finch sentado à sua frente e com todo o aspecto de ter apanhado uma constipação. Sob os pinheiros o ar estava delicioso. Aspirou-o a plenos pulmões. " Apesar de todos os meus sonhos do Sul", - pensou, - "sou um homem do Norte." Bruscamente, caiu de uma nuvem uma rajada de neve e Eden ergueu o rosto para ela. Era a primeira da estação e pouco durou. Depois ficou apenas a claridade dourada, riscada por um bando de gaios azulados, voando para o Sul, sobre o cume das árvores.

Os dois primeiros versos de um poema que imaginara na noite anterior acudiam-lhe ao espírito, mas o terceiro desvanecera-se, apagado pelos prosaicos acontecimentos do dia, embora o sentisse bastante nítido enquanto se vestia de manhã. De pé, imóvel, tentou recordá-lo. Durante alguns instantes esforçou-se apaixonadamente, como se a sua felicidade futura de tal dependesse e finalmente conseguiu-o. Contudo, passado o primeiro momento da satisfação, ficou desapontado. A principio, pareceu-lhe uma das suas melhores produções, mas agora, ao dizê-la em voz alta, achava-a menos impressionante. Apesar de tudo era boa excepto uma palavra. Enquanto caminhava, ia experimentando uma e outra, mas nenhuma o satisfazia completamente. Não conseguia concentrar-se, e bruscamente, surgiu ante o seu espírito a pequena forma da sua caderneta de depósitos que apagou tudo o mais. E o pior é que consentia de boa vontade em ser arrastado - não, não arrastado, mas subjugado - pelos algarismos sedutores nela escritos. Sentiu-se envergonhado, mas pensou: " Não é a riqueza que me impressiona, mas a ideia daquilo que pode proporcionar-me - a libertação do estudo de Direito que tanto detesto. "

Nem reparou que saíra do pinhal. Já estava no caminho que, através de uma pastagem, levava até à estrada, quando se lembrou que não passava ali desde o dia em que ele e Finch tinham visto Noah Binns abater as bétulas douradas. Com mórbida disposição, resolveu ir ver o lugar onde outrora se er-

guiam e imaginá-las na sua beleza outonal. agitando as delicadas folhas douradas.

Chegou à paliçada branca e pôs-se a olhar tristemente o relvado seco, donde tinham retirado até os próprios troncos. As persianas da casa estavam fechadas e Noah Binns, com um ancinho, amontoava as folhas mortas, secas e quebradiças. Quando viu Eden, aproximou-se a coxear pelo relvado, os joelhos dobrados de um modo esquisito, como quem procura evitar uma tá-bua rangente num soalho.

Eden, com gesto dramático, indicou o lugar onde tinham crescido as árvores.

- Estou contente por terem tirado os troncos. Era um espectáculo desolador. O Sr. Warden deve estar satisfeito.

Noah riu, mostrando os dentes compridos:

- Está completamente satisfeito.

- A erva cresceu bem? Oxalá não.

- Bem? Não. Pôs-lhe uma porção de estrume, embora eu o prevenisse do que ia acontecer. E aconteceu de facto. O estrume estava cheio de sementes de erva daninha que cresceu e abafou a relva. - Noah, apoiando-se à cerca, riu-se em silêncio.

- Foi bem feito.

- Há duas maneiras de ver as coisas - continuou Noah, muito grave.- Queria campo livre e as árvores incomodavam-no.

- Disse que era bem feito e pode repetir-lho.

- Não é possível.

- Porquê? Você tornou-se amável de repente?

- Não é possível... porque ele morreu.

- Morreu? - Eden recuou. A ideia da morte era-lhe intolerável.

- Pois! - exclamou Noah, com acento de triunfo, porque, pelo contrário, amava a ideia da morte. - As ervas daninhas mataram-no.

- Quando morreu?

- Enterrámo-lo hoje.

- Pobre homem.

Noah segurou-se, com ambas as mãos, às estacas ponteadas da paliçada e inclinou-se, como que a saudar o destino.

- Este homem desejava o campo livre. Aquelas árvores incomodavam-no... Matou-as e as ervas daninhas mataram-no a ele.

- Quer dizer que ele morreu de tristeza?

- Olhe, rapazinho, quantos anos tem?

- Vinte e dois.

- Então ainda não sabe o que é ser contrariado. Não pode compreender.

- Não posso?

- Espere até ter a idade daquele homem e ansiar por liberdade. Todas as manhãs se punha a olhar tristemente as ervas daninhas e depois fechava-se em casa durante o resto do dia.

- Nunca se arrependeu de ter cortado as árvores?

- Não. Acusava-as de toda a sua desgraça.

- Bem, Noah, esperemos que tenha agora encontrado campo livre.

- Agora tem-no e cheio de boa relva.

Noah, pensativo, ficou a olhar Eden, enquanto atravessava o campo, até desaparecer no pinheiral. Depois, recomeçando a amontoar as folhas, resmungou:

- Vá para o diabo!

BAIXA DE COTAÇÕES

Havia algum tempo que Eden vivia uma existência dupla. Quando a ocasião o exigia, era o estudante capaz de falar gravemente dos seus estudos e simular a ambição de vir a ser o juiz Whiteoak, embora não acreditasse seriamente que essa vida, tão oposta ao seu temperamento, pudesse de facto ser a sua. Haveria algum meio de escapar-se - uma abertura na parede para além da qual se estendia o jardim dos seus desejos. Logo que publicasse os seus poemas, podia abrir essa porta e abandonar o estudo de Direito para sempre. Mas agora iniciara uma terceira vida - a de corretor de negócios mineiros. Se as coisas continuassem assim... mas, quando tentava imaginar o seu futuro, nada divisava de nítido; a sua imaginação perdia-se num caleidoscópio de formas fantásticas e brilhantemente coloridas. Estendido de costas, num delicioso langor, gozava a suprema indolência que unicamente a juventude conhece.

Contudo preocupava-se muitas vezes com o facto de a mina do lago Indigo se ter tornado para ele uma verdadeira obsessão. Os poemas, começados com fervoroso ardor, jaziam por acabar, porque a ideia da alta das cotações se apoderava do seu espírito; além disso, os outros accionistas da casa desejavam discutir constantemente as condições do mercado. Com ar profundamente misterioso, Lady Buckley levava-o para o quarto e, num murmúrio da sua voz de contralto, perguntava-lhe se as acções continuavam a subir.

- Um pouco. Teve sorte, porque comprou na melhor altura. Contudo, o preço ainda não é exorbitante e se quer adquirir mais...

- Não, mais não. Estou inteiramente satisfeita. Quero apenas saber se não há qualquer risco.

- Absolutamente nenhum, tia Augusta.

- Sinto-me um pouco egoísta por guardar segredo.

- Não se preocupe. Os outros certamente não concordariam. Quanto a Renny, tenho a certeza.

- E um tolo, quando tem tantas dificuldades.

- Dentro de pouco tempo deixarei de estar a cargo dele.

- Espero que te dediques extremamente aos teus estudos.

- Oh, claro!

- Na noite passada tiveste a luz acesa até bastante tarde. Vi-a quando fui fechar uma janela, que estava a bater. - (Eden procurou apresentar um ar de estudante aplicado) - Mas deves descansar bastante, por causa da tua saúde.

- Sou bastante forte.

Depois era a irmã que o chamava de parte.

- Vamos calcular quanto já ganhei, Eden. Diz-me quanto valem exactamente as minhas acções. - O seu sorriso era extraordinariamente doce ao saber como a sua fortuna tinha aumentado. - Não há razões para que eu não ganhe muito mais, pois não?

- Não, de modo algum.

- Que engraçado, este segredo entre nós!

- Muito engraçado. - Mas todos aqueles segredos começavam a pesar-lhe. Contudo que lhe importariam, quando, liberto do irritante estudo de Direito, vagueasse livremente por Roma?

Como se tivesse lido os seus pensamentos, Meg perguntou:

- Quanto ganhaste tu?

Eden disse-lhe a comissão que recebera sobre o seu investimento. Meg, surpreendida, arregalava os olhos azuis.

- Tens de ter cuidado com isso. Um bom pé-de-meia. E ganho tão facilmente.

Sem ela compreender porquê, Eden olhou-a de mau humor.

Dilly parecia ter esquecido o seu investimento, completamente absorvida por duas coisas - a sua preparação para o concurso hípico e a conquista de Renny. O resto da família vi-a raramente a não ser quando ela se encontrava presente. Andava quase sempre de fato de montar e só falava do comportamento do seu cavalo. Ria muito mais do que Lady Buckley considerava conveniente, a sua tez estava mais deslumbrante do que nunca e os olhos tinham um brilho mais intenso, sobretudo quando fitavam o dono da casa. O seu desejo de conquistá-lo rodeava-a como um perfume demasiado forte. E o próprio Finch, fascinado e ao mesmo tempo aborrecido, o notara, não porque compreendesse as intenções de Dilly, mas pela intensidade das suas qualidades pessoais. Ficava a olhá-la fixamente, de boca entreaberta, até que a tia, fechando a sua com firmeza, lhe dava a entender que fizesse o mesmo.

A inteira confiança que Piers lhe votava era para Eden deveras comovedora. Entregava-lhe quanto ganhava, sem mesmo lhe pedir um recibo. "E uma verdadeira criança," pensava Eden, nada mais do que uma criança confiante. Afinal é o que somos todos nós - demasiadamente confiantes. Temos sido protegidos de mais. Todos nós, até os tios, estamos presos à nossa inocência, à nossa infantil concepção de família."

Era com Nicholas e Ernest que Eden se sentia mais à vontade, pois, no isolamento seguro do quarto deles, podia entregar-se aos mais auspiciosos projectos de futuro. Tinha deixado completamente de estudar. Quando se retirava para o quarto, com o pretexto de trabalhar, era apenas para passar o tempo preguiçosamente, escrever alguns versos e sobretudo ler.

Uma noite foi bater, com um livro, ao quarto de Nicholas.

- Entre - gritou ele.

- Trago-lhe um livro de que - suponho - há-de gostar - E pôs nas mãos do tio South Wind - Está ocupado? Posso ficar?

- Obrigado. Tem um título sugestivo... para uma noite de vento norte. Palavra, não me lembro de um Outono tão ventoso. Desejava estar contigo a sós. Queres beber alguma coisa?

- Obrigado. - Eden inclinou-se para dar uma palmada em Nip, enroscado na cama e que se levantou, arqueando o dorso como um gato e bocejando, queixoso.

- Odeio este tempo - explicou Nicholas, enchendo os copos. - Apanha uma aranha, Nip.

O cãozito atirou-se abaixo da cama e pôs-se a correr à volta do quarto, farejando todos os cantos e latindo vivamente.

- E para fazer exercício. Faz-lhe bem.

Sentaram-se com as bebidas e Nicholas perguntou então:

- Tens muito que fazer?

- Esta noite nem por isso.

O tio deitou-lhe um olhar penetrante.

- Trabalhas a valer, não?

- Verdadeiramente não. - O tom de Eden era ligeiramente defensivo. Sabia bem como perdia o seu tempo, nesses dias de louca esperança, mas não suportava ser interrogado pelos mais velhos.

- Bom, bom. - E Nicholas pôs Nip nos joelhos. - Também preguiçei bastante quando tinha a tua idade. Mais tarde arrependi-me - não muito. Mas hoje é diferente. Um rapaz precisa de ser desembaraçado, activo, não é? Como vão as acções?

- Esplêndidas.

- Sabes o que resolvi fazer?

- Não faço ideia.

- Vender. Ficarei com um ganho considerável e não corro o risco de uma baixa de preços. Por Deus! nada quero perder.

- Não há perigo, tio Nicholas. Mas, se prefere o dinheiro, amanhã vou falar com Kronk.

Nicholas sorriu.

- Este negócio do lago Indigo foi para nós um verdadeiro estímulo. Há muitos anos já que especulei e sem grande sucesso. Mas isto... bem... como te disse, acho que vou contentar-me com os lucros que já obtive. No meu lugar Ernest continuaria sempre e terminaria provavelmente por perder tudo.

- Neste negócio não. Mas talvez tenha razão em vender, se se contenta com o que já ganhou.

No dia seguinte Eden foi ao escritório de Kronk para tratar da venda das acções do tio. O corretor mandou sair a estenógrafa e, quando ficaram sós, voltou-se para Eden com um sorriso acolhedor. Embora bem vestido, bem penteado e de unhas bem tratadas, tinha sempre um aspecto ligeiramente desmazelado, como se não conseguisse apresentar-se limpo, por muitos banhos que tomasse.

- Espero que não tenha vindo falar de negócios, mas apenas tomar uma bebida. Nestes últimos dias estive verdadeiramente absorvido pelo trabalho. Os americanos até pelo telefone compram acções. Nem sei que daria para poder descansar. - E, como que esgotado, suspirou profundamente.

Quando Eden lhe falou na venda das acções de Nicholas, semicerrou os olhos, com ar desaprovador.

- Se seu tio assim o quer, pode vender. Claro que pode, mas realmente não lho aconselho. Já tem bastantes lucros, mas teria mais se esperasse um pouco. Quer uma bebida?

- Não, obrigado. Porque diz que é melhor esperar?

Kronk sorriu, como que a inspirar confiança e olhou Eden a direito.

- Porque os preços baixaram um pouco devido às flutuações de todos os mercados. Na realidade é Wall Street que está por detrás de tudo isto - O seu sorriso parecia dizer que se Wall Street ali estivesse teria de haver-se com ele.

Eden ficou logo alarmado.

- Julga que há perigo de uma baixa maior?

- E possível ainda uma ligeira baixa, mas não se preocupe e diga a todos os seus que não se preocupem também. O lago Indigo não será uma decepção. Tenciona fazer mais alguns investimentos? - E olhava para Eden de uma maneira que o fazia julgar-se um espécime colocado sob uma lente.

Eden ainda possuía mil seiscentos e cinquenta dólares e tencionava investi-los nesse mesmo dia, como fizera com as outras comissões.

- E agora a ocasião, já que o preço baixou um pouco - aconselhou Kronk.
- Ainda está muito alto.
- E vai subir mais. Creio que dentro dos três próximos meses atingirá a cotação mais alta e aí ficará. Pode investir o seu dinheiro sem se preocupar.
- Está bem, vou pensar. Não tenho muita coisa, sabe?
- Tudo faz monte. Mas proceda como entender, nada tenho com isso.

O telefone tocou. Seguiu-se uma breve conversa, bastante misteriosa, durante a qual Eden verificou que não gostava do aspecto de Kronk, cujo rosto era um dos mais desagradáveis que tinha visto e que gostaria de poder remodelá-lo com forma diferente.

- Uma chamada de Detroit - explicou o corretor. - Um cliente deseja investir mais cinco mil dólares. Escolheu uma boa ocasião.

- Parece-me que espero mais algum tempo.
- Como queira - Kronk falou secamente, com expressão semelhante à do domador de feras que nele sente despertar o espírito de rebelião.

Nessa noite, na primeira oportunidade, Nicholas levou Eden para a biblioteca deserta.

- Então, resolveste o assunto?
- Não, tio Nick. Kronk diz que é melhor esperar um pouco. As cotações baixaram ligeiramente e terá mais lucro se esperar que subam de novo.
- Contento-me com o lucro que tenho. Quero vender. Fazes o favor de lho dizer amanhã.
- Está bem.
- Não me importam as objecções que Kronk faça, diz-lhe que quero vender. Nota que estou satisfeito com o que ele fez por mim, mas não quero arriscar-me. Quero vender.

No dia seguinte, Eden procurou Kronk no escritório e deu-lhe o recado de Nicholas. Esperava que o corretor tentasse mais uma vez convencê-lo a usar a sua influência para evitar que Nicholas vendesse as acções, mas não. Concordou, sorrindo. Nada havia que mais apreciasse do que pôr as pessoas à vontade, guiá-las quando podia, mas sempre, e sobretudo, vê-las tranquilas e confiantes. Quanto a ele, nunca se preocupava. Tinha uma filosofia da vida que o mantinha sereno através de todas as vicissitudes. Os seus olhos esverdeados tinham um poder calmante, quase hipnótico.

- E o seu pequeno pé-de-meia? Não julga que seria sensato investi-lo agora que o preço está um pouco mais baixo? Lembre-se de que vai subir rapidamente dentro de poucos dias.

Eden não gostava do termo pé-de-meia. Lembrava-lhe os aventos e não gostava de aventos. E sentia uma desagradável impressão à ideia de ser guiado, mesmo amigavelmente, por Kronk. Respondeu, um pouco empertigado

- Acho que nenhum investimento farei mais.

Kronk encolheu os ombros.

- Quanto às acções de seu tio, vendo-as amanhã e mando-lhe um cheque.

O DIA DE WAKEFIELD

Wakefield sentiu-se deveras importante quando começou a ir ao presbitério dar lições com F'ennel. Apesar de tudo - tinha pensado - era bastante agradável ser de saúde demasiadamente delicada para ir à escola. Bem via Finch, sempre às correrias, para apanhar o comboio, nas manhãs gélidas de inverno; bem o via, transido de frio, chegar-se ao fogão do vestibulo quando chegava à tarde. Aquele fogão significava que o Inverno tinha realmente chegado, pois que na Primavera desaparecia na cave. Retiravam-se os canos da chaminé e fazia-se uma grande limpeza das paredes e dos tapetes. O vestibulo parecia maior e, como a porta da frente ficava aberta, tinha-se a impressão de que o campo penetrava pela casa dentro.

Mas, agora, em Novembro, o fogão imperava novamente no vestibulo e até os cães o tinham acolhido com satisfação. Contudo o verão de S. Martinho chegara bruscamente, espalhando as suas bênçãos sobre a Terra. Os últimos pássaros migradores, esquecidos de que deviam emigrar, atardavam-se a gozar aquele descanso no seu voo, empoleirados nos freixos da montanha, a faltar-se com as bagas vermelhas.

Esta demora do Inverno maléfico, este tímido regresso do Verão tinha um efeito agradável, embora debilitante sobre Wakefield. As pernas pareciam-lhe mais pesadas e a cabeça mais leve. Ao atravessar o campo, que encurtava o caminho para o presbitério, a passo de caracol, iam-se formando no seu espirito as mais diversas imagens. A da avó, que estava a comer as papas de aveia quando se despedira dela e que o enlambuzava; depois limpava-lhe o queixo com o guardanapo. A da Sr^a Wragge, que vira, pela janela da cozinha, a amassar o pão. Imagens de cavalos - a saltar, a trotar, a galopar - pois nesses dias que precediam o concurso quãse não se talava doutra coisa. Renny, Piers e Dilly Warkworth raras vezes despiam os fatos de montar; Nicholas e Ernest passavam horas encostados à paliçada da tapada a observar o treino dos cavalos.

A pasta dos livros que Wakefield levava suspensa dos ombros pesava-lhe mais a cada passo. Para descansar tirou-a e levou-a de rasto pelo chão. Ao chegar à cancela da cerca reparou que se abrira e pôs-se a examinar o conteúdo, a ver se faltava alguma coisa. Sim - a Aritmética tinha desaparecido! Olhando para trás, julgou vê-la, mas sem ter a certeza. Pois bem! A terra estava seca, o livro não se estragara por esperar pelo seu regresso.

Rastejando pelo chão, passou sob a cancela para a estrada. A igreja erguia-se no outeirinho, à sua frente, ladeada pelo cemitério calmo e silencioso. Resolveu passar por lá quando voltasse para casa. No Céu os pais ficariam contentes ao saber que visitava as suas campas, e com certeza ficavam contentes ao vê-lo ir dar, todos os dias, as suas lições - tão estudioso, apesar da doença do coração.

Como a porta do presbitério estava aberta, Wakefield entrou sem bater, pensando que assim era melhor, pois vinha atrasado. Na biblioteca sentou-se à secretária, com as pernas a bambolear e, pouco depois entrou o pastor.

que vinha de sobrepeliz.

- Desculpa ter-te feito esperar, Wakefield, mas esta manhã tive de ministrar a comunhão. Trouxe a sobrepeliz para casa porque tem de ser lavada para domingo.

- Está mesmo bem, porque a minha avó vai trazer o seu novo casaco de peles. - Casaco de peles com um tempo destes! Acho que vai sentir muito calor.

Wakefield, sacudindo a cabeça, respondeu com ênfase:

- Não; a minha avó... não. Quando resolve fazer qualquer coisa sente-se sempre bem.

Acho que te pareces bastante com ela.

Wakefield, lisonjeado, concordou.

- Sim, excepto na idade. A Avó tem noventa anos mais do que eu.

O pastor olhou-o pensativo.

- Se viveres tanto como ela, como será o mundo de então? No ano 2013...

- Os meus tios dizem que será menos divertido do que agora.

- Há coisas mais importantes do que os divertimentos, Wake. As tuas lições, por exemplo. Onde está a Aritmética?

Muito diligente, Wakefield pôs-se a procurar na pasta. Depois suspirou.

- Não a encontro. Com certeza foi Finch quem ma tirou. Está muito atrasado em Aritmética e serve-se do meu livro para resolver os problemas. Vou a casa procurá-la?

- Não, não. Daremos Geografia. O mapa de Ontário que te mandei desenhar?

Wakefield entregou-lho imediatamente. Fennel pôs-se a examiná-lo enquanto acariciava a barba castanha, bastante mal cuidada.

- Muito bonito. Mas porque está assinado por Ernest Whiteoak?

Wakefield passou a mão pelo cabelo.

- Pedi a meu tio que me ajudasse e ficou entusiasmado que o acabou. Costuma assinar tudo o que desenha e não tive coragem de impedi-lo.

- Compreendo. E que fizeste tu no mapa, Wakefield?

- O lago senhor. Todo o lago e o pequeno barco à vela, como se vê nos mapas antigos. Meu tio gostou muito.

- Está bem, mas para a próxima vez deve deixar-te fazer sózinho o teu trabalho. Vamos agora aprender um pouco de História.

O resto da manhã passou-se agradavelmente, mas Wakefield ficou deveras contente quando a lição acabou e se viu livre. O pastor deu-lhe uma grande maçã reineta amarela-esverdeada, mas, como não gostava, Wakefield deu-a à vaca, que estava no campo, próximo da igreja. Parecia que o bicho a engolia com dificuldade, fazendo ruídos tão desagradáveis que Wakefield resolveu fugir.

Lembrou-se de ir ao cemitério e à igreja. Nunca lá tinha ido sozinho e a ocasião era boa para uma inspecção. O portão do cemitério fechou-se com um ruído bastante soturno e parecia-lhe que as escadas nunca mais acabavam. Olhou de relance para o jazigo familiar, onde jaziam o capitão Whiteoak, seu filho Philip e as duas esposas e ainda algumas crianças que tinham nascido antes de Eden, do segundo casamento de Philip. Wakefield conhecia as inscrições do plinto de granito e os nomes de cada uma das campas, nada havendo portanto que o retivesse ali. Uma espiral de fumo subia, como incenso, de uma monte de folhas próximo da igreja e, ao lado, via-se um ancinho. Alguém estivera ali a trabalhar e esse alguém devia estar na igreja. Cautelosamente, na ponta dos pés, Wakefield aproximou-se e abriu a porta, ficando hesitante à entrada. Pareceu-lhe ouvir um arrastar de pés, seguido de um estranho som metálico. O medo fez precipitar as pulsações do seu coração;

esteve quase a fugir, mas a curiosidade foi mais forte e, abrindo a porta interior, espreitou para dentro. A igreja parecia mais clara do que de costume e estranhamente mais pequena, embora estivesse deserta.

Mas quem se mexia lá dentro? Sim, havia alguém no fundo da igreja, tão perto da porta que Wakefield quase podia tocá-lo. Ficou desapontado ao reconhecer Noah Binns e ia retirar-se quando os gestos de Noah o retiveram, fascinado. Estava a tirar da parede a caixa das esmolas e sacudiu-a cuidadosamente, na palma da mão, suja de terra. Pela fenda caiu uma moeda, depois outra e outra. Noah olhou-as com ar bastante desconcertado, mas, depois de uma sacudidela mais forte, caiu uma moeda de cinquenta cêntimos e depois duas de vinte cinco. Era pouco o dinheiro da caixa das esmolas, mas para Wakefield parecia muito e invejou Noah por ter conseguido tal riqueza com tão pequeno esforço. Abriu a porta completamente para ver melhor.

Noah, ao notar que estava a ser observado, teve um sobressalto. Duas das moedas caíram-lhe da mão e rolaram para debaixo de um banco. Os seus olhos e os de Wakefield encontraram-se num olhar desconfiado. Depois Noah guardou as moedas no bolso e agarrou o rapazito pelo ombro; levou-o para o meio da igreja e sacudiu-o com violência.

- Deixe-me ir embora - pediu Wakefield. - Ia a gritar, se Noah não lhe falasse meigamente e o deixasse sossegado.

- Vá, vá. Não se assuste que não lhe faço mal.

Wakefield reparou que Noah estava ainda mais assustado do que ele próprio, com os dentes a bater uns nos outros e a caixa das esmolas a balouçar-lhe na mão. Com voz autoritária e acusadora, repetiu:

- Deixe-me ir embora. Hei-de contar o que fez, vai ver!

- Não é o que julga. Vou explicar-lhe: entrei na igreja para arranjar uma janela que estava a cair e reparei que na fenda da caixa estava encravada uma moeda de cinquenta cêntimos. "Isto assim não está bem," pensei eu, e tentei metê-la para dentro. Mas ela não quis entrar. Depois sacudi a caixa e caíram algumas moedas mais pequenas. Vê? Foi assim.

Wakefield ficou calado, os grandes olhos fitos no rosto assustado de Noah. Um pequeno arganaz acastanhado correu pela passadeira da nave. Brilhantes manchas de cor caíam do vitral, dedicado à memória do capitão Whiteoak.

Noah continuou:

- Chegou mesmo na ocasião em que eu ia guardar o dinheiro na caixa. Talvez queira o menino guardá-lo, não?

- Está bem.

Noah mergulhou a mão no bolso e tirou algumas moedas de cobre - cinco e dez cêntimos. Já mais calmo, segurou a caixa, enquanto Wakefield as deixava cair pela fenda, uma a uma. Depois pôs-se a rir.

- Pronto! Agora vou pendurar a caixa na parede.

- Onde estão as moedas de cinquenta cêntimos e de vinte cinco?

Noah continuou a rir.

- Oh! Sou um esquecido! Já viu alguém assim? Esquecer essas moedas! - Tirou-as do fundo do bolso e deu-as a Wakefield - Cá estão. Ponha-as lá.

Wakefield deitou-as na caixa e perguntou de novo:

- E a de cinquenta cêntimos?

Noah ria cada vez mais.

- Ainda esqueço a própria cabeça! - Tirou do bolso a moeda de prata e Wakefield guardou-a na caixa.

- Há algumas no chão.

Ajoelharam-se, mas Wakefield não conseguiu encontrar dinheiro algum, Agora o que lhe interessava era procurar o pequeno arganaz. Noah pôs-se de pé.

- Encontrei algumas moedas de cobre, só cobre, e deitei-as na caixa.
- Oh! - exclamou Wakefield, debaixo de um banco - só cobre.
- Vou dar-lhe um presente, mas do meu próprio dinheiro - Tirou do bolso duas moedas de vinte cinco cêntimos e pô-las na mão de Wakefield. - E por ser bom rapaz e ajudar-me no meu trabalho.

Durante uns instantes, Wakefield, admirado, olhou para o dinheiro e depois fechou a mão.

- Obrigado. Quando precisar de mais ajuda, diga-me.

Bruscamente, a atitude de Noah tornou-se firme, quase ameaçadora.

- Agora não vá dizer nada do que aconteceu aqui.
- Não - concordou Wakefield que não gostou da expressão de Noah.
- Não quero mexericos a meu respeito.
- Não, não - disse - Wakefield, recuando alguns passos:

Noah elevou a voz.

- Este lugar é bom para os linguareiros e já disse que não quero mexericos a meu respeito. Se ouvir alguma coisa, já sei quem foi e tem de se haver comigo. Nada mais justo.

Wakefield voltou-se e saiu a correr da igreja. Gritou "Adeus" e só parou quando chegou à estrada. Continuou mais devagar e, depois de arranjar a pasta nos ombros, pôs-se a examinar as duas moedas brilhantes. Uma delas tinha a cabeça do rei, a outra a da rainha Vitória, ambas boas para gastar.

Parou a mirar a montra da pequena loja da estrada, próxima da forja do ferreiro. Na montra, que era a janela da casa, estavam dispostas, sobre uma mesa, algumas garrafas de gengibre, laranjada e limonada gasosa, um prato com bolos de queijo e duas tortas. Dentro, sobre o balcão, havia chocolates, rebuçados e biscoitos.

Quando Wakefield abriu a porta, a campainha tilintou ao de leve, mas com som peremptório. Wakefield pensou que era um erro ter colocado a campainha, pois assim o cliente não podia examinar à vontade o que havia para vender e até provar. Mas já a Sr^a Brawn, o rosto corado pelo calor do fogão, se apresava a perguntar-lhe o que pretendia. Escolheu uma limonada gasosa, com biscoitos de malvaisco, o que perpez dez cêntimos e mais dez cêntimos de rebuçados, num cartucho de papel, para levar para casa. Ficou junto do balcão a comer os biscoitos e a beber a limonada por uma palhinha. A Sr^a Brawn, que o conhecia bem, gostava de conversar com ele. Quando ele acabou, perguntou-lhe:

- Como vão as suas lições?
- Estou a estudar Latim - respondeu Wakefield importante.
- Latim! Com a sua idade. Bravo!
- O Sr Fennel acha que, nas escolas, começam muito tarde com o Latim. Meu irmão Finch só começou a estudá-lo aos doze anos. Com essa idade já serei capaz de conversar em latim. Sabe o que quer dizer conversar?
- Claro que sei. Tenho uma certa instrução. Quer dizer falar com alguém. Diga alguma coisa em latim.

Wakefield bebeu o resto da limonada, com grande alarido e depois pos-se a dizer:

- *Amo, amas, amat, amamos, amatis, amant.*
- Bravo! Que quer isso dizer?
- São diferentes maneiras de dizer: amo-te.

A Sr^a Brawn abriu a boca, franziu as sobrancelhas e declarou:





casa portuguesa

artes gráficas

Walter
Schellenberg

chefe
dos serviços
de contra-espionagem
de Hitler,
revela na sua

Confissão do Silêncio

a vida subterrânea
do nacional-socialismo.
editora **Ulisseia**

